

JULIO CESAR DOS SANTOS SILVA

A CONSTRUÇÃO DO PAN-AMERICANISMO NA REVISTA EM
GUARDA: O OLHAR AMERICANO PELA DEFESA DAS AMÉRICAS
(1941-1946)

ASSIS
2009

JULIO CESAR DOS SANTOS SILVA

A CONSTRUÇÃO DO PAN-AMERICANISMO NA REVISTA EM
GUARDA: O OLHAR AMERICANO PELA DEFESA DAS AMÉRICAS
(1941-1946)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual Paulista para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Conhecimento: História e sociedade. Linha de Pesquisa: Identidades culturais, etnicidades, migrações.

Orientadora: Prof^a Dr^a Tânia Regina de Luca.

ASSIS
2009

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S586c Silva, Julio Cesar dos Santos
A construção do pan-americanismo na revista Em Guarda:
o olhar americano pela defesa das Américas (1941-1946) /
Julio Cesar dos Santos Silva.
Assis : [s.n.], 2009.
267 f.: il.

Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de
Ciências e Letras de Assis – Universidade Estadual Paulista.

1. Pan-americanismo. 2. Diplomacia. 3. História -
Documentação. 4. Fotojornalismo. I. Título.

CDD 980

JULIO CESAR DOS SANTOS SILVA

A CONSTRUÇÃO DO PAN-AMERICANISMO NA REVISTA EM
GUARDA: O OLHAR AMERICANO PELA DEFESA DAS AMÉRICAS
(1941-1946)

Dissertação apresentada à Faculdade de Ciências e
Letras de Assis – UNESP – Universidade Estadual
Paulista para a obtenção do título de Mestre em
História. Área de Conhecimento: História e
sociedade. Linha de Pesquisa: Identidades
culturais, etnicidades, migrações.

Data: 02/03/2009.

BANCA EXAMINADORA:

Orientadora: _____
Prof. Dr^a. Tânia Regina de Luca FCL/UNESP – Assis.

Examinador: _____
Prof. Dr. Sérgio Augusto Queiroz Norte FCL/UNESP - Assis

Examinador: _____
Prof. Dr^a. Helouise Costa MAC/USP – São Paulo

Aos meus pais, Julio e Tereza,
Aos meus irmãos, Alex e Gislaine
E a inspiração de todas as horas, Claudia.

AGRADECIMENTOS

O término do trabalho de pesquisa provoca sentimentos contraditórios: alegria e satisfação pela sensação em contribuir com a área acadêmica, e certo sentimento de orfandade, por “abandonar” algo que durante trinta e seis meses te acompanhou dia, noite e madrugada.

Dedico esse espaço a todos que acompanharam o desenvolvimento da pesquisa e, de alguma forma, torceram pela elaboração do trabalho.

Aos meus pais, Julio e Tereza, o meu apreço especial pela coragem, incentivo, paciência e valor que sempre deram aos estudos dos filhos. A eles devo o fato de ter me formado num curso superior, sonho acalantado por ambos.

Aos meus irmãos, Alex e Gislaine, que sempre me acolheram nos momentos mais difíceis. Tenho certeza de que a nossa união proporcionou a confiança necessária na obtenção de nossos objetivos. A minha “nova família” – Dona Fátima, Thaís, Daniela, Raul, Bruno, “Vó” Luzia, meus sobrinhos Vitor e Higor – agradeço pela acolhida imediata e pelos momentos de alegria que sempre me proporcionaram.

Agradeço a minha orientadora, professora Tânia Regina de Luca, pela confiança e pelas palavras de afeto nos momentos mais difíceis. A ela devo minha formação como aprendiz de historiador – a investigação, escrita e maturação intelectual. A ela dedico os méritos que a pesquisa possa ter.

Aos professores Sergio Augusto Norte e Zélia Lopes da Silva do Departamento de História UNESP/ASSIS participantes da banca de qualificação com questões propositivas e que auxiliaram o mestrando num momento de dúvidas cruéis quanto aos rumos da pesquisa.

A seção de pós-graduação pela presteza e atenção, em especial a Secretaria da pós- graduação em História, Zélia Maria de Souza Barros.

A Milene Rosa de Almeida, Técnica em Biblioteconomia da biblioteca da UNESP/ Assis pela assistência técnica à pesquisa.

A toda comunidade da EE Editor José de Barros Martins em Francisco Morato, que me incentivaram na elaboração desta dissertação por meio de palavras de incentivo, brincadeiras e conselhos. Ao corpo gestor da escola – Dona Helena, João Marcelo, Adenilson, Cátia – que viabilizaram administrativamente meus horários e sempre demonstraram compreensão com a correria deste professor. Aos alunos que incentivaram o professor e permitiram meu crescimento pessoal. O presente trabalho é uma prova de que morar na periferia e estudar em escola pública não são entraves para o crescimento intelectual e profissional, basta acreditar!

A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, que por meio do programa Bolsa Mestrado viabilizou financeiramente a pesquisa.

E, finalmente, a minha companheira de todas as horas Claudia. A ela devo o material – já que salvou a revista do lixo! –, a inspiração intelectual e sentimental para a elaboração do trabalho. As noites em claro na formatação do texto e como companheira de leituras foi responsável pelo findar da pesquisa. Sua paciência e afeto, apesar de enxergar às vezes em mim uma “sumidade intelectual”, constituem-se em estímulo em minha caminhada pessoal. A ela dedico essa pesquisa.

Tudo é novo hoje na América. A arquitetura não podia deixar de seguir o movimento (...).

O rádio, a ligação de todo o continente pelo telefone, o cinema falado, a televisão, o aeroplano e o dirigível, a “mass production”, a máquina a multiplicar-se com velocidade que mal permite a adaptação do homem – nada disto, ou, antes, o conjunto que disto resulta não pode ser expresso em qualquer estilo da Renascença. O passado não mede, não define, não traduz o que criamos de novo. Daí este estilo arquitetônico inédito, em pleno viço de crescimento. A um século de hoje entrará para a história das artes ao lado das grandes criações humanas – perfeito definidor que é da nossa era.

Monteiro Lobato
América.

RESUMO

Durante o período de publicação da revista *Em Guarda* (1941-1946) o pan-americanismo apresentou-se como tema privilegiado nas relações diplomáticas entre os Estados Unidos e a América Latina. No decorrer de suas páginas, os norte-americanos apareciam como modelo de sociedade – político, cultural e sociedade – enquanto aos latino-americanos cabia o papel de fornecer matérias-primas para a fabricação de produtos voltados à guerra. Editada pela agência comandada por Nelson Rockefeller, *Em Guarda* constitui-se em importante documentação na apreensão de uma certa idéia de pan-americanismo defendida pelo governo Roosevelt a partir de 1933. Discutir as estratégias adotadas pelo semanário na construção do discurso de união interamericana sob a ótica dos Estados Unidos é premissa primordial da presente dissertação.

Palavras-chave: Pan-americanismo; América Latina; Brasil; Imprensa; Fotojornalismo.

ABSTRACT

During the period of publication in the magazine *Em Guarda* (1941-1946) the Pan-Americanism was presented as a theme in privileged diplomatic relations between the United States and Latin America. Throughout its pages, the North Americans appeared as a model of society - political, cultural and economic - as the Latin American was the role of providing raw materials for the manufacture of products geared to war. Edited by the agency commanded by Nelson Rockefeller, *Em Guarda* constituted is itself an important documentation in seizing a certain idea of pan-Americanism Roosevelt advocated by the government from 1933. Discuss the strategies adopted by the construction of weekly speech inter union from the perspective of the United States is paramount premise of these dissertation.

Keywords: Pan-Americanism, Latin America, Brazil; Press, Photojournalism.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

1. O PAN-AMERICANISMO NO BRASIL.

1.1. O Ofício e a Construção do Pan-americanismo

Fig. 1. Maestro Villa Lobos. Revista Em Guarda, ano 4, nº4, p. 29.

Fig 2. Os Três Cavaleiros. Revista Em Guarda, ano 4, nº 3, p. 20

Fig 3. Os Três Cavaleiros. Revista Em Guarda, ano 4, nº 3, p. 21

2. O PROJETO EDITORIAL DA REVISTA EM GUARDA.

2.2. A Concretização do Projeto.

Fig. 1. Capa da Primeira Edição da Revista Em Guarda. Revista Em Guarda, ano 1, nº1.

Fig. 2. Capa da Revista Em Guarda Foto do Presidente Truman. Revista Em Guarda, ano 4, nº7.

Fig. 3. Capa da Revista Em Guarda. Um Comandante de Tanque- o Líder da Avançada. Revista Em Guarda, ano 2, nº2.

Fig. 4. Laboratório Agrícola. Revista Em Guarda, ano 3, nº8, p. 14.

Fig. 5. Laboratório Agrícola. Revista Em Guarda, ano 3, nº8, p.15.

Fig. 6. A Cidade de Nova York. Revista Em Guarda, ano 3, nº10, p. 20.

Fig. 7. Pelas Américas. Revista Em Guarda, ano 2, nº2.

Fig.8. Arte Mexicana. Revista Em Guarda, ano 4, nº10.

Fig. 9. últimas notícias mundiais. Revista Em Guarda, ano 1, nº 10.

2.3. O Fotojornalismo Para a Defesa das Américas.

Fig. 10. Foto sem título de autoria de Gordon Parcks.

Fig.11. Cotidiano dos Soldados na Trincheira. Revista Em Guarda, ano 3, nº12, p 16.

3. O PAN-AMERICANISMO SOB O OLHAR DA REVISTA EM GUARDA.

Fig. 1. Alimentos. Revista Em Guarda, ano 1, volume 2.

Fig. 2. Belo Horizonte. Em Guarda ano 1 nº 4 p 19.

Fig. 3. A Rodovia Pan-americana. Em Guarda, ano 1 nº7 p 20.

Fig. 4. Bons Vizinhos. Em Guarda Ano 3, nº 8 p 35.

Fig. 5. República do Salvador. Em Guarda ano 3 nº 4 p. 16.

Fig 6. República do Salvador. Em Guarda ano 3 nº 4 p.17.

Fig. 7. República do Salvador. Em Guarda ano 3 nº 4 p. 18.

Fig. 8. República do Salvador. Em Guarda ano 3 nº 4 p. 19

3.1- A União Interamericana.

Fig. 9. Agricultura Científica. Em Guarda, ano 4, nº 5, p 16 e 17.

Fig 10. Guatemala. Revista Em Guarda, ano 1, nº12, p14.

Fig. 11. Guatemala. Revista Em Guarda, ano 1, nº12, p 15.

Fig. 12. Guatemala. Revista Em Guarda, ano 1, nº12, p16.

Fig. 13. Guatemala. Revista Em Guarda ano 1, nº12, p14.

Fig. 14. O Cristo Redentor. Revista Em Guarda, ano 1, nº10, p 10.

Fig. 15. O Brasil.Revista. Em Guarda, ano1, nº 10, p 11

Fig. 16. O Brasil entra na Guerra. Revista Em Guarda, ano 1, nº 12, p 1.

Fig. 17. Brasil entra na Guerra. Revista Em Guarda, ano 1 nº 12 p 1.

Fig.18. O Brasil na Guerra de Libertação. Revista Em Guarda, ano 3 nº2.

3.2- Arsenal da Democracia.

Fig. 19. Arsenal da Democracia. Revista Em Guarda, ano 1, volume 2, p 1.

Fig. 20. Comparação de Recursos. Revista Em Guarda, ano 1 volume 2.

Fig. 21. Matérias Primas da América e Europa Alemã. Revista Em Guarda, ano 1 volume2.

Fig. 22. Mapa do Brasil elaborado por Lobo Homem Reineis, em 1519. Apud: Ferreira Manuel Rodrigues. As Bandeiras do Paraupava. São Paulo, Prefeitura Municipal, 1972. p 49.

Fig. 23. Exportação das Américas para os Estados Unidos. Revista Em Guarda, ano 1 vol. 3

Fig. 24. As vastas porções desta tarefa. Revista Em Guarda, ano 1, volume 3.

Fig. 25. O poder da Esquadra. Revista Em Guarda, ano 1, nº 6.

Fig. 26. Recursos de Guerra. Revista Em Guarda, ano 1, nº 6 p. 19.

Fig. 27. O sustento Para a Vitória. Revista Em Guarda, ano 1, nº 7 p. 33.

Fig. 28. O sustento Para a Vitória. Revista Em Guarda, ano 1, nº 7 p. 34

Fig. 29. O sustento Para a Vitória. Revista Em Guarda, ano 1, nº 7 p. 35.

Fig. 30. A Marcha da Economia. Revista Em Guarda, Ano 1, nº 7, p 15.

3.3 Preparando Para o Ataque.

Fig. 31. Uma Divisão Blindada. Revista Em Guarda, ano 1, nº8, p. 10.

Fig. 32. De Tudo Para a Guerra. Revista Em Guarda, ano1, nº8, p. 6.

Fig. 33. De Tudo Para a Guerra. Revista Em Guarda, ano1, nº8, p. 7.

Fig. 34. De Tudo Para a Guerra. Revista Em Guarda, ano1, nº8, p.8.

Fig. 35. De Tudo Para a Guerra. Revista Em Guarda, ano1, nº8, p. 9.

Fig. 36. Preparando a Supremacia Aérea. Revista Em Guarda, ano 1, nº8, p. 19

Fig. 37. Preparando a Supremacia Aérea. Revista Em Guarda, ano 1, nº8, p.20.

Fig. 39. As Américas estão Alertas. Revista Em Guarda, ano 1, nº 8, p. 14.

Fig. 40. As Américas estão Alertas. Revista Em Guarda, ano 1, nº 8, p.15

Fig. 41. O Mundo Livre. Revista Em Guarda, ano 1, nº 8, p. 24.

Fig. 42. O mundo Escravizado. Revista Em Guarda, ano 1, nº 8. p 25.

3.4. O Front interno: a mobilização para a guerra.

Fig. 43. Estados Unidos- 1942. A Vida e o Espírito de um Povo. Em Guarda, ano 1, nº 7, p. 2.

Fig. 44. Estados Unidos- 1942. A Vida e o Espírito de um Povo. Em Guarda, ano 1, nº 7, p. 3.

Fig. 45. O Ano da Avançada. Revista Em Guarda, ano 2, nº 5 – Contra Capa.

Fig. 46. O Ano da Avançada. Revista Em Guarda, ano 2, nº 5, p.2.

Fig. 47. O Ano da Avançada. Revista Em Guarda, ano 2, nº 5, p.3.

Fig. 48. O Ano da Avançada. Revista Em Guarda, ano 2, nº 5, p.6.

Fig. 49. Os Pais Também Combatem. Revista Em Guarda, ano2, nº6.

Fig. 50. Médico da Roça. Revista Em Guarda, ano 3, nº 2 p. 24.

Fig. 51. Economia para Vitória. Revista Em Guarda, ano 1, nº 12. p. 12.

Fig. 52. Uma Nação Em Guerra. Revista Em Guarda, ano 2, nº 10 p. 9

Fig. 53. Mulheres nas Forças Armadas. Revista Em Guarda, ano 2, nº 12.

Fig. 54. Oito Filhos na Guerra. Ano 4, nº6, p 14 e 15.

Fig. 55. Modelo Comunidade de Guerra nos Estados Unidos. Revista Em Guarda, ano 3, nº 11, p. 38.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
1. O PAN-AMERICANISMO NO BRASIL.	30
1.1. Office Of The Coordinator Of Interamerican Affairs e a Política Pan-Americana.	39
1.2. Office e a Construção do Pan-americanismo.	50
2. O PROJETO EDITORIAL DA REVISTA EM GUARDA.	73
2.1. Nelson Rockefeller e os Brasileiros do Office.	73
2.2. Concretização do Projeto.	88
2.3. O Fotojornalismo Para a Defesa das Américas.	114
3. PAN-AMERICANISMO SOB O OLHAR DA REVISTA EM GUARDA.	123
3.1 A União Interamericana.	146
3.2. Arsenal da Democracia.	170
3.3. Preparando para o Ataque.	193
3.4. Front Interno: a mobilização para a guerra	214
CONSIDERAÇÕES FINAIS.	248
BIBLIOGRAFIA	254

Introdução

O presente estudo tem como finalidade realizar uma leitura crítica e sistematizada da revista *Em Guarda*, publicada entre os anos de 1941-1946, a fim de compreender o papel desempenhado pelo periódico na construção de uma determinada interpretação sobre o pan-americanismo durante o período demarcado pela eclosão da Segunda Guerra Mundial. No contexto caracterizado pela intensa disputa ideológica entre Estados Unidos e Alemanha, intentou-se verificar como o mensário articulava-se à política da boa vizinhança traçada pelos norte-americanos. Outra discussão delineada diz respeito às relações existentes entre os intelectuais brasileiros que trabalhavam no projeto editorial da revista e ao ambiente de censura institucionalizado pelo governo Vargas.

O interesse pelo tema surgiu a partir de uma pesquisa que realizei na graduação sobre a recepção e evolução dos materiais bélicos no Brasil durante a Primeira Guerra Mundial, por meio das páginas do jornal *O Estado de S. Paulo*. Esta pesquisa direcionou meu interesse para o estudo da guerra sob o prisma da imprensa. A revista possibilitou-me descortinar o ideal pan-americano e as relações políticas e culturais que permearam os anos de conflito. Ao adentrar esse universo, nota-se a ausência de trabalhos que o utilizassem como objeto de estudo.

Sob essa perspectiva, ao lado de outras publicações editadas no decorrer do conflito, *Em Guarda* invariavelmente foi utilizada pela historiografia como uma fonte de subsídio para análises em torno do pan-americanismo. Em nenhuma das referidas obras discutiu-se o periódico em si, suas características internas; discurso; recepção e as relações com o governo brasileiro. Portanto, essa pesquisa objetiva

desvelar tais indagações, conferindo à revista sua real relevância para a historiografia sobre as Américas e, em particular, o Brasil.¹

O recorte temporal da pesquisa, de 1941 a 1946, período correspondente a publicação da revista *Em Guarda*, ocorreu basicamente por dois motivos: a primeira dizia respeito à própria existência do periódico – consultada em sua totalidade, isto é, quarenta e oito exemplares; e, em segundo lugar devido ao reconhecimento da dimensão ideológica de seu projeto político, afinado com a diretriz adotada pelo governo Roosevelt para a América Latina.

No decorrer do trabalho, deparei-me com algumas dificuldades. Dentre os obstáculos, dois aspectos concernentes a organização interna do mensário se sobressaíram: a ausência de autoria definida nas reportagens publicadas e a não identificação do mês e do ano nas capas. Dessa forma, para determinar essas informações, utilizei-me das informações presentes nos próprios textos, tais como referências à combates, notícias de Conferências e encontros, documentos oficiais e relatos de viagens.

O ideal de cooperação continental na América não surgiu vinculado à Segunda Guerra. Desde o ciclo das independências ocorrido no século XIX, a discussão em torno da integração dos países esteve presente. Sob a iniciativa de Simon Bolívar, em 1826, foi organizado no Panamá o primeiro encontro

¹ Pesquisas que utilizaram a revista *Em Guarda* como fonte: LEITE, Sidney Ferreira. O filme que não passou: EUA e Brasil na política da boa vizinhança. A diplomacia através do cinema. Mestrado em História. São Paulo: FFLCH/USP, 1998; PEREIRA, Wagner Pinheiro. Guerra das Imagens: cinema e Política nos governos de Adolf Hitler e Franklin Roosevelt. São Paulo, Mestrado em História, FFLCH/USP, 2003; BORGES, Marquilandes. Semear aos quatro ventos: o uso do rádio pela propaganda política dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra: os casos do Brasil e do México. São Paulo, Mestrado em História, FFLCH/USP, 2002; MESQUITA, Silvana de Queiroz Nery A Política norte-americana no Brasil: o caso do OCIIA e o papel das Seleções Reader's Digest 1940-1946. Mestrado em História. Rio de Janeiro: UERJ, 2002; CYTRINOWICZ, Roney. Guerra Sem Guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial: Edusp, 2000; MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana. 6ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1984; TOTA, Antonio Pedro. O imperialismo sedutor - a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

interamericano. O objetivo era promover a aproximação dos países do Novo Mundo, com a formação de um bloco coeso capaz de afastar qualquer tipo de intervenção dos europeus. Todavia, desde 1815, Simon Bolívar defendia a causa da união entre os povos americanos, porém vaticinava acerca das dificuldades a serem transpostas:

É uma idéia grandiosa pretender formar de todo o Novo Mundo uma só nação, como vínculo que ligue suas partes entre si e com o todo. Já que se tem uma única origem, uma língua, os mesmos costumes e uma mesma religião, deveríamos, por consequência, ter um só governo da confederação dos diferentes Estados que venham a se formar; mas isso não é possível porque climas remotos, situações diversas, interesses opostos, caracteres dessemelhantes dividem a América. Que belo seria se o Istmo do Panamá fosse para nós o que o Corinto foi para os gregos! Oxalá que algum dia tenhamos a sorte de instalar ali um augusto congresso dos representantes das repúblicas, reinos e impérios para tratar e discutir sobre os altos interesses da paz e da guerra com as nações das outras partes do mundo.²

Outra visão acerca da integração das Américas apareceu em 1823, quando o presidente dos Estados Unidos, James Monroe, enviou para o congresso a mensagem que se tornou conhecida como Doutrina Monroe.³ Sintetizada pela expressão América para os americanos, defendia a intervenção norte-americana em caso de ameaça européia e a conservação dos direitos dos povos americanos de determinarem, de forma independente, os interesses nacionais - desde que monitorados pelos estadunidenses.⁴

² Apud: SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington). São Paulo: Editora Unesp, 2004. p 78.

³ Entendendo que Doutrinas, "(...) são leis maiores que orientam a política norte-americana por longos períodos históricos. Elas representam à emanção direta do poder executivo e servem para orientar a diplomacia e os negócios americanos nas suas questões internacionais". In: SCHILING, Voltaire. Estados Unidos X América Latina: as etapas da dominação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p.12.

⁴ Apesar da idéia contida no slogan da doutrina transparecer pretensões imperialistas, deve-se ressaltar que os Estados Unidos ainda não era uma potência mundial. Como afirma Schiling: "A doutrina Monroe teve um impacto histórico de longa duração (...). Foi somente com o crescimento do poderio econômico dos Estados Unidos que a doutrina foi sendo posta em prática, mudando seu conteúdo à medida que se concretizava". Idem, p.13.

Várias conferências foram organizadas visando à discussão pan-americanista.⁵ Nos documentos produzidos por esses encontros entre os países americanos, aparecem vários conceitos que definiriam esse desejo de união: “pan-americanismo”, “cooperação interamericana”, “americanismo” e “interamericanismo”. Importante notar que algumas destas denominações foram empregadas posteriormente ao século XIX.⁶

No decorrer desses encontros diplomáticos, dois discursos circulavam entre os países participantes: o pan-americanista, vinculado aos interesses norte-americanos e aos princípios a Doutrina Monroe; e o latino-americanista, inspirado no bolivarismo, cujas diferenças eram bastante evidentes. Segundo Glinkin, enquanto o modelo forjado nos Estados Unidos pretendia-se isolacionista, isto é, construía uma dicotomia entre os estadunidenses e os “outros”, o pan-americanismo latino visava o bem comum dos países envolvidos, e buscava o diálogo com outras regiões a partir de uma confederação de países latinos.⁷

⁵ Os principais foram: Panamá (1826), Lima (1847-1848), Santiago (1856), Washington (1856) e Lima (1864-1865).

⁶ O conceito de interamericanismo não pertence ao século XIX. A idéia de identidade abrigava-se sob diversos títulos: americanismo, hemisfério ocidental, pan-americanismo. Outro exemplo controverso foi o conceito de América Latina. Enquanto se atribui a invenção deste conceito ao francês Michel Chevalier em 1836 – frente ao avanço da doutrina Monroe no continente americano, alguns intelectuais difundiram o “panlatinismo”, que defendia a restauração da raça latina sob a liderança da França; não obstante, o caráter primevo do emprego de tal conceito já aparecia nas obras do jurista argentino Carlos Calvo e do poeta colombiano José María Torres Caicedo. Portanto, somente após a Segunda Guerra, o emprego do termo passou a ser utilizado vulgarmente para designar todos os países ao sul dos Estados Unidos. Em uma análise bastante reveladora, o cientista político João Feres Junior analisa a história do conceito de “Latin América” nos Estados Unidos. Segundo ele, “o Oxford English Dictionary mostra que o termo “Latin América” somente começou a ser usado em inglês na última década do século XIX. A primeira ocorrência anotada pelo dicionário data de 1850 e encontra-se no documento intitulado Reciprocity Treaties with Latin América, de autoria do presidente americano Benjamim Harrison”. Cf. ROLLAND, Denis. A crise do modelo francês e a Invenção da América Latina. Cultura, política e identidade. Brasília: Editora UNB, s/d. p. 61; FERES Junior, João. A história do conceito de “latin América” nos Estados Unidos. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

⁷ O conceito de pan-americanismo mudou ao longo do tempo, dependendo dos autores envolvidos e dos interesses em jogo. Em alguns trabalhos, os estudiosos diferenciam as noções de “Latinoamericanismo” (ligada a Simón Bolívar) e “Pan-americanismo” (em referência aos Estados Unidos). Este é o caso de GLINKIN A. El Latinoamericanismo conta El Panamericanismo (desde Simões Bolívar hasta nuestros días). Moscou: Editorial Progreso, 1984. Em que afirma “(...) [pan-ameicanismo] la doctrina ideológica de la comunidad de intereses de EEUU y sus vecinos del Sur, promovida por los círculos gobernantes norteamericanos a finales del siglo XIX, y la política que

Ainda no que concerne à genealogia do conceito, é importante ressaltar o viés político, ou seja, a diferença de discursos presente nas definições dos dicionários. Para os de língua inglesa, como o *New International*, Murray e o *New Standard*, o pan-americanismo foi um “sistema de aliança política ou união entre os países da América (...) vida do povo americano baseada em formas republicanas de governo e tendendo para tal união.” Implicitamente, transmitia a idéia de não ingerência externa aos assuntos do continente, tal como a posição incontestada dos Estados Unidos na liderança desse sistema.

Já os dicionários de língua francesa como o *Grande Encyclopédie* e *Nouveau Larousse* seguia a diretriz defendida por políticos e intelectuais europeus em relação ao pan-americanismo. Nestes a união das Américas representava a confirmação da hegemonia dos norte-americanos sobre o continente e a não intromissão de outros países da soberania sobre eles.⁸

Apesar de amplamente disseminada nos Estados Unidos nas últimas décadas do século XIX, as propostas pan-americanas enfrentavam resistências principalmente de comerciantes da região sul, que temiam o aumento da concorrência de produtos agrários (cereais, açúcar, tabaco e algodão). Os estados industrializados do norte, entretanto, encaravam o discurso de cooperação interamericano como uma chance para comercializar seus artigos em substituição às potências européias.

O cenário do pós-guerra de secessão, amparado pelo maciço apoio governamental, proporcionou as indústrias norte-americanas um forte crescimento – o que demandava matéria-prima e mercado consumidor. Como força emergente na

sobre la base de esta doctrina practica Washington, orientada a crear y fortalecer um bloque económico y politico-militar de los Estados de esta región bajo la égida de Estados Unidos”, p. 20.

⁸ As definições sobre o pan-americanismo foram extraídas do livro Lobo, Hélio. *O Pan-Americanismo e o Brasil*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939, p.02.

região e em plena corrida imperialista das potências européias, assegurar a influência nas Américas era ponto primordial para os interesses políticos e econômicos dos Estados Unidos. Portanto, o pan-americanismo constituiu-se em mais uma vertente dessa política, que proclamava a “idéia de Hemisfério Ocidental”, no qual:

(...) la retórica panamericanista ocupaba um lugar de relieve la llamada “idea de Hemisfério Occidental”, según la cual las naciones americanas compartirían los mismos valores, sentimientos y destino, ligadas por la proximidad geográfica, la historia común de resistencia al colonialismo, la adopción de instituciones republicanas de gobierno y la solidaridad política. Em virtud de ello, el Nuevo Mundo constituiria um conjunto apartado del resto del mundo, moralmente “superior”, donde la paz y el respeto al derecho internacional habrían alcanzado um nível sin paralelo em otras regiones.⁹

Para os intelectuais norte-americanos, era desprezível a nomeação dos países ao sul, isto é, o “restante” da América. Segundo o historiador Ricardo Salvatore:

Mais do que ter sido guiado por uma única lógica, o encontro pós-colonial produziu uma massa de representações repartidas em discursos sobre os outros e a missão que competiam entre si. As razões para um império informal confrontavam argumentos de interesses econômicos, de benevolência, de reforma moral, de conhecimento e de “interesses nacionais” (...) A região era imaginada ou como um grande mercado em potencial, ou como um impressionante experimento de misturas raciais e de republicanismo, ou como alvo para a colonização missionária, como reserva de “evidências” para as ciências naturais, ou, ainda, como um local para a regeneração da “humanidade” (...).¹⁰

Foi nesse contexto que, em 1889, a perspectiva integracionista apregoada pelos Estados Unidos acabou por triunfar. A Primeira Conferência Internacional Americana, que ocorreu entre os dias 2 de outubro de 1889 e 19 de abril de 1890, marcou o início oficial da política pan-americana sob o viés norte-

⁹ GARCIA, Eugênio Vargas. El significado del panamericanismo em la política exterior de Brasil (1889-1961). Colóquio “Las relaciones Interamericanas: pasado, presente y futuro”. Secretaria de Relaciones Exteriores y El Colégio de México. Mesa V – Balances de poder el siglo XX. México, D.F., 19 de noviembre de 2004, p. 01.

¹⁰ SALVATORE, Ricardo D. The Enterprise of Knowledge: Representational Machines of Informal Empire. In: LEGRAND, Catharine C.; SALVATORE, Ricardo D. (orgs). Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of. U.S. – Latin American Relations. Durham: Duke University Press, 1998, p.71.

americano. Nomeada pela imprensa de “Conferência Pan-Americana”, contou com a participação da maioria dos países do continente que buscavam a efetivação dos laços de solidariedade. Apesar do viés econômico predominante nos debates, era necessária uma representação ideológica que aproximasse realidades tão díspares. Assim, precedendo a política da boa vizinhança da década de 1930, foi proposta o intercâmbio de professores e estudantes entre as universidades e as academias americanas, além da construção de um Instituto Interamericano de Cooperação Intelectual.

Ainda que o discurso se baseasse no ideal de união, o pan-americanismo do final do século XIX caracterizava-se pela presença militar estadunidense no continente, além da preocupação destes em construir um saber científico sobre a América Latina. Esse processo consistia na organização de expedições que coletava, classificava e mapeava materiais da fauna e flora da região conforme índices legitimados pela autoridade da ciência. Longe da igualdade, tal atitude manifestava o olhar imperial dos estadunidenses sobre o restante dos países.

Segundo Mary A. Junqueira:

Ao longo do século XIX, o governo dos Estados Unidos construiu um variado e complexo corpo de conhecimentos sobre a América Latina. A instituição responsável pela coleta de dados e saberes sobre a região foi a marinha de guerra norte-americana, a U.S NAVY, instituição que desenvolveu projetos de mapeamento, reuniu substanciais dados e acumulou análises científico – tecnológicas sobre as costas leste e oeste das Américas, as bacias hidrográficas do Prata e do Amazonas e comandou o rastreamento de rotas pela América Central, com a finalidade de construir uma passagem interoceânica (...).¹¹

Além disso, a preocupação da época era garantir o controle da região do Caribe, especificamente sobre o canal do Panamá. Na efetivação de tal objetivo, os

¹¹ JUNQUEIRA, Mary A. Ciência, técnica e as expedições da marinha de guerra norte-americana, U.S NAVY, em direção à América Latina (1838- 1901). IN: Varia História, Belo Horizonte, vol. 23, nº 38 p. 334-349, Jul/Dez 2007. Sobre a construção de um “saber científico”, ver: SAID, Edward. Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; PRATT, Mary Louise. Olhos imperiais. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

Estados Unidos adotavam como artifícios, investimentos em dólar nos governos “amigos” e intervenção armada no caso de sublevação e recusa da oferta oferecida.¹²Entretanto, note-se que as formas de conhecimento se ampliavam com expedições de missionários protestantes no continente. Para Ricardo Savaltore, o auge do discurso pan-americanista nas primeiras décadas do século XX caracterizou-se por:

(...) estudiosos [norte-americanos] perceberam ter havido uma renovada busca por oportunidades de investimento no estrangeiro em áreas como mineração, extração de petróleo, distribuição automobilística, construção de estradas, e financiamentos. Menos notado, porém, é o fato de que durante aquele período foi feita uma série de intervenções no campo cultural, privado e governamental, que serviram para publicações da União Pan-Americana (UPA), várias viagens preparadas e financiadas pelo Carnegie Endowment for Peace, conferências internacionais em diversas áreas da ciência, e congressos de missionários protestantes na região. Essas atividades refletiam um novo impulso (sustentado simultaneamente pelo governo, pela ciência, pelos negócios, e pela religião) para unir a América do Norte à América do Sul, união essa que foi construída sob termos internacionais e culturais assim como sob termos materiais e tecnológicos.¹³

Portanto, o conceito sobre o “pan-americanismo” possuía caráter polissêmico, contextualizada no debate existente na Europa desde 1850, no qual movimentos políticos buscavam as origens comuns no passado para a constituição de projetos nacionais – pan-eslavismo, pangermanismo e pan-islamismo. À formação dessas ligas regionais contrapunha-se ao poder crescente das potências européias, que em pleno processo de expansão do capital impulsionada pela chamada “Segunda Revolução Industrial”, acirrava as disputas em torno de novas fontes de matéria-prima e mercados consumidores. Para o historiador inglês Eric Hobsbawm:

¹² Caso do presidente da Nicarágua José Santos Zelaya que recusou empréstimo de 15 milhões de dólares em troca da custódia alfandegária e outras concessões. Dessa forma, uma das companhias norte-americanas tramou uma rebelião contra o governo, o que resultou no desembarque de fuzileiros navais para proteger os cidadãos dos Estados Unidos na Nicarágua. Cf. SCHILLING, Voltaire. Estados Unidos X América Latina: as etapas da dominação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

¹³ Idem, p.78. Ver: DULCI, Tereza Maria Spyer. As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889-1928). São Paulo, Mestrado em História, FFLCH/USP, 2008.

Era muito provável que uma economia mundial cujo ritmo era determinado por seu núcleo capitalista desenvolvido ou em desenvolvimento se transformasse num mundo onde os “avançados” dominariam os “atrasados” (...) Essa repartição do mundo entre um pequeno número de Estados (...) foi a expressão mais espetacular da crescente divisão do planeta em fortes e fracos, “avançados” e “atrasados”. Entre 1876 e 1915, cerca de um quarto da superfície continental do globo foi distribuído ou redistribuído, como colônia, entre meia dúzia de Estados. A Grã-Bretanha aumentou seus territórios em cerca de dez milhões de quilômetros quadrados, a França em cerca de nove, a Alemanha conquistou mais de dois milhões e meio, a Bélgica e a Itália pouco menos que essa extensão cada uma. Os EUA conquistaram cerca de 250 mil, principalmente da Espanha, o Japão algo em torno da mesma quantidade às custas da China, da Rússia e da Coreia (...).¹⁴

A similitude existente entre a concepção pan-americana no final do século XIX e a política da boa vizinhança arquitetada a partir de meados da década de 1930 circunscrevia a alguns aspectos. Em ambas, ressaltavam-se os valores comuns entre os povos do continente; a organização republicana; aceitação democrática; defesa da liberdade e dignidade do indivíduo; crença na solução pacífica das disputas e adesão aos princípios de soberania popular. Nota-se ainda que tanto o bolivarismo quanto o monroísmo, ao pensar a integração das Américas, o fazia tendo com pressuposto a exclusão do outro de seu projeto. Importante ressaltar que havia uma espécie de “hierarquia” no olhar dos estadunidenses sob o resto do continente. Enquanto Brasil e Argentina eram vistos como “irmãos” em progresso, isto é, parceiros que poderiam alcançar o rol das civilizações; países como Bolívia, Peru e Equador eram encarados como “irmãos” menores, atrasados e necessitados da ajuda dos Estados Unidos.¹⁵

Entretanto, se nos anos 10 os norte-americanos usavam o dólar e o canhão para assegurarem a hegemonia do continente, a ascensão do governo Roosevelt representou uma mudança de direção. Ganhou força outra dimensão da política externa dos Estados Unidos, caracterizada pela intensificação e sistematização das políticas culturais voltadas para as nações da América Latina.

¹⁴ HOBBSBAWN, Eric. A era dos impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 87 e p. 91.

¹⁵ DULCI, Tereza Maria Spyer. op. cit., p. 49.

O pan-americanismo propugnado pela revista *Em Guarda* é representativo dessa tendência, pois em contrapartida ao discurso de cooperação difundido pelo mensário, diversas reportagens esboçaram as reais intenções de seus editores: realçar a hegemonia dos norte-americanos, sintetizados na excepcionalidade de seu povo e pela imagem de modernidade da nação; a ênfase conferida ao papel educativo desempenhado pelas imagens; o público alvo da revista e a função que cabia ao Brasil nas Américas.

No âmbito historiográfico, revistas e jornais ainda carecem de estudos mais exaustivos que explorem suas potencialidades como objeto de pesquisa. Relegados a uma posição secundária pelos positivistas ao longo do século XIX, tais impressos ganharam notoriedade com a ascensão da terceira geração dos *Annales*. Georges Duby, Jacques Le Goff e Pierre Nora colocaram no centro dos debates a relatividade da fonte histórica (“Tudo tem uma História”), a interdisciplinaridade entre Antropologia, Economia, Semiótica e Sociologia e, o que tange essa pesquisa, a própria concepção de documento histórico¹⁶. Dessa forma, todo e qualquer fragmento das sociedades (processos-crimes, autos da Inquisição, censos e obras de arte) constituem fontes importantes na reconstituição de uma interpretação presente-passado.

Podem-se dividir as pesquisas realizadas com periódicos em três categorias: aqueles estudiosos que buscaram escrever uma síntese da História da imprensa desde o seu aparecimento no Brasil, assim como historicizar um periódico específico¹⁷; as pesquisas que utilizaram estas fontes como suporte para os estudos

¹⁶ Em relação à terceira geração dos *Annales*, consultar BURKE, Peter. *A escola dos Annales (1929-1989)*. São Paulo: UNESP, 1991. Sobre o documento, ver: GOFF, Jacques Le, “Documento/Monumento”, In: ROMANO Roggiero (org), *Enciclopédia Einaudi*, Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, v.1, pp.95-106.

¹⁷ A respeito das sínteses realizadas, pesquisar: SODRÉ, Nelson Werneck *História da imprensa no Brasil*, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966; CAMARGO, Ana Maria, *A imprensa periódica*

de outros temas: a imigração, a criminalidade, o trabalho e a escravidão; e finalmente, os trabalhos que trataram o periódico como objeto de pesquisa. A presente investigação sobre a revista *Em Guarda* enquadra-se nesta última categoria, iniciada com as dissertações pioneiras de Arnaldo Contier, Maria Helena Capelato e Maria Ligia Prado. Nestes trabalhos:

As considerações apontam, portanto, para um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam, mas antes prescreve a análise circunstanciada do seu lugar de inserção e delineia uma abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica, rigorosamente inserida na crítica competente.¹⁸

Durante a sistematização e leitura do periódico acerca do pan-americanismo, outra possibilidade de investigação foi a análise das imagens. No decorrer do trabalho, optou-se pela integração entre iconografia e texto, julgando ser mais interessante apreender o material e as inúmeras possibilidades de interpretação que elas podem engendrar. A perspectiva adotada consiste em ir além da fotografia, considerar os fatores que englobam a sua produção: o autor, a produção, a circulação, o consumo, bem com seu contexto político, social e econômico, uma vez que as fontes visuais não podem ser entendidas independentes do processo de construção da representação em que foram geradas.¹⁹ Para Ulpiano Bezerra de Menezes:

como fonte para a História do Brasil. In: Eurípides Simões de Paula (org), *Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História*, São Paulo, Seção Gráfica da FFLCH/USP, 1971, v.II, pp.225-39; CRUZ, Heloísa de Faria. (org.), *São Paulo em revista: catalogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana (1870- 1930)*, São Paulo: Arquivo do Estado, 1997; LINHARES, Joaquim Nabuco. *Itinerário da imprensa de Belo Horizonte (1854-1954)*, Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

¹⁸ LUCA, Tânia Regina de. *História dos, nos e por meio dos periódicos*. In: Carla Pinsky (org). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005, p.141.

¹⁹ KOSSOY, B. *Fotografia e História*. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001; Sobre o assunto, consultar MAUAD, A.M. *Através da Imagem – Fotografia e História – Interfaces*. Tempo. Rio de Janeiro, v.1, nº2, 1996, p. 73-98; MARTINS, A.L. *Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras*. História. São Paulo, 22: 59-79, 2003; MANGUEL, A. *Lendo Imagens. Uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

As imagens não têm sentido em si, imanentes. Elas contam apenas – já que não passam de artefatos, coisas materiais ou empíricas – com atributos físico-químicos intrínsecos. É a interação social que produz sentido, mobilizando diferencialmente (no tempo, no espaço, nos lugares e circunstâncias sociais, nos agentes que intervêm) determinados atributos para das existências social a sentidos e valores e fazê-los atuar. Daí não se poder limitar a tarefa à procura de sentido essencial de uma imagem ou de seus sentidos originais, subordinados às motivações subjetivas do autor, e assim por diante. É necessário tomar a imagem como um enunciado, que só se apreende na fala, em situação. Daí também a importância de retrair a biografia, a carreira, a trajetória das imagens.²⁰

Sob a orientação das sugestões metodológicas de Helouise Costa²¹, tentou-se superar os riscos de uma leitura superficial da iconografia, que acabaria por tornar o trabalho um amontoado de fotografias. Desta forma, ao adentrar o universo da revista *Em Guarda*, a premissa desse estudo foi-lhes conferir não somente a historicidade, mas também problematizar o material sob a ótica do fotojornalismo: “... narrativa que resulta da conjugação de duas estruturas narrativas totalmente distintas e independentes, dentro de uma amarração própria realizada pela edição.”²²

Outra questão teórica importante diz respeito à natureza do enfoque submetido à documentação. Ainda que as relações entre Estados Unidos e América Latina sejam, ao longo da História, assimétricas e desiguais, a pesquisa buscou reconhecer as várias dimensões da cultura – circulação de idéias, as trocas e os conflitos entre os atores sociais. Assim, o que se questiona são as análises que se

²⁰ MENESES, U.T.B. Fontes Visuais, cultura visual. Balanço provisório, proposta cautelares. Revista Brasileira de História, v. 23, nº 45 jul. 2003.

²¹ COSTA, Helouise. Aprenda a ver as coisas. Fotojornalismo e modernidade na revista *O Cruzeiro*. Dissertação em Artes. São Paulo: ECA/USP, 1992.

²² Idem, p. 83. No mesmo trabalho, a autora discorre sobre o status da fotografia: O registro fotográfico passa a ser o resultado de uma construção, ou seja, passa por um processo de elaboração que implica na concentração de elementos significativos que normalmente encontram-se dispersos no tempo e no espaço. Ocorre um adensamento temporal e semântico, base da instauração da fotografia como linguagem. Isso significa que cada imagem passa a apresentar em si uma narrativa própria. Nesse sentido o fotógrafo pode tanto trabalhar com a pose quanto com o acaso. O que importa é o domínio do código fotográfico, usado para a construção de uma visão de mundo. p. 155.

baseiam somente nas perspectivas políticas ou econômicas, estanques e engessados na dualidade dominante/dominado.²³

Este estudo tem como finalidade sistematizar a revista *Em Guarda: Para a defesa das Américas*, encarando-a como um objeto privilegiado de pesquisa para a apreensão do pan-americanismo sob o olhar norte-americano. Desse modo, o primeiro capítulo pretende abordar o contexto da criação de um departamento nos Estados Unidos voltado para a difusão de valores de união e cooperação nas Américas. Uma análise da recepção dos ideais pan-americanistas no Brasil também é ensaiada, a fim de traçar um panorama das intervenções do país nas conferências que discutiam o tema no continente.

A recuperação das teias constitutivas do Office for the Coordinator of Commercial and Cultural Relations Between the American Republics – agência do governo Roosevelt para a América Latina – nos permite o entendimento dos posicionamentos ideológicos defendidos, isto é, a construção da imagem de um continente unificado sob a égide da liberdade, democracia, espírito cristão e crença no esforço individual. Também foi possível apreender as estratégias usadas para alcançar tais objetivos: a diagramação dos textos, a adoção das fotografias como norteadora da narrativa, a ampla divulgação da cultura estadunidense com o intuito de reforçar a especificidade daquele povo e finalmente, a participação de intelectuais brasileiros na agência que editava o periódico.

O segundo capítulo discute o surgimento da revista *Em Guarda* em 1941 – resultado da política da boa vizinhança iniciada em 1933 com o governo Roosevelt – mapeando sua trajetória até o período de término da publicação, em 1946. Além disso, a biografia de Nelson Rockefeller – coordenador do Office – é esboçada, pois

²³ Cf. SAID, Edward. *Orientalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990 e *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995; PRATT, Mary Louise. *Os Olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

sua determinação em fortalecer os laços políticos com o continente, assim como a visão para futuros negócios foi primordial para a publicação do mensário.

Um sobrevôo sobre a história do fotojornalismo e sua inserção na imprensa da época também foi ensaiado, a fim de compreender a utilização dessa linguagem no convencimento dos indivíduos. Por meio da iconografia - integrada às reportagens - foi possível questionar até que ponto o discurso apregoado pelos Estados Unidos de cooperação e união era efetivo na prática, pois em muitas situações, o tom dos textos e das fotografias evidenciava uma relação de desigualdade marcada por estereótipos dos norte-americanos em relação aos latino-americanos.

O conceito de pan-americanismo concebido pela revista e os discursos produzidos em sua legitimação são os focos principais desenvolvidos no terceiro capítulo. Temas como a união interamericana, a excepcionalidade do povo nos Estados Unidos, a modernidade e a mobilização do front interno, entre outros, foram concebidos pelo mensário, como simbólicos na construção da idéia pan-americana.

A análise sistemática do material permitiu observar que a representação do pan-americanismo era elaborada, em grande medida, com base em leituras que os Estados Unidos já tinham como pré-estabelecida em relação ao sul do continente. Desse modo, apesar de reafirmar a igualdade entre as nações, o que se lia no periódico eram textos baseados na classificação, ordenação e a presença de estereótipos que definiam os latino-americanos. A hierarquia imposta colocava os estadunidenses como portadores do saber científico e modelo de organização política, social e econômica, enquanto a América Latina caracterizava-se sempre pela ausência, a fragilidade das instituições, em contrapartida a abundância de riquezas naturais.

Portanto, é premissa do presente estudo questionar a representação que um órgão de imprensa – editado por uma agência criada deliberadamente pelo governo dos Estados Unidos para estreitar relações com as Américas – traçava dos latino-americanos, e por oposição, do pan-americanismo resgatado como ideologia comum contra a ameaça do Eixo no continente. Desse modo, durante todo o texto procurou-se responder a questão acerca da leitura pan-americana que emergiu durante a publicação de *Em Guarda*.

1. O PAN-AMERICANISMO NO BRASIL.

No tocante ao Brasil, durante todo o período imperial, a integração americana foi postergada e evitada. Revestido pela crença de que representava o último bastião da civilização européia nos trópicos e como exceção monárquica na América, o Império brasileiro encontrava-se desvinculado dos países vizinhos na construção da solidariedade americana. Segundo Cláudio Santos:

(...) ao manter o princípio dinástico como fonte de legitimação de seu Estado, o Brasil se diferenciava decisivamente de seus vizinhos americanos, que passariam a representar para o Império o “outro” irreconciliável. A construção da identidade das repúblicas americanas se fazia em grande parte a partir da idéia de ruptura com o Antigo Regime e, metaforicamente, com a Europa. Essa noção de ruptura entre o Novo e o Velho Mundo, entre América e Europa impregnava as iniciativas interamericanas, tornando muito difícil ao Império associar-se a elas sem pôr em risco as bases de sua própria legitimidade.²⁴

Somente na conferência em Washington (1889 -1890), portanto, no início da República brasileira, o país optou por adotar como paradigma de sua política exterior o ideal pan-americano – no Manifesto Republicano de 1870, proclamava, “somos da América e queremos ser americanos”. Ressalte-se que as vésperas da proclamação da República, havia um debate entre a intelectualidade do país acerca da natureza do novo regime: o liberalismo à americana, o jacobinismo à francesa, e o positivismo. Até a vitória da primeira delas, por volta da virada do século, o flerte com a República de inspiração francesa era recorrente. Para José Murilo de Carvalho, a busca pela consolidação do novo regime era pautada na França se justificava, pois:

Os republicanos brasileiros que se voltavam para a França como seu modelo tinham à disposição, portanto, um rico material em que se inspirar. O uso dessa simbologia revolucionária era facilitado pela falta de competição por parte da corrente liberal, cujo modelo eram os Estados Unidos. Esta não contava com a mesma riqueza simbólica a sua disposição. (...) talvez pela menor necessidade de conquistar o coração e a cabeça de uma população já convertida aos novos valores, a revolução

²⁴ SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. op.cit. p. 24.

americana foi muito menos prolífica do que a francesa na produção de símbolos revolucionários. Além disso, não interessava muito à corrente “americana” promover uma república popular, expandir além do mínimo necessário a participação política. Limitava-se à batalha da ideologia; quando muito, insistia em sua versão do mito de origem do novo regime e nas figuras que o representavam: uma briga pelos founding fathers. Desse modo, o campo ficava quase livre para a atuação das correntes francesas.²⁵

A posição brasileira foi ratificada em 1902 pelo ministro Rio Branco, que acreditava na conveniência da manutenção de uma “relação próxima” com os vizinhos ao norte.²⁶ A visão do ministro sobre as relações entre Estados Unidos e Brasil era pragmática. O eixo da política externa sob os auspícios de Rio Branco visava à garantia do apoio norte-americano em assuntos referentes à área sul-americana, a restauração do prestígio brasileiro e a defesa da agroexportação. Contudo, essa linha diplomática despertava celeumas em países da América Latina, principalmente no que dizia respeito ao imperialismo ianque. Como ressaltam Amado Cervo e Clodoaldo Bueno, “(...) na capital argentina, um setor da imprensa, ao analisar a política externa brasileira, viu pretensões de domínio na América do Sul, com respaldo norte-americano.”²⁷

Rio Branco concordava que a hierarquia tácita estabelecida pelos Estados Unidos nas relações políticas com os países americanos era necessária. Diante da política intervencionista empreendida pelo presidente Theodore Roosevelt no Caribe, especialmente com a proclamação do Corolário Roosevelt de 2 de dezembro de 1904, o ministro brasileiro afirmou:

Se aqueles países não sabem se governar, se não possuem os elementos necessários para evitar revoluções contínuas e guerras civis que se sucedem sem cessar, não tem o direito de existir e devem ceder o seu lugar a uma nação mais forte, melhor organizada e progressista, e mais viril.²⁸

²⁵ CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990, p. 12.

²⁶ Sobre a “americanização” das relações exteriores do Brasil, consultar: CERVO, A.L., BUENO, C. História da política exterior do Brasil. São Paulo: Ática, 1992.

²⁷ Idem, p.174.

²⁸ Apud: BURNS, E. Bradford. A aliança não-escrita: o Barão do Rio Branco e as relações do Brasil com os Estados Unidos. Rio de Janeiro: EMC Ed., 2003, p. 190.

Em sua tese de doutoramento, Kátia Gerab Baggio²⁹ recuperou as interpretações sobre a América Latina construídas pelos pensadores brasileiros nas primeiras décadas republicanas. Esse trabalho delineou o campo de atuação dos intelectuais que simpatizavam com críticas ao pan-americanismo (Eduardo Prado, Manoel de Oliveira Lima, José Veríssimo e Manoel Bonfim), e aqueles que delineavam a cooperação com os estadunidenses (Joaquim Nabuco, Euclides da Cunha, Artur Orlando e Sílvio Romero).

Logo após o apoio dado pelos Estados Unidos a Cuba no conflito com a Espanha, Oliveira Lima alertou para a exacerbada intromissão norte-americana na soberania dos países da América Latina. Ao exigir maior participação brasileira no hemisfério, tendo em vista sua importância geográfica, Oliveira Lima pregava maior aproximação brasileira com seus vizinhos, especialmente a Argentina:

É cedo para falar em hegemonia do continente meridional. Por enquanto a hegemonia do Novo Mundo é uma só: a dos Estados Unidos da América, que têm voz preponderante senão voto decisivo em qualquer assembléia pan-americana e que para isto têm conveniência, e muito humana ela é, em ver agravadas as desconfianças e rivalidades entre as outras nações deste mundo que eles consideram e proclamam, sem reboços, seu. O princípio é velho do dividir para imperar. O predomínio norte-americano deixaria de ser uma realidade se entre os países latinos do continente vingasse o espírito de solidariedade a que deviam em tal campo tender e que não é forçosamente infenso à cordialidade, mesmo à união com o elemento anglo-saxônico.³⁰

Quarenta anos depois, as relações históricas que quase levaram a Alemanha nazista triunfar nas Américas, ocasionou uma das maiores mobilizações da história recente dos Estados Unidos, reunindo uma enorme aplicação de recursos políticos, econômicos, culturais e bélicos. Numa tentativa de demonstrar que os tempos da política do Big Stick (grande porrete) e do monroísmo renovado de Theodore Roosevelt eram políticas do passado, a Segunda Guerra Mundial marcou

²⁹BAGGIO, Kátia Gerab. A “Outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. Tese de doutoramento em História. São Paulo: Departamento de História FFLCH/ USP, 1999.

³⁰ Apud: Kátia Gerab Baggio, op cit., p. 78.

um aprofundamento nas relações internacionais do continente americano, não obstante com a valorização de técnicas de persuasão que denotava o caráter total do conflito. Se a política da boa vizinhança esboçada pelo secretário de Estado Cordell Hull em 1933 era caracterizada mais pelo idealismo do que a realidade demonstrara, no final da década de 1930 tal arcabouço ideológico se mostraria eficaz na arregimentação para a causa Aliada.

No âmbito das idéias, a Segunda Guerra Mundial representou um terreno profícuo para a reelaboração de conceitos e idéias que surgiram no século XIX. O controvertido ideal de cooperação hemisférica sob os auspícios dos Estados Unidos, ora denominado de pan-americanismo, se tornou a política do Presidente Roosevelt e de seus assessores contra a crescente influência do nazismo no seio dos governos latino-americanos. A singularidade do período ocasionou a união entre os interesses do governo norte-americano e das grandes corporações industriais daquele país. Muitas dessas empresas já atuavam nas Américas direta ou indiretamente – por meio de recursos destinados as organizações filantrópicas que investiam nas regiões mais carentes desde o final do século XIX.

À América Latina não bastava ser uma simples exportadora de matéria-prima para os mercados europeus: a entrada em cena de novos atores sociais – operários, motoristas, empregados domésticos, militares, profissionais liberais –, ocasionada pela urbanização crescente e a implantação de indústrias, trouxe a cena política uma burguesia ávida por uma nova postura dos Estados Nacionais.

Ao se debruçar sobre os “velhos” e “novos” paradigmas nas relações internacionais da América Latina nos anos 30 e 40, Luiz Amado Cervo analisou a guinada na política externa do Brasil:

Na segunda metade dos anos 30, o Brasil reformulou com senso muito pragmático sua política de comércio exterior, que passou a fundar-se em três princípios:

primeiro, aproveitar as rivalidades dos blocos antagônicos em formação para provocar a competição interna e elevar o poder de barganha nas negociações externas; segunda, manter a política de comércio liberal do lado dos Estados Unidos, forçando-os, contudo, a agir em razão das condições de competição provocadas; terceiro, incrementar o intercâmbio com a Alemanha (e a Itália) por meio de mecanismos de comércio compensado.³¹

Em troca da solidariedade continental e da cooperação de guerra, a maioria dos países eram simpáticos ao regime nazista, cobrando caro por sua parcela de apoio aos Estados Unidos. Cervo pondera acerca dos interesses que tomou conta dos países da América Latina durante a Depressão dos anos 1930 e a Segunda Guerra Mundial:

(...) emergiam, ao lado dos tradicionais interesses da economia agrícola e mineira, segmentos sociais novos, cujas pressões repercutiam sobre os governos em forma de necessidades sociais e ideais a perseguir. Era uma incipiente burguesia industrial desejosa de ampliar seus negócios; eram as massas urbanas à procura de trabalho e de salário; intelectuais a reclamar da exarcebada dependência nacional do exterior e militares preocupados com a vulnerabilidade de seus países.³²

Assim, a política da boa vizinhança representou uma mudança nos instrumentos que garantiam a hegemonia dos EUA no continente, cujos objetivos continuavam os mesmos – a expansão política, econômica e militar em contraposição ao adensamento das redes nazistas na América. Numa época de crise econômica, era preciso garantir matérias-primas, mercado consumidor e confiabilidade dos investimentos, correndo os menores riscos possíveis, sobretudo para as grandes corporações do país.

O retorno ao ideário pan-americano permitiu à re-significação da doutrina Monroe como diretriz da política externa dos Estados Unidos. Osvaldo Aranha, embaixador brasileiro, sintetizou os interesses envolvidos e as reais intenções de Roosevelt para as Américas:

³¹ CERVO, Amado Luiz. Relações Internacionais da América Latina: Velhos e Novos paradigmas. Brasília: IPRI, 2001, p.42.

³² Idem, p. 52.

O Pan-americanismo permitia aos Estados Unidos assumir a posição de defensores do continente e, ao mesmo tempo, servir ao seu povo “fantasias internacionais” de assimilação agradável e inócua.

O revigoramento da Cruzada da Boa Vizinhança seria a salvação de Roosevelt porque tinha alguma coisa de Cruz Vermelha, Exército da Salvação, Fundação Rockefeller, filantropia religiosa e Puritanismo expansionista, que são o coração e a alma deste país. Com as repúblicas latino-americanas firmemente alinhadas, estaria em condições de fazer frente à Alemanha e ao Japão (...). A política de Roosevelt visava preservar a amizade brasileira mediante a americanização ou, pelo menos, a pan-americanização do Brasil, antes que ele se europeíze, hitlerize, ou mussolinize de todo.³³

Com a ascensão de Getúlio Vargas, (pós-1930) as relações comerciais entre Brasil e Estados Unidos, assim como com o restante das Américas, tornaram-se a principal preocupação nos debates em torno da política externa. Apesar das mudanças estruturais ocorridas no decorrer da década de 1920, com a transformação das economias do continente de agroexportadora para industrial, o cenário permanecia inalterado. Em todas as repúblicas, os três principais produtos de exportação respondiam por pelo menos cinquenta por cento das receitas do comércio em dez países (Bolívia, Brasil, Colômbia, Cuba, El Salvador, Honduras, Guatemala, Nicarágua, República Dominicana e Venezuela). Para Victor Bulmer-Thomas:

A década de 30 na América Latina pode não ter representado um rompimento radical com o passado, mas também não constituiu uma oportunidade perdida. Enfrentando um ambiente externo geralmente hostil, a maioria das repúblicas, com poucas exceções, aumentaram a produção de produtos importáveis e melhoraram a oferta de bens e serviços não-comerciáveis. Essas mudanças forneceram a base para um aumento significativo do comércio intra-regional no início dos anos 40, quando foi cortado o acesso às importações do resto do mundo (...).³⁴

Em relação a outros países que também tinham interesses econômicos na América Latina, as primeiras décadas do século XX foram decisivas para a

³³ Telegrama de Osvaldo Aranha a Vargas, 24/11/1937, Apud: MC CANN, Frank D. Jr. A aliança Brasil - Estados Unidos, 1937-1945. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995, pp. 62-63. Sobre biografia de Osvaldo Aranha consultar o Dicionário histórico-biográfico pós-1930/coordenação: Alzira Alves de Abreu... [et al.]. Ed.rev. e atual. - Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, 5 v.

³⁴ THOMAS, Victor Bulmer. As economias latino-americanas, 1929-1939. In: História da América Latina: a América Latina após 1930: Economia e Sociedade. Org. Leslie Bethell. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2005, p. 76.

consolidação do poderio econômico norte-americano. Enquanto a França diminuiu seus investimentos de 3,5 bilhões de francos em 1902 para cerca de 217 milhões em 1943, os investimentos de industriais provenientes dos Estados Unidos cresceram cerca de 125%. Comumente atrelada ao contexto pré-guerra e de disputa ideológica contra os nazistas, a influência cultural dos estadunidenses no Brasil já aparecia ao final da Primeira Guerra Mundial. Segundo Moniz Bandeira:

A influência cultural dos Estados Unidos, que, no Brasil, acompanhou a ascensão da burguesia, só se acentuou após a guerra imperialista de 1914-1918. O cinema, a descoberta dos irmãos Lumière que Hollywood aperfeiçoou e lhe deu bases industriais, permitiria aos Estados Unidos a propaganda de massa, a imposição do seu way of life, de sua cultura, de seus objetivos políticos e militares. Em 1919, enquanto os operários baianos protestavam contra o racismo nos Estados Unidos, um filme norte-americano, Luz Nova, talvez o primeiro do gênero anti-soviético, provocava agitações e correrias nos cinemas do Rio de Janeiro e Niterói. Os americanos expulsavam, então, os europeus do mercado cinematográfico brasileiro e consolidaram a sua supremacia, quando, em 1928, lançaram os primeiros filmes sonoros. Dos 941 filmes exibidos no Brasil, àquele ano, 402 eram de procedência norte-americana.³⁵

A animosidade na Europa durante a década de 1930 provocou uma reorganização no governo dos Estados Unidos. Em 1938, o secretário Cordell Hull determinou a reorganização do setor no Departamento de Estado responsável pelo tratamento das demandas da América Latina. Preocupado com a crescente influência germânica e temendo a instalação de bases militares em pontos estratégicos, essa divisão ficou responsável não somente pelos assuntos de cooperação militar, como também pelos imbróglios que envolviam o comércio exterior e as conferências interamericanas.³⁶

³⁵ BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois séculos de história). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978, p. 207 e p. 208. Sobre as políticas culturais de França e Estados Unidos no Brasil, ver: SANTOMAURO, Fernando. As políticas culturais de França e Estados Unidos no Brasil. Mestrado em História. São Paulo, PUC/SP, 2007.

³⁶ Em relação a política econômica agressiva alemã para as Américas, um relatório do Conselho Federal de Comércio Exterior do Brasil de 1944 explicitou o seu êxito: “ A Alemanha [em 1934] ocupava, no quadro geral do nosso comércio externo, o terceiro lugar quanto à importação, concorrendo com 14 % do total, e segundo quanto às exportações com 13%. [Quatro anos depois] A Alemanha tomara a dianteira, e não só na Europa, pois também lograra ultrapassar até mesmo os Estados Unidos nas vendas ao Brasil... no ano em exame [1938] foi o mercado germânico o nosso

Constavam no projeto voltado para o continente as seguintes medidas: o treinamento de militares latino-americanos nas escolas das Armas nos Estados Unidos; a realização de vôos freqüentes de demonstração de aeronaves americanas e visitas de navios de guerra; o incentivo a oficiais latino-americanos de alta hierarquia para visitar aquele país; o fornecimento de publicações das Forças Armadas para as bibliotecas militares; estimular a aviação comercial americana (leia-se Panair) nas Américas e promover a venda de armas.³⁷

Como se pode notar, buscava-se, ao mesmo tempo, enfraquecer a presença comercial do Eixo nas Américas, minar as rotas internacionais de comunicação e espionagem aérea, além de disseminar a visão de eficiência das Forças Armadas dos Estados Unidos. Num período de crescente tensão internacional, o objetivo mais imediato era atingir os países nos quais a simpatia com os nazistas era mais evidente, grupo que incluía imigrantes e militares do Brasil, com o general Góes Monteiro, e a Argentina.³⁸

Cabe ressaltar que esse tom explícito intervencionista por parte do Departamento de Estado norte-americano, no qual em muitos documentos reverberava a velha política do Big Stick do primeiro Roosevelt, já havia

maior fornecedor, vendendo-nos 25%... do total comprado pelo país. Na exportação ocupava o segundo lugar, absorvendo 19% de nossas exportações, logo depois dos Estados Unidos. Suas vendas foram então três vezes superiores às de 1934. Tornara-se o maior fornecedor de máquinas, aparelhos e utensílios para a indústria... O mercado germânico lograra ainda tornar-se o nosso maior fornecedor de folhas de flandres, sobrepujado os Estados Unidos, que tinham mantido a dianteira até 1937...". Apud: CORSI, Francisco Luiz. Estado Novo: Política Externa e projeto nacional. São Paulo: Editora UNESP: FAPESP, 2000, p.60.

³⁷ Idem, p.93.

³⁸ O intercâmbio entre os militares estadunidenses e da América Latina – em particular o Brasil – se iniciou ainda na década de 1930 e perdurou até os anos 1960. Por meio da criação da Escola Superior de Guerra, fundada em 1949, as Forças Armadas brasileiras estreitaram os estudos das táticas bélicas dos Estados Unidos. Em 1964, o governo dos Estados Unidos cogitou sobre a possibilidade do envio de tropas para o Brasil, caso o governo João Goulart usurpasse o poder. Como demonstra Elio Gaspari: "A esquadra [norte-americana] foi composta pelo porta-aviões Forrestal, seis contratorpedeiros com 110 toneladas de munição, um porta-helicóptero, um posto de comando aerotransportado, e quatro petroleiros que traziam 553 mil barris de combustível. O Plano de Contingência 2-61 ganhou o codinome de Operação Brother Sam. Os barcos de guerra estavam instruídos para entrar na zona de operações com os tanques tão cheios quanto possível, mas o Forrestal não poderia chegar a Santos antes do dia 10 de abril (...)." Cf. GASPARI, Elio. A ditadura envergonhada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 99.

transparecido no final de 1942. Segundo trecho de documento produzido pelo Estado Maior do Exército dos Estados Unidos, sob o título Plano do Teatro de Operações do Nordeste do Brasil (primeira versão aprovada em 01 de novembro de 1941 e modificada em fevereiro e abril de 1942):

As tropas americanas tomariam simultaneamente Natal, Recife, Belém e Salvador, contando com o sol muito forte, típico da região, para que nada atrapalhasse o desembarque de pelotões munidos de obuses e fuzis em São Luís, Fortaleza e na Ilha de Fernando Noronha. No mesmo dia, ao entardecer, um avião C-47 pousaria no Amapá e lá deixaria dois oficiais e 57 soldados. Todas essas tropas chegariam com suprimentos para 30 dias, pelo menos. O objetivo dessa operação de guerra, planejada pelo governo dos Estados Unidos era a ocupação do Norte e Nordeste brasileiro em 1942. Para o ataque – rápido e violento- os americanos esperavam utilizar até 100 mil combatentes.³⁹

A planejada invasão não ocorreu, graças em parte, a uma eficiente rede de produção e transmissão de simbologias que forjaram a “identidade” dos americanos perante a ameaça nazista. Com o recrudescimento do conflito na Europa, outras medidas foram tomadas pelo governo Roosevelt para buscar não somente vantagens materiais, mas principalmente sensibilizar “corações e mentes” para a causa aliada.⁴⁰ A partir da união que envolveu governo, empresários, acadêmicos e artistas, as bases para o desbravamento rumo ao Sul do Rio Grande estava lançada. A criação do Office of the Coordinator of Interamerican Affairs (OCCIA), em agosto de 1940, marcou a institucionalização e a sistematização das

³⁹ Apud: Maria Aparecida Aquino. A América vai à guerra. In. COGGIOLA, Osvaldo (org.). Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico. São Paulo: Xamã: USP. Departamento de História, 1995, p.180.

⁴⁰ A busca pela conquista de “corações e mentes” das pessoas fundamentadas em pesquisas factuais relaciona-se com os acontecimentos do século XX. Segundo Wagner Pinheiro Pereira, “A propaganda moderna se fez presente na Primeira Guerra Mundial (1914-1918), quando os governos em luta se deram conta de que os métodos tradicionais de recrutamento não obtiveram sucesso em repor o número de combatentes necessários para o front de batalha. Necessitaram, então, conquistar o apoio da opinião pública e, para isso, utilizaram os meios de comunicação de massas, como a imprensa de grande tiragem, o rádio, o cinema e todos os novos processos de reprodução gráfica, para disseminar mensagens favoráveis às diretrizes da política estatal em tempos de guerra (...). Cf. PEREIRA, Wagner Pinheiro. O Império das Imagens de Hitler: O Projeto de Expansão Internacional do Modelo de Cinema Nazista na Europa e na América Latina (1933-1955). São Paulo, Doutorado em História, FFLCH/USP, 2008, p.16.

informações sobre a imagem que os norte-americanos desejavam transmitir acerca do pan-americanismo.

1.1. O Office of the Coordinator of Interamerican Affairs e a Política Pan-Americana.

A revista *Em Guarda* foi idealizada pelo Office for the Coordinator of Commercial and Cultural Relations Between the American Republics, mais tarde chamado de Office of the Coordinator of Interamerican Affairs (OCIAA). A criação dessa agência em 16 de agosto de 1940 objetivou a coordenação de ações políticas que foram tomadas a fim de enfrentar os problemas advindos da desarticulação das economias americanas - afetadas pelo recrudescimento da guerra na Europa, o que diminuiu drasticamente as exportações. Além disso, as vitórias alemãs exigiam medidas mais práticas:

The United States Government agency which was to be known through most of its existence as the Office of the Coordinator of InterAmerican Affairs was created as a result of world conditions existing in the Summer of 1940. With the success of German armies in western Europe which had resulted in the collapse and conquest of Belgium and the Netherlands the defeat of the British forces on the continent, and the fall of France and organization of the Vichy Government, the threat to the Western Hemisphere was intensified even beyond a point at which the dangers involved had caused grave concern to the government of The United States.⁴¹

Em seis anos de funcionamento, o Office contou com orçamento de 140 milhões de dólares e empregou 1100 pessoas nos Estados Unidos e 200 no estrangeiro. Possuía escritórios em 20 países americanos e dividia-se em quatro setores de atuação: a) Comunicações (rádio, cinema, imprensa e esportes); b) Relações culturais (arte, música, literatura, educação); c) Saúde (problemas sanitários) e Comercial/ Financeira (exportação, transporte, finanças e desenvolvimento). No Brasil, o Office foi representado pelo empresário Berent Friele

⁴¹ Relatório The Founding of the CIAA, sob o código IAA. Coleção Foreign Office, 15/04/1942, p.2. APUD: MESQUITA, Silvana de Queiroz Nery. op. cit., p.35.

do escritório central no Rio de Janeiro. A agência contava ainda com unidades em Belém, Fortaleza, Natal, Recife, Salvador, Belo Horizonte, Curitiba, Florianópolis e Porto Alegre.

No período de publicação da revista *Em Guarda*, raros se constituíam os textos que mencionavam a estrutura do Office. Somente no final da guerra, quando Nelson Rockefeller deixou a direção da agência em 1944, a publicação descrevia as atividades que justificava sua existência:

Um relance sobre as atividades da organização faz ressaltar o escopo dos variados interesses e objetivos ligados à execução do seu programa. Há a vasta matéria relacionada com o desenvolvimento econômico e com o abastecimento de víveres; os problemas de saúde pública, saneamento e profilaxia; outros, relativos aos transportes; os serviços de informações, os educacionais e tantos outros de natureza especializada (...). O Bureau do Coordenador não se limita unicamente a corresponder aos interesses que lhe ficam ao sul do continente. Além de demonstrar praticamente a consideração e boa vontade do povo dos Estados Unidos para com seus vizinhos, também contribue para incrementar inteligentemente o interesse na América do Norte pelos assuntos interamericanos. Avultam as suas atividades neste sentido, promovendo a audição, por colegiais norte-americanos, de jóias musicais das outras Américas; nos cinemas, é freqüente a exibição de filmes coloridos de cidades e da vida campestre das repúblicas americanas; nas bibliotecas aumenta o número de novos livros referentes ao Hemisfério (...). Todas estas iniciativas encontram no Coordenador prazerosamente interessado em contribuir com sugestões práticas e assistência técnica. Para realçar o valor destas iniciativas, é justo mencionar que, freqüentemente, são elas a expressão espontânea do interesse de cidadãos norte-americanos, em grupos ou individualmente. Pode, pois, afirmar-se seguramente que o sentimento de boa vizinhança está sendo cultivado em suas bases essenciais.⁴²

A manutenção dessa estrutura era garantida pelas doações de grandes empresas instaladas no país como a Standard Oil, Metro Goldwin Mayer e a General Motors. Para incrementar os objetivos do Office, Rockefeller buscou o auxílio do Instituto de pesquisa Gallup que realizou duas aferições: no Brasil, para conhecer os gostos, hábitos e opiniões a respeito dos norte-americanos, e nos Estados Unidos, a pesquisa foi feita com o objetivo de avaliar a atitude dos americanos em relação aos latino-americanos. Em 1944, Rockefeller transferiu-se para o Departamento de

⁴² *Em Guarda*. Uma entidade interamericana – simbolizando o papel dos Estados Unidos na obra de cooperação continental. Ano 4, nº 05, p. 33.

Estado como subsecretário para assuntos relacionados a América Latina. Essa saída ocasionou o esvaziamento político do Office, que, porém, teve algumas de suas diretrizes colocadas em prática até o ano de 1949.⁴³

Em Guarda foi publicada entre os anos de 1941 a 1946, período concomitante à Segunda Guerra Mundial. Desde meados da década de 1930, a América Latina era alvo dos interesses político, cultural e econômico da Alemanha. Em vista disso, a partir de 1940 o Departamento de Estado norte americano estabeleceu as linhas gerais de atuação no combate à influência dos nazistas na América, sobretudo no âmbito cultural. De acordo com o historiador Gerson Moura, a presença efetiva dos valores políticos, econômicos e culturais dos Estados Unidos (“Tio Sam”) no Brasil ocorreu simultaneamente à criação do Office. Segundo Moura:

(...) a chegada visível de Tio Sam ao Brasil aconteceu mesmo no início dos anos 40, e condições e propósitos muito bem definidos. A presença econômica, menos visível, era bem anterior a certas manifestações culturais, como o cinema de Hollywood, já inculcava valores e ampliavam mercados no Brasil. [...] Proclamava-se naquela época a idéia de uma política de boa vizinhança entre os Estados Unidos e os demais países americanos. Essa boa vizinhança significaria um convívio harmônico e respeitoso entre os países do continente. Significaria também uma política de troca generalizada de mercadorias, valores e bens culturais entre os Estados Unidos e o restante da América. Foi nesse contexto que os brasileiros aprenderam a substituir os sucos de frutas tropicais onipresentes à mesa por uma bebida de gosto estranho e artificial chamada Coca-Cola. Começaram também a trocar sorvetes feitos em pequenas sorveterias por um sucedâneo industrial chamado Kibon, produzido por uma companhia que se deslocara às pressas da Ásia, por efeito da guerra. Aprenderam a mascar uma goma elástica chamada chiclets e começaram a usar palavras novas que foram se incorporando à sua língua escrita. Passaram a ouvir o foxtrote, o jazz, o boogie-woogie entre outros ritmos e começaram a ver muito mais filmes produzidos em Hollywood. Passaram a voar nas asas da Panair (Pan-American), deixando para trás os “aeroplanos” da Lati e da Condor. A boa vizinhança apresentava-se como uma avenida larga, de mão dupla, isto é, um intercâmbio de valores culturais entre duas sociedades. Na prática, a fantástica diferença de recursos de difusão cultural dos dois países produziu uma influência de direção praticamente única, de lá para cá.⁴⁴

⁴³ Cf. MOURA, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1984; TOTA, Antonio Pedro. O imperialismo sedutor - a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Sobre a família Friele, ver: Disponível em <www.friele.no/brazil/museu/> Acesso em maio de 2006.

⁴⁴ MOURA, Gerson. op.cit, pp.7-12.

O surgimento do Office representou um marco no processo de sistematização da propaganda pan-americana nos países da América Latina e, sobretudo no Brasil. Todavia, tais medidas não inibiram a continuidade da política armamentista de Hitler. A corrida por novas áreas de influência ocasionou disputas que afetaram as Américas. Mesmo desfavorável em comparação aos norte-americanos⁴⁵, os alemães permaneceram como importantes parceiros comerciais e políticos dos governos da região. No caso brasileiro, essa relação possibilitou ao Presidente Vargas desfrutar relativa autonomia no período entre 1937-1939, que o fazia pender ora aos Estados Unidos, ora a Alemanha, conforme os interesses em jogo.⁴⁶

Com o avanço das tropas alemãs sobre a Europa no primeiro semestre de 1940, o apoio do Brasil ao governo norte-americano parecia cada vez mais distante. O discurso proferido por Vargas a bordo do encouraçado Minas Gerais em 11 de Junho de 1940 demonstrou habilidade do mandatário na condução da política externa. Reafirmando a solidariedade entre os povos do continente e a neutralidade brasileira no conflito europeu, o Presidente do Brasil utilizou-se de idéias que naquele momento estavam afinadas com os líderes fascistas. Referindo-se indiretamente ao êxito nazista, dizia:

Atravessamos nós, a humanidade inteira transpõe, um momento histórico de graves repercussões, resultante de rápida e violenta mutação de valores. Marchamos para um futuro diverso do quanto conhecíamos em matéria de organização econômica, social, política, e sentimos que os velhos sistemas e fórmulas antiquadas entram em declínio. Não é, porém, como pretendem os pessimistas e os conservadores empedernidos, o fim da civilização, mas o início, tumultuoso e fecundo, de uma nova era. Os povos vigorosos, aptos à vida, necessitam seguir o rumo de suas aspirações, em vez de se deterem na contemplação do que desmorona e tomba em ruína. É

⁴⁵ Para que se tenha uma noção do poderio econômico dos Estados Unidos, segundo Corsi, “em 1937 a renda nacional norte-americana montava a 68 bilhões de dólares, mais de três vezes superior à do Império Britânico (22 bilhões) e à da URSS (19 bilhões) (...) os EUA detinham 35% da produção manufatureira mundial, contra 14,1% da URSS e 11,4% da Alemanha”. Cf. CORSI, Francisco. op.cit, p.51.

⁴⁶ Como explicita Corsi, os interesses se concentravam em investimentos na indústria, equipamentos militares que fizessem do Brasil uma potência regional e a diversificação da economia. Cf: Idem, p. 74

preciso, portanto, compreender a nossa época e remover o entulho das idéias mortas e dos ideais estéreis, dos personalismos inúteis e semeadores de desordem.⁴⁷

O principal intento do governo brasileiro era buscar formas para promover a diversificação da economia, apoiada no investimento de capitais externos.⁴⁸ A origem destes foi delineada a partir do segundo semestre de 1940, quando gradativamente aumentava a participação dos Estados Unidos no conflito - por meio de empréstimos e arrendamentos de navios e armas à Grã-Bretanha.

Mesmo antes do ataque japonês a Pearl Harbor, em dezembro de 1941, Roosevelt procurou estabelecer parcerias políticas e militares com Vargas. No campo político, as negociações versavam sobre a utilização de bases no Nordeste brasileiro por forças armadas norte-americanas e concessão de créditos para a construção de uma usina Siderúrgica. Além disso, em maio de 1941 ficou definido que o Brasil deveria exportar estritamente para os Estados Unidos a sua produção de cobre, bauxita, diamantes, mica e borracha.⁴⁹

No campo militar, os acordos foram estabelecidos por meio da concessão de empréstimos ao governo brasileiro para a compra de materiais bélicos. Mesmo dependendo da anuência do governo Roosevelt para adquirir esse material, a

⁴⁷ VARGAS, Getúlio. A Nova Política do Brasil. Rio de Janeiro: J.Olympio, [1938-1941] Vol. VII, pp.331-335. Ao ser questionado sobre o impacto do discurso de Vargas entre os membros do governo brasileiro pró-americanos como ele próprio, Mauricio Nabuco e Osvaldo Aranha, o ministro Vasco Tristão Leitão da Cunha disse. “Lembro muito bem. Todos ficamos assustados, porque era uma tomada de posição antiamericana. E anti-Inglaterra, que o Getúlio não gostava da Inglaterra, e anti-França. O presidente Roosevelt, no dia seguinte da publicação do discurso em Nova York, mandou perguntar se o Getúlio estava indigitando os Estados Unidos como contrários aos interesses do continente e da paz. Fez isso através do nosso embaixador em Washington, Carlos Martins Pereira de Sousa. Getúlio respondeu que aquilo era matéria de consumo interno”. CUNHA, Vasco Tristão Leitão da, 1903-1984. Diplomacia em alto mar: depoimento ao CPDOC; entrevista Aspásia Camargo, Zairo Cheibub, Luciana Nóbrega. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 80.

⁴⁸ Note que em nenhum momento a participação do capital externo era contraditória com o nacionalismo do governo. Segundo Corsi “(...) a emancipação econômica não significava confronto com os capitais externos, mas um novo patamar de relacionamento, que buscava, de um lado, resguardar a soberania nacional e, de outro, criar as bases para o Brasil integrar a economia mundial como um país industrializado, contando para isso com a ajuda externa”. CORSI, Francisco. op.cit, p.164.

⁴⁹ Apud: Idem, p.176.

compra de armamentos resolvia momentaneamente dois problemas políticos de Vargas. Por um lado, atendia as constantes reivindicações dos militares que clamavam por modernização dos equipamentos – em comparação as Forças argentinas. Entretanto, enfraquecia os que defendiam uma maior aproximação das Forças Armadas brasileiras com os exércitos alemães e seus materiais fornecidos pela Krupp.

O presidente norte-americano sabia que para ter o apoio brasileiro deveria ceder em alguns pontos. A III Reunião de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, realizada em janeiro de 1942 comprovou isso. Convocada pelos Estados Unidos para discutir o ataque japonês e a posição dos países do continente no conflito, o encontro expôs as dificuldades em alcançar o consenso, em parte dificultado pelas posições contrárias de Argentina e Chile. Devido a laços estreitos com a Alemanha, estes países não coadunavam com a idéia advogada pelos norte-americanos, de neutralidade e não-beligerância.⁵⁰

Para o governo estadunidense, uma derrota na conferência representava uma vitória política do Eixo nas Américas. Assim, precisou oferecer aos participantes um amplo programa de auxílio econômico, político e militar que garantisse o apoio do continente americano, vital para a estratégia de defesa norte-americana. Como país anfitrião da reunião e por seu peso político e econômico, o Brasil recebeu atenção especial. Em telegrama a Vargas, Roosevelt parecia compreender a posição brasileira:

Não passou-me despercebida a referência em seu discurso de 31 de dezembro sobre os elementos materiais de que ainda necessitamos. A despeito das novas

⁵⁰ A efervescência do período pôde ser vivenciada por meio das palavras do prefeito de Nova York, La Guardia, que não entendia a posição tomada por Argentina e Chile na conferência: “No nosso hemisfério não há mais lugar para a neutralidade. Quem não está com os Estados Unidos e com o Brasil está contra. (...) Numa hora como esta, todo país do Hemisfério Ocidental que não apoiar plenamente o Brasil e os Estados Unidos, será castigado, pelos séculos afora, com a maldição da civilização”. Apud: LESSA, Orígenes. O.K América. Cartas de Nova York. Rio de Janeiro: Companhia Editora Leitura, 1945, p.76-78.

demandas de equipamentos decorrentes da agressão japonesa, eu asseguro a você que seremos capazes de remeter o equipamento esperado. A produção de todos os tipos de armamentos está aumentando muito rapidamente.⁵¹

Ao final da Conferência, o Brasil rompeu relações comerciais e diplomáticas com a Alemanha, Japão e Itália. No cenário político da época, essa medida representou o fim da autonomia do governo Vargas e o alinhamento aos Estados Unidos, caracterizado, sobretudo, pelo anseio de transformar-se numa potência regional.⁵² No ano de 1942, conhecidos simpatizantes do Eixo no Brasil deixaram o governo, entre eles Filinto Muller, chefe da polícia do Distrito Federal; Francisco Campos, do Ministro da Justiça e de Lourival Fontes, Diretor do Departamento de Imprensa e Propaganda.⁵³

Sobre a conferência dos Chanceleres de 1942, o testemunho do ministro da justiça da época, Vasco Leitão, é elucidativo no entendimento dos objetivos dos Estados Unidos na reunião:

Obter a solidariedade ativa do continente, não só admirativa. Os Estados Unidos obtiveram nessa ocasião da América Latina - não no recinto da conferência, porque não era tema, mas durante a conferência – uma coisa que nunca é repetida o bastante: pediram-nos que não deixássemos desvalorizar o dólar, para não custar tanto ao povo americano as compras que eles nos faziam, e concordamos. Se o Brasil e os outros países mantivessem alto o valor do seu dinheiro, essas compras iriam sair muito caras para os americanos. Mas se o Brasil tivesse deixado o câmbio livre, não teríamos precisado dos empréstimos que tivemos que fazer depois. De maneira que os países latino-americanos que fixaram o câmbio oficial prestaram esse imenso serviço aos Estados Unidos. Todo o auxílio que veio dos Estados Unidos depois teria sido dispensado.⁵⁴

⁵¹ Apud: CORSI, Francisco. op.cit, p. 188.

⁵² Embora a dependência aos Estados Unidos aumentasse, Vargas procurava colocar o Brasil como potencia associada, potencia regional que teria papel relevante no pós-guerra. Essa posição materializou-se por meio de duas propostas brasileiras após 1942: um assento no Conselho de Segurança da ONU e o envio de uma Força Expedicionária para a Guerra.

⁵³ Sobre o episódio de demissão de Filinto Muller, Vasco Leitão disse: "Getúlio quis recompor tudo e não conseguiu. Não conseguiu, porque o Góes Monteiro e o Dutra jogaram a espada na balança. Fomos todos despedidos, Campos, Filinto e eu, e de lambuja saiu o Lourival Fontes, o homem do DIP. Lourival Fontes foi despedido porque o Góes e o Dutra declararam ao presidente que em tempo de guerra o DIP devia ser manobrado pelos militares. Assim como a Alzirinha e o Amaral Peixoto, o Lourival era a favor dos Estados Unidos. E desgostou muito os militares porque mandou um telegrama circular aos DIPS dos estados dizendo: 'É proibido noticiar que o chefe de Polícia foi preso. De maneira que todo mundo ficou sabendo (...)'. CUNHA, Vasco Tristão. op.cit, p. 92.

⁵⁴ Idem, p. 99.

Portanto, qualquer interpretação benevolente acerca da influência norte-americana no período deve ser colocada sob suspeição. Era evidente – como demonstrado anteriormente – que a questão econômica era a diretriz que orientava as decisões tomadas pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. A diferença entre essa nova orientação e a exercida no início do século XX foi à incorporação de técnicas de comunicação propagandística que agregava novos estudos da indústria cultural. Durante esse período, vários intelectuais europeus refugiavam-se nas universidades norte-americanas expatriados pelas perseguições do regime nazista.

Se na esfera oficial os acordos entre Estados Unidos e Brasil foram selados fundamentalmente nos campos político e econômico, na esfera ideológica a disputa em torno do apoio da opinião pública brasileira foi marcada por intensa batalha cultural entre norte-americanos e alemães. Nesse embate, foram empregados inúmeros instrumentos de propaganda que contavam com a ampla utilização de símbolos e películas cinematográficas, exposições, notícias, livros e transmissões radiofônicas. Em meados dos anos de 1930, os filmes de origem itálico-germânica eram assistidos por inúmeros expectadores, formados em sua maioria de imigrantes.

Para se ter uma idéia de como a utilização dos meios de comunicação estava avançada na Alemanha, a partir de 1933 foi instalada, obrigatoriamente em locais públicos como restaurantes, praças e fábricas, rádios com potentes alto-falantes. Existia um funcionário do governo conhecido como “Guarda de Radio” cuja função era fiscalizar o cumprimento da lei. Além de disseminar os discursos dos partidários nazistas, a rádio tinha a importante missão de informar às comunidades que viviam no exterior sobre a constituição do Grande Reich. Enquanto no início do

governo hitlerista havia uma estação de ondas curtas transmitindo para fora do país, em 1943 o número aumentara para 130 estações que transmitiam para 53 línguas.⁵⁵

Um exemplo esclarecedor destas disputas no campo cultural foi a atuação do governo italiano no Brasil. Desde a ascensão de Mussolini ao poder em 1922, o sistema de divulgação do regime fascista sofisticava-se ao ponto de em 1928 surgir na Itália o Escritório de Imprensa do Ministero degli Affari Esteri e o Escritório de Imprensa do chefe de governo. Os dois órgãos ficaram a cargo da propaganda direcionada aos italianos no estrangeiro, realizada por meio do rádio e de breves filmes exaltando a pujança do regime. Com o incentivo das agências italianas, durante o período entre 1933 a 1939 foram criadas no Brasil várias associações culturais Itália-Brasil que difundiam o ideário do fascismo por meio de palestras ou na edição de livros.⁵⁶

É importante ressaltar que esta maciça propaganda dos alemães e italianos no período mencionado não implicou na inércia, por parte do governo dos Estados Unidos, em incentivar a produção de filmes e notícias que enaltecesse as idéias deste país. Além da superioridade nas transmissões radiofônicas em português irradiadas para o Brasil, os norte-americanos estavam na dianteira quanto ao total de filmes exibidos e na quantidade de notícias divulgados nos jornais brasileiros.⁵⁷

⁵⁵ PEREIRA, Wagner Pinheiro. op. cit., p. 69.

⁵⁶ Cf.: Bertonha, João Fábio. Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943. Revista de História Regional. Santa Catarina, vol. 5, nº 2 – Inverno de 2000. Nesse artigo, discutem-se as várias iniciativas do governo italiano para difundir as idéias do fascismo no Brasil. Um dado citado no texto e que mostra como era intensa a disputa ideológica na época, diz respeito ao número de horas de transmissão radiofônicas em português, transmitidas para o Brasil do exterior em 1939: Estados Unidos: 63 horas; Alemanha: 56 horas; Reino Unido: 20 horas; Itália: 10 horas e Japão: 7 horas.

⁵⁷ Os números citados por relatórios do governo italiano eram, respectivamente, relacionados ao total de filmes exibidos no Brasil em 1937 e quanto esse total representava em metros: Estados Unidos: 1324 (1.179.932); França: 138 (107.435); Itália: 35 (24.552); Reino Unido: 23 (27.531); Portugal: 11 (13.365); Brasil: ? (120.941). Em relação ao número de telegramas, os dados mostram que a Agência Nacional (Brasil) era a líder (1.961) um pouco acima da Associated Press (EUA) com 1.847

Após duas semanas do ataque a Pearl Harbor, o congresso norte-americano aprovou uma lei que garantia ao Presidente Roosevelt o poder de estabelecer a censura sobre todas as comunicações postais, telegráficas e radiofônicas. Com essa medida, procurava controlar as informações que eram repassadas aos outros países, evitando o envio de informações confidenciais que pudessem colocar o país em perigo ou que de alguma forma, veiculasse imagens negativas sobre os estadunidenses.⁵⁸

Em palestra pronunciada no Hotel Terminus em novembro de 1942, o chefe da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado dos Estados Unidos da América, Charles A. Thomson traçou um paralelo interessante sobre as diferenças entre a propaganda norte-americana e a nazista:

Bem diferente da forma Nazista de propaganda “destrutiva”, é o programa de relações culturais, que, embora se assemelhe, em alguma de suas fases, ao segundo tipo de propaganda, denominado “instrutivo”, tem, entretanto, o seu cunho particular. Ambos os tipos de propaganda que acabamos de mencionar são essencialmente unilaterais; ao passo que as relações culturais são intrínsecas e necessariamente recíprocas. A técnica da propaganda se assemelha em geral, a da publicidade; isto é, procura doutrinar pela influência. A técnica das relações culturais é a mesma que a da educação, na sua acepção original de “guiar para fora”. A propaganda procura cultivar uma atitude receptiva ou favorável, um estado do espírito que poderíamos denominar de “boa vontade”. Visam as relações culturais um efeito mais profundo e duradouro, a criação de um espírito de intercompreensão. A boa vontade é um estado das emoções, que com facilidade poderá desaparecer. A intercompreensão é duradoura. Perdurará por ser fruto da inteligência, arraigado no espírito, e na convicção, que por sua vez se fundamentou no conhecimento, não sendo obra leviana da emoção ou sentimentalismo.⁵⁹

telegramas. A Transocean alemã era a penúltima com 5.279 e a Stefani italiana era a última agência com 3.071 telegramas postados em jornais brasileiros. Apud: Bertonha, João Fábio. Idem, p.25.

⁵⁸ O Serviço de Censura contava em 1941 com 14462 pessoas. Os censores examinavam tanto quanto possível o correio para o estrangeiro, como também liam cerca de 350000 cabogramas e controlavam 25000 chamadas telefônicas numa só semana. EMERY, Edwin. História da imprensa nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1965, p. 652.

⁵⁹ O PAPEL DAS RELAÇÕES CULTURAIS NO TEMPO DE GUERRA. Palestra pronunciada pelo Sr. Charles A. Thomson, chefe da Divisão de Relações Culturais do Departamento de Estado dos Estados Unidos, no almoço oferecido pelo clube universitário da União Cultural Brasil- Estados Unidos, no dia 21 de novembro de 1942. In: Vida Intelectual nos Estados Unidos. Palestras promovidas no ano de 1942, p.380.

O trecho do discurso é elucidativo, pois sintetizava os principais pontos da propaganda realizada em pleno contexto de guerra mundial. A oposição entre “destrutiva” e “instrutiva” quanto à qualificação de divulgação ideológica constituía-se em uma ferramenta eficaz na delimitação entre o “bem” e o “mal”. Dessa forma, e levando-se em consideração o público alvo da palestra, era preciso deixar evidente que os esforços realizados na época pelo serviço diplomático dos Estados Unidos representavam a “boa” propaganda, e que traria dividendos para os parceiros. Por sua vez, existia a construção ideológica nazista, assimétrica ao discurso pan-americanista, e que carregava em seu bojo valores como autoritarismo, extermínio, dominação e destruição.

A analogia feita entre propaganda e publicidade pelo autor revela, em primeiro lugar, que a primeira poderia ser construída a partir da tomada de dados factuais realizados por institutos de opinião e “traduzidas” pelos profissionais ligados à segunda área citada. Assim, mais importante que constituir relações de boa vontade - que afinal era um “estado de emoções” – a presença do pan-americanismo nas Américas poderia criar as condições necessárias para a disseminação de produtos norte-americanos no pós-guerra.

A leitura do texto nos permite inferir o caráter pedagógico da propaganda. Ao compará-la com a educação, reafirma-se a idéia de que na condição de país mais civilizado das Américas, era preciso “orientar” a leitura dos “irmãos” latino-americanos acerca da conjuntura internacional. Em face dos altos índices de analfabetismo, a propaganda aliada à publicidade comercial poderia ser uma ótima oportunidade de consolidar definitivamente a hegemonia dos Estados Unidos.⁶⁰

⁶⁰ A mesma palestra trazia as Resoluções do Comitê Consultivo Geral do Ministério Exterior dos Estados Unidos:

1- O Comitê Consultivo Geral da Divisão de Relações Culturais recomenda o desenvolvimento intensivo das relações culturais entre o povo dos Estados Unidos e os outros povos livres do mundo,

1.2. O Office e a construção do Pan-Americanismo.

Ao produzir material que assegurasse uma boa imagem norte-americana, o Office disseminava valores do americanismo (progresso, ciência, tecnologia, abundância, racionalidade, eficiência e gerenciamento científico), ao mesmo tempo em que transmitia a imagem dos “Estados Unidos como portadores do segredo do progresso e, o que era mais importante, estava “disposto” a compartilhá-lo com o Brasil”.⁶¹

O Office produzia diversas publicações direcionadas à América Latina. No Brasil, destacaram-se os folhetos que exaltavam o combate ao perigo alemão: Lídice, Heróis Verdadeiros e Sonho Alemão. Entre os pôsteres, os mais populares eram A marinha de dois oceanos, Não deixemos o Eixo meter suas garras nas Américas, Lutamos pela liberdade de todos, e um com título bastante sugestivo, A união faz a força. Em comum, estes panfletos traziam a mensagem de que a ação de cada indivíduo seria o suficiente para afastar o perigo alemão do continente. Contudo, essa tarefa somente alcançaria êxito se houvesse a união de todos no enfrentamento ao inimigo externo. Em entrevista a Orígenes Lessa no ano de 1942, o ator inglês Charles Chaplin criador da célebre personagem Carlitos, sintetizou o papel das Américas:

É com verdadeiro entusiasmo que eu vejo a América inteira levantar-se, certa de que há um inimigo comum às portas, o nazismo, e que esse inimigo precisa ser destruído, ou seremos todos devorados. (...) Nunca a Alemanha seria capaz de assumir diante do homem, como unidade, uma atitude humana. E é preciso

com o fim de se fomentarem relações internacionais de valor, numa base de intercompreensão e reconhecimento mútuo.

2-O programa de relações culturais deve estender-se continuamente por longo prazo, com atividades que se adaptem de modo realístico às circunstâncias e às necessidades, em tempos normais tanto como em tempos de emergência.

3-O programa deverá ser tão amplo quanto as próprias atividades intelectuais e culturais, abrangendo o intercâmbio nos setores das artes, das ciências, da tecnologia, das letras, e da educação, e em todos os setores da vida social e econômica.

4- Esse intercâmbio deverá beneficiar a todos os países que participarem do programa, estendendo-se a todos os grupos da população. Deverá fomentar o bem-estar geral das populações e contribuir para a preservação da liberdade intelectual e cultural. Idem, p. 376.

⁶¹ TOTA, Antonio Pedro. op.cit, p. 180.

combater até à destruição esses assassinos da cultura, esses bárbaros que desprezam o indivíduo. (...) O mundo só será salvo quando salvarmos a unidade humana.⁶²

Hollywood contribuía de diversas formas para a efetiva recepção do pan-americanismo nas Américas. Exaltando a política da boa vizinhança, o ator Douglas Fairbanks Jr. em palestra no auditório de “A Gazeta” em maio de 1941, explicava a importância em ter boa vontade para derrotar o perigo alemão:

Achamos que deve ser algo de permanente, se é que o Novo Mundo deva continuar a desenvolver-se e constituir a salvação do cansado e mal ferido Velho Continente. Será função nossa – e é grande a tarefa que se nos depara – auxiliar o Velho Mundo, quando toda esta calamidade tiver passado. E, para que o consigamos, é necessário que primeiramente nos auxiliemos a nós mesmos, jamais admitindo que entre nós medre o derrotismo, incentivando a coragem e a bravura, como o fizemos quando aportamos a estas praias para construir este mundo novo.⁶³

A similitude na fala de ambos os artistas, principalmente no que se referia à construção do discurso histórico, se baseava na suposta longa unidade entre os povos do “Novo Mundo”, e descartava as particularidades socioeconômicas que diferenciaram a vinda de ingleses para o norte e de ibéricos e hispânicos para o sul. Também chama a atenção a dicotomia feita entre o velho e o novo, ou seja, a Europa e suas guerras seculares relacionadas à religião e ao nacionalismo exarcebado. Pelo discurso deveriam ceder lugar ao dinâmico mercado capitalista, que florescera na América ao final da Primeira Guerra Mundial, e que sofrera um breve eclipse com a depressão econômica dos anos 1930.

Se na esfera artística havia semelhanças em relação ao ideário pan-americano, também na esfera pública os políticos das Américas professavam as suas crenças na triunfante ideologia forjada pelo Departamento de Estado norte-americano, irmanados com a burguesia daquele país. Em um discurso proferido em

⁶² LESSA, Orígenes. op.cit, pp. 124-25.

⁶³ Palestra: Relações Culturais e Econômicas entre o Brasil e os Estados Unidos. Douglas Fairbanks Jr. 05 de maio de 1941, auditório de “A Gazeta”.

29/06/1940, o presidente brasileiro Getúlio Vargas, delineou o que seu governo entendia por pan-americanismo. Nota-se no trecho não somente o caráter pragmático da posição brasileira na busca por cotejar recursos para a indústria de base, como sua estrutura estava em sintonia com o famoso discurso de 10 de junho que causou alvoroço nos Estados Unidos e Europa. Afirmava Vargas:

Vivemos num continente de civilização jovem, em que a luta mais árdua é ainda a do aproveitamento dos abundantes recursos que a Natureza nos oferece. Habitados a cultivar a paz como diretriz de convivência internacional, continuaremos fiéis ao ideal de fortalecer a união dos povos americanos. Com eles estamos solidários para a defesa comum em face de ameaças ou intromissões estrangeiras, cumprindo, por isso mesmo, abster-nos de intervir em lutas travadas fora do continente. E essa união, essa solidariedade (...) deve basear-se no mútuo respeito das soberanias nacionais e na liberdade de nos organizarmos politicamente segundo as próprias tendências, interesses e necessidades. O nosso pan-americanismo nunca teve em vista a defesa de regimes políticos (...).⁶⁴

Existia a preocupação por parte do Office, em apontar com quais recursos naturais cada um dos países latino-americanos contribuiria para a ofensiva final contra o Eixo. Bauxita, estanho e cobre eram transportados às fábricas americanas e transformados em aviões, tanques, rifles e radiotransmissores.

A mudança de status nas relações Brasil - Estados Unidos provocou o redirecionamento na política do Office. Até a entrada dos norte-americanos no conflito em dezembro de 1941, as diretrizes dessa agência focavam as áreas comercial-financeiras, relações culturais, educação e informação. Porém, garantido o apoio brasileiro, as operações da agência cindiram-se em “guerra econômica” e “guerra psicológica”.⁶⁵ O primeiro item efetivou-se à medida que os empréstimos do Export and Import Bank financiavam a construção da Companhia Siderúrgica

⁶⁴ Apud: COTRIM, Livia Cristina Aguiar. O ideário de Getúlio Vargas no Estado Novo. Mestrado em História. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998, p. 191.

⁶⁵ As operações da Divisão de Comunicação (radio, cinema e imprensa) foram transferidas de Nova York para Washington. A Divisão de Relações Culturais teve inúmeros projetos cancelados e passou a ser denominada como Science and Education Division e incorporada ao Departamento de Informação, com uma corporação subsidiária, a Inter-American Educational Inc., criada em 1943 para implementação do programa nas outras repúblicas americanas. Cf.: Tacuchian, Maria de Fátima Granja. Panamericanismo, propaganda e música erudita: Estados Unidos e Brasil (1939-1948). Doutorado em História. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.p.78.

Nacional e a modernização das Forças Armadas brasileiras. O front psicológico materializou-se no maciço investimento do governo Roosevelt em divulgar e patrocinar códigos culturais que reforçasse o traço de unidade dos povos americanos. Dessa forma, os caracteres históricos, geográficos e culturais eram invocados contra a ameaça de uma cultura alheia – em particular a alemã – no continente.

Foi neste período que, por exemplo, as missões de cientistas, artistas, professores e cineastas norte-americanos percorreram a América do Sul divulgando a cultura, a História, a Lingüística, o Cinema e a Música dos Estados Unidos. No caminho inverso, muitos estudantes dirigiram-se às universidades norte-americanas e foram organizadas várias exposições que mostravam a História, a arte e os valores de diversos povos latino-americanos.

Em 15 de junho de 1938, foi criada na cidade de São Paulo a União Cultural Brasil – Estados Unidos. Sem fins lucrativos, compunham-se de diplomados por qualquer escola superior, estudantes, intelectuais, comerciantes e demais interessados no seu objetivo principal: o estreitamento das relações culturais entre o Brasil e os Estados Unidos da América.

Eram promovidas palestras com os mais diversos segmentos da sociedade – engenheiros, professores, escritores, empresários, diplomatas, convidados estrangeiros. Os textos eram publicados em livros pela Editora Universitária de São Paulo. Para essa pesquisa foi realizada a leitura de dois volumes referentes respectivamente aos anos de 1941 e 1942. Ambos eram denominados com o título “União Cultural Brasil – Estados Unidos. Vida Intelectual nos Estados Unidos”.

No volume I escreveram os seguintes conferencistas: A.C Pacheco e Silva; Clarita Pacheco e Silva; Cásper Libero; Décio de Almeida Prado; Douglas Fairbanks Junior; Francisco Soares de Camargo; Helena Iraci Junqueira; Henrique Lindenberg Filho; Jorge Americano; Lewis Hanke; Maria da Conceição M. Ribeiro; Melville Herskovits; Noemi Silveira Rudolfer; Roberto Moreira; Rone Amorim e Trajano Pupo Neto.

No volume II tiveram suas conferências publicadas: A. C Pacheco; Alonso Aníbal da Fonseca; Anfilófilo Freire Carvalho; Armando de Arruda Pereira; Bárbara Hadley; Campos Jnr.; C.A Krug; Cecílio J. Carneiro; Charles Thompson; Chiquinha Rodrigues; Demóstenes Orsini; Francisco Da Silva Jnr. Frank B. Freemam; Jorge M. Rodrigues; José Melo Moraes; José V. Pedroso Chagas; Maurício da Rocha e Silva; Moacir E. Álvaro; Moicir Vasconcelos; Roberto Franco do Amaral; Roberto Mange; Rone Amorim; Samuel Marino Politi; Silvio Magalhães Padilha; Teotônio M. de Barros e Willard Quine.

Para atingir os objetivos traçados, a União Brasil – Estados Unidos elaborava as seguintes atividades:

- a) Recepção de personalidades norte-americanas que vierem ao Brasil, facilitando-lhes o pleno conhecimento do meio, do homem e institutos de cultura em geral, mantendo para tal fim comissões permanentes especializadas;
- b) Concessão e encaminhamento de bolsas de estudos. Visitas de intercâmbio, viagens de estudos e facilidade para transporte e hospedagem, para os associados;
- c) Realização de cursos, competições, conferências, palestras e reuniões, inclusive o ensino da língua e literatura de ambos os países;

- d) Divulgação e publicação por todos os meios, de obras científicas, literárias e artísticas, assim como guias sobre instituições culturais brasileiras e norte-americanas, premiando as melhores obras e traduções;
- e) Organização de uma biblioteca interamericana;
- f) Melhor conhecimento do Brasil e coisas brasileiras nos Estados Unidos Da América, e deste país no Brasil, promovendo a aproximação dos seus homens e organizações particulares e oficiais;
- g) Sugestão às entidades públicas ou particulares de medidas que venham contribuir para maior intercâmbio cultural.⁶⁶

Por meio de acordos com instituições culturais, como o Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMa) dirigido por Nelson Rockefeller, o Office fomentava uma plêiade de programas que buscavam o conhecimento mútuo das culturas latino-americanas. Em 1940, duas iniciativas consolidaram a parceria entre os governos dos Estados Unidos e do Brasil: em agosto o pintor brasileiro Candido Portinari participou de uma exposição com seus quadros que foi bastante elogiada pelos jornais norte-americanos. A partir de então, iniciou-se as negociações para a criação de um museu de arte moderna no Rio de Janeiro.⁶⁷

Ainda nesse mesmo ano chegava ao país o maestro Leopoldo Stokowski, patrocinado pelo Departamento de Estado dos Estados Unidos. Na sua estadia no Rio de Janeiro, realizou dois concertos no Teatro Municipal obtendo grande repercussão. Com a ajuda de Villa Lobos, reuniu a “nata” da música popular da

⁶⁶ Texto de apresentação da entidade. Cf. União Cultural Brasil – Estados Unidos. Vida Intelectual nos Estados Unidos. Palestras promovidas no ano de 1941. Volume I. São Paulo: Editora Universitária.

⁶⁷ Mauad, Ana Maria. Genevieve Naylor, fotógrafa: Impressões de viagem (Brasil, 1941-1942). Revista Brasileira de História. São Paulo, v.25, nº49, p.48.

época como Pixinguinha, Donga, João da Baiana, Cartola e a dupla Jararaca e Ratinho e gravaram dois álbuns intitulados "Native Brazilian Music".⁶⁸



Figura 1: Villa Lobos em apresentação nos Estados Unidos. Em Guarda, Ano 4, n.º 4 p. 29.

⁶⁸ Cf. Disponível em < www.museuvillalobos.org.br >. Acesso em novembro de 2008. É importante destacar que o maestro Villa Lobos seria convidado a dirigir algumas das mais importantes orquestras dos Estados Unidos somente em 1944 (Recebe, no Occidental College de Los Angeles, o título "Doutor em Leis Musicais").

Em 1940 desembarcou no Brasil a fotógrafa norte-americana contratada pelo Office, Genevieve Naylor. Sua missão era fotografar paisagens e personalidades que fizessem a aproximação entre brasileiros e norte-americanos, reforçando os laços de amizade entre ambos. Muito popular nos círculos sociais do Rio de Janeiro da época, Naylor não escapou da vigilância que o Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) exercia em relação às publicações. Quando foi expedida a autorização para o trabalho de Naylor no Brasil, os aspectos sugeridos eram:

arquitetura moderna (prédios governamentais); casas dos bairros nobres, como a Lagoa, Gávea e Ipanema; interior de casas importantes e elegantes no bairro do Flamengo; os domingos de sol nas praias de Copacabana e Ipanema; as corridas de cavalo no Jockey Club; os veleiros e iates na baía de Guanabara; o comércio exclusivo da rua do Ouvidor e as obras de caridade da primeira dama, Darcy Vargas.

⁶⁹

Qualquer alusão a elementos da cultura regional que colocassem em xeque a unidade política do Brasil, assim como manifestações relacionadas às camadas populares era censurada pelo DIP. Com isso, buscava-se transmitir a imagem para o exterior de uma nação calcado no modernismo de seus prédios, nas belezas naturais das praias e na ação assistencialista das elites em prol dos mais necessitados.

Outro exemplo do périplo de personalidades pelas Américas foi a série de conferências proferidas pelo escritor gaúcho Érico Veríssimo na Universidade da Califórnia, no decorrer do ano de 1943. Convidado pelo Departamento de Estado, Veríssimo concentrou a sua fala nas possibilidades da literatura em promover o diálogo interamericano. Segundo o autor, a identidade do brasileiro estava presente

⁶⁹ Apud Mauad, p. 52. Naylor chegou ao Brasil em outubro de 1940 e, devido a burocracia por parte do DIP, a autorização foi expedida somente em 1942. Sobre as dificuldades em trabalhar no Brasil, ela confidenciou: “o filme está sendo racionado para todos... eu não posso me dar ao luxo de fotografar tudo o que quero. Eu tenho de ter um maldito cuidado na hora de escolher as minhas imagens e torcer para que a exposição tenha sido calculada corretamente”.

no traço mestiço presente em obras como *Macunaíma* de Mário de Andrade.⁷⁰ Na apresentação da primeira conferência em setembro de 1943, Veríssimo afirmou:

(...) interpreto o interesse de vocês pela literatura brasileira como sendo resultado dum desejo de conhecer o Brasil e seu povo. Não me parece que a literatura brasileira seja coisa de importância universal, mas estou certo de que a melhor maneira de compreender uma nação é ler a obra de seus escritores. Hoje, mais que nunca, nós os americanos do norte, do centro e do sul, precisamos conhecer-nos melhor. O Brasil que vocês conhecem é um Brasil falsificado, feito em Hollywood, que em geral nos apresenta ou como um país de opereta, em que homenzinhos que vestem fraque, usam cavanhaque e gesticulam como doidos beijam na rua em plena face outros homúnculos igualmente grotescos; ou então com os recursos do technicolor nos mostram como uma terra de mirabolantes maravilhas. Não somos nem ridículos nem sublimes. Na minha terra, como aqui, há de tudo. Neste meu curso- que será a negação do academicismo, do formalismo e de qualquer outro ismo – procurarei mostrar a vocês o estofado de que nós brasileiros somos feitos. Está claro que não somos chamados a escolher os nossos próprios antepassados, nem o clima ou o aspecto físico do meio em que vivemos. Somos... o que somos.⁷¹

Ressalte-se o fato que, mesmo a convite oficial, Veríssimo explicitou a sua discórdia em relação à construção da imagem que os filmes de Hollywood faziam dos brasileiros. No final do seu livro *Gato Preto em Campo de Neve* há uma breve entrevista na qual expõe detalhadamente o que pensava sobre a integração do continente. Segundo Érico Veríssimo, a maioria dos americanos ignoravam os brasileiros e a sua cultura. Foi preciso o início da Segunda Guerra Mundial e o perigo nazista nas Américas para que ambos tomassem conhecimento de suas existências.

Contudo, o escritor entendia que o pan-americanismo deveria ser pragmático. Assim como os Estados Unidos almejavam novos horizontes para os seus produtos, a contrapartida para “nós” também deveria ser a venda de

⁷⁰ A chegada de Veríssimo foi noticiada da seguinte forma pela revista *LEITURA* do Rio de Janeiro: “O romancista Érico Veríssimo já se encontra em Los Angeles, Estados Unidos, onde dará um curso de língua e literatura do Brasil. Falando a imprensa americana, disse o autor de “Caminhos Cruzados” que são praticamente ilimitadas as possibilidades de um intercâmbio cultural entre o Brasil e os Estados Unidos. Salientou a utilidade das tradições de livros americanos e brasileiros como um dos melhores instrumentos para uma mútua compreensão dos dois povos”. Apud: Machado, Ronaldo. *Entre o centro e a periferia: Érico Veríssimo nos Estados Unidos*. Texto apresentado no VI Encontro do “Brasilianisten – Gruppe in der ADLAF”, realizado em 10/2004, Berlim.

⁷¹ VERÍSSIMO, Érico. *Breve História da Literatura Brasileira*. São Paulo: Globo, 1995, p.108.

mercadorias no cobiçado mercado daquele país. Ao ser questionado sobre as missões de boa vizinhança, Veríssimo afirma que:

Essa febre de pan-americanismo tem o seu aspecto ridículo. Os Estados Unidos nos ignoram durante centenas de anos. Viram em nós apenas “fregueses”. E de repente, toca a fazer boa vizinhança (...). Mas isso nada tem a ver com um fato indiscutível: a necessidade de fazer que entre o nosso país e os Estados Unidos se processe uma aproximação de caráter mais humano, uma amizade mais compreensiva e assentada em bases mais sólidas.

(...) Acho que essas relações devem repousar sobre bases não só espirituais como também econômicas. O mais é literatura. Devemos partir do princípio do toma lá e dá cá. E da idéia de que não pedimos nem fazemos favores. As trocas se deverão processar numa atmosfera de boa vontade recíproca. Tratemos, pois, de melhorar as nossas relações humanas. De estender por todo o continente essa legenda que é a maior característica do povo norte-americano. Vive e deixa que os outros vivam.⁷²

Veríssimo era um intelectual que vivenciara o período de profissionalização do escritor a partir dos anos 1930. As oportunidades de trabalho se ampliaram, com o ingresso desses profissionais nos jornais e no serviço público. Para Sérgio Miceli, a mudança se evidenciava na:

(...) extensão significativa dos circuitos de comercialização do livro no correr da década de 1930 e, em consequência, uma diminuição do número de obras financiadas pelos próprios autores ou por instituições dotadas de redes próprias de distribuição (o Estado, a Igreja, os grandes órgãos de imprensa, etc.). (...) Pertencendo quase sempre a famílias de proprietários rurais que se arruinaram, os romancistas e seus heróis não tem outra possibilidade senão a de sobreviver à custa de empregos no serviço público, na imprensa (...).⁷³

A polêmica em relação à participação de intelectuais em regimes de exceção política sempre despertou paixões políticas e debates acalorados entre os estudiosos. A dimensão de tal discussão nos foi dada por meio da análise de Ângela de Castro Gomes:

A questão do envolvimento de intelectuais com regimes políticos – sobretudo autoritários, como no caso do Estado Novo – é algo bem mais complexo e instigante. Para se compreender essa dinâmica e o sentido da categoria cooptação, é relevante reconhecer o interesse e até a necessidade de um regime de estabelecer contatos com o meio intelectual. Do mesmo, é interessante e necessário, para os intelectuais, participar de um novo espaço político que a eles se abre, oferecendo tanto oportunidades de tipo financeiro como de prestígio sociocultural. Isto é, essa é uma

⁷² VERÍSSIMO, Érico. Gato Preto em Campo de Neve. Porto Alegre: Editora Globo, 1978, p.573 e p. 574.

⁷³ MICELI, Sérgio. Intelectuais à brasileira. Companhia das Letras, 2001, p. 154 e p. 160.

relação de mão dupla cheia de possibilidades diferenciadas, sendo fundamental atentar para vários pontos, tais como: o “lugar” do aparelho de Estado que demanda a colaboração dos intelectuais; a política que está sendo implementada; e o tipo de participação solicitada. Nesses contatos, portanto, uma variada gama de aproximações, distanciamentos e negociações pode se estabelecer, fazendo com que intelectuais, mais ou menos simpáticos a um regime, possam ser cooptados, ou seja, possam negociar margem de liberdade, já que a aberta e radical oposição nunca é possível.⁷⁴

Além de participar da vida intelectual da época, o escritor gaúcho era editor da editora Globo, presidente da Associação Rio-Grandense de Imprensa e apresentava um programa de rádio na estação Farroupilha. Nota-se pelo trecho o realismo de um pensador que esteve presente in loco nos Estados Unidos, e que visitava os centros universitários daquele país. Portanto, estava fora do círculo diplomático onde as diretrizes do sistema interamericano eram debatidas. Ao opinar sobre o que os norte-americanos deveriam fazer para melhorar as relações com o Brasil, Veríssimo lista uma série de medidas práticas que conclamavam ao leitor ter uma postura de entendimento e não de juiz:

- 1- Parar com as embaixadas de boa vontade, mais formais que práticas. Elas têm um aspecto um tanto grotesco para os nossos olhos maliciosos.
- 2- Conceder melhores condições de negócio a nossos comerciantes.
- 3- Mandar filmes mais aceitáveis sobre o Brasil; e filmes que mostrem a nosso povo certos aspectos nobres e pouco conhecidos dos Estados Unidos. (Vida familiar, universidades, biografias, instituições culturais, histórias em torno da vida do little man.).
- 4- Fazer que certos americanos ricos não pensem que somos nativos a quem eles devem jogar niqueis da amurada de seus iates.
- 5- Instituir um dólar de viagem para permitir que os brasileiros possam ir com mais frequência aos Estados Unidos.

(...) compreender os norte-americanos, sem cair no erro em que eles incidiram com relação a nós, isto é: o uso de fórmulas. Não devemos ver nos Estados Unidos um país de gangsteres, de negociantes sórdidos e de imperialistas ambiciosos. (...) Não

⁷⁴ GOMES, Ângela de Castro. Cultura Política e cultura histórica no Estado Novo. IN: ABREU, Martha, et al. (Org.). Cultura Política e leituras do Passado: historiografia e ensino de História. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007, p. 47. Edward Said complementava a discussão, afirmando que: “o intelectual propriamente dito não é um funcionário, nem um empregado inteiramente comprometido com os objetivos políticos de um governo, de uma grande corporação ou mesmo de uma associação de profissionais que compartilham uma opinião comum. Em tais situações, as tentações de bloquear o sentido moral, de pensar apenas do ponto de vista da especialização ou de reduzir o ceticismo em prol do conformismo são muito grandes para serem confiáveis. Muitos intelectuais sucumbem por completo a essas tentações e, até certo ponto, todos nós. Ninguém é totalmente auto-suficiente, nem mesmo o mais livre dos espíritos. Cf. SAID, Edward. Falar a verdade ao poder. IN: SAID, Edward. Representações do intelectual: as conferencias Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p.90.

há razão para que nos americanizemos nem para que eles se abrasileirizem. O caráter de cada país deverá ser respeitado.⁷⁵

Os exemplos da atuação da fotógrafa Genevieve Naylor e do escritor Érico Veríssimo demonstraram que nem sempre as diretrizes traçadas pelas esferas diplomáticas dos governos cumpridas em sua totalidade. Em muitas situações, graças à percepção individual acerca da realidade que possuíam os atores envolvidos em tais “missões”, gerava críticas às temáticas sugeridas, o que causava constrangimentos que transpareceram em relatórios reservados entre os corpos diplomáticos, ou por meio de registros pessoais deixados por estes embaixadores da Boa Vizinhança.⁷⁶ As divergências não estavam circunscritas a forma como era divulgada o pan-americanismo pela Américas. Existia, no Office, uma cisão entre os que defendiam um investimento maior nos livros e aqueles que comungavam com maiores investimentos em material audiovisual. O primeiro grupo afirmava que “os livros ainda eram o método mais lento, embora o mais sadio de influenciar as pessoas, muito mais que o rádio e o cinema”.⁷⁷

Tendo em vista aos altos índices de analfabetismo nas Américas, a opção pela ampla utilização de fotografias e filmes mostrou-se a mais viável. Era recorrente

⁷⁵ Idem, p. 575.

⁷⁶ Evidenciado por uma carta enviada para a irmã: “O meu primeiro impacto visual não foi a enorme energia da praia de Copacabana ou as avenidas e favelas, mas uma jovem negra sentada, em plena rua do centro, completamente concentrada na elaboração da sua flauta de madeira. Este é o momento em que gostaria de ter a minha câmera na mão! Infelizmente, as autoridades brasileiras confiscaram meu equipamento, enquanto vasculham meu passado para certificar-se de que não sou nenhuma quinta-coluna subversiva”. Apud: Mauad, Ana Maria. op. cit, p. 62.

⁷⁷ Essa posição apareceu no relatório Basic Plan redigido pelo representante do Departamento de Estado, Robert Caldwell. Eis o trecho completo: “O Comitê então discutiu a questão de persuadir ao invés de oprimir por opressão Dr. Caldwell achou que de uma maneira geral este país deve se basear na persuasão (...) as publicações não deveriam ser uma grande parte do programa. Ele acha que os livros são um método mais lento, embora possivelmente o mais sadio, de influenciar as pessoas... mas acredita que os resultados com livros deveriam ser bem maiores e bem mais rápidos na América Latina do que aqui, porque na América Latina o grupo relativamente pequeno de pessoas que lêem livros é o grupo que domina a política, os negócios e outros campos (...). O Comitê achou que as revistas deveriam ser incluídas no ramo de notícias ao invés de ser incluídas no ramo de publicações (...) O Comitê achou que a curto prazo, os noticiários seriam da maior influência muito mais que o rádio ou o cinema”. Apud: Mesquita, Silvana de Queiroz Nery. op. cit.

a utilização de caminhões dotados de projetores que percorriam o continente exibindo a cinematografia produzida pelo órgão. A opção pelo audiovisual ficou evidenciada em um catálogo publicado pelo Office, intitulada *The American Republics in Films: a List of 16 mm. motion films on South and Central América and where they can be secured*:

A futura paz mundial depende muito de quanto os povos de diferentes nações se conheçam. O Office of the Coordinator of Inter-American Affairs foi criado pelo governo dos Estados Unidos para promover e acelerar o entendimento entre os povos das nações do Hemisfério Ocidental. Um dos programas do Office está voltado inteiramente para a promoção, dentro dos Estados Unidos, do conhecimento sobre as demais Repúblicas Americanas. Centros Interamericanos foram criados para coordenar e reforçar regionalmente programas interamericanos, tanto nos aspectos culturais quanto nos comerciais. A ênfase recai sobre o uso dos recursos audiovisuais, notadamente, o cinema como uma eficiente e poderosa ferramenta educativa. A divisão de cinema ficou encarregada de divulgar filmes na América do Sul e Central, voltados para ensinar aos nossos vizinhos um pouco mais sobre os Estados Unidos. Da mesma forma, o Office está disponibilizando para audiências norte-americanas um crescente número de filmes voltados para a descrição dos costumes, estilo de vida, tradições, hábitos, educação, ciência e arte das demais Repúblicas Americanas. As páginas seguintes estão voltadas para a apresentação desses filmes a escola, igrejas, clubes e grupos similares nos Estados Unidos, possibilitando-lhes um conjunto variado de opções.⁷⁸

Segundo o historiador Wagner Pinheiro Pereira, as empresas de Hollywood foram incentivadas a produzir filmes com as seguintes características: “exaltando grandes personagens da história latino-americana - como Benito Juarez; ambientando seus filmes no Brasil, México, Argentina ou Cuba; alardeando a supremacia agrícola dos Estados Unidos e demonstrando a existência de solidariedade racial entre os norte-americanos”.⁷⁹

Os estúdios Disney também entraram na cruzada pela integração das Américas. Em 1943 era lançada a película *Alô Amigos*, que resultava de um tour de Walt Disney e seus artistas pelo continente. Apesar do caráter propagandístico da

⁷⁸ Apud Mauad, Ana Maria, op.cit p.58. A autora demonstra que no caso do Brasil, ao invés dos caminhões, um acordo entre o Office e o governo brasileiro possibilitou o envio de 61 projetores de filmes de 16mm.

⁷⁹ PEREIRA, Wagner Pinheiro. op.cit. pp.109-110.

obra, o trabalho do diretor norte-americano era uma boa fonte de entretenimento, em oposição aos filmes de propaganda do cinema russo ou alemão.

Com apenas 42 minutos, *Alô Amigos* era dividido em quatro partes distintas. No primeiro segmento, “Lago Titicaca”, representando o Peru e a Bolívia, o Pato Donald era retratado como um típico turista americano. Com sua câmera fotográfica em mãos, ele explorava os nativos e os costumes regionais, culminando com um arriscado passeio de lhama em uma ponte suspensa. “Pedro” explora as aventuras de um pequeno avião que precisava voar sobre as perigosas montanhas do Chile para resgatar o correio. Em “O Gaúcho Pateta”, o personagem era transportado de um cenário texano para os pampas argentinos, onde deveria aprender o modo de vida dos gaúchos. E, finalmente, “Aquarela do Brasil” apresentava o papagaio José Carioca, que levava Donald a um passeio pelas ruas e clubes noturnos do Rio de Janeiro.⁸⁰

Na construção das personagens do filme, Walt Disney utilizou alguns dos estereótipos que eram identificados com os latino-americanos. Pato Donald era o típico cidadão norte-americano, culto, metódico e de gestos contidos. Panchito, a simpática ave de sombrero, representava a emoção do mexicano, o traço exagerado, de “sangue” latino no qual as disputas eram resolvidas à bala. Finalmente, o simpático carioca Zé Carioca era o arquétipo do malandro carioca que perambulava nos becos do bairro boêmio da Lapa na década de 1930. Além de arrastar milhares de pessoas pelos cinemas das Américas, os “cavaleiros” do pan-americanismo mantinham afastados o perigo externo da eficaz máquina propagandística nazista.

⁸⁰ As informações sobre o filme e outras curiosidades podem ser acessadas no endereço eletrônico: Disponível em <[www. animatoons.com. br/movies/saludos_amigos/](http://www.animatoons.com.br/movies/saludos_amigos/)> Acesso em novembro de 2008.

O filme de Disney foi apenas um exemplo das sugestões que o Departamento de Imprensa e Propaganda brasileiro dera ao Office acerca de como retratar o Brasil nos cinemas. Em memorando datado de setembro de 1941, o DIP listava a “receita” e os temas mais populares para a inserção nas obras cinematográficas produzidas nos Estados Unidos, assim como qual era o papel da censura:

1- O que mais nos agradaria seriam filmes produzidos sobre assuntos brasileiros nos EUA ou no Brasil, com artistas americanos e, quando possível, com o emprego de alguns elementos brasileiros. A principal fonte a explorar, nesse terreno, seriam os episódios ligados a nossa história, como por exemplo, a epopéia dos Bandeirantes, os episódios da catequese pelos jesuítas, as lutas da independência, (como a Inconfidência mineira), os episódios da corte de D. João VI, de D. Pedro I e D. Pedro II, que põem em relevo o espírito nacional brasileiro.

2- Os artistas dos EUA são os mais populares, entre os que o público brasileiro admira. A gradação dessa admiração è, mais ou menos, a mesma do público dos EUA. Entre os artistas nacionais recomendar-se-ia o aproveitamento de algumas figuras mais ou menos familiarizado com o idioma inglês e de categoria artística reconhecida, como Dulcina de Moraes, Sônia Oiticica, Bibi Ferreira, Sady Cabral.

3- Existem no Brasil várias organizações dedicadas à produção de jornais, sobressaindo entre estas as seguintes: Cinédia FilMOTECA Cultural, Botelho Film e o próprio DIP, que edita o Cine – Jornal Brasileiro.

4- Seria muito fácil estabelecer a base de uma permuta de jornais e filmes naturais, sobretudo objetivando essa permuta o recebimento, no Brasil, de negativos de filmes culturais ou geográficos. O DIP poderia estabelecer essa permuta, fornecendo as companhias americanas, negativos referentes a assuntos brasileiros, selecionados entre os melhores. Entretanto, seria preferível que as companhias americanas mandarem seus próprios operadores ao Brasil, como aliás, já esta acontecendo.

I - A Censura é exercida da maneira mais benévola possível. São raros os casos de interdição de filmes. Os casos de censura previstos em lei dizem respeito:

a- filmes que incitem à rebelião das massas, ao desrespeito às autoridades, a greve ou ao terrorismo e sabotagem;

b- os que contém insulto a chefes de Estado estrangeiros e a credos religiosos, ou que constituam ofensas aos sentimentos nacionais;

c- os que induzam ao desregramento e à dissolução social.

II- O público brasileiro se interessa grandemente pelos filmes de reconstituição histórica e pelas películas culturais, como os “tapetes vermelhos” e “Viagens” de Fitzpatrick, etc.

III- Todos os filmes de caráter construtivo, todas as películas de fundo educativo, que divirtam e contribuam para a elevação do nível cultural das massas, serão apreciadas preferencialmente pelo governo brasileiro;

IV- O DIP, como órgão do governo, dará todas as facilidades para o estabelecimento de um intercâmbio nesse sentido;

V- Nesse particular, possuímos um vasto campo a explorar. Acredito que seriam interessantes:

a- Filmes sobre as grandes quedas d’água no Brasil, como Iguassú, Avanhandava e Paulo Afonso;

b- Filmes sobre a região amazônica: rios fauna e flora;

- c- A extração do quartzo, em Minas Gerais (material estratégico de que o Brasil è o maior e quase o único produtor mundial);
- d- Experiências brasileiras sobre o ofidismo e o Instituto Butantan;
- e- O Instituto de Manguinhos, grande centro de estudos de moléstias tropicais, mantido pelo governo brasileiro;
- f- A arte religiosa colonial de Minas Gerais e obras do Aleijadinho;
- g- O problema das secas do Nordeste brasileiro e as grandes obras realizadas para combatê-las;
- h- A extração da cera de carnaúba (de tão emprego na indústria americana) nas regiões do Nordeste;
- i- A vida dos jangadeiros;
- j- A vida dos “gaúchos” nas fazendas do Rio Grande do Sul;
- k- As lavras diamantíferas de Minas Gerais e Mato Grosso;
- l- A lavra do ouro e as minas (São João Del Rey, Mining Co., Morro Velho, etc.) e uma infinidade de outros temas que, de certo, despertariam a atenção do público de qualquer latitude, através de uma boa apresentação artística.⁸¹

⁸¹ Apud: MESQUITA, Silvana de Queiroz Nery. op.cit. p. 83-84.

OS TRÊS CAVALEIROS

Os dois astros do cinema, Pató Donaldão, ruidoso palmeado dos Estados Unidos, e José Carioca, o papagaio "gracioso" do Brasil, estão mais uma vez fazendo novos amigos e admiradores nas repúblicas americanas através do novo filme de Walt Disney, "Os Três Cavaleiros".

Donaldão e José embarcaram sidos ao Amériano com as suas aventuras em "Saludos Amigos", mas agora conquistaram mais um camarada em suas alegres viagens — Panchito, o simpático galo mexicano, tão peralta e folgazão como os seus dois companheiros.

"Os Três Cavaleiros" é a relação musical de uma prazenteira viagem dos três companheiros pelas repúblicas americanas. Há entre eles a mútua garantia de "um por todos e todos por um". Compartilham assim da música, da dança e das inúmeras atrações da terra de cada um. E, naturalmente, de quando em vez, são que se ajudam nas "aperturas" em que cada um se encontra. Durante a estadia no Brasil, Donaldão não pode deixar de cair de amores pela terra — e pelas pagucas — da Bahia. O mesmo acontece quando visitam a terra de Panchito. O hulkoso trio não vacila sua ruidosa admiração pelas paisagens que visitados num sarape mágico, deixando em toda parte um vasto círculo de amigos.



José Carioca, Panchito e o Pató Donaldão vestem a fantasia "Os três cavaleiros", de fim do século XVII, produzida por Walt Disney. Na primeira cena da film, Donaldão encontra a papagaio José Carioca e o galo Panchito, através de vários cartões que mostram os caminhos da América Latina.



Os três aventureiros viajam por toda parte no sarape mágico de Panchito. Em Acapulco encontram como hospedagem a baía de Patricinha, devotada só para os seus, entre os braços dos protetores. Em certa ocasião visitam uma bela baía de um rio de sapão que também hospeda um grupo de amigos.



Com patriotismo orgulho, Panchito leva seus amigos por toda a América para mostrar-lhes os vários lugares do país. José e Donaldão, que estão pela primeira vez a par do país de seu amigo, ficam tão fascinados pelas diversas atrações que também descobrem os caminhos mais interessantes para a descoberta.

Figura 2: Na cruzada pan-americana, os estúdios Disney criaram personagens que sintetizavam a cooperação entre os povos do continente. Em Guarda, ano 4, nº. 3, p. 20.



O Papé Deseado não pode resistir ao desejo de dançar toda vez que se lhe apresenta a oportunidade, por mais que José e Fanchito procurem evitá-lo. No México, os três amigos vão a uma festa onde há belas damas de danças regionais ao sompanha de "Zandango" e da "A feição dos Rêves".



As extravagâncias dos três personagens atraem a atenção em toda a México. No capítulo, Porky leva os amigos aos famosos jardins de Xochimilco e aos velados lacustres e Papantepari. Vão ver também o velho Feroz (Zito), mas sem sucesso a bom correr, quando a lava amargo alívio-lhe.



Os aventureiros saíram da Cidade do México sob o peso de uma missão especial no campo volante, que os levou depois a Michoacán, Tabasco e Chiapas. Fanchito e seus protetores amigos foram parte numa guerra de brigades que terminou com uma total vitória de fúria de artífice.



Contada a história por um dos irresistíveis mestres "Os três cavaleiros", José, Deseado e Fanchito foram os únicos que a morte a seguir sempre o tema de "os por todos, todos por um", que tanto lhes tem servido para vencer as dificuldades em que se encontram nos seus caminhos perigosos.

Figura 3: Idem. Em Guarda, Ano 4, nº. 3, p.21.

Em meio a toda essa conjuntura, o projeto inicial para a criação da revista Em Guarda surgiu no final de 1940. Inicialmente, a revista deveria chamar-se Em Marcha, nome plenamente justificado à medida que as tropas nazistas varriam a Europa. Contudo, tal denominação poderia soar agressiva aos países latino-americanos, o que era pouco apropriado no âmbito da política da boa vizinhança. Na diplomacia pautada na cooperação e no pan-americanismo, o título adotado trazia no seu bojo a imagem de defesa, tendo a frente os Estados Unidos exercendo o papel de centro da fortaleza da democracia do continente e pronto a responder a qualquer agressão sofrida pelos aliados.⁸²

A denominação que jornais e revistas recebem influi diretamente na compreensão das imagens neles veiculadas. Para Roland Barthes, esses signos constituem um saber próprio que se congregam as características e intenções de seus idealizadores. Nesse sentido, ao buscar-se a definição da palavra Em Guarda, depara-se com os seguintes sinônimos: “modo de estar em alerta”, “proteção”, “vigia”.⁸³

Em Guarda era publicada mensalmente para o Bureau de Assuntos Interamericanos com sede em Washington pela empresa Business Publishers International Corporation, cuja redação localizava-se na cidade de Nova York. Era editada em português, espanhol e inglês e distribuída no continente pelos escritórios regionais do Office ou diretamente aos interessados que a requisitassem pelo Correio. Havia o cuidado de enviar o periódico às escolas, associações ou clubes.⁸⁴

⁸² Para ter-se uma idéia acerca da atuação do Departamento de Estado na concepção da revista, foi o próprio secretário Cordell Hull que sugeriu o nome Em Guarda. O subtítulo do periódico presente na capa deixava claro o seu objetivo: Para a defesa das Américas. A respeito da criação da revista, ver: TOTA, Antonio Pedro. Op. cit., p.56.

⁸³ BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Lisboa: Edições 70, coleção signos, nº. 42, 1984, p.13. Sobre a definição das palavras, ver: FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

⁸⁴ As informações em relação à edição da revista localizavam-se no rodapé da revista: “Em Guarda, revista publicada mensalmente para o BUREAU DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, 499

Segundo estimativas do Office, a distribuição da revista em território brasileiro alcançava em média, a cifra de 500.000 exemplares mensais. Em 1943, motivado pelo sucesso do exército aliado na África e pelas primeiras discussões acerca do envio de tropas brasileiras para o conflito, essa marca alcançou 658.360 cópias.⁸⁵

Vale à pena destacar que ao lado de Em Guarda, outro periódico de divulgação do american way of life era Seleções, do Reader's Digest. Fundada em 1922 com tiragem inicial de cinco mil exemplares, Seleções dirigia-se para um público norte-americano identificado com a vida tradicional do interior, valores cristãos e patriotismo. No Brasil, alcançou ampla repercussão, pois sua chegada coincidiu com o alinhamento político do governo Vargas aos Estados Unidos em 1942. Seleções sintetizava para os brasileiros o que possuía de mais moderno na cultura norte-americana. Como o próprio nome sugeria, o objetivo da revista era reunir em um único material os melhores artigos relacionados à tecnologia, medicina, costumes e descobertas científicas.⁸⁶

A construção da imagem dos latino-americanos em Seleções era feita em oposição às qualidades, que segundo a revista, eram inerentes aos norte-americanos. Dessa forma, aqueles que falavam o espanhol e o português

Pennsylvania Ave., N. W., Washington, D.C., pela Business Publishers International Corporation. Redação: 330 West 42nd Street, cidade de Nova York, Estados Unidos da América. Oficinas: 5601 Chestnut Street, Filadélfia, Estado de Pensilvânia, Estados Unidos da América. Classificada como impresso de segunda classe na Repartição dos Correios de Filadélfia, a 8 de Abril de 1941, de acordo como o que dispõe a lei de 3 de Março de 1879". Nos exemplares acessados, existiam os seguintes dados: "Sr. Ricardo Barone, Caixa Postal, 23 Cajuru – Est. São Paulo – Brazil". As informações sobre a trajetória da família Barone desde a chegada da Itália encontra-se em: Disponível em <www.familia.barone.nom.br/index.htm>. Acesso em julho de 2007.

⁸⁵ MOURA, Gerson. op. cit. 1984, p.35.

⁸⁶ Seleções foi fundado pelo casal Roy Willian De Witt Wallace e Lila Acheson Wallace e eram de origem presbiteriana. Eram do Oeste dos EUA e acreditavam na simplicidade, individualidade, boa-fé e patriotismo. Vinculavam-se à cultura tradicional do interior do país, evitando o modo de vida presente nas grandes cidades. Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. Ao sul do Rio Grande – imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

caracterizavam-se, segundo o periódico, pela “passividade”, “ignorância”, “superstição” e “selvageria”. Afinado com o discurso de John Adams no século XIX, que declarava ser “tão absurdo a idéia [implantação da democracia] quanto propor planos semelhantes para estabelecer a democracia entre os pássaros, as feras ou os peixes”, Seleções trazia a concepção implícita de que a existência dos ditadores era necessária para a América Latina. Tal tutela, na concepção do periódico seria indispensável à medida que a massa de pobres e mestiços não estava preparada para a democracia.

No período da guerra, as questões políticas das Américas eram tratadas de forma pragmática por Seleções. Independente das colorações ideológicas dos governos latino-americanos, a revista procurava alinhar-se as propostas do pan-americanismo e a política dos Estados Unidos para o continente. Essa situação evidenciou-se na explicação dada pelo periódico para justificar a aproximação com Getúlio Vargas em 1941:

Freqüentemente nos é perguntado por que os Estados Unidos que se vinculam à liberdade e à democracia podem ter uma relação de proximidade com ditadores. São duas as respostas: no Brasil há uma ditadura benevolente, governada com extrema tolerância – um governo pessoal – não um governo oficialmente totalitário. A segunda resposta envolve o tipo de decisão que políticos realistas inevitavelmente apresentam. Nós podemos não gostar do fato de Vargas ser um ditador, mas um Brasil forte, estável e amistoso é mais importante para nós como nação do que sua política interna.⁸⁷

Em tempos do politicamente correto, a posição assumida pela revista Seleções poderia soar como apoio a ditadura. No entanto, em plena guerra mundial e a partir das notícias das vitórias nazistas na Europa, o periódico enquadrava-se no projeto do governo dos Estados Unidos em reconstruir os laços pan-americanos sob sua égide. Independente da política interna do Brasil, se a capital era Buenos Aires

⁸⁷ Apud: Idem.

ou Rio de Janeiro, o não alinhamento do governo brasileiro a política de Hitler constituía-se na diretriz do Departamento de Estado norte-americano.

O que aumentava a confiança dos estadunidenses era a concepção de Getúlio Vargas sobre o papel da boa vizinhança nas Américas. Em discurso de 27 de junho de 1941, ele afirmava:

(...) aplaudo-a. (...) É pena que (...) não tenha sido iniciada antes. Se (...) se tivesse praticado (...) desde a outra guerra, toda a América estaria agora mais forte, melhor equipada e armada para cooperar na grande tarefa da defesa comum. (...) Estamos assistindo (...) o princípio de um movimento de articulação econômica (...) sem a qual todo esforço político de confraternização seria superficial e limitado às contingências do tempo. Creio na conveniência de serem estudados, desde já, os meios de estabelecer uma comunidade equilibrada e próspera. (...) os convênios americanos propiciam o trabalho para chegar-se à união aduaneira e eliminar grande parte das barreiras e exclusivismos que contribuem para separar os povos, ao invés de uni-los.⁸⁸

Seleções trazia uma quantidade maior de textos escritos e apresentava a preocupação em explicar os eventos didaticamente para que mesmo leitores com baixo nível de instrução pudesse informar-se. Os critérios para a seleção dos artigos compilados deveriam atender a três perguntas: “É digno de ser seguido?; É aplicável aos interesses da maioria? ; É de interesse permanente?.”⁸⁹

Já Em Guarda utilizava-se largamente de fotografias que colocavam o expectador em contato direto com a guerra. Suas páginas informavam sobre as conquistas, o desenvolvimento de novos equipamentos bélicos e os sacrifícios que a população civil – sobretudo norte-americana- se submetia para garantir a existência e defesa das democracias. O objetivo da revista era demonstrar a superioridade bélica dos Estados Unidos frente aos opositores do Eixo. Pretendia conquistar os leitores que não foram combater, mas que se preocupavam com o futuro do mundo

⁸⁸ VARGAS, Getúlio. op.cit,p. 193.

⁸⁹ Ibidem, p. 32.

livre. “Não temais, pois a democracia triunfará”. Eis a mensagem enviada pelas fotografias de Em Guarda.⁹⁰

A farta utilização de fotografias constituía-se em eixo central na narrativa elaborada pela revista Em Guarda. Durante a sua existência, sintetizou os valores presentes no imaginário norte-americano: o esforço individual, o puritanismo, a liberdade, a crença de que por meio da utilização da ciência a natureza poderia ser dominada e a capacidade em mobilizar o país em momentos de crise extrema. Além do papel preponderante dos políticos, a construção dessa imagem contou com o apoio de associações filantrópicas que atuavam nas comunidades carentes das Américas. Dentre elas, destacou-se a Fundação Rockefeller, ligada ao gigante do petróleo Standard Oil, e que contava com vultosos recursos para programas de assistência médica, alimentação, estudos e pesquisas.

⁹⁰ Em Guarda inspirava-se no modelo inaugurado pela congênere Life Magazine, que em 1936 revolucionou o mercado editorial com a farta utilização de fotografias que mostravam a “realidade” dos novos tempos.

2. O PROJETO EDITORIAL DA REVISTA EM GUARDA.

Se a tua fotografia não é boa, é porque tu não estavas suficientemente perto!

Robert Capa.

2.1- Nelson Rockefeller e os Brasileiros do Office.

Para dirigir o Office, o Departamento de Estado designou o empresário Nelson Rockefeller, que havia apresentado o plano para a criação do órgão ao Secretário de Comércio Harry Hopkins. Apesar da resistência de alguns setores do governo em relação à participação de empresários em assuntos de política externa, a estratégia do empresário logo contou com a simpatia de Roosevelt, que via com bons olhos não somente a independência do projeto frente à estrutura burocrática estatal, como o montante de recursos angariados para sua execução e implementação.

Desde a fundação da agência, Rockefeller recebeu apoio de poderosos aliados na administração federal. As ações implementadas pelo órgão contavam com grande autonomia, o que acabava sobrepondo as ações dos embaixadores nos países em que agia. Em um desses casos, o Chefe da Divisão de Cinema da agência John Hay Whitney, afirmou que o comandante do Office no Brasil (Berent Friele) era o americano mais importante naquele país. Tal frase relegou a importância do embaixador norte-americano no Rio de Janeiro, Jefferson Caffery, a segundo plano.⁹¹

Outros viam o Office como uma agência que satisfazia apenas aos anseios de negócios, em particular das empresas de Rockefeller. Ao se referir à ameaça que constituiu a agência, o também homem de negócios e diplomata Spruille Branden, caracterizava-o como supérfluo, perdulário, ademais do fato de

⁹¹TOTA, Antonio Pedro op. cit, p.83.

que: Desconfiava da equipe de Rockefeller (“comunistas simpatizantes” e “idealistas ingênuos como muitos nas agências federais da época”) e não se deixou impressionar pelo empresário (“o que lhe faltava em conhecimento sobrava em disposição de desperdiçar o dinheiro do contribuinte em esquemas insensatos”). Acreditava que o empresário usava pesquisas de opinião pública para informar funcionários do governo sobre as preocupações dos cidadãos norte-americanos.⁹²

O diretor do Office era um dos herdeiros do capitalismo monopolista capitaneado por John D. Rockefeller, que no final do século XIX constituiu a maior fortuna da época. Como legatário deste império, ele tinha algum conhecimento e experiência no cenário da América Latina, pois viajava com frequência as filiais da Standard Oil, ora as supervisionando, ora buscando aos governos locais acordos de cooperação.⁹³ Assim, Nelson Rockefeller já havia desempenhado um papel análogo ao que o governo norte-americano pretendia com a política da boa vizinhança. No começo do século XX suas empresas, espalhadas pelo continente, eram identificadas como tentáculos da política do Big Stick. As condições de trabalho nas minas eram precárias, o salário irrisório. A população sofria abusos de toda ordem perpetrados pela Standard Oil.

⁹²SCHOUTZ Lars. Estados Unidos: Poder e Submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: EDUSC, 2000. p. 342. Spruille Branden foi subsecretário de Estado para assuntos latino-americanos dos Estados Unidos e, anteriormente embaixador na Argentina. Nos anos 30 participou das delegações dos Estados Unidos nas reuniões interamericanas ocorridas em Lima, Buenos Aires e Rio de Janeiro. Ver: www.mre.gov.br, acesso em 10/04/2007.

⁹³ Em entrevista a revista Veja, o irmão David Rockefeller discorreu acerca da tradição de sua família para a filantropia. Com o sugestivo título Um velho amigo, destacou que: “Poucos sabem, mas viajo pela América Latina há sessenta anos. Vim ao Brasil pela primeira vez em 1948, com meu irmão Nelson. Ele foi coordenador de Relações Interamericanas do presidente Franklin Roosevelt durante a II Guerra Mundial e, em 1944, tornou-se subsecretário de Estado para a América Latina. Em razão desse trabalho, Nelson ficou amigo de vários brasileiros, especialmente Walter Moreira Salles. Desde o começo, fiquei encantado com a beleza do país e com a energia e o entusiasmo dos brasileiros. Minha experiência com o continente fez com que eu criasse a Américas Society e o Conselho das Américas, há 41 anos. O papel de ambas as entidades é promover o entendimento no continente e fortalecer os laços entre os setores público e privado da região. Nossa nova estratégia consiste em levar membros da organização em viagens para a América Latina”. Entrevista concedida a Tânia Menai, revista Veja, 29 de Novembro de 2006, p.11.

Sob o eminente confisco das propriedades pelos governos latino-americanos e visando melhorar a imagem de suas empresas, seu pai John Rockefeller elaborou, por meio de uma Fundação, vários projetos de saneamento, saúde e educação que combatiam mazelas e, concomitantemente, transmutavam a imagem de seu império.⁹⁴ Na assertiva sempre mordaz de Monteiro Lobato, a Fundação dos Rockefellers havia se transformado em “captadores e redistribuidores do dinheiro. Realizavam uma obra de socialização que constitui o sonho dos radicais russos”.⁹⁵

Presente até os dias atuais em muitos países, a Fundação Rockefeller surgiu em 1913 voltado especialmente ao desenvolvimento da medicina e o melhoramento das condições sanitárias dos povos. Como instituição filantrópica, constituiu-se formalmente como sociedade civil, sem fins lucrativos, visando à pesquisa em “prol da humanidade”.⁹⁶ Esse lema perdurou até o ano de 1928 quando houve a readequação para um slogan mais abrangente, “promover o progresso do conhecimento humano”. Evidentemente, essa preocupação era muito mais pragmática do que humanitária. Com estes programas, ele poderia elevar o nível de vida e a produtividade do operário. Além de rechaçar, o risco de agitações sociais e revoluções com condições mínimas de sobrevivência⁹⁷.

⁹⁴ Os objetivos da Fundação foram sintetizados no trecho contido na história da instituição: “In the years since, scientists and scholars worked to solve many of the world’s and the country’s ills. Plagues, such as hoo kworm and malaria, have been brought under control; food production for the hungry in many parts of the world has been increased; and the mind, heart, and spirit have been lifted by the work of Foundation – assisted artists, writers, dancers and composers”. Ver: www.rockfound.org. (Acessado em: 06/04/2007).

⁹⁵ LOBATO, Monteiro. América. São Paulo: Brasiliense, 1959, p.221.

⁹⁶ MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. Norte-Americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1931-1952). Campinas, São Paulo: Autores Associados, São Paulo: USF, 2001, p.16. Segundo a pesquisadora Lina Faria, o Brasil foi o país do continente no qual a Fundação Rockefeller investiu maior soma de capitais – cerca de 13 milhões de dólares. Entre os países que contavam com a cooperação da instituição, destaca-se: Equador, Argentina, Colômbia, Chile, Paraguai, Peru, Uruguai, Venezuela, Costa Rica, Cuba, Guatemala, Haiti, Nicarágua, Panamá, El Salvador, Jamaica, Trinidad e Tobago, Granada. Cf.: FARIA, L.R. de, Saúde e Política: a Fundação Rockefeller e seus parceiros em São Paulo. Rio de Janeiro: Editora FioCruz, 2007.

⁹⁷ Cf.: MARINHO, op. cit.

Posteriormente, esse utilitarismo ficaria evidente uma vez que as ações do Office durante a Segunda Guerra não levavam em consideração as matizes ideológicas dos regimes (democracia ou ditadura) e sim a adesão destes às idéias norte-americanas. Só assim entendemos a cooperação com os governos autoritários do Brasil e México. As reais intenções do empresário, sua habilidade política e o seu caráter centralizador foram descritas por Lars Schoutz em:

Logo depois do ataque a Pearl Harbor, Rockefeller foi à Casa Branca com uma pasta de gráficos, mapas e ilustrações e traçou uma consistente lógica baseada na idéia de segurança nacional para assistência de desenvolvimento da América Latina: a defesa do hemisfério dependia de comunicações eficazes: comunicações eficazes em tempo de guerra dependiam de guardas de segurança; guardas de segurança necessitavam ser saudáveis; sua saúde dependia da erradicação de doenças tropicais; o controle de doenças tropicais requeria programas de saúde pública; os governos latino-americanos não podiam dar conta desses programas – e, portanto, em prol da segurança nacional, os Estados Unidos tinham que ajudar a pagá-los.⁹⁸

Sob a perspectiva oficial da política externa, a preocupação do diretor do Office e do governo norte-americano era garantir a segurança do país contra ameaças externas. O sucesso desse objetivo dependeu da execução do plano de defesa do continente americano – Basic Plan elaborado em 1940 - que delineou as fases de atuação da administração estadunidense. O plano reforçava a necessidade de ajuda financeira para a assistência das economias desarticuladas pelo conflito na Europa, além da produção e distribuição de material que exaltasse a política de boa vizinhança entre as Américas. Para o representante do Departamento de Estado, Robert Caldwell, a estratégia de ação fundamentava a partir de “traços intelectuais e culturais” específicos:

Os latino-americanos gostam de ser ver como “herdeiros de todas as eras” e são fortemente influenciados pela tradição romana. Os três conceitos mais importantes para os latino-americanos são:

- 1- Fair dealing e garantia de observação da lei nos contratos (a tradição romana) em oposição à força;
- 2- Ajuda mútua (tradição cristã);

⁹⁸ SCHOUTZ, Lars. op. cit, p. 116.

- 3- “Personalismo”, talvez melhor traduzido como direito de auto-expressão (a idéia renascentista).⁹⁹

Em uma evidente demonstração da união entre o empresário e governo, Rockefeller convenceu as grandes indústrias dos Estados Unidos a continuarem investindo no Brasil, mesmo após a conversão realizada por elas em suas linhas de produção para atender as demandas da guerra. “Muitas vantagens se apresentavam ao anunciante, justificadas não só por bons negócios futuros, mas também por razões patrióticas”.¹⁰⁰ Segundo essa concepção, a propaganda e o direito de consumir produtos relacionados à modernidade (carros, eletrodomésticos, Coca-Cola, etc.) eram requisitos para a existência de uma sociedade democrática e plena em seus direitos.

A relação entre propaganda e pan-americanismo para os publicitários brasileiros foi traçada pela historiadora Ana Maria Mauad:

A idéia de assimilar a publicidade comercial ao ideário pan-americano foi elaborado através de uma ativa participação de jornalistas/publicitários nos fóruns internacionais. No conjunto, o que unia as opiniões era o benefício que o estreitamento dos laços políticos e comerciais iria trazer para ambos os lados; mas o que as separava era justamente o peso de cada lado neste novo equilíbrio de forças. A entrada dos Estados Unidos na América Latina, como um todo, sempre foi polêmica e nada consensual: ora era saudada como o nosso passaporte para a modernidade, ora rejeitada pela perda da nossa identidade diante do imperialismo yankee.¹⁰¹

⁹⁹ MESQUITA, Silvana de Queiroz Nery. op. cit. p. 44.

¹⁰⁰ Apud: TOTA, Antônio Pedro. op.cit, p.57. Por meio de dados do próprio Office, Tota cita o aumento dos gastos com propaganda das grandes empresas americanas: 1941: 4 milhões de dólares; 1942: 8 milhões de dólares; 1943: 13,5 milhões; 1944: 16 milhões e, em 1945, 20 milhões de dólares.

¹⁰¹ Como ficou evidenciada na fala do presidente da Associação Brasileira de Propaganda, Armando de Almeida, na NBC em Nova York/1941, publicado na revista Publicidade, Ano 2, nº9, 1941, p 26: “Nada ou muito pouco lucraríamos se estivéssemos dispostos a ficar eternamente na posição de país fraco, país que se ampara em um amigo mais forte. O que precisamos é aproveitar a experiência dos EUA, experiência que é a mais rica e poderosa do mundo, para construir a nossa própria grandeza [...] O Brasil precisa de capitais, precisa de máquinas, precisa de pessoal técnico. Em nenhuma parte do mundo poderíamos encontrar essas coisas em tão grande escala como aqui. Aqui viemos pedir elementos para lançar as bases da grande siderurgia que há-de servir de base ao crescimento de uma potência de primeira ordem como o Brasil será fatalmente em futuro não distante. [...] O exemplo da atividade norte-americana é um exemplo que incita a agir. [...] – nem por isso eu estimaria um Brasil americanizado. Isso não nos interessa nem interessa aos americanos. Queremos um Brasil brasileiro, cultivando o espírito e a tradição de suas próprias riquezas estéticas e sentimentais, agindo e sonhando com a sua maneira própria de ser idealista, guardando a sua fisionomia particular e querida. Para nos mantermos assim, para nos libertarmos para sempre de qualquer ameaça de

Nota-se, portanto, que a política da Boa Vizinhança ultrapassou os limites meramente políticos de integração entre os países do continente americano. A retórica da união proporcionou a entrada incisiva das indústrias dos Estados Unidos na economia dos países da América Latina, cujo mercado caracterizou-se na década de 1930 pela concorrência com os produtos alemães. Além disso, a aproximação interamericana apresentou-se como uma oportunidade para inúmeros publicitários, escritores e redatores trabalharem nos veículos de comunicação norte-americanos.

A participação dos conglomerados de mídia dos Estados Unidos na difusão da política de cooperação interamericana era intensa. Nos departamentos das empresas radiofônicas CBS e NBC e nos estúdios de Hollywood, existiam seções direcionadas para a produção e distribuição de material informativo, em espanhol, inglês e português, para todo o continente.

As relações entre essas empresas e o Office eram bastante estreitas. A Divisão de Imprensa e Publicações, responsável pela divulgação de notícias “favoráveis” e pelo contra-ataque a propaganda do Eixo, contavam com duzentos funcionários, muitos deles vindos das redações de jornais da grande imprensa. Inicialmente, a seção foi dirigida pelo jornalista do Washington Post, Jonh M. Clark, substituído posteriormente por Francis A. Jamienson, da Associated Press.¹⁰²

Muitos brasileiros trabalhavam na distribuição de documentos e fotografias, na redação das agências publicitárias e na elaboração de reportagens para serem distribuídas aos jornais. Dentre estes funcionários, destacaram-se os

opressão ou conquista , precisamos ser fortes. Digo sem nenhum orgulho nacionalista que temos muita coisa a ensinar aos EUA: cada povo cria no trabalho diário, no erro e no acerto de suas experiências, um patrimônio que pode ser útil para toda a humanidade”. MAUAD, Ana Maria. A América é aqui: um estudo sobre a influência cultural norte-americana no cotidiano brasileiro (1930-1960). IN: TORRES, Sônia (org). Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos. Rio Janeiro: 7 letras, 2001, p 134-46.

¹⁰² TOTA, Antonio Pedro, op.cit, p.55.

escritores Orígenes Lessa, Marcelino de Carvalho, Raimundo Magalhães e Carlos Cavalcante.¹⁰³

A presença desse grupo de escritores brasileiros na agência internacional durante a guerra aponta reflexões acerca de alguns pontos importantes. Além de conviverem na mesma cidade (Nova York), e com outras personalidades das Américas que vivenciavam o conflito sob o ponto de vista norte-americano, as memórias e entrevistas destes escritores sugerem-nos uma amizade longa, que ultrapassava o trabalho no Office.¹⁰⁴

Mesmo afinados com os princípios do pan-americanismo, o que marcou a atuação desses intelectuais nos Estados Unidos foi a oposição ao governo Vargas e seu autoritarismo no que se referia a censura da imprensa. O fato de trabalhar no Office e contrapor-se ao governo brasileiro não representava uma contradição, pois o que estava em jogo era a defesa das democracias, das liberdades individuais e, em última instância, o futuro da civilização ocidental. Existia nessa posição a idéia implícita de atuação do intelectual no espaço público, isto é, no contexto de guerra, os jornais e as revistas constituíam-se em mais uma frente de batalha.

Por outro lado, além das questões políticas envolvidas, a estadia em Nova York possibilitava a estes escritores o diálogo com diferentes intelectuais, a troca de experiências, enfim, a constituição de redes de sociabilidade. Da mesma forma, o emprego no Office apresentou-se como mais uma oportunidade de carreira para o intelectual, restrito à época no Brasil ao espaço dos jornais e ao incipiente ambiente universitário do início dos anos 1940. Jean François Sirinelli analisou o papel que as

¹⁰³ Idem, p.56. Para um perfil da trajetória intelectual destes escritores, Cf.: MENESES, Raimundo. Dicionário literário brasileiro. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.

¹⁰⁴ Orígenes Lessa e Marcelino de Carvalho lutaram por São Paulo durante a Revolução Constitucionalista de 1932. Ambos eram voluntários no batalhão "Voluntários de Piratininga". As referências à participação de Marcelino de Carvalho no conflito foram descritas por Lessa enquanto estava preso no presídio de Ilha Grande. A respeito consultar: LESSA, Orígenes. Não há de ser nada... São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1933.

“redes” de sociabilidade entre os intelectuais têm na formatação das revistas – principal instrumento de divulgação de idéias de um grupo:

As revistas conferem uma estrutura ao campo intelectual por meio de forças antagônicas de adesão – pelas amizades que as subndem, as fidelidades que arrebanham e a influência que exercem – e de exclusão – pelas posições tomadas, os debates suscitados, e as cisões advindas. (...) uma revista é antes de tudo um lugar de fermentação intelectual e de relação afetiva, ao mesmo tempo viveiro e espaço de sociabilidade (...).¹⁰⁵

Contudo, apenas as redes de sociabilidade não explicam as escolhas políticas e intelectuais de um grupo. Em comum, essa geração de escritores-jornalistas representados por Orígenes Lessa, Marcelino de Carvalho, Raimundo Magalhães e Carlos Cavalcante, vivenciaram as limitações impostas à imprensa brasileira no período entre 1937-1945.

No período do Estado Novo, elites intelectuais filiadas as mais diversas correntes de pensamento, passaram a identificar o Estado brasileiro como instrumento capaz de efetiva implementação de uma política cultural. Para tais pensadores, a sustentação deste projeto encontrava apoio no viés nacionalista que o governo Vargas imprimira ao regime. Segundo a historiadora Marialva Barbosa, os anos de 1930:

(...) são um período de evidência da política e estes temas encontram o seu lugar natural na imprensa. (...) Os jornais se constroem como domínio da política, recuperando um lugar que a rigor nunca perderam, no qual a polêmica ocupa espaço preponderante. O Estado ganha, cada vez mais, a exclusividade da divulgação- seja por coerção, seja por alinhamento político e, portanto, por concordância com as ações da sociedade política -, mas o público é afastado dos periódicos. (...) Á medida que a fala política é ampliada nos meios de comunicação, há a inclusão da fala do público em novos lugares midiáticos. No rádio e nas revistas mundanas a voz do publico aparece em meio a uma atmosfera onde o glamour e a fantasia tomam o lugar da realidade política.¹⁰⁶

¹⁰⁵ SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. IN: REMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996, p.249.

¹⁰⁶ BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007, p. 108.

No Ministério da Educação presidido por Gustavo Capanema, a preocupação era a formação de uma cultura erudita, identificada diretamente a uma vanguarda artística que tinha relações com o movimento modernista paulista de 1922. Nesse núcleo, destacava-se Carlos Drummond de Andrade, Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Candido Portinari e Mário de Andrade.

Outro nível de atuação intelectual em prol de uma política cultural estava reunido no Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP). A premissa deste grupo, identificada com a tradição autoritária de pensamento dos anos 1920, apregoava o controle das comunicações e a orientação nas manifestações da cultura popular. Cassiano Ricardo, Menotti Del Pichia e Cândido Mota Filho eram as figuras mais notórias do grupo.¹⁰⁷

Além do caráter autoritário e centralizador, o Estado Novo particularizou-se pela censura aos meios de comunicação de massa. Na Constituição redigida em 1937 por Francisco Campos, o artigo 122 considerava a imprensa como um serviço de utilidade pública que deveria atender aos interesses do Estado. Os periódicos não podiam recusar-se a publicar informes sobre o governo, a liberdade de expressão foi extinta e diversos veículos de comunicação de oposição fechados. A centralização do Estado evidenciada por essas medidas fazia com que qualquer reivindicação do indivíduo fosse identificada a elementos subversivos, portanto nocivo aos princípios nacionalistas do governo.

A burocratização da censura se inscrevia dentro de preceitos de aparelhagem técnica da administração civil surgidos com a Revolução de 1930. Saíam de cena as leis pontuais presentes em cada Estado, dispersas nas mãos de

¹⁰⁷ Sobre a participação dos intelectuais no Estado Novo, ver: VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. IN: O Brasil republicano – Org. por Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004, p. 148.

militares e oligarcas, e assumiam os órgãos de controle dos meios de comunicação funcionários públicos de carreira, escritores, profissionais liberais e professores.¹⁰⁸

Sob os auspícios de Lourival Fontes¹⁰⁹ o DIP tinha como funções centralizar, coordenar, orientar e superintender a propaganda nacional interna e externa. Além disso, promovia a organização de atos comemorativos oficiais e festas cívicas; realizava a censura prévia de jornais, revistas, cinemas, teatros, livros e diversões públicas, tais como festas populares, circos, bailes, bilhares, esportes, espetáculos e exposições; e cadastrava todas as empresas e funcionários envolvidos com a comunicação.¹¹⁰

Os anos de 1940 e 1941 marcaram a fase áurea do DIP. Cerca de 30% dos jornais e revistas brasileiras não conseguiram autorização para funcionar (o que correspondia a 420 jornais e 346 revistas).¹¹¹ Essas medidas coercitivas iam desde a expropriação do jornal e exílio dos seus proprietários, até ao direcionamento de verbas publicitárias para os periódicos favoráveis ao governo. “No caso da imprensa, uma das sanções mais utilizadas foi o corte da publicidade oficial e o controle das

¹⁰⁸ Cf. SOUZA, José Inácio de Melo. O estado contra os meios de comunicação (1889-1945). São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003.

¹⁰⁹ Lourival Fontes apresentou-se ao longo da vida, como uma figura complexa. De origem popular, sem vínculos com as oligarquias de Sergipe (Estado natal), declarava-se socialista e materialista na juventude. Posteriormente, foi simpatizante do fascismo, diretor da revista de estudos políticos “Hierarchia” e admirador de Mussolini nos anos 30. No final da Segunda Guerra, decepcionado com os “horrores da guerra” revelados pelos campos de concentração, proclamou-se como um democrata. A respeito da vida de Lourival Fontes, ver: LOPES, Sonia de Castro. Lourival Fontes: as duas faces do poder. Rio de Janeiro: Litteris editora, 1999.

¹¹⁰ GOULART, Silvana. Sob a verdade oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero; Brasília: CNPq, 1990, capítulo 2. O Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) era um órgão governamental criado pelo Decreto-Lei nº 1915, de 27 de dezembro de 1939, durante a vigência do Estado Novo. A criação do DIP foi precedida por três outros órgãos – o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), e o Departamento Nacional de Propaganda (DNP) -, que se sucederam a partir de 1931. O DIP foi extinto em 25 de maio de 1945, pelo Decreto-Lei nº 7582, que criou o Departamento Nacional de Informações (DNI). Cf. Verbete Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930. Coordenação: Alzira Alves de Abreu... [et al]. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001, p. 1830.

¹¹¹ BAHIA, J. Jornal, História e Técnica. História da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1972, p.302.

quotas de papel, já que este era importado e só podia ser retirado da alfândega com a autorização governamental”.¹¹²

Enquanto os nazistas avançavam sobre a Europa, no Brasil o diretor de Imprensa do DIP, Jarbas de Carvalho, enviava aos jornais um comunicado sobre a política de neutralidade. No texto de 17 de abril de 1940, Carvalho escreveu:

É do maior interesse nacional que o Brasil mantenha sua posição de neutralidade em face da guerra que se desenvolve na Europa e não lhe seria possível dar essa impressão aos beligerantes, como aos neutros, se a imprensa brasileira continuasse a exceder-se em seus comentários a tal propósito. Sem dúvida que os jornais estão no seu dever de informar trazendo os seus leitores ao par dos acontecimentos. Mas, estando o nosso país, eqüidistante entre os grupos em luta, não nos seria lícito consentir que os órgãos da imprensa – que representam a opinião- tomassem atitude agressiva em relação a uma das partes, o que no exterior poderia parecer uma atitude do Brasil. Assim, quero recomendar-lhe, em sigilo, o que se segue: 1) não devem ser feitos comentários ou editoriais e ainda a reprodução de telegramas do exterior, que envolvam agressão, injúria, termos depreciativos às pessoas de chefes de Estado, personalidades políticas e militares em evidência ou aos povos com os quais o Brasil mantém relações; 2) não devem os jornais manter manchetes e títulos exagerados, visando o sensacionalismo, em detrimento de quaisquer dos beligerantes; 3) muito menos devem os jornais fazer apreciações e comentários a propósito de atitude do Brasil em face da guerra e da sua já determinada posição de neutralidade.¹¹³

Esse ambiente de repressão aos jornalistas foi, posteriormente, contado por meio das memórias de quem viveu esse período. David Nasser, repórter de O Cruzeiro, descreveu as recomendações do DIP em relação à publicação das notícias:

1943 (...) Pede-se não sejam publicadas fotografias impressionantes, macabras, do desastre de Inhaúma (...). Não deve ser divulgada, sem apreciação prévia do DIP, nenhuma matéria, artigos, tópicos, comentários ou notícias, que se refiram ao abastecimento, preço do leite (...) não podem ter divulgação nenhuma matéria, comentários, artigos, etc., sobre instruções referentes a programas de rádio sem

¹¹² LOPES, Sonia de Castro. op. cit., p.84. Sobre as sanções do governo Vargas, ver: NEGREIROS, Gilberto. Os Ensinamentos dos Anos 30. Depoimento de Raimundo Magalhães JR. Folha de S.Paulo, 06.01.1979. Suplemento Jornalistas contam a História – 2. Nessa entrevista, Raimundo Magalhães conta um pouco os bastidores da atuação do DIP nas redações dos jornais. O escritor, censor do órgão entre 1936-40, passou três anos ausente durante o Estado Novo. Ele mesmo conta por que: “Eu estive fora primeiro o ano de 1940 e novamente em 42 e voltei em 44. Em 1942 eu estive pra ser preso, mas consegui sair do país, fui para os Estados Unidos (...). Eu escrevi em dezembro de 1941 um artigo com o título: “Pisando na cola da quinta Coluna”, pouco depois do bombardeio de Pearl Harbor, e fazia uma insinuação de que um dos mais fortes redutos do nazismo no Brasil era o Ministério da Guerra. O período da ditadura do Getúlio foi uma ditadura realmente séria, severa”.

¹¹³ Apud. SOUZA, José Inácio de Melo, op. cit. p.180.

apreciação prévia do DIP (...). De acordo com as recomendações em vigor, não devem ser feitos ataques a governos de nações amigas (...). Fica proibida a divulgação de qualquer matéria referente a aumento de vencimento de juízes.

1944 O Departamento de Imprensa e Propaganda veta: (...) nenhum ato oficial do governo deve ser antecipado, seja ele qual for (...) sobre o petróleo, querosene e outros combustíveis, nada, a não ser de ordem do DIP, ou mediante consulta.

1945 (...) Não pode ser transcrita a reportagem publicada na A Notícia de ontem, referente a lucros fabulosos (...). Não pode ter curso nenhuma matéria a respeito de manifestos, memoriais etc., de caráter coletivo, notadamente aqueles que são enviados ao Presidente Getúlio Vargas.¹¹⁴

Se a censura exercida pelo DIP logrou êxito ao construir a figura de Getúlio Vargas como “pai dos pobres”, no exterior, a oposição era realizada por jornalistas exilados pelo regime. O caso mais notório foi o de Júlio de Mesquita Filho que teve o jornal O Estado de S.Paulo expropriado e viu-se obrigado a residir na Argentina. Nas cartas trocadas com a esposa Marina, o jornalista mostrou-nos sua atuação política exercida fora do Brasil ao enviar correspondências para outros jornalistas exilados, políticos e intelectuais dos Estados Unidos e da Europa.

Em uma carta endereçada a Don Lawrence Duggan, perito em assuntos sul-americanos e assessor direto do secretário Cordell Hull, Mesquita empreendeu uma longa análise sobre o autoritarismo do governo Vargas e a incoerência da aliança com os norte-americanos. “A dura verdade, mas real, é que os chefes do Estado totalitário brasileiro jamais estarão sinceramente do lado da democracia norte-americana”. E finaliza conclamando a “lealdade” e “confiança” de seu interlocutor na política pan-americana:

Porém, da mesma forma com que a opinião pública de meu país repudiaria qualquer hipótese de uma aliança que não estivesse baseada no princípio do mais absoluto respeito pela soberania das partes contratantes, assim também encararia com irreduzível ceticismo os resultados que acaso pudesse oferecer um sistema defensivo pan-americano que não se baseasse numa perfeita unidade ideológica da totalidade das nações que pudessem participar desse sistema. E é pensando assim que o Brasil democrático, o Brasil que até agora se revelou sempre o melhor amigo da causa dos Estados Unidos no continente sul-americano, não compreende e jamais poderá compreender o apoio, tanto moral como financeiro, que o atual governo de Washington jamais deixou de prestar ao Estado totalitário do senhor Getúlio Vargas.

¹¹⁴ NASSER, David. A revolução dos covardes. Apud BAHIA, J. op cit, pp. 305-308.

Esse Brasil poderá acreditar em tudo, menos que se possa lutar pela defesa dos mais elevados ideais democráticos, emprestando-se milhões e milhões de dólares e o mais decidido apoio moral a um governo que, para viver, necessita manter nos cárceres do Estado e no exílio milhares de cidadãos brasileiros.¹¹⁵

Como dono de um influente jornal brasileiro, Julio de Mesquita Filho era uma das poucas vozes dissonantes do período. Em razão da limitação da cota de importação de papel ou graças aos pomposos recursos estatais, a maioria dos empresários do ramo jornalístico exercia suas atividades sob a órbita do governo Vargas. Dessa forma, Mesquita mobilizava a sua influência internacional e a tradição de quem havia lutado contra o governo Provisório em 1932, para denunciar que o pan-americanismo não era homogêneo como transparecia.¹¹⁶

O alinhamento do Brasil aos Estados Unidos em 1942 provocou mudanças no DIP. Figuras notadamente simpáticas a Alemanha, caso de Lourival Fontes, saíram do governo, pois era preciso conferir ao Estado Novo um viés mais “democrático”. Apesar de ainda desempenhar funções de órgão censor e propagandista, o departamento mudou sua orientação, transformando-se numa agência de propaganda de guerra. Outra mudança relevante no governo brasileiro foi a saída do diretor da Divisão de Radiodifusão, Julio Barata, para ocupar o cargo de chefe da seção do Office para o Brasil em Nova York.¹¹⁷

¹¹⁵ Carta escrita em Buenos Aires, no dia 12 de novembro de 1940. IN: MESQUITA, Julio de & MESQUITA, Marina. *Cartas do exílio*. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006, p. 215.

¹¹⁶ Em entrevista a Juliana Rodrigues Baião, o repórter Joel Silveira dizia: “Era um alto negócio para os donos de jornais colaborar com a ditadura de Getúlio e não protestar contra a censura e todas as outras limitações impostas pelo regime. Os jornais mantinham a qualidade, os diretores podiam pagar menos aos repórteres, as vendas permaneciam altas e não havia conflito com o governo.” Apud: BARBOSA, Marialva.op. cit.p. 102.

¹¹⁷ Após a saída de Lourival Fontes, a função passou a ser preenchida por militares. Entre 08/1942 a 07/1943, o DIP foi comandado pelo Major Coelho dos Reis. De 07/1943 a 05/1945, pelo capitão Almícar Dutra de Menezes. A respeito, ver: Goulart, Silvana. Op. cit.,p.62. Em relação a Julio Barata, estudou filosofia e ciências jurídicas e sociais da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, além de dirigir os jornais *Jornal do Comércio de Santos* e *A Batalha do Rio de Janeiro*. Em 1938 foi admitido como professor no Colégio Pedro II e na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro. No DIP permaneceu entre 1940-42, quando convidado por Nelson Rockefeller, viajou para os Estados Unidos e lá permaneceu até 1944. Durante este período pronunciou em universidades e câmaras de comércio norte-americanas um total de 26 conferências sobre o Brasil. Em dezembro de

O governo brasileiro orientava a imprensa a noticiar que as relações entre Estados Unidos e Brasil eram as melhores possíveis. Nesse período, foram firmados acordos para a transmissão de programas de rádio produzidos pelas difusoras norte-americanas CBS, NBC e MBS. Outra providência tomada pelo Estado Vargas foi a proibição da circulação de revistas americanas que trouxessem notícias inconvenientes para as relações entre os dois países. Apesar de todo esse aparato, a população tinha a disposição durante a noite, os programas veiculados pela BBC informando acerca dos acontecimentos europeus.¹¹⁸

Nesse cenário, verifica-se a proximidade que existiu entre o Office e o DIP. Mesmo pertencente à estrutura burocrática dos Estados Unidos, portanto a favor das democracias, a agência demonstrou o pragmatismo da política externa de Roosevelt ao cooperar com a censura imposta pelo governo brasileiro no que se referia ao subsídio do papel, destinado à imprensa, e ao envio de projetores para a exibição de filmes.¹¹⁹ A causa pan-americana e o perigo externo alemão serviram para justificar

1945, o recém eleito Eurico Dutra o convidou para ocupar a direção-geral do Departamento Nacional de Informações, órgão criado para substituir o DIP. Acerca da trajetória completa de Julio Barata, ver: ABREU, Alzira Alves de [et al.] *Dicionário histórico-biográfico brasileiro pós-1930*. Rio de Janeiro: Editora FGV; CPDOC, 2001. 5 v, p. 499.

¹¹⁸ Cf. BORGES, Marquillandes. *op.cit.*

¹¹⁹ Uma análise mais aprofundada foi realizada pelo jornalista norte-americano Edward Jay Epstein: "From the beginning it became apparent that news was not the product of journalistic investigation, but of special interest groups. If economic pressure could be brought against the owners, and incentives given to editors, news in Latin America could be surreptitiously authored in Washington rather than Berlin or elsewhere. To this end, the Rockefeller Office provided not only 'canned' editorials, photographs, exclusives, feature stories and other such news material, but manufactured its own mass circulation magazines, supplements, pamphlets and newsreels. To ensure understanding of the 'issues' being advanced in Latin America, the Office sent 13,000 opinion leaders a weekly newsletter which was to help them 'clarify' the issues of the day. The CIAA also arranged trips to the United States for the most influential editors in Latin America (and later scholarships for their children). More than 1200 newspapers and 200 radio stations, which survived the economic warfare, were fed a daily diet of some 30,000 words of news in Spanish and Portuguese, which were disseminated by cooperating news agencies and radio networks in the United States to their clients in Latin America. By the end of the War, the CIAA estimated that more than 75 percent of the news that reached Latin America originated from Washington where it was tightly controlled and monitored by the Rockefeller Office and State Department. The operation, Nelson realized, required only sufficient money, talent and will". Disponível em < <http://www.edwardjayepstein.com/rockefellers/chap5.htm>>. Acesso em julho de 2007.

a censura aos jornais, o exílio de jornalistas, a nacionalização de clubes e associações estrangeiras.

A leitura da revista *Em Guarda* possibilitou a apreensão das fases que caracterizaram o alinhamento do governo brasileiro aos Estados Unidos, assim como os instrumentos utilizados na construção da política da boa vizinhança estendida ao restante do continente. Fica evidente que a revista articulava-se à política do Office e que sua existência não pode ser desvinculada do contexto e lugar onde foi concebida. Não obstante, *Em Guarda* circulou até maio de 1946, quando ocorreu o fechamento do Office. Nesse período os interesses norte-americanos voltaram-se para a Ásia e Europa. Além disso, com o fim do conflito mundial os objetivos já estavam consolidados e a existência da revista não era mais justificada. No rodapé da primeira reportagem do último número (Ano 4, nº12) Organizando o mundo para preservar a paz, os editores divulgaram a seguinte nota de esclarecimento:

A direção de *Em Guarda* lamenta participar que a publicação da revista termina com este número. A generosa acolhida que recebemos de nossos numerosos leitores demonstrou que *Em Guarda* preencheu seus fins, muito contribuindo para estreitar os laços da tradicional amizade reinante entre o povo do Brasil e o dos Estados Unidos.¹²⁰

Cabe atentar, agora, para suas características materiais e o papel que representou no período.

¹²⁰ *Em Guarda*, ano 4, nº12, p.02.

2.2. Concretização do projeto.

Ao ser lançada em agosto de 1941, *Em Guarda* tinha como diretores Francis A. Jamieson e Harry W. Frantini. A chefia da Divisão de Comunicações, responsável pela edição da revista, ficava a cargo de Don Francisco. Com a ampliação da estrutura do Office em 1942, Jamieson tornou-se chefe da seção de informações, subordinada diretamente ao vice-presidente do órgão, Wallace K. Harrison. A presença dos brasileiros na agência em Nova York foi intensificada a partir deste mesmo ano, pois o Brasil declarou formalmente o rompimento das relações com os países do Eixo. Como a distribuição do periódico era gratuita, a concretização do projeto para a confecção do mensário foi possível com o apoio oficial do governo dos Estados Unidos.¹²¹

A distribuição das matérias na revista *Em Guarda* seguiu o mesmo padrão nas suas 48 edições: invariavelmente pela ausência do sumário, espaço para correspondência de leitores – fossem anônimos ou personalidades – ou propagandas de qualquer tipo, apesar de grandes empresas americanas colaborarem com o Office:

Nelson Aldrich Rockefeller usou de toda sua influência para convencer seus pares da Ford, da General Electric e da General Motors para continuarem a investir em propaganda, mesmo sem ter o que vencer (...). O próprio Office anunciava em revistas seus programas de rádio em ondas curtas. A Westinghouse afirmava que a guerra tinha “[...] seu lado bom [...] [pois] das cinzas da guerra começavam a surgir maravilhas - coisas que prometem benefícios enormes à humanidade – como a eletrônica, a ciência que virá iluminar os passos do gênero humano [...]”. Não haveria “motivo nenhum para não produzirmos em tempo de paz como [...] em tempo de guerra [...]”. Essa era a promessa da Ford Motor Company, num anúncio intitulado “Quando a calma voltar”. Os motores de popa Johnson deixaram momentaneamente as atividades de lazer e foram à guerra. Até o batom Michel, de “oito tons sedutores”, estava “em guarda! Para proteger a beleza. Para proteger nosso hemisfério”. “Pela vitória do Brasil e seus aliados não desperdice borracha – Dê paradas e saídas devagar”, era o que recomendava a Goodyear.¹²²

¹²¹ A distribuição da revista contava com a distribuição direta aos leitores que a requisitassem pelo Correio. Além disso, era levada por caminhões e aviões para os escritórios regionais do Office no Brasil. Cf.: MOURA, Gerson. op. cit.

¹²² TOTA, Antonio Pedro. op. cit., 2000, p. 58.

Outra característica relevante na organização interna da revista era a ausência de seções. As reportagens apareciam em sequência, sem prévia identificação de qual o próximo assunto a ser abordado- identificado apenas por meio dos títulos. Havia, porém, a predominância de alguns temas, tais como: combates e as últimas notícias do front; notícias sobre outros países das Américas (visitas de políticos e estudantes aos Estados Unidos, declaração de guerra, matéria-prima para a produção de equipamentos bélicos e caracterização política, econômica e histórica dos mesmos); aspectos do dia-a-dia dos norte-americanos (ressalte-se nessa questão o papel conferido a mulher); e por fim, a biografia de soldado, político ou artista “amigo” dos Estados Unidos. Os tópicos veiculados correspondiam aos propósitos do governo Roosevelt, explicitados após a reunião de chanceleres em 1942 que garantia o apoio irrestrito de grande parte das Américas para a guerra. Não obstante, durante o período de circulação da revista o pan-americanismo foi tema de 60% das reportagens veiculadas no mensário.¹²³

Os objetivos da revista foram expostos na primeira página do número inaugural, porém, não foi possível determinar a autoria do texto. Antecedido por uma fotografia de Roosevelt, o artigo discorria sobre o perigo potencial que a Segunda Guerra, até então circunscrita a Europa, poderia representar para as Américas. O tema do exemplar era indicado pela fotografia da capa. As considerações presentes na primeira edição de *Em Guarda* direcionavam-se para a Marinha dos Estados Unidos, responsável por salvaguardar os dois oceanos que margeavam o continente. A ênfase na área explicava-se pelo interesse do Presidente norte-americano, que via o domínio dos mares primordial na guerra. Para Jon Meacham:

(...) Roosevelt era estudioso dos escritos do almirante Alfred Thayer Mahan. Este sustentava que o controle dos mares era essencial para a capacidade de um país

¹²³ Os números referem-se a um total de 65 reportagens que apareceram na revista referindo-se ao pan-americanismo.

projetar poder – lição que os ingleses conheciam bem, pois o poderio da Marinha Real tinha sido elemento fundamental para a construção do império. Agora Roosevelt queria o controle do mar, e as bases navais britânicas eram a chave do controle do Atlântico.¹²⁴

O texto esclarecia: É aspiração dos amigos das Américas, que conceberam a idéia de editar essa revista, dela fazerem um órgão de divulgação dos fatores principais que afetam o presente e o futuro dos nossos povos.¹²⁵ Nota-se que, desde o primeiro instante, o projeto da revista foi fruto de uma aspiração coletiva, o que pode ser interpretado como uma tentativa de não se tomar a publicação como instrumento de propaganda política norte-americana. Além disso, objetivava converter os que simpatizavam com o Eixo no continente americano ao ideal de pan-americanismo.

Líderes de tal ideal, os Estados Unidos exerceram papel fundamental de organização e mobilização das forças – políticas, econômicas e naturais – para a defesa das Américas. Os sucessivos êxitos que os alemães obtiveram até 1941 conferiam dramaticidade aos objetivos declarados da revista. A política de isolamento adotada pelos norte-americanos parecia cada vez mais difícil de ser mantida, como a aceleração da produção de equipamentos militares parecia indicar. Segundo texto presente no primeiro número de Em Guarda:

Os acontecimentos, contudo, alteram a mentalidade pacifista dos Estados Unidos. Um grupo de nações agressoras pretende dominar o globo com seus dois bilhões de habitantes, ao lado dos quais a população de 270 milhões espalhada pelas vastas plagas do Hemisfério Ocidental seria como um pigmeu que, de súbito, se visse confrontado com o gigante da agressão estrangeira. (...) O presidente Roosevelt deu às Américas a promessa do apôio integral do poderio dos EUA para defendê-las das nações agressoras. (...) Contra esse uso da força, desgraçadamente, só a força pode valer. A proteção das Américas exige o aparelhamento de forças nos dois oceanos que resguardam o Hemisfério Ocidental, sendo para isso necessário o concurso das marinhas das repúblicas americanas. À marinha de guerra dos EUA cabe a maior responsabilidade. E, sob um Presidente que sempre lhe dedicou grande amor, está marinha é hoje a mais poderosa do mundo.¹²⁶

¹²⁴ MEACHAN, Jon. Franklin e Winston. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 104.

¹²⁵ Em Guarda, vol. 1, nº01, p.01.

¹²⁶ Em Guarda, vol.1, nº. 1.

O editorial fazia ainda uma ampla defesa da democracia e da importância do papel reservado às Américas. No trecho do discurso de posse do Presidente Roosevelt para o seu terceiro mandato, em janeiro de 1941, a revista completava:

A aspiração democrática não é meramente um aspecto hodierno da história da humanidade. Ela se entretceu na vida antiga dos povos primitivos. Flamejou de novo na Idade Média. E ficou consagrada na Magna Carta. Nas Américas o seu ímpeto tem sido irresistível. A América tem sido o Novo Mundo em todas as línguas e para todos os povos, não porque este continente tivesse sido terra recém-descoberta, mas sim porque todos os que aportaram abrigavam a confiança de que aqui poderiam criar vida nova, vida que seria nova por sua liberdade.¹²⁷

Democracia, Liberdade, Américas – eis os termos então invocados para fundamentar a união de todos os latinos americanos. Nas diferentes esferas da sociedade norte-americana, havia a percepção de que a excepcionalidade daquele país havia sido gerada a partir do desembarque dos primeiros ingleses que aportaram do Mayflower em 1620 (expatriados pelo absolutismo e pelas guerras religiosas europeias durante o século XVII). A História era chamada a testemunhar sobre a trajetória dos ideais democráticos desde os povos primitivos até sua efetivação em terreno fértil, transformado na América. Entretanto, há de se considerar que se tratava de um discurso de posse em um momento crítico da guerra, no qual os principais aliados europeus estavam subjugados pelos alemães – exceção feita à Inglaterra. O texto precisava transmitir esperanças de que os Estados Unidos continuariam a lutar pela libertação dos povos democráticos do “Velho” e do “Novo” Mundo, isso mesmo além de suas fronteiras.

A idéia do povo em expansão aparecia de maneira velada em muitos artigos da revista *Em Guarda*. A discussão sobre o papel da fronteira na História Americana remontava a um debate de final do século XIX. Em 1893, numa conferência na Sociedade de História Americana, Frederick Jackson Turner

¹²⁷Em *Guarda*, op.cit.

discorreu sobre o significado da expansão para o Oeste e defendeu a tese segundo a qual o desenvolvimento dos Estados Unidos poderia ser explicado pela existência de uma área de terra livre e o avanço da colonização em direção ao Oeste. O distanciamento do homem que ali residia, vivendo em um meio hostil, fariam dele um indivíduo distante das forças européia e livre das lutas fratricidas registradas do outro lado do Atlântico. Segundo Turner:

A peculiaridade das instituições americanas se deve ao fato de terem sido compelidas a se adaptarem às mudanças de um povo em expansão – às transformações decorrentes da travessia de um continente, do desbravamento de terras selvagens e deslanchando, em cada área desse progresso, as condições econômicas e políticas primitivas da fronteira para alcançar a complexidade da vida urbana.¹²⁸

Nos dois números iniciais, *Em Guarda* apresentou-se como uma publicação destinada às questões militares, sobretudo aquelas diretamente relacionadas à preparação dos Estados Unidos para a Segunda Guerra. As dimensões eram de aproximadamente 29 cm X 26 cm, com média 44 páginas por edição não numeradas. O papel utilizado era do tipo cartão e as fotos em preto e branco. Os textos sobressaíam pela erudição e complexidade das análises. A face externa da capa trazia na parte superior o nome da revista impressa em um tamanho pouco menor do que seria posteriormente conhecida (3,5 cm X 2 cm). Logo abaixo, a foto em preto e branco de um equipamento bélico, predominava. A primeira página, não trazia o sumário com o rol das reportagens da edição, mas uma fotografia. Esta introduzia o leitor a temática tratada naquele número. Ao final, tínhamos os objetivos da revista: *Em Guarda* – revista destinada a informar os povos

¹²⁸ TURNER, Frederick Jackson. *Oeste americano – quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América*. Niterói: EDUFF, 2004, p. 24.

da América sobre o programa de defesa nacional e continental dos Estados Unidos.¹²⁹



Figura 1: Capa da primeira edição da Revista Em Guarda, Ano 1, nº 01.

O aumento da tensão na Europa e a iminência da entrada norte-americana no conflito trouxeram para o periódico – sobretudo na edição nº02 – crescente variedade nos assuntos debatidos. Paulatinamente foram aparecendo

¹²⁹ Em Guarda, vol.1, nº. 1. Na sequência, tínhamos as seguintes informações a respeito de sua confecção: “Publicação Mensal da Seção de Coordenação de Relações Comerciais e Culturais entre as Repúblicas Americanas. II West 54 TH Street, Nova York. Preço em todos os países, 15 centavos de dólar. Registrada no correio da Filadélfia, PA, como impresso de segunda classe, a 08 de abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de março de 1879”.

fotografias a cores e o aprofundamento parecia sugerir a totalidade e proximidade da guerra.¹³⁰

A partir da edição de número 03, *Em Guarda* conheceu profundas mudanças em seu projeto gráfico, que se manteve ao longo das quarenta e seis edições subseqüente. Além das dimensões maiores (35 cm X 26 cm), incluiu fotografias, que mostravam o desenrolar da guerra. A impressão era feita em papel couché, mais apropriado para o tipo de imagens que a revista objetiva veicular. Na capa, o frontispício trazia o nome da revista em cor branca, sob um segundo plano que variou nas cores amarela, roxo, azul ou vermelha. O subtítulo *Para a defesa das Américas* figurou logo abaixo do título, ao lado da indicação do ano e do número. Nenhuma das edições da revista trouxe impresso o dia, mês e ano de sua publicação. Essas informações foram obtidas, no decorrer da pesquisa, por meio da análise dos textos e das fotografias que faziam alusão às batalhas ou fatos políticos.¹³¹

A face externa da capa era preenchida por uma ampla fotografia (29 cm X 26 cm), de militares ou políticos norte-americanos proeminentes ou, ainda, de algum equipamento bélico. A opção de reservar o maior espaço da capa para essas temáticas pode ser interpretada como expressão dos objetivos da revista, pois, para um público ávido por informações provenientes das frentes de batalha, somente a utilização de imagens poderia conferir veracidade aos fatos e reproduzir a dramaticidade do conflito. Além disso, não se podem desprezar os altos índices de

¹³⁰ Para ter-se uma idéia da expansão de assuntos tratados, *Em Guarda* nº. 2 trazia as seguintes reportagens: "Arsenal da Democracia", "Minas de ferro", "Por terra – a rede de transportes é a chave da defesa", "Por Água", "Combustível", "cobre", "Petróleo", "Os futuros operários", "A indústria do aço", "Poderio naval", "Domínio do ar", "Alimentos", "Tanques", "Alumínio" e "Energia".

¹³¹ Outras revistas que possuíam um grande formato, que valorizava as imagens eram *Life* (36 cm X 54 cm) e *O Cruzeiro* (34 cm X 50 cm).

analfabetismo América Latina, o que tornava a utilização de fotografias mais eficaz na transmissão de mensagens políticas.

Todavia, os retratos que compunham as capas da revista eram, na sua maioria, fotos posadas e nas quais se observa a intenção do fotógrafo de atribuir a personagem perspectiva grandiloquente. Ao apresentar o novo presidente dos Estados Unidos, Harry Truman, Em Guarda o fez em meio a papéis e livros, o que denotava a idéia de trabalho e estudo (figura 2).

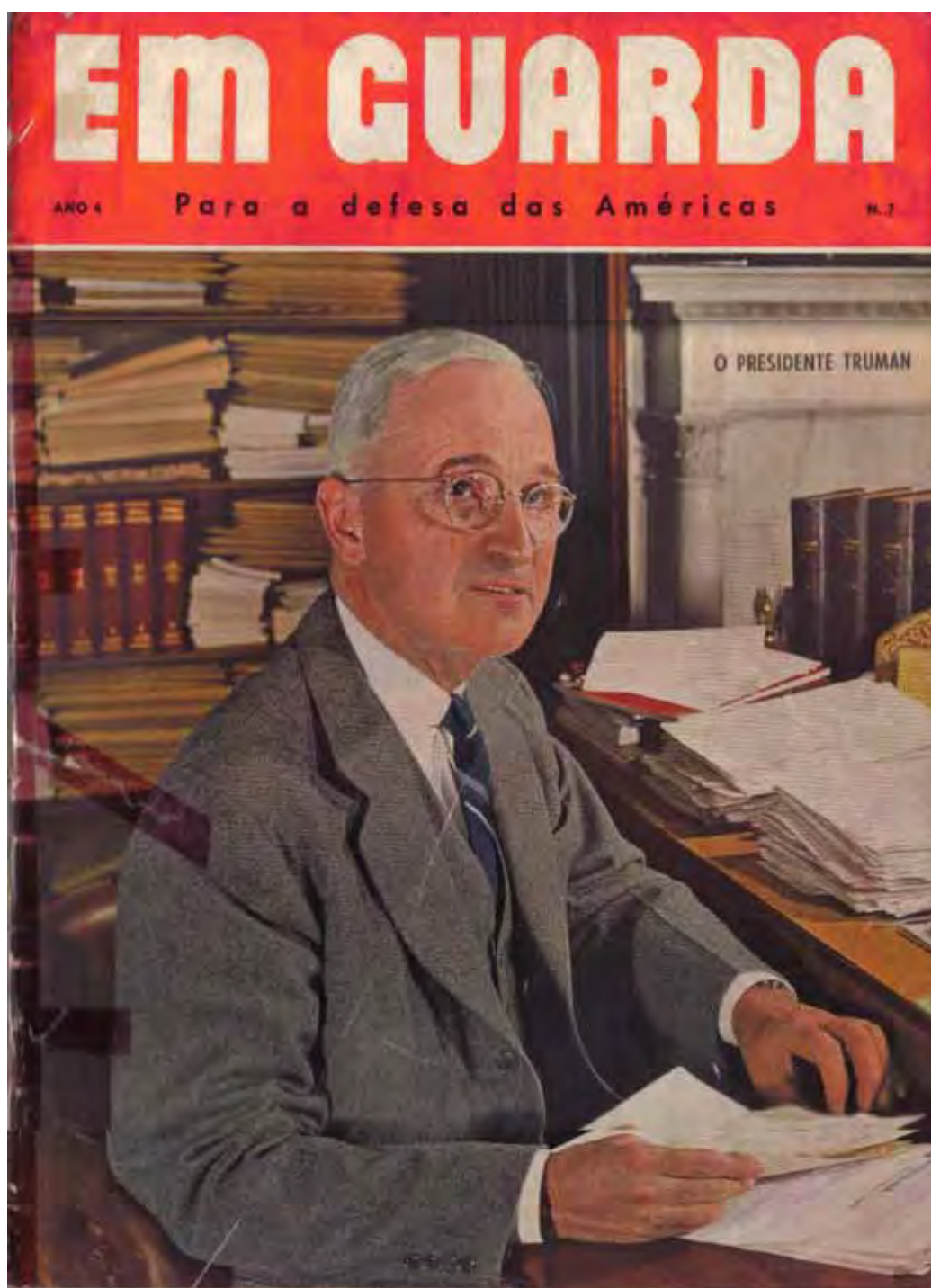


Figura 2: Capa da revista, com a foto do Presidente Truman. Em Guarda, ano 4, nº. 07



Figura 3: As capas apresentavam fotos de modernos equipamentos bélicos da Segunda Guerra. Em Guarda, ano 2, nº. 2.

O padrão de capa descrito, com as imagens de personalidades, “heróis” anônimos da guerra ou materiais bélicos dos aliados foi constante nos dois primeiros anos, ou seja, de 1941 a 1942. Daí em diante (1943/1944), ocorreu uma alternância

entre as fotografias do conflito na frente do Pacífico e inovações tecnológicas (plástico e o poliéster), aperfeiçoadas pelos laboratórios militares. Apesar de *Em Guarda* ter sido concebida como instrumento de cooperação entre as Américas, nenhuma das capas estampou qualquer fotografia alusiva aos países ou personalidade do presente ou do passado do continente.

Os latino-americanos, quando figuraram, eram colocados nas últimas páginas, como uma espécie de apêndice ao discurso pan-americanista construído pelo governo norte-americano. Ao longo dos anos em que *Em Guarda* foi publicada, as reportagens relacionadas às personagens eram divididas entre os intelectuais – geralmente do passado e que tinham laços com a cultura dos Estados Unidos – e políticos, em muitos casos ditadores, aliados contra a ameaça nazista.¹³²

Apesar disso, é importante ressaltar que não havia maniqueísmo nas relações entre os Estados Unidos e os países da América Latina – como transparece em muitos estudos sobre o tema e no qual os traços “imperialistas” ianque sobressaem. Existia um evidente jogo de conveniências entre os atores envolvidos, que abrangia aspectos políticos econômicos e sociais. Se para os norte-americanos era fundamental afastar o perigo alemão do continente e atrair aliados para comprar seus produtos; os mandatários americanos necessitavam do apoio do governo Roosevelt para manter-se no poder, ora por meio de apoio político, seja por meio do comércio que os auxiliava no equilíbrio da balança comercial exterior.

As fotografias transmitiam a imagem dos Estados Unidos como baluarte do progresso e da tecnologia. Em contrapartida, as relativas à América Latina eram associadas à natureza e ao exotismo da região. Dessa forma, *Em Guarda* deixava implícita a concepção de que a natureza deveria ser explorada a partir de

¹³² Casos, respectivamente, da passagem de José Martí nos Estados Unidos e da visita do presidente mexicano Benito Juárez. IN: *Em Guarda*, Ano 3, nº 04; *Em Guarda*, Ano 3, nº 05.

parâmetros científicos, com estudos, planejamento, investimentos e racionalidade capitalista. Afinal, a revista não deixava de constituir-se em instrumento de difusão dos ideais defendidos pela Fundação Rockefeller, que aplicava milhões de dólares na pesquisa científica e cuja ideologia era calcada na crença irrestrita da Ciência como fator de transformação dos países. Por exemplo, a racionalidade no campo era mostrada no artigo O progresso da agricultura nas Américas (sem identificação do autor), ilustrado com imagens que corroboravam o texto:

O pequeno lavrador que não conta com os seus próprios braços para trabalhar a terra, só pode produzir o suficiente para sustentar sua família. Mas se tiver a ajuda de máquinas e se lhe derem mais terras, poderá então pensar em diversificação de culturas, em métodos agrícolas modernos, na criação de gado para obter carne e em produzir um excesso que lhe sirva para pagar os maquinismos que são, afinal, os fatores da sua própria prosperidade.¹³³

¹³³ Em Guarda, Ano 4, nº02, p.13.



Um especialista procurando determinar a composição química de diferentes tipos de solo

LABORATORIO AGRÍCOLA

PARA O APROVEITAMENTO DOS PRODUTOS DO SOLO

PALHA de trigo, palha de milho, casca de milho, cascas de aveia e de amendoim, folhas e talos de verduras, cascas e polpa de frutas cítricas, e tantos outros produtos da lavoura, eram antes postos fora, por impensáveis. Agora, nos laboratórios dos Estados Unidos intensificam-se os estudos para a fabricação de produtos farmacêuticos, de vasos de enlame, de materiais de construção e de alimentos ricos de proteínas, para o gado.

Do amido extraído da batata está se fabricando excelente lã e outros substâncias apropriadas para proteger os rolamentos de aviões e dos tanques contra a ação do tempo, durante o seu transporte por mar. Da espiga de milho e da casca de amendoim, depois de pulverizadas, se obtém um valioso elemento para a limpeza de válvulas, de bombas, de pistões e outras peças de maquinismo, assim como das peças metálicas nas fábricas.

Essas e muitas de outras aplicações industriais de produtos agrícolas e de resíduos são o resultado de um intenso processo de pesquisas realizado nos laboratórios do Departamento de Agricultura dos Estados

Unidos. Além dessas aplicações imediatas, as pesquisas estão servindo para melhorar os métodos de fabricar, de preparar e de embalar alimentos e outros produtos.

Foi nesse laboratório que se aperfeiçoou o melhor método de desidratar e conservar os alimentos, para economizar o maior espaço possível, a bordo dos cargueiros que se transportam para as tropas dos Estados Unidos e para as Nações Unidas. Os laboratórios também vieram auxiliando, com suas pesquisas, para quantidades que representam centenas de milhares de toneladas de produtos sem fim, ao mesmo tempo que estabelecem as bases para a produção em massa de penicilinas, a droga maravilhosa, e sintetizaram substitutos para numerosos materiais essenciais. Desta maneira, as Nações Unidas têm aumentado a quantidade e a eficiência de seu equipamento de guerra, e melhorado consideravelmente a produção industrial essencial para o consumo civil.

Estimulados pelas necessidades da guerra, numerosos laboratórios das indústrias particulares têm chegado à descoberta de novas técnicas de trabalho e de novas pro-

Figura 4: As recentes descobertas relacionadas à agricultura apreciam freqüentemente na revista. Acima, laboratório de estudos sobre a conservação de alimentos. Em Guarda, ano 3, nº. 8, p.14.

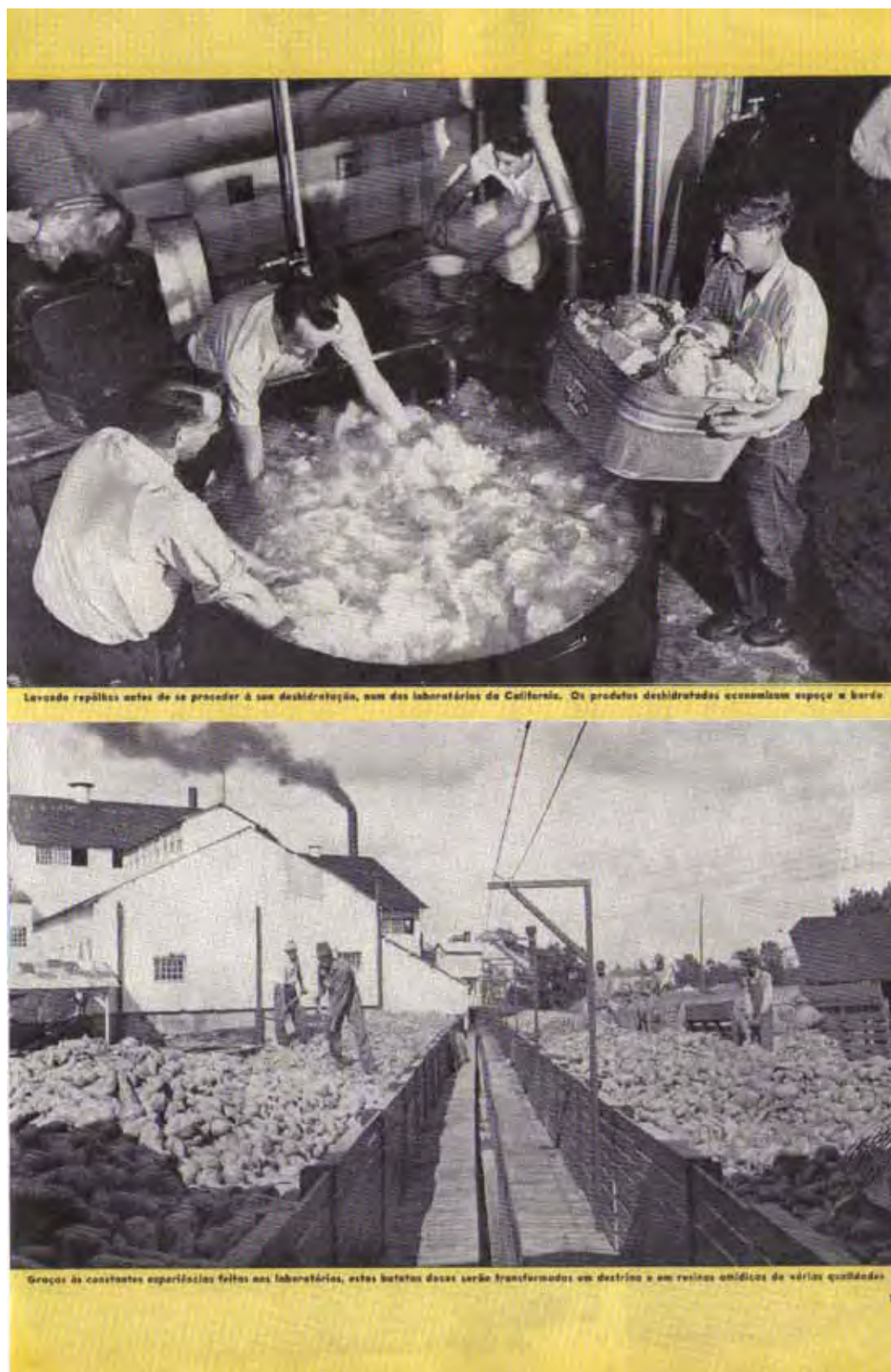


Figura 5.: Em Guarda, Laboratório agrícola, Ano 3, nº. 8, p.15.

No lugar do tradicional camponês e suas ferramentas rudimentares para a aragem do solo, técnicos rodeados por experimentos e tubos de ensaio, que calculavam a produção e garantiam o uso racional da terra. Além do caráter asséptico das imagens, destaca-se também o aspecto “ensaiado” das fotografias, no qual os trabalhadores rurais – todos brancos – ocupam hierarquicamente o cenário.

Em quatro anos de publicação, a revista publicou 636 reportagens, sempre entremeadas de fotos – em média eram 95 por número, cada uma ocupando cerca de 60% da página. Apesar dos textos, as temáticas eram diversificadas: notícias do front na Europa e na Ásia (147); a mobilização interna nos Estados Unidos (103); tecnologia bélica (88); cooperação pan-americana (65); Biografias (42); Histórias dos países das Américas (47); Brasil (42); Documentos referentes ao pós-guerra (40); cultura geral das Américas (23); Mulher na frente de trabalho (13); propaganda contra os países do Eixo – especialmente os nazistas (12); Intercâmbio de estudantes latino-americanos as escolas militares norte-americanas (08) e Mensagens de guerra (06).

Grande parte da iconografia mostrava o arsenal bélico das forças aliadas, soldados nas frentes de batalha – treinando, combatendo, lendo correspondências, nas enfermarias – cooperação entre as Américas, bombardeios, mulheres que assumiam as tarefas dos homens que iam para o front de batalha, cotidiano dos Estados Unidos, saúde e pesquisas científicas – sobretudo as que eram relacionadas ao ambiente doméstico. Apesar da importância conferida as fotografias, a revista não variou o espaço reservado às imagens coloridas no decorrer da sua publicação - em média 10% por edição. As fotografias não somente ilustravam os textos, como capturavam a atenção do leitor, instruindo-o a ler a imagem na “seqüência correta” e reforçando a idéia que se buscava compor.

As dimensões das fotografias variavam em função dos objetivos que lhe eram atribuídos. As imagens de maiores dimensões (52 cm X 26 cm) eram reservadas para três assuntos: a guerra; os equipamentos bélicos e figurões política dos Estados Unidos; as de tamanho reduzido (5 cm X 7 cm) acompanhavam as reportagens que, em geral, traziam a biografia de algum soldado, ou ainda, a vida cotidiana nas Américas.

Todos os números traziam no rodapé da última página a lista de colaboradores, com a explicação: “fotos gentilmente cedidas por”. Os créditos fotográficos apareciam numerados por página, o que facilitava ao leitor identificar os de sua predileção. A origem das fotos era bastante diversificada e englobava desde agências de fotografias e de notícias, como a Press Association, jornais (NY Times), estúdios, escritórios do governo norte-americano, como o Departamento de Agricultura e Comércio, consulados de países aliados até empresas (Standard Oil e GE).¹³⁴

O fascículo abria-se com um conjunto de reportagens relacionadas ao assunto principal do volume. Estas eram antecedidas por uma fotografia que ocupava todo o espaço da face interna da capa (36 cm X 26 cm), e que tinha como objetivo apresentar ao leitor o artigo inicial. A temática das matérias seguia o mesmo padrão, ou seja: novidades das frentes de batalha, a entrada de algum país americano na guerra ou ainda, após 1943 com as sucessivas vitórias dos Aliados na Europa, as conferências que visavam à organização política no mundo do pós-guerra.

¹³⁴ Os estúdios Acme forneceram pelo menos 50% das fotografias publicadas na revista. Nos seus dois primeiros anos, houve forte presença de imagens oriundas das Forças Armadas dos Estados Unidos - corpo de sinaleiros, exército e marinha. Outras fontes eram: Bureau de Assuntos Interamericanos; International News Pictures; American Museum of Natural History, Marjorie Ashworth, Eliot West, Black Star e Three Lions.

É importante ressaltar, a ausência de artigos assinados na revista - exceção feita aos relatos dos correspondentes de guerra ou a análise conjuntural de algum professor universitário.¹³⁵ Os temas eram abordados por meio de textos descritivos, que complementavam a mensagem transmitida pelas fotografias. No entanto, levando em consideração os objetivos da revista, o momento histórico em que foi concebida e o aparato político que a sustentava, não se pode afirmar que havia neutralidade ideológica na narrativa construída. A propaganda embasada na concepção pan-americana era veiculada por meio de uma eficaz construção do inimigo e reforçada pela imagem. O escrito abusava dos adjetivos para explicar ao leitor o papel dos Estados Unidos e seus parceiros na batalha do mal, personificado na figura do povo alemão.¹³⁶

Outro recurso empregado – popular nos meios de comunicação imprensa para fins de propaganda – consistia na explicação de um tema utilizando-se de técnicas de comparação/oposição. Tal estrutura maniqueísta foi explicada pelo estudioso Lorenzo Vilches como:

Uno de los medios privilegiados de aprendizaje que tiene la persona en su entorno es el establecimiento de semejanzas. (...) La forma, la luminosidad, el color, la velocidad, la orientación y la ubicación espacial son elementos perceptivos que nos ayudan a establecer semejanzas (...). Toda fotografía es un recorte de nuestro entorno espacial. Pero el espacio no se limita al campo visual que nosotros vemos sino que encierra un concepto más vasto que la experiencia física, una experiencia que trasciende lo inmediato para colocarse en el campo de la idea y la imaginación (...) La foto de prensa es, por tanto, la traducción espacial del esfuerzo humano por atrapar la realidad cotidiana.¹³⁷

¹³⁵ Respectivamente, os artigos de Henry Seidel Canby. Os estados da costa atlântica dos Estados Unidos Em Guarda, ano 3, nº10 e Ralph Howard, correspondente de guerra na NBC, Renascimento de Roma Em Guarda, ano 3, nº11.

¹³⁶ Neste tópico, os estudos em torno da propaganda política foram de suma importância, pois mostraram como os meios de comunicação agiram decididamente na transmutação da política no século XX. Jean Marie Domenach, em seu estudo clássico acerca da propaganda política ressaltou: “Propaganda política, (...) uma empresa organizada para influenciar a opinião pública e dirigi-la, surgiu somente no século XX, ao termo de uma evolução que lhe proporciona ao mesmo tempo seu campo de ação – a massa moderna – e seus de ação: as novas técnicas de informação e de comunicação”. In: DOMENACH, Jean-Marie. A propaganda política. São Paulo: Difel, 1955, p.13.

¹³⁷ VILCHES, Lorenzo. Teoría de La Imagen Periodística. Barcelona: Ediciones Paidós, 1987, p. 28 e p.34.

Os fotógrafos desempenhavam papel fundamental na constituição do inimigo. Vale lembrar as ponderações do lendário fotógrafo Chris Boot, da agência Magnum Photos, que afirmou:

Os fotógrafos da Segunda Guerra Mundial eram modelos de lealdade e nunca saíam da linha. Nós pensamos nos repórteres fotográficos agora (ou pelo menos, os melhores deles) como testemunhas independentes, com arbítrio próprio, combinando individualidade com preocupações universais que estão acima do simples nacionalismo. As raízes dessas características podem ser traçadas até a Segunda Guerra, mas a característica notável da fotografia durante a guerra foi a extensão em que os fotógrafos envolvidos consistentemente e profissionalmente serviam aos interesses de guerra de seus governos nacionais.¹³⁸

A captura das imagens e a aproximação no front de combate provocavam nos fotógrafos e jornalistas uma espécie de autocensura, já que afinal, a segurança da equipe dependia da destreza dos soldados em combate. Por outro lado, a presença deles ali era fundamental para a guerra que se travava junto à opinião pública. O papel dos correspondentes e, em especial, dos fotógrafos também foi objeto de reflexão por parte de Chris Boot:

Não é que os fotógrafos sejam exatamente propagandistas; eles não eram empregados para, conceber estratégias de propaganda ou para manipular a informação e raramente eram os seus próprios editores. Mas, seja trabalhando para órgãos civis ou militares, tudo o que produziam era avaliado e examinado pelo seu valor de propaganda – mesmo se as autoridades de cada nação raramente tinham a mesma idéia do que isso fosse. O general Eisenhower, o americano que se tornou comandante supremo das forças aliadas na Europa, foi inequívoco: “Correspondentes tem em uma guerra um trabalho tão essencial quanto o pessoal militar... Fundamentalmente a opinião pública ganha guerras”. O negócio de relações públicas envolvia a produção, distribuição e uso de imagens retóricas para ganhar os corações e mentes, para promover ou opor-se à verdade dependendo das circunstâncias, para chamar atenção ao sucesso e qualificar ou disfarçar o fracasso. Centrais ao esforço de guerra de cada nação envolvida, os fotógrafos eram a infantaria dos propagandistas.¹³⁹

Outro relato sobre a importância dos correspondentes de guerra era do jornalista brasileiro Joel Silveira, que escreveu sobre a rotina dos periodistas no acampamento da Itália. O texto é rico, pois despertou a atenção não somente para o

¹³⁸ Apud: BONALUME NETO, Ricardo. A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995, p.23.

¹³⁹ Idem, op. cit, p. 23.

contato com outros jornalistas, mas também a proximidade com os altos círculos militares:

A sala é grande, dividida ao meio por outra lona verde, e são seis as pequenas camas espalhadas sem simetria. Há uma mesa retangular no centro, feita de tábua rústica, mas me explicam logo que no andar de cima existe uma sala especial para os correspondentes (...). Ao lado é a sala-dormitório dos correspondentes estrangeiros: Henry Bagley, da Associated Press; Harry Buckley, da Reuters; Frank Norall e Allan Fisher, da revista *Em Guarda*, editada pelo Coordinator of Inter-American Affairs, e Frances Hallawell, da BBC. É uma gente simpática, me dizem; e a prova disso é que logo me cercam e me bombardeiam com perguntas sobre o Brasil (...).

Tenho conversado com oficiais e soldados americanos e todos eles me falam com respeito – alguns até mesmo com entusiasmo – da capacidade de luta e resistência dos pracinhas brasileiros (...). Seja como for, a guerra aqui é muito diferente da guerra que conhecemos aí no Rio, um desenrolar de fatos corriqueiros e repetidos que os jornais retratam apenas como notícias do cotidiano - um cotidiano que já demora mais de quatro anos.¹⁴⁰

A declaração de guerra contra o Eixo, em agosto de 1942, proporcionou aos jornais aliados do governo Vargas novas oportunidades. Com o status de país Aliado, os jornalistas brasileiros – especialmente os correspondentes de guerra – tinham acesso às instalações militares, além do acompanhamento no front de batalha. Era conveniente para o Brasil ter o controle da informação que chegava aos leitores daqui, além da censura evidente existentes em uma guerra. Havia muitas fotografias - com o carimbo da SIH (Serviço de Informação do Hemisfério da Coordenação de Assuntos Interamericanos) – que mostravam soldados brasileiros em poses de combate. Para Ricardo Bonalume Neto:

Com a formação da FEB surge um novo alvo para as objetivas. O governo, interessado em controlar tudo o que se publicava sobre a força expedicionária, de início não quis que os jornais mandassem correspondentes. Depois eles foram aceitos. Além dos repórteres encarregados de texto, o grupo incluiu pessoal de imagem, como os cinegrafistas e fotógrafos Fernando Stamato, do DIP, e Horácio de Gusmão Coelho Sobrinho. Também havia o americano Alan Fisher, da Coordenação de Assuntos Americanos (...). A técnica dos fotógrafos e repórteres americanos incluía dar o nome e a cidade natal daqueles fotografados e entrevistados. Em um país que tinha milhões de homens vindos de milhares de cidadezinhas, muitas das quais tinham seu pequeno jornal, era uma técnica importante. Por outro lado, a

¹⁴⁰ SILVEIRA, Joel. A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Record, 1993, p. 52.

necessidade de segredo militar faz com que as legendas das fotos tiradas na frente nunca digam exatamente o local onde foram feitas.¹⁴¹

A adesão da maioria dos países do continente e a mudança na conjuntura do conflito na Europa alteraram a lógica editorial da revista. A partir do terceiro ano, as cenas de batalha, de equipamentos bélicos e projetos militares passaram a ceder espaço para o noticiário das reuniões políticas. Estes discutiam a organização do mundo no pós-guerra, as invenções, a reconversão das indústrias norte-americanas para a produção de bens de consumo, o cotidiano dos ex-soldados que voltavam do combate e a descrição do cotidiano das cidades mais importantes para os Estados Unidos (figura 6).¹⁴²

¹⁴¹ BONALUME NETO, Ricardo. op. cit., p. 24.

¹⁴² Durante o último ano de circulação da revista (1945/1946), em todos os números foi publicado reportagens relacionadas à cultura ou política dos Estados Unidos. A lista era diversificada: seguro social, meteorologia, rodovias, ensino técnico-científico, o que se lia nos EUA, museu, cidades, posse de Roosevelt, métodos modernos de aprendizagem, poder bélico aplicado a paz, correios, agricultura científica e religiosidade.



Figura 6: Cidade de Nova York. Em Guarda, Ano 3 nº. 10, p 20.

Em alguns números da revista,¹⁴³ a política da boa vizinhança foi abordada por meio da seção Pelas Américas. Único espaço que apareceu com frequência no periódico tinha como objetivo noticiar as últimas informações

¹⁴³ A seção Pelas Américas foi publicada nos seguintes números: Ano 1, nº. 12; Ano 2, nºs. 01, 05, 08,11; Ano 3, nºs. 05 e 09; e Ano 4, nº. 09.

relacionadas ao pan-americanismo. Ocupando o espaço de duas páginas. Pelas Américas trazia uma série de fotografias que mostravam o périplo dos embaixadores da boa vizinhança pelos países latino-americanos. Além disso, os Presidentes ofereciam festas que tinha como objetivo reforçar os valores apregoados pela cooperação interamericana. Outros assuntos tratados pela seção foram: conferências, cursos, exposições, cantores, curiosidades e visitas de políticos e militares norte-americanos.

Ao lado desse conteúdo denso, havia toda uma gama de curiosidades das autoridades latino-americanas nas viagens pelo continente. A natureza e a qualidade da produção local, as condições em que elas se assentavam e a produção intelectual da região se inseria no rol de assuntos abordados pelo periódico.



Figura 7: Exemplo de matéria publicada na seção Pelas Américas. Entre os políticos da imagem, nota-se um sorridente Getúlio Vargas. Em Guarda, ano 2, nº. 2.

Desde o primeiro número, os editores da revista preocuparam-se em demonstrar a identidade das Américas. Assim, nos quatro anos em que foi editada, Em Guarda publicou reportagens descrevendo a história, a geografia, a cultura e a política dos países da região. Os principais foram: Brasil (40), Chile (05), México (04), Uruguai (04), Panamá (03), Paraguai (03), Peru (03), Bolívia (02), Canadá (02), Equador (02), Guatemala (02), Haiti (02), Venezuela (02), Colômbia (01), Costa Rica (01), Cuba (01), Honduras (01), Nicarágua (01), República Dominicana (01) e República do El Salvador (01). Cabe ressaltar que esta listagem não inclui as referências indiretas em outras reportagens.

Essa relação suscita três observações. A primeira, diz respeito à ausência da Argentina na publicação. Não há elementos para confirmar se na edição da revista em língua espanhola isso também ocorreu. Já no que se refere à ampla presença dos países da América Central, note-se que desde as intervenções militares do início do século XX, os Estados Unidos consideraram a região como sua área de influência. Mesmo com a política da boa vizinhança arquitetada pelo governo Roosevelt, permaneceu a noção de que se tratava de repúblicas fracas politicamente e importantes apenas por produzirem produtos primários que interessavam aos norte-americanos – banana, cana de açúcar e tabaco.

Escrita em língua portuguesa, o que mostra a importância do Brasil para o Office, causa estranheza a pequena quantidade de reportagens referentes ao país. O conteúdo publicado versava sobre três assuntos principais: notícias sobre a mobilização militar brasileira na guerra; descrição de aspectos históricos e geográficos de cidades e notas sobre as riquezas naturais, que poderiam ser utilizadas para a fabricação de equipamentos bélicos – a borracha era alvo especial do periódico.

Outras reportagens constituíam-se em artigos produzidos especialmente para a revista, porém, não eram organizados sob a forma de seção. Em comum, nessas matérias era a temática e a regularidade com que eram publicadas. Foi o caso, por exemplo, de uma série de quinze textos, publicados entre os anos dois e quatro, cujo objetivo era apresentar didaticamente as principais regiões geográficas dos Estados Unidos.¹⁴⁴

Em Guarda publicou vasto material iconográfico e, além das fotografias, havia gráficos, mapas, esquemas e desenhos que complementavam as reportagens. Recorria-se à utilização desse expediente quando era necessário demonstrar o perigo estrangeiro, sobretudo alemão, que ameaçava as Américas. Já as artes plásticas apareciam comumente na revista por meio de breves notícias sobre o seu estágio no continente, ou ainda em resumos que sintetizavam as transformações na pintura efetuadas por artistas latino-americanos (figura 8).¹⁴⁵

¹⁴⁴ A lista de reportagens publicadas pela Em Guarda foram: Ano 3, nº.5 (costa ocidental – EUA); Ano 3, nº. 6 (estados das montanhas e das planícies); Ano 3, nº. 7 (estados do centro oeste); Ano 3, nº. 8 (estados do sul); Ano 3, nº.9 (estados da nova Inglaterra); Ano 3, nº.10 (quatro estados da costa atlântica); Ano 3, nº.11 (capital dos EUA); Ano 4, nº.2 (rodovias e progresso – estado de Carolina do Norte); Ano 4, nº. 4 (Nova Orleans); Ano 4, nº. 5 (grandes lagos – EUA); Ano 4, nº. 6 (San Francisco); Ano 4, nº. 8 (pequena cidade – cidade de Independence – EUA); Ano 4, nº. 9 (zona protetora-reflorestamento de Dakota); Ano 4, nº. 10 (cidade do futuro – Toledo, Ohio) e Ano 4, nº. 12 (Denver – a altaneira).

¹⁴⁵ Como no caso do artigo Arte Mexicana: 1920-1945. Assinado (fato raro na revista) por Mac Kinley Helm, “autoridade em arte mexicana, sobre a qual escreveu um livro de grande aceitação pelo seu duplo valor informativo e apreciativo. Há seis anos que coleciona obras de pintores mexicanos, freqüenta seus “ateliers” e exposições, com eles convive, e escreve sobre a moderna pintura no grande país amigo” – o artigo trazia uma síntese acerca do muralismo, cuja expoente foi a pintora Frida Kahlo. Ver: Em Guarda, Ano 4, nº. 10, p.20-23.

O fascículo fechava-se com a face interna da contracapa, na qual se estampava uma fotografia sangrada,¹⁴⁶ que tratada de temas diversos: equipamentos bélicos, fotos de crianças órfãs, pessoas agradecendo soldados (predominantemente americanos), combatente em ação, cotidiano civil das cidades arrasadas pela guerra e as últimas novidades, sobretudo na esfera política. A contracapa, invariavelmente, seguia esse mesmo padrão observado em sua parte interna. Exceção feita a algumas edições que traziam a programação em português das rádios dos Estados Unidos, sua duração e instruções de como sintonizar as emissoras em todas as repúblicas americanas (figura 9).¹⁴⁷

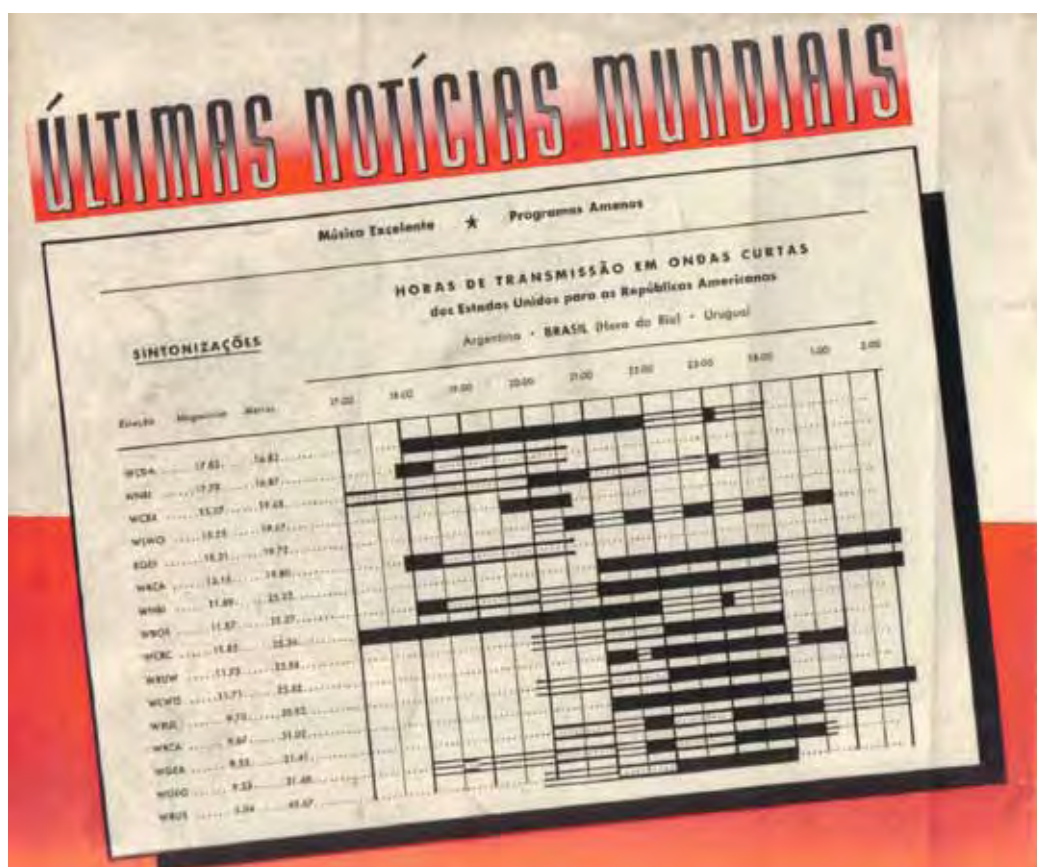


Figura 9: A programação dos rádios norte-americanos era destacada na contracapa da revista. Em Guarda, Ano 1, nº. 10.

¹⁴⁶ Expressão utilizada na fotorreportagem para designar as páginas ocupadas por fotografia, sem o espaço destinado às margens.

¹⁴⁷ Como pode ser visualizado na contracapa da revista Em Guarda, Ano 1, nº. 10.

Observe-se a atualização da revista no que respeita à incorporação e aperfeiçoamento das técnicas de impressão disponíveis na época. No entanto, o seu sucesso não podia ser creditado apenas aos procedimentos técnicos e aos recursos financeiros que dispunha, mas principalmente à utilização desse potencial no cumprimento dos objetivos do mensário. Ao invés de longos textos de caráter doutrinário, fotografias em sintonia com os últimos acontecimentos do conflito, fossem porta-aviões no Pacífico ou o heroísmo de algum soldado no front de batalha, instrumentos eficazes na mobilização dos indivíduos.

2.3. O Fotojornalismo para a defesa das Américas.

A acolhida do público a revista *Em Guarda* coincidiu com o advento de novas técnicas jornalísticas, que contavam com modificações nos aspectos tipográficos e na narrativa da reportagem. Recriada a partir das fórmulas consagradas pelos periódicos europeus e americanos, a introdução no Brasil de novas tendências contou com a participação decisiva de jornalistas imigrantes que buscavam trabalho – já que a Europa era palco da Segunda Guerra.¹⁴⁸

Dentre essas novas narrativas destacou-se a fotorreportagem.¹⁴⁹ Surgida na Alemanha nos anos 20, tal técnica jornalística beneficiou-se das inovações propiciadas pelas câmeras de pequeno porte – mais leves e modernas - e firmou-se

¹⁴⁸ Desde muito cedo a guerra era um dos temas privilegiados para a fotografia. Segundo Silvana Louzada da Silva: “As primeiras fotografias de guerra já nascem sob o signo da censura. Em 1855, dezesseis anos após o anúncio oficial da invenção da fotografia na França, o inglês Roger Fenton realiza 360 fotografias da Guerra da Criméia. Sob a expressa proibição da Rainha Vitória de mostrar cenas chocantes, não lhe sendo permitido sequer fotografar soldados ingleses sujos de sangue, Fenton, na época fotógrafo oficial do Museu Britânico, traz da frente de batalha fotografias de uma guerra sem cadáveres e de militares posando limpos, arrumados e confiantes.” Cf. SILVA, Silvana Louzada da. *Fotojornalismo em Revista: O Fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete nos governos Juscelino Kubitschek e João Goulart*. Mestrado em Comunicação. Niterói: Instituto de Artes e Comunicação/ UFF, 2004, p. 32.

¹⁴⁹ Utilizo a definição de Fotojornalismo “(...) no sentido restrito, atividade que pode visar informar, contextualizar, oferecer conhecimento, formar, esclarecer ou marcar ponto de vista (“opinar”) através da fotografia de acontecimentos e da cobertura de assuntos de interesse jornalístico.” Cf. SOUSA, Jorge Pedro. *Uma história do fotojornalismo ocidental*. Chapecó: Argos: Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004, p. 12.

como gênero autônomo da imprensa. Além disso, o crescimento das cidades, a constituição de um público ávido por novidades instantâneas e as transformações no ritmo de vida das pessoas foram decisivos para o sucesso das fotorreportagens. A novidade do gênero foi ressaltada por Helouise Costa, que estudou a relação entre fotografia e modernidade no Brasil. Segundo a autora, a fotorreportagem constitui-se numa:

(...) forma jornalística historicamente determinada, que teve suas origens na imprensa alemã do final da década de 20 e início dos anos 30. (...) O surgimento da fotorreportagem foi o resultado do cruzamento de dois fatores: do desenvolvimento da fotografia enquanto linguagem e da colocação em prática de um conceito bem definido de edição. Se à primeira vista, a força desse novo tipo de reportagem deve-se somente à predominância da fotografia, uma análise mais cuidadosa irá revelar que ela se baseia na utilização de um tipo específico de imagem e numa forma particular de articulação entre imagem e texto.¹⁵⁰

O contato com o novo mundo, proporcionado pela agudização da urbanização, era proporcionado pelas revistas ilustradas da época. O frenético ritmo das cidades, a chegada e partida de trens, a eletricidade, os automóveis e as tendências da moda eram acompanhadas com ansiedade por meio dos periódicos. Sobre essa transformação ocorrida nas décadas de 1930 e 1940, Helouise Costa ressaltou:

O registro fotográfico passa a ser o resultado de uma construção, ou seja, passa por um processo de elaboração que implica na concentração de elementos significativos que normalmente encontram-se dispersos no tempo e no espaço. Ocorre um adensamento temporal e semântico, base da instauração da fotografia como linguagem. Isso significa que cada imagem passa a apresentar em si uma narrativa própria. Nesse sentido o fotógrafo pode tanto trabalhar com a pose quanto com o acaso. O que importa é o domínio do código fotográfico, usado para a construção de uma visão de mundo.¹⁵¹

O debate em relação à presença ou não de uma sociedade de massa no Brasil dos anos 40 causa divergências entre os pesquisadores. O intuito aqui não é polemizar, e sim mapear a importância da principal revista da época, O Cruzeiro.

¹⁵⁰ COSTA, Helouise. Aprenda a ver as coisas. Fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro. Dissertação em Artes. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/USP, 1992, pp. 64-71.

¹⁵¹ Idem, p. 155.

Dessa forma, ainda que o mercado de bens culturais fosse incipiente, o período se caracterizava por:

(...) considerar seriamente a presença de uma série de atividades vinculadas a uma cultura popular de massa no Brasil (...). A imprensa já havia consagrado desde o início do século formas como os jornais diários, as revistas ilustradas, as histórias em quadrinhos. Mas não é a realidade concreta dos modos comunicativos que institui uma cultura de mercado: é necessário que toda a sociedade se reestruture para que eles adquiram um novo significado e amplitude social. Se apontarmos os anos 40 como o início de uma “sociedade de massa” no Brasil é porque se consolida neste momento o que os sociólogos denominaram de sociedade urbano industrial.¹⁵²

Enquanto na Europa o fotojornalismo caracterizava-se pelo caráter autoral dos trabalhos, nos Estados Unidos as mudanças ocorriam nos jornais diários. Jorge Pedro Souza arrolou os fatores que explicaram o seu sucesso entre os norte-americanos, com destaque para:

- a) Poder de atração e popularidade das fotografias, suportado pelos rasgos de uma cultura visual que se desenvolvia com o cinema;
- b) Práticas documentais, como as dos tempos da Depressão e as dos fotógrafos do compromisso social; essas práticas provaram que o documentarismo tinha força e que as fotos podem ser usadas para fins sociais através da imprensa;
- c) Entendimento das imagens como fator de legibilidade e de acessibilidade aos textos, por parte do público e dos editores;
- d) Práticas de fotojornalismo de autor, dirigidas, em muitos casos, aos jornais diários;
- e) Mutações notórias no design dos jornais norte-americanos, entre 1920 e 1940, em inter-relação com a proliferação de fotografias;
- f) Modificações na edição fotográfica, privilegiando-se freqüentemente a foto de ação única;
- g) Percepções inovadoras do jornalismo, devido à introdução da telefoto, em 1935; não obstante, a telefoto suscita discursos de resistência por parte da comunidade interpretativa dos jornalistas-redatores;
- h) Aumento (lento) do interesse dos fotógrafos pelo fotojornalismo;
- i) Elevação definitiva do fotojornalismo à condição de subcampo da imprensa, devido à cobertura fotojornalística da Guerra Civil de Espanha e da II Guerra Mundial;
- j) Introdução de tecnologias inovadoras, como (1) câmeras menores, (2) teleobjetivas, (3) filme rápido e (4) flashbulb.¹⁵³

Outro elemento que explica o sucesso do fotojornalismo nos Estados Unidos foi a criação do Farm Security Administration, em 1935. Como parte da política do New Deal, o governo Roosevelt contratou o trabalho de renomados

¹⁵² ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira. São Paulo: Brasiliense, 1995, p. 38-39.

¹⁵³ SOUSA, Jorge Pedro. op. cit., p. 99.

fotógrafos para documentar os efeitos da crise. O objetivo era realizar um balanço acerca das condições de vida nas áreas rurais, visando a implementação de programas de modernização no campo. Das 270 000 imagens produzidas por esse mapeamento, cerca de 170 000 encontram-se arquivadas na Biblioteca do Congresso em Washington (figura 10).¹⁵⁴



Figura 10: Exemplo de fotografia do grupo Farm Security Administration. A autoria é do fotógrafo Gordon Parks e o período indeterminado (entre 1942 a 1946).

¹⁵⁴ No site da instituição, temos um rico material disponível aos leitores. A apresentação das imagens é advinda do texto: "The photographs in the Farm Security Administration - Office of War Information Photograph Collection form an extensive pictorial record of American life between 1935 and 1944. This U.S. government photography project was headed for most of its existence by Roy E. Stryker, who guided the effort in a succession of government agencies: the Resettlement Administration (1935-1937), the Farm Security Administration (1937-1942), and the Office of War Information (1942-1944). The collection also includes photographs acquired from other governmental and non-governmental sources, including the News Bureau at the Offices of Emergency Management (OEM), various branches of the military, and industrial corporations. In total, the black-and-white portion of the collection consists of about 171,000 black-and-white film negatives, encompassing both negatives that were printed for FSA-OWI use and those that were not printed at the time (use the "Display Images with Neighboring Call Numbers" link on the catalog records to see these uncaptioned images). Color transparencies also made by the FSA/OWI are available in a separate section of the catalog: FSA/OWI Color Photographs. Cf. Disponível em < www.loc.gov/index.html > Acesso em dezembro de 2008.

Por maior destaque que a imagem possa ter no fotojornalismo, não seria correto supor que existe uma hierarquia entre fotografia e texto. É a junção entre as duas linguagens que particulariza a fotorreportagem e a caracteriza como estilo jornalístico. Nesse sentido, a disposição da iconografia na página, em harmonia com o que está escrito, torna fundamental o papel da diagramação e do especialista em “montar” os elementos gráficos nos periódicos do gênero. Para Joaquim Marçal Ferreira de Andrade:

O termo paginação, embora amplamente usado na era eletrônica, conota a tipografia artesanal e quer dizer montagem de títulos, notícias e ilustrações. O termo diagramação significa isso também, mas tende a exprimir mais corretamente que a montagem da página se relaciona com uma estética que não se limita aos elementos gráficos, mas inclui a produção editorial. A diagramação é um estágio superior à paginação. Um jornal não pode deixar de ser paginado, mas pode deixar de ser diagramado. No entanto, para exprimir um padrão visual próprio, aliando arte e técnica, precisa ser diagramado. Assim, um jornal diagramado é mais do que um jornal paginado (...). A diferença entre uma e outra é sutil, mas enquanto o paginador deve ter apenas noções gráficas, o diagramador deve ser um especialista com conhecimentos de redação, de gráfica e de técnicas visuais.¹⁵⁵

No Brasil, a revista O Cruzeiro foi pioneira na utilização da fotorreportagem. Até a década de 1940, o mensário amargava vertiginosa queda de vendas, com estrutura gráfica atrasada em relação às publicações européias. A partir de 1943, a contratação do fotógrafo francês Jean Mazon, incorporou o fotojornalismo em suas reportagens. Desde então, o paradigma para a leitura da revista modificou-se, uma vez que a iconografia “dirigia” a atenção do leitor. O Cruzeiro criou uma escola em que o fotógrafo possuía o mesmo status do repórter. Como “testemunha ocular”, sua principal função ao lado do editor de imagens era construir um roteiro, cujo ponto central girava em torno das imagens.

Mazon chegou ao Brasil em agosto de 1940, fugindo dos nazistas na Europa. Tinha 25 anos e exercia a função de cinegrafista da Marinha Francesa. Ao

¹⁵⁵ ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004, p. 53.

desembarcar no país, conheceu Adalgisa Nery, mulher de Lourival Fontes, que o indicou para trabalhar no DIP. Logo, as primeiras fotografias chamaram a atenção de Getúlio Vargas, que logo garantiu a Mazon acesso a sua intimidade. Assim, no contexto de censura aos meios de comunicação, o país era “descoberto” através das lentes de um francês que trazia larga experiência na imprensa estrangeira.¹⁵⁶

Quando chegou à revista em 1943, Mazon tomou um choque em relação ao atraso do O Cruzeiro em relação às suas congêneres no exterior. O fotógrafo expressou o descontentamento, afirmando que:

Isso não é uma revista, é um catálogo, uma galeria de retratos de família, fixos, posados, idênticos. Ademais, sem dúvida para parecer rica, há um máximo de pequenos clichês, agrupados sobre uma só página como uma coleção de pequenos selos. A tinta, o papel, a impressão são de tão má qualidade que poderíamos dizer que se trata de manchas.¹⁵⁷

Além dos aspectos técnicos, O Cruzeiro diferenciava-se pela profissionalização de seus jornalistas, especialização dos seus departamentos, a infra-estrutura e o equipamento gráfico de suas oficinas. Contava ainda com eficiente esquema de distribuição, o que propiciava o envio da revista aos lugares mais afastados do país.¹⁵⁸

O significado de Em Guarda para a época pode ser melhor avaliado quando se levava em consideração a novidade trazida pela fotorreportagem na imprensa. Ficava evidente que as revistas que se valiam do fotojornalismo esperavam conquistar os leitores com a qualidade do material, a rapidez da leitura e o impacto das fotografias. A constituição de uma cultura de massa a partir dos anos 1930, com a urbanização acelerada, formação de público, aumento da demanda por

¹⁵⁶ Sobre a vida de Jean Mazon, Ver: MARTINS, Ana Cecília Impellizieri de Souza. Bem na foto: a invenção do Brasil na fotografia de Jean Mazon. Mestrado em História. Rio de Janeiro: PUC, 2007.

¹⁵⁷ Idem, p. 38.

¹⁵⁸ COSTA, Helouise. op. cit., p. 14.

lazer e do nível de alfabetização, igualmente deve ser levada em consideração na explicação do sucesso da fotorreportagem no Brasil. Segundo Ana Maria Mauad:

A nova tendência inaugurada por O Cruzeiro, encetou uma reformulação geral nas publicações já existentes obrigando-as a modernizar a estética de sua comunicação. Fon-Fon, Careta, Revista da Semana, periódicos tradicionais adequaram-se ao novo padrão de representação, que associava texto e imagem na elaboração de uma nova forma de fotografar: o fotojornalismo.¹⁵⁹

A fotorreportagem constituía-se como ferramenta eficaz na construção de uma narrativa imbuída de valores maniqueístas tais como: mocinho x bandido, vitória x derrota, aliados x inimigos. A hierarquia das fotografias nas páginas do periódico, assim como suas dimensões conduziam os leitores de Em Guarda a lugares inóspitos, aos palacetes onde eram traçadas as linhas da realpolitik e aos últimos ataques provenientes do front de combate.



Figura 11: Cotidiano do soldado na trincheira. Em Guarda, Ano 3, nº. 12, p.16.

¹⁵⁹ MAUAD, Ana Maria. O olho da história: fotojornalismo e história contemporânea. In: Disponível em <www.comciencia.br/reportagens/memoria/12shtml>. Acesso em agosto de 2007.

A fórmula seguida pela revista condizia com a concepção de fotorreportagem apregoada pelos editores do magazine Life, sucesso de vendas na época:

A criação de uma fotorreportagem requer a organização de um certo número de imagens sobre um mesmo tema de modo que elas dêem uma visão mais profunda, mais ampla, mais completa e mais intensa do assunto do que qualquer coisa – uma idéia, uma pessoa, um evento, um lugar. A organização pode ser tanto cronológica quanto temática; essas coisas não importam, já que a forma em si é flexível. O que importa é que as imagens trabalhem juntas para enriquecer o tema. Elas não podem mais ser encaradas como entidades isoladas, como trabalhos de artes individuais, mas antes como partes de um todo. Para que uma fotorreportagem tenha êxito, o todo tem que ser mais importante do que a soma de suas partes.¹⁶⁰

A finalidade da revista era fazer ver, isto é, reproduzir o real de maneira fidedigna para os leitores de todo mundo. Para Henry Luce, fundador da Life, o periódico surgia:

Para ver a vida; para ver o mundo, ser testemunha ocular dos grandes acontecimentos, observar os rostos dos pobres e os gestos dos orgulhosos; ver estranhas coisas – máquinas, exércitos, multidões, sombras na selva e na lua; para ver o trabalho do homem – as suas pinturas, torres [edifícios] e descobertas; para ver coisas a milhares de quilômetros, coisas escondidas atrás de muros e no interior de quartos, coisas de que é perigoso aproximar-se; as mulheres que os homens amam e muitas crianças; para ver e ter prazer em ver, para ver e espantar-se; para ver e ser instruído.¹⁶¹

O propósito era evidente. A revista tinha como objetivo principal ensinar as pessoas a ver as coisas, conduzir o olhar de forma que o leitor pudesse, assim como no cinema, vivenciar as sensações provocadas pela realidade traduzida nas fotografias. A interação entre as imagens e o espectador pode ser sintetizada, segundo Vilches, como:

a) el contenido de la foto de prensa tiende a representarse de una forma espectacular através de una puesta en escena de la noticia construida para tales efectos; b) esta puesta en escena se organiza según modelos habituales del periodismo y del periódico en concreto, modelos que responden tanto a los géneros de la comunicacion de masas como a los géneros rutinarios de cada periódico; c) el contenido fotográfico, como la presentación de la foto en el periódico, responde además a ciertas expectativas de lector

¹⁶⁰ Time-Life. Photojournalism, p.54. Apud: COSTA, Helouise. op.cit., p.68.

¹⁶¹ Apud: SOUZA, Jorge Pedro. op. cit. p. 108.

que se refieren especialmente a tres aspectos: la actividad cognoscitiva de cada lector, las competencias intertextuales y el rol del contexto.¹⁶²

E do todo, formado pelo conjunto de 48 edições, sobressaiu à idéia de cooperação das Américas, que seria esboçada na fundação da Organização dos Estados Americanos (OEA) em 1949. Os paradigmas para a concretização desse anseio eram: a promoção do republicanismo, cientificismo, liberdade, cristianismo e do progresso. O Brasil mostrado por *Em Guarda* possuía papel importante na concretização do projeto pan-americano idealizado pelo governo Roosevelt, uma vez que constituía a principal economia da região.

Nas páginas da revista foi possível delinear não somente as etapas do conflito - preparação, mobilização de materiais e a organização do mundo no pós-guerra-, mas também a efetivação da política de cooperação interamericana.

¹⁶² VILCHES, Lorenzo. *op. cit.* p. 92.

3. O PAN-AMERICANISMO SOB O OLHAR DA REVISTA EM GUARDA.

Só o tempo é capaz de pôr à prova a fé em homens, em idéias e governos.

(Hitler Odeia Bons Vizinhos. Em Guarda, Ano 1, nº10, p.15).

No período abarcado pela revista Em Guarda (1941-1946) os homens, as idéias e os governos passavam por profundas mudanças. Um dos efeitos mais visíveis dos combates foi a intensa modernização dos equipamentos bélicos dos países beligerantes. Contudo, os anos que compreenderam o entre – guerra significou uma releitura de conceitos e idéias que foram amplamente utilizadas para fins de propaganda política. Na luta por corações e mentes em todo planeta, Estados Unidos e Alemanha criaram uma rede poderosa de difusão de filmes, folhetos e periódicos que tinham como objetivo principal convencer as pessoas sobre o melhor mundo a ser habitado no pós-guerra.

A Segunda Guerra Mundial sintetizou a mobilização máxima dos recursos e dos indivíduos no conflito. Durante a Grande Guerra iniciada em 1914, a Alemanha dera prova da importância em modernizar não somente os equipamentos militares, como também a administração racionalizada para a destruição de vidas humanas. Apesar disso, a necessidade de planejamento e organização dos materiais para a batalha ficou evidente para Estados Unidos e Inglaterra a partir do blitzkrieg do exército alemão na Europa em 1940. As guerras ajudaram a difundir a especialização técnica, e tiveram grande impacto na organização industrial e nos métodos de produção em massa. Hobsbawm afirmou que:

A guerra total sem dúvida revolucionou a administração. Até onde revolucionou a tecnologia e a produção? Ou, perguntando de outro modo, até onde adiantou ou retardou o desenvolvimento econômico? Adiantou visivelmente a tecnologia, pois o conflito entre beligerantes avançados era não apenas de exércitos, mas de tecnologias em competição para fornecer-lhes armas eficazes e outros serviços essenciais. Não fosse pela Segunda Guerra Mundial, e o medo de que a Alemanha nazista explorasse as descobertas da física nuclear, a bomba atômica certamente não teria sido feita, nem os enormes gastos necessários para produzir qualquer tipo

de energia nuclear teriam sido empreendidos no século XX. Outros avanços tecnológicos conseguidos, no primeiro caso, para fins de guerra mostraram-se consideravelmente de aplicação mais imediata na paz – pensamos na aeronáutica e nos computadores – mas isso não altera o fato de que a guerra ou a preparação para a guerra foi um grande mecanismo para acelerar o progresso técnico, “carregando” os custos de desenvolvimento de inovações tecnológicas que quase com certeza não teriam sido empreendidos por ninguém que fizesse cálculos de custo-benefício em tempo de paz, ou teriam sido feitos de forma mais lenta e hesitante.¹⁶³

Apesar das divergências entre os dois países, ambas as políticas convergiam para um ponto: ganhar a guerra junto à opinião pública. Contudo, era fundamental a mobilização de técnicas, idéias e intelectuais que forjassem uma história comum entre os norte-americanos e os demais aliados. Portanto, o foco da presente análise recairá sob os múltiplos discursos construídos pelo periódico acerca do pan-americanismo. O recorte temático consistirá no aprofundamento da imagem de América Latina que mensário veiculava. Assim, será possível apreender o tipo de representação edificado acerca dos Estados Unidos; os valores que disseminava a concepção de política da boa vizinhança e, ainda, a apreensão da revista em relação aos países do Eixo.

Dentre os diversos discursos difundidos por *Em Guarda*, sobressaía o modo de vida americano (*american way of life*). As reportagens giravam em torno do binômio modernidade/civilização, em oposição à barbárie e ao atraso latino-americano, patente, por exemplo, na série sobre a tecnologia empregada na agricultura. Para o governo Roosevelt, o pan-americanismo deveria incorporar uma série de fatores, como localização geográfica, interesses econômicos e aspirações nacionais que possibilitassem maior aproximação continental.

Havia uma certa forma de estruturação entre texto e imagens que se repetia com o objetivo de descrever a unidade interamericana. Em relação ao

¹⁶³ HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX: 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 54.

discurso forjado pelo periódico, podem-se destacar três diretrizes básicas que orientavam a sua linha editorial. Primeiro, a excepcionalidade do povo norte-americano, sintetizada na intensa mobilização para “salvar” as democracias francesa e inglesa, o sacrifício individual dos cidadãos, a venda de bônus para financiar a guerra e a produção crescente de equipamentos bélicos foram assuntos recorrentes nas páginas do periódico. Em segundo lugar, a revista *Em Guarda* trazia textos que destacavam o esforço dos “amigos” das Américas pela união interamericana. Dessa forma, percebe-se que havia uma intenção deliberada dos editores em construir uma ordem na qual os Estados Unidos ocupariam o topo, enquanto aos aliados do continente era reservado o papel de meros fornecedores de produtos agro-exportadores.

Ao lado do esforço norte-americano e do pan-americanismo, o terceiro ponto que versava acerca do debate sobre a modernidade figurou no periódico como um tópico primordial na constituição do ideal pan-americanista, apregoado pelos Estados Unidos. Contudo, é preciso ter em conta que o tema vinha implícito nas reportagens da revista, ferrenha defensora do domínio da máquina sobre o homem.

Durante a publicação do mensário (1941-1946), pensar o pan-americanismo significava, antes de tudo, enfrentar a difícil questão das intervenções norte-americanas na América Latina no início do século XX. Entretanto, foi a partir da eleição de Franklin Roosevelt em 1933, que o paradigma de aliança intercontinental, quanto ao conteúdo e a forma, sofreu importantes transformações.

Na década de 1910, não eram poucos os que nos Estados Unidos clamavam por uma intervenção mais enérgica no continente. Desde o bloqueio aplicado por Inglaterra, Itália e Alemanha à Venezuela em 1902, por conta de dívidas não pagas, crescia no Departamento de Estado norte-americano o receio

não só da intromissão estrangeira nas Américas, como também a insurgência dos países ao sul em um possível desafio ao poder estadunidense.¹⁶⁴

Em 1904, o presidente Theodore Roosevelt elaborou um Corolário à Doutrina Monroe.¹⁶⁵ Por meio deste documento, buscava solidificar o poderio do país na região e inaugurava a célebre política do big stick, o grande porrete. Segundo Voltaire Schilling, dali em diante:

(...) os Estados Unidos não aceitariam demonstrações de força nas suas áreas de interesse. Ainda que os motivos fossem aceitáveis, como os de executar dívidas em atraso. Se os financistas europeus quisessem determinar aquele tipo de operação, que solicitassem antes os préstimos dos Estados Unidos, porque doravante o governo americano se arvorava em concentrar os poderes internacionais de polícia. Se algum vizinho, por sua vez, não se comportasse, ferisse interesses, resvasse no caos e no vandalismo, na devastação de propriedades, ele não hesitaria em enviar a Grande Esquadra Branca, como ele chamava a sua marinha, para pôr ordem nas coisas.¹⁶⁶

Abordagens dessa natureza, justificada ante as ameaças externas, transformou o Caribe em protetorado norte-americano. Em parte, essa informação explicava o grande interesse que o periódico mantinha em relação aos temas referentes à América Central.

Contudo, as vésperas do segundo conflito mundial, a intervenção armada na região havia cedido espaço para outra conduta. Ao invés de blindados, marines e torpedeiros, o Departamento de Estado estadunidense buscava adotar medidas que integrassem as Américas em uma comunidade com anseios comuns. Dessa forma, o governo daquele país reconhecia que o uso excessivo da força atrapalhava os

¹⁶⁴ Em 1902, o ditador Cipriano Castro recusou-se a reconhecer as dívidas venezuelanas para com os banqueiros europeus e estes mobilizaram os exércitos de seus respectivos países. Com o apoio dos Estados Unidos, a Alemanha bombardeou o Forte de S. Carlos e destruiu a cidade em 1903. Cf. SCHILLING, Voltaire. Estados Unidos X América Latina: as etapas da dominação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984, p. 24.

¹⁶⁵ Corolário pode ser definido como: "... medidas cuja função é interpretar a doutrina segundo a conjuntura histórica, adequando-se às realidades de interesses táticos da política externa norte-americana." Cf. Idem, p. 11.

¹⁶⁶ SCHILLING Voltaire. América: a história e as contradições do império. Porto Alegre: L&PM, 2004, p.139.

negócios, além de alimentar no continente os grupos políticos favoráveis a acordos com a Alemanha nazista.

Na VII Conferência Interamericana em Montevideu (1933), o secretário de Estado Cordell Hull assinou um pacto de não intervenção que reiterava a diretriz adotada de não intromissão em assuntos internos de Estados soberanos. Devido ao longo histórico imperialista norte-americano no continente, Hull teve que por diversas vezes reafirmar o compromisso firmado aos chanceleres latino-americanos: “Nenhum governo precisa temer qualquer intervenção dos Estados Unidos sob a administração Roosevelt”.¹⁶⁷

Em 1938, o governo Roosevelt criou um órgão exclusivamente voltado para estimular encontros culturais nas Américas. Era consenso nos altos círculos do poder estadunidense que a hegemonia deveria ser exercida por outros meios, promovendo debates, fomentando o diálogo e, sobretudo, forjando uma unidade que privilegiasse a tradição, a liberdade, as riquezas naturais e o passado comum dos povos americanos. A retórica do presidente norte-americano era sintetizada pela explicitação do que ele buscava com o possível fim da tirania nazista:

Contra a Nova Ordem (o programa nazi-fascista), Roosevelt contrapõe a Ordem Moral. Os americanos, desde a sua fundação, disse ele, estão empenhados numa perpétua mudança, numa revolução pacífica, ajustando a si mesmos para alterar as condições, sem precisar de campos de concentração. “O mundo que nós buscamos (...) é o de cooperação entre países livres, trabalhando juntos, numa amigável e civilizada sociedade. Esta nação (...) plasmou o seu destino com as mãos, cabeças e corações, de milhões de homens e mulheres livres, com fé na liberdade sob a proteção de Deus (...). Nosso apoio, vai para aqueles que lutam para alcançar esses direitos e mantê-los. A nossa força é a nossa unidade de propósito. Para esses elevados princípios, não pode haver um fim senão o da vitória”.¹⁶⁸

O período abordado pela revista *Em Guarda* foi, no contexto latino-americano, de importância estratégica. Apesar de nem sempre identificados, os

¹⁶⁷ Cordell, Hull. *Memories*. Nova York, 1948, p. 334. APUD: SCHILLING Voltaire. op. cit., 1984, p. 36.

¹⁶⁸ APUD: SCHILLING Voltaire. op. cit. 2004, p. 171-172.

articulistas e editores do periódico traduziam para os leitores a política elaborada no Departamento de Estado. Assim, no decorrer dos quatro anos de publicação, apareceram sessenta e cinco reportagens referentes á países da América Latina – aspectos militares, diplomáticos, educação, saúde, infra-estrutura, agricultura; quarenta relacionados ao Brasil e quarenta e sete traziam perfis de nações do continente.

A revista *Em Guarda* permite não só avaliar o tipo de relacionamento que os ativistas do Office pretendiam transmitir para o público da região, como também apreender os valores e a política em prol da efetiva aliança das Américas. Ao invés de tropas norte-americanas desembarcando nas matas do continente, cantores e diretores de Hollywood produzindo material para a divulgação da mistura de ritmos nos cines dos Estados Unidos.

A tarefa de constituir uma política oposta àquela disseminada no início do século XX, parecia demandar a necessidade de lançar mão de novas estratégias de propaganda. Se do ponto de vista da quantidade o quadro era estimulante, com a utilização do rádio, cinema e revistas, sob o aspecto da qualidade pode-se afirmar que *Em Guarda* significou importante veículo de divulgação do pan-americano, em especial o que se relacionava aos temas militares.

No entanto, a análise sistemática do periódico revelou mais que uma suposta atuação benevolente do governo dos Estados Unidos. O discurso de igualdade apregoado e de aliança entre os países do continente escamoteava a existência de um paradigma extremamente autoritário. Nela, os latinos americanos eram descritos como nações atrasadas, de economia extrativista, e na qual a população ainda trazia arraigadas as tradições primitivas dos ancestrais indígenas e espanhóis.

Desde os primórdios da guerra os Estados Unidos compreenderam que a defesa do hemisfério tinha de ser construída sobre alicerces econômicos, políticos e militares. Já em 1940, Roosevelt havia aventado a possibilidade de constituir um gigantesco cartel para controlar o comércio do continente. Contudo, seu projeto contou com a forte oposição de nações que cultivavam intensas relações com o Eixo como a Argentina e o Chile.¹⁶⁹

Portanto, a plêiade de programas voltados para a América Latina fazia parte da dupla estratégia norte-americana de afastar o perigo alemão das Américas, além de assegurar o controle junto aos governos locais no pós-guerra. Como afirmou Victor Bulmer-Thomas:

Entre os surpreendentes paradoxos dos anos de guerra, e uma de suas principais conseqüências, foi a crescente intervenção econômica dos Estados Unidos na América Latina e a expansão do papel dos governos nacionais, inclusive o uso de controles diretos. Em grande parte da América Latina, os interesses do setor privado a cada dia se atrelavam mais aos do governo, mais ou menos da mesma maneira que ocorreu nos Estados Unidos, onde o governo cooptou os líderes dos negócios para planejar e executar toda uma série de novos projetos. Esses dois desenvolvimentistas seriam fundamentais para o novo modelo de crescimento no pós-guerra.¹⁷⁰

Frente aos quatro anos de publicação, não seria difícil de imaginar que a revista *Em Guarda* tenha permanecido igual, a temática imutável. Se nos primeiros vinte e quatro meses de existência a preocupação era assegurar o apoio da América Latina na guerra, posteriormente o mensário iria objetivar a construção política mundial no pós-guerra, com o debate acerca da constituição de fóruns com legitimidade ampla – e que resultou na fundação da ONU em 1947.

¹⁶⁹ O Chile cortou relações com o Eixo somente em 1942, quando os Estados Unidos concederam empréstimos de longa duração; e a Argentina declarou guerra à Alemanha e o Japão a poucas semanas do fim dos combates na Europa. Cf: BETHELL, Leslie. *História da América Latina após 1930: Economia e Sociedade*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2005.

¹⁷⁰ THOMAS, Victor Bulmer. *As economias latino-americanas, 1939 – c. 1950*. IN: Idem. p. 87.

Todavia, no que se refere à primeira fase, a leitura que o periódico fazia do continente era caracterizado pela pouca disposição ao diálogo. As nações ao sul da região eram apresentadas dentro de uma seqüência invariável, classificada a partir de referenciais determinados a priori. A consequência mais imediata desse critério era a divisão dos países em dois grupos distintos: aqueles que viviam sob extrema pobreza e que, portanto, deveriam receber uma assistência material maior; e aquelas em desenvolvimento, parceiros restritos a algumas áreas, em especial na agricultura.

No primeiro conjunto, podem-se elencar as nações que compunham a América Central (Nicarágua, Guatemala, Cuba, El Salvador, Panamá, Honduras e República Dominicana) e os territórios pobres na América do Sul (Paraguai, Bolívia e Venezuela). O que os caracterizava era a economia dependente das exportações de produtos primários – fumo, açúcar, cacau e cana –, e na política, a profusão de ditadores que os governavam.

O segundo grupo era composto por países que, se não haviam escapado de governos autoritários, pelo menos contavam com um incipiente parque industrial e com a abundância de matérias primas relevantes como minerais e produtos agrários. Nessa categoria, os destaques eram Brasil, Argentina e México, parceiros potenciais do governo Roosevelt na extirpação do nazismo nas Américas.

Dessa forma, a política de boa vizinhança - revisitada por meio do reavivamento do pan-americanismo – não transmutou na prática as relações entre Estados Unidos e América Latina. A hegemonia norte-americana sob o continente em nenhum momento foi discutida em uma possível divisão de poderes entre os “amigos” latino-americanos. Porta-voz do governo estadunidense, Em Guarda reafirmou os valores apregoados desde meados do século XIX, por meio da

declaração do Destino Manifesto: a superioridade amparada na idéia de povo escolhido por Deus, do caráter desbravador exemplificado na conquista do Oeste, a inventividade e perspicácia que levava os norte-americanos a promover a tecnologia desde os primeiros anos de idade.

No universo da revista, os aliados e inimigos eram classificados a partir de um padrão definido. A estratégia de convencimento do leitor ia desde a construção da narrativa, com a harmonia entre texto e iconografia; e a utilização de cores que, com pretensão pedagógica, auxiliava na leitura “correta” da reportagem.

Outras táticas prescritas pelo mensário consistiam no uso de comparações/oposições entre o “bem” e o “mal”, o maniqueísmo caracterizado pelo emprego de frases e trechos discursivos grandiloquentes de autoridades políticas e militares. Além disso, a existência das montagens fotográficas denotava a prova testemunhal de quem esteve lá, reforçava o que a reportagem contava por meio de “provas”. Por fim, o amplo emprego de clichês para nomear os latino-americanos reforçava o viés pouco afeito ao debate da revista – “defensores da liberdade”, “adeptos do pan-americanismo”, “mútua amizade e apreço entre as nações”.

Esse tipo de abordagem, típica de publicações voltadas para difusão propagandística, privilegiava uma descrição lacunar do continente, o que de saída pressupunha a adoção de um padrão ideal a respeito do que deveria ser a verdadeira América. Independente da localização da nação, o roteiro para a apresentação estava definido a priori: o texto iniciava com um balanço das recentes medidas que o país havia adotado na guerra contra o Eixo; seguia-se a descrição dos recursos naturais, industriais ou agrícolas disponíveis para a transformação no moderno parque industrial norte-americano e, por fim, a declaração otimista em

relação ao futuro das relações no continente obtidas junto a algum presidente “amigo”.

A iconografia também acompanhava o padrão definido pelos editorialistas da revista. Por meio da leitura do corpo documental, percebe-se que a par da nação apresentada, a seqüência fotográfica permanecia invariável: cenas de paisagens agrícolas, sucedidas por imagens de cidades planejadas com ótima infra-estrutura e ações voltadas para a educação e a saúde da população.

No que concerne o discurso e a prática, havia uma enorme distância entre o que os editores e articulistas desejavam transmitir aos leitores e o que correspondia à realidade das Américas. As páginas do periódico apresentavam programas avançados de saúde, indivíduos saudáveis e cidades bem administradas. Entretanto a realidade latino-americana era sombria, com altos índices de analfabetismo, profusão de doenças, surtos epidêmicos e miséria generalizada.

O conceito que sustentava tal entendimento era a noção de modernidade. Para pensar nas particularidades do termo, recorremos ao que afirma Berman Marshall:

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e freqüentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz (...). Ser moderno é encontrar-se em um ambiente que promete aventura, poder, alegria, crescimento, autotransformação e transformação das coisas em redor – mas ao mesmo tempo ameaça destruir tudo o que temos, tudo o que sabemos, tudo o que somos. A experiência ambiental da modernidade anula todas as fronteiras geográficas e raciais, de classe e nacionalidade, de religião e ideologia: nesse sentido, pode-se dizer que a modernidade une a espécie humana. Porém, é uma unidade paradoxal, uma unidade de desunidade: ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, da ambigüidade e angústia.¹⁷¹

¹⁷¹ BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p. 13-14.

Ser moderno, na concepção do mensário, era substituir o passado - ligado aos colonizadores do “Velho Mundo”- pelas instituições e tecnologias do Novo Mundo – leia-se Estados Unidos. Dessa forma, longe de ser altruísta, a Fundação Rockefeller apregoava que por meio da educação e do emprego de técnicas modernas, a pobreza do continente seria amenizada. Assim, a idéia de aliança interamericana vinha acompanhada invariavelmente dos termos moderno e Novo Mundo, sugerindo um processo violento de desenraizamento cultural no qual o modo de vida norte-americano deveria atuar como paradigma a ser seguido.

Noutros termos, essa persistência apontaria para uma liderança incontestada estadunidense – única nação apta a fornecer a “chave” da modernidade – além de garantir a efetiva hegemonia no continente. Em nenhum instante, houve por parte de Em Guarda, a intenção de alçar o restante das Américas ao mesmo patamar de desenvolvimento dos Estados Unidos. Faltava aos latino-americanos o germe de povo inventivo, recursos infindáveis, fábricas modernas operadas igualmente por homens e mulheres, brancos e negros; e, sobretudo, a vontade de Deus que havia escolhido os norte-americanos para liderar o restante do mundo.

Portanto, a idéia de união apresentada pelo mensário era conservadora, extremamente autoritária, pois não admitia mudanças no status quo – exceto se os países sujeitassem a ficar na órbita norte-americana. Além disso, a linguagem utilizada visava apresentar as Américas para os próprios americanos, isto é, a descrição da Cultura, História, Tradições e Costumes ocorriam por via indireta – os habitantes ao sul do continente falavam por meio do periódico.

Nesse aspecto, a referência imediata para comparação nos é dado por Michel de Certeau, em sua profícua análise acerca do contato entre colonizadores e colonizados na América:

Américo Vespúcio, o Descobridor, vem do mar. De pé, vestido, encouraçado, cruzado, trazendo as armas européias do sentido e tendo por detrás dele os navios que trarão para o Ocidente os tesouros de um paraíso. Diante dele a América Índia, mulher estendida, nua, presença não nomeada da diferença, corpo que desperta num espaço de vegetações e animais exóticos. Cena inaugural. Após um momento de espanto neste limiar marcado por uma colunata de árvores, o conquistador irá escrever o corpo do outro e nele traçar a sua própria história. Fará dele o corpo historiado – o brasão – de seus trabalhos e de seus fantasmas. Isto será a América “Latina” (...). Mas o que assim se disfarça é uma colonização do corpo pelo discurso do poder. É a escrita conquistadora. Utilizará o Novo Mundo como uma página em branco (selvagem) para nela escrever o querer ocidental. Transforma o espaço do outro num campo de expansão para um sistema de produção.¹⁷²

Além de se auto rotular moderno – fato que os qualificava para tomar a frente na defesa do continente – o discurso dos norte-americanos agregava outro aspecto, não menos relevante, que era o saber científico. O conhecimento produzido nas escolas e universidades do país os credenciava assumir a dianteira das operações, pois como difundia a revista, a guerra moderna exigia a união de inúmeros fatores tais como energia, produtos naturais, tecnologia e indivíduos capacitados.

A tríade que sustentava a propaganda difundida nas páginas do mensário era completada com a narrativa em torno da excepcionalidade do povo eleito estadunidense. Na estrutura discursiva do periódico, os Estados Unidos haviam se lançado em uma guerra (contrariando seu desejo) com a finalidade de garantir o bem estar e a liberdade do continente. Contando com vizinhos fragilizados, dotados de estruturas políticas carcomidas pelo autoritarismo, o Departamento de Estado reavivou o pan americanismo, abriu linhas de crédito aos latino-americanos e reabilitou ditadores que na prática tornaram-se fantoches dos interesses norte-americanos na região. À pecha de ignorantes e suscetíveis a teorias políticas endógenas, atributos inerentes as sociedades das Américas Latinas, a revista contrapunha com a imagem da modernidade, do saber científico e pela virtuosidade de seus cidadãos.

¹⁷² CERTEAU, Michel. A escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 9.

As transformações ocorridas na paisagem urbana das principais nações do continente fomentaram o sucesso editorial da revista *Em Guarda*. Nos anos 40 do século XX, as principais cidades recebiam diariamente uma leva enorme de migrantes em busca de empregos e melhores condições de vida. Em decorrência desse fenômeno, elevam-se os índices de natalidade e de expectativa de vida. Bens de consumo até então distantes passaram a fazer parte do cotidiano das famílias: a aspirina, o rádio, o automóvel, utensílios domésticos, o plástico. Esse processo foi analisado por Orlandina de Oliveira e Bryan Roberts, que afirmavam:

Nas décadas de 30 e 40, tiveram início na região as mudanças fundamentais na distribuição espacial da população. Graças à exportação de matérias-primas e à importação de produtos manufaturados, a América Latina continuava vinculada à economia mundial, conquanto, agora, de forma menos firme. A depressão de 1929 e a Segunda Guerra Mundial estimularam a industrialização para substituição de importações. Junto com a modernização da agricultura, essa industrialização deu origem a grande urbanização, por força da migração do campo para a cidade, que começou, em maior escala, na década de 40.¹⁷³

Apesar da decantada idéia de modernidade transmitida pela revista, à organização político-social em muitas localidades na América Latina ainda baseava-se a partir do poder de senhores locais, sob a luz de eleições fraudulentas no qual imperava a violência no seu aspecto mais brutal. Longe das cidades projetadas e de camponeses que manejavam modernas máquinas de arar, a realidade-escamoteada é verdade- caracterizava-se pelo imprevisto e pela manutenção de velhos hábitos coloniais.

Graciliano Ramos, militante escritor brasileiro e contemporâneo do período, fornece-nos um rico painel acerca do estilo de vida no sertão brasileiro nas décadas de 1930 e 1940. Cabe ressaltar que a intenção aqui não é de estabelecer comparações entre as duas fontes, mas tomar o exemplo dado pelo autor de como o Brasil ainda estava distante da iconografia construída por *Em Guarda*.

¹⁷³ OLIVEIRA, Orlandina de. & ROBERTS Bryan. O crescimento urbano e a estrutura urbana na América Latina, 1930-1990. IN: BETHELL, Leslie (org.). op. cit. 2005,p. 302.

A pequena vila de Buíque, no interior alagoano, nem de longe era o ideal de cidade planejada e moderna vista nas páginas da revista:

Buíque tinha a aparência de um corpo aleijado: o largo da Feira formava o tronco; a rua da Pedra e a rua da Palha serviam de pernas, uma quase estirada, a outra curva, dando um passo, galgando um monte; a rua da Cruz, onde ficava o cemitério Velho, constituía o braço único, levantado; e a cabeça era a igreja, de torre fina, povoada de corujas. Nas virilhas, a casa de seu José Galvão resplandecia, com três fachadas cobertas de azulejos, origem do imenso prestígio de meninos esquivos: Osório, taciturno, Cecília, enfezada, e d. Maria, que pronunciava garafa. Na coxa esquerda, isto é, no começo da rua da Pedra, o açude da Penha, cheio da música dos sapos, tingia-se de manchas verdes, e no pé, em cima do morro, abria-se a cacimba da Intendência. Alguns becos rasgavam-se no tronco: um ia ter à lagoa; outro fazia um cotovelo, dobrava para o Cavalo – Morto, areal mal-afamado que findava no sítio de seu Paulo Honório; no terceiro as janelas do vigário espiavam as da escola pública, alva, de platibanda, regida por um sujeito de poucas falas e barba longa, semelhante ao mestre rural visto anos atrás.¹⁷⁴

Outro exemplo da diversidade que caracterizava as Américas e que, portanto, desfazia qualquer possibilidade de uniformização, é a análise que Sergio Buarque de Holanda empreendeu ao discorrer sobre as cidades construídas pelos espanhóis no continente. Note-se a oposição de planejamento entre portugueses – Brasil - e castelhanos em ambas as descrições:

A construção da cidade começaria sempre pela chamada praça maior. Quando em costa de mar, essa praça ficaria no lugar de desembarque do porto; quando em zona mediterrânea, ao centro da povoação. A forma da praça seria a de um quadrilátero, cuja largura correspondente pelo menos a dois terços do comprimento, de modo que, em dias de festas, nelas pudessem correr cavalos (...). A praça servia de base para o traçado das ruas: as quatro principais saíam do centro de cada face da praça. De cada ângulo saíam mais duas, havendo o cuidado de que os quatro ângulos olhassem para os quatro ventos. Nos lugares frios, as ruas deveriam ser largas; estreitas nos lugares quentes. No entanto, onde houvesse cavalos, o melhor seria que fossem largas.¹⁷⁵

A leitura desses exemplos desmitifica a imagem que o mensário construía de um continente indivisível, coeso, dotado de características semelhantes. As diferenças perceptíveis dos países – fruto do passado colonial – e as rivalidades

¹⁷⁴ RAMOS, Graciliano. *Infância*. Rio de Janeiro: MEDIA fashion, 2008, p. 43.

¹⁷⁵ HOLANDA, Sergio Buarque de. *Raízes do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004, p. 97.

regionais também eram fatores que inviabilizavam na prática a tão sonhada cooperação arquitetada pelo governo Roosevelt.

A propaganda da democracia e do american way of life eram o contraponto ao totalitarismo alemão que rondava a região. Dessa forma, a instrumentalização das relações culturais – por meio de revistas, filmes e livros – intentados pelo governo norte-americano, se constituiu em um dos métodos de domínio eficaz na consolidação da hegemonia estadunidense. Na definição do pensador da História das Relações Exteriores, Hans Morgenthau, a eficácia de tal estratégia – apoiada na massiva propagação ideológica - era afiançada no poder de persuasão da nação mais poderosa:

Não obstante há razões que parecem aconselhar ao termo cultural. Primeiro porque por uma parte engloba a todos os tipos de influências intelectuais, políticas e de outras classes que funcionam como meios para os objetivos imperialistas. Assim, o chamado imperialismo cultural é mais sutil, de maior êxito das políticas imperialistas. Não pretende a conquista de um território e/ou o controle econômico, mas sim o controle das mentes dos homens como ferramentas para a modificação das relações de poder entre as nações. Se pudermos imaginar a cultura e mas, particularmente, a ideologia política de um estado A com todos seus objetivos imperialistas concretos de conquistar as mentalidades de todos os cidadãos que fazem a política do estado B, observaríamos que o primeiro dos estados consegue uma vitória mais que completa em haver estabelecido seu domínio sobre uma base mais sólida que qualquer conquista militar ou econômica. O estado A não necessita ameaçar com sua força militar ou usar pressões econômicas para chegar aos seus objetivos. Para isto, a subordinação do estado B a sua vontade é produzida pela persuasão de uma cultura superior e pelos meios mais atrativos de sua filosofia política.¹⁷⁶

Os atributos do pan-americanismo – união interamericana, feitos históricos gloriosos, habitantes dotados de espírito liberal e cristão, modernidade – acabaram creditados igualmente dentre todos os indivíduos das Américas, quando na realidade, somente aos norte-americanos poderiam ser imputados tais qualidades. Nas páginas da revista *Em Guarda* é possível acompanhar os passos dessa

¹⁷⁶ MORGENTHAU, Hans J. A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz. Brasília: Editora Universidade de Brasília; Imprensa Oficial do Estado de São Paulo; Instituto de pesquisa de Relações Internacionais, 2003, p. 86.

construção que atribuía aos Estados Unidos toda e qualquer positividade contida na idéia de pan-americanismo.



Figura 1: A busca por corações e mentes buscava arrebatado o apetite dos leitores. Em Guarda. Alimentos, Ano 1, volume 2.



Vista da famosa Avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, a cidade mineira que, como Washington, nos EE.UU., foi construída de acordo com um plano.

BELO HORIZONTE

Figura 2: Cidades de arquitetura plana e organizada. No decorrer de sua publicação, a revista abordou as principais cidades das Américas. Em Guarda. Belo Horizonte, Ano 1, nº 04, p. 19.



dos trabalhos de construção da rodovia Interamericana, na América Central, a importante ligação do norte do sistema rodoviário do Hemisfério O

A Rodovia Panamericana

Figura 3: A integração interamericana defendida pelo periódico perpassava a História e exigia ações práticas. A construção da rodovia pan-americana que interligava a América Central à do Norte era uma das metas. Em Guarda. A rodovia Pan-Americana, Ano 1, nº 07, p. 20.



Trabalhadores venezuelanos durante uma aula de inglês, no Instituto Cultural. Há atualmente vinte e dois institutos funcionando nos demais países da América

Em Assunção, no centro dirigida por Miss E. Hawks (à esquerda), para o ensino da língua inglesa. Os centros estão tendo uma frequência regular de 15.000 alunos



Figura 4: Os programas de ensino nas Américas constituíam-se em tema recorrente nas páginas da revista. Em Guarda. Bons Vizinhos, Ano 3, nº 08, p. 35.



Figura 5: As imagens 05-08 abordam o padrão da revista em relação a descrição dos países das Américas. Destacam-se a agricultura, educação, modernidade e saúde. Em Guarda. Republica do Salvador, Ano 3, nº04, p. 16.

REPÚBLICA DO SALVADOR

UMA DAS NAÇÕES MAIS PROGRESSISTAS DA AMÉRICA CENTRAL

NO extremo oeste de uma ponte, nas
das mais caudalosas rios do continente
americano, do lado do Pacífico, há uma
plaza com a seguinte inscrição:

*Ponte Cacatúa — Senha de um século
realizada por um governo de fe patrió-
tica e um povo laborioso e sábio, que quis
cabeça sacada esta obra que une a cidade
mais a família salvadorense, na rota da
América, com a qual aspira formar uma de-
monstração solidária continental.*

Esta magnífica ponte suspenso, uma das
maiores do peyruco direito da grande Roda-
via Panamericana, liga as margens do rio
Lempa no trecho que reunem a capital
da república com a importante porta de La
Unión. El Salvador já completo quasi todo
o trecho da relovia que passa pelo seu ter-
ritório. A plaza comemorativa da ponte, que
foi inaugurada e aberta ao tráfego em 1942,
é um monumento símbolo do espírito dessa
nação centro-americana, que agora está en-

viando todos os esforços para assegurar
não somente a sua própria futuro, como
também a das suas vizinhas.

A República de El Salvador — a menor
de todas as nações do continente americano,
e a única, na América Central que está situa-
da inteiramente no costa do Pacífico, com
extensão de 266 quilômetros.

A região litorânea é estreita, esburcada
por verdadeiras mangueiras, cortada não só
por rios sinuosos. Seus planaltos são ligados
pela fertilidade das terras, e a república
se orgulha de possuir algumas cidades mo-
dernas, de vida intensa, analisando um
progresso digno das possibilidades do país.
Das nações da América Central, El Salvador
é a de população mais densa, e o seu desen-
volvimento é assinalado pelo fato de con-
ter profusamente cultivados quatro quintos
da sua superfície, de 34.126 quilômetros
quadrados. Seu produto principal é o café,
famoso pela sua fina qualidade que, além



O Presidente, Gen. M. Hernández M., do Salvador, uma das pri-
meiras nações centro-americanas a declarar guerra contra o Eixo

valde ultimamente, é empregado na indústria têxtil e na fabricação de cacos. Vista de um estancieiro, em Salvador, onde a produção do algodão tem aumentado



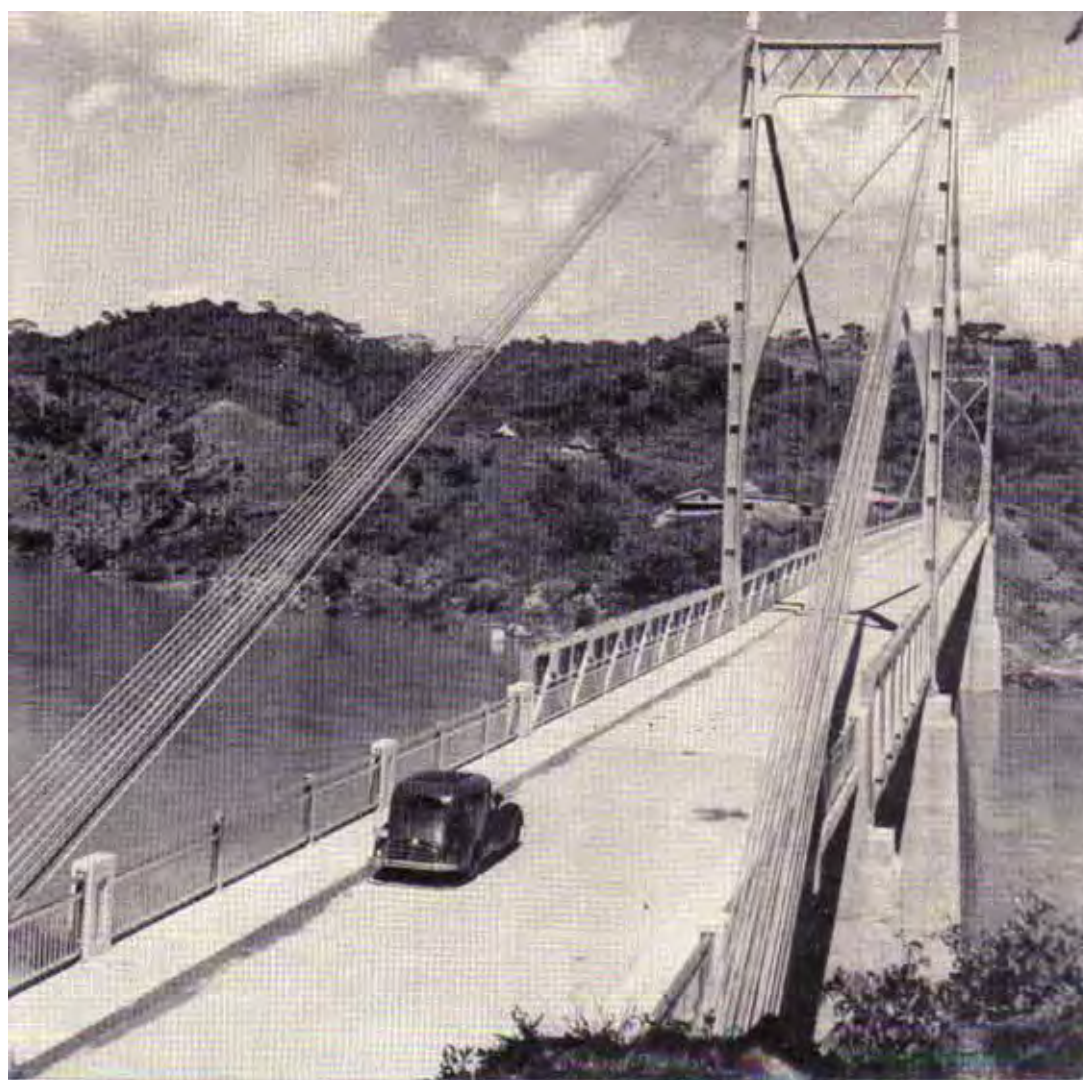
Figura 6: Em Guarda. República do Salvador, Ano 3, nº 04, p.17.



Pesando uma criança num dos dispensários infantis na capital da república. A assistência à infância está bem organizada e aparelhada com modernos recursos, tendo um movimento de 1.500 crianças por mês. Em baixo: cadetes da Escola Militar em exercícios práticos de combate. O exército da república, organizado para a defesa em terreno acidentado e montanhoso, dispõe de armas mecanizadas do tipo mais moderno



Figura 7: Em Guarda. República do Salvador, Ano 3, nº 04, p. 18.



A ponte de Cuscatlán, sobre o rio Lempú, que deságua no Pacífico, é uma das ligações da rodovia Panamericana, cujo trecho, no Salvador está quasi completo



Aspecto da grande estação experimental agrícola situada em Santa Tecla. Seus trabalhos se referem essencialmente à cultura do algodão, mas numerosas plantas fibrosas estão agora sendo cultivadas



Mudas de fibra rosella, planta de rápida crescimento, pronta para ser colhida, geralmente, em noventa dias, produzindo uma fibra sedosa

Figura 8: Em Guarda. República do Salvador, Ano 3, nº 04, p. 19.

3.1. A União Interamericana

Por mais amplo que fossem os temas abordados pela revista *Em Guarda*, em um ponto parecia existir concordância: a América Latina deveria permanecer unida contra qualquer ameaça externa. A forma dessa cooperação parecia, na visão do periódico, dado a priori, ou seja, a extração de riquezas e a mobilização humana seriam os componentes que fariam o “Novo Mundo” manter afastado o nazismo e o fascismo.

A visão grandiosa fornecida pelo mensário era construída a partir de alguns elementos pré-estabelecidos: a História, a Tradição, a Cultura e a religiosidade dos indivíduos que coabitavam a América Latina. Na constituição desse discurso, os editores utilizavam-se de vários artifícios típicos da propaganda política: maniqueísmo, iconografia, textos de caráter grandiloquente e marcados pela iniciativa da ação, ordenação e classificação de amigos e inimigos. Especialmente a partir de 1942, o contexto da guerra parecia demandar uma atuação mais firme por parte do governo estadunidense.

A política da boa vizinhança e o pan- americanismo reavivado desde a posse de Roosevelt em 1933 já não aceitavam mais serem reduzidos a simples discursos de boas intenções. Emergiu então a imagem de um continente intransponível, tendo os Estados Unidos como modelo material, moral e espiritual. A narrativa sobre as qualidades e atributos das nações da região passou a figurar na revista em tons de epopéias. No entanto, tal prática se mostraria excludente e autoritária, pois existia um roteiro pré-estabelecido de como o país deveria ser mostrado, além da evidente idéia de inferioridade frente aos norte-americanos.

Para a análise aqui proposta, tome-se o texto **HITLER ODEIA BONS VIZINHOS**. Escrito assim mesmo, em letras maiúsculas e sem autoria definida, era

um panfleto político na comparação entre o tratamento conferido pelos Estados Unidos aos vizinhos e o mesmo tratamento que a Alemanha havia dispensado as nações próximas.

Redigido sob a forma de diálogo, era evidente que o autor da reportagem intencionava que o leitor não tivesse margem para o questionamento ou para reflexões aprofundadas. De início, a natureza da discussão era colocada com a indagação:

Que fé resistirá à ação do tempo – a “nova ordem” de Hitler, que é subordinada à vontade de um único homem, e que se baseia na teoria da “superioridade de raça” – ou a fé do Bom Vizinho que é sujeita à vontade democrática e se funda na igualdade de todos os povos e todas as nações, grandes e pequenas?¹⁷⁷

Após esse intróito, o texto analisava como foi possível o industrial, o banqueiro, as congregações católicas e as empresas alemãs serem “iludidas” por “Hitler e seus fanáticos asseclas”. Aos países vizinhos da Alemanha, a lógica usada teria sido a mesma, ou seja, a ilusão e a falsidade. A infiltração teria ocorrido por meio das transações comerciais:

O comércio, para os nazistas, tornou-se instrumento não somente de escorchante economia, como também de invasão política – porque a cruenta organização hitleriana se estendia em todas as direções, muito além das fronteiras da Alemanha. Firms comerciais alemãs, noutros países, eram compelidas, sob pena de ameaças contra membros de suas famílias residentes na Alemanha, a custear as despesas da intriga nazista. Casas comerciais que noutras nações, mantinham negócio com a Alemanha, eram obrigadas a fornecer o nome de seus empregados aos agentes do Terceiro Reich. E, sob a ameaça de não comerciarem com a Alemanha, essas casas eram intimadas a dispensar seus empregados que fossem considerados, pelos agentes nazistas, inimigos do Estado Hitleriano.¹⁷⁸

A estrutura narrativa do texto era construída para que o leitor chegasse à conclusão de que somente existia um culpado pela situação caótica na Europa: Hitler e seus subordinados nazistas. Mesmo o povo alemão era isento pelo periódico de culpa, pois teria sido iludido pelas promessas de superioridade racial e constituição da “grande Alemanha”: “Milhões de outros alemães também foram

¹⁷⁷ Em Guarda. HITLER ODEIA BONS VIZINHOS. Ano 1, nº 10, p. 15.

¹⁷⁸ Idem, p. 15.

atraídos, durante certo tempo, pelas palavras do Fuhrer – alemães honestos, sinceros, humanos – esses que confiaram na sua palavra...”.¹⁷⁹

No entanto, como era de praxe, dada à natureza do texto convencer o leitor, a resposta para tais inquietudes estava na implementação do pan-americanismo nas Américas, um “código de ética que se tornou um exemplo para o resto do mundo”. A política da boa vizinhança aparecia como alternativa aos nacionalismos xenófobos e as doutrinas individualistas européias. Nas páginas de *Em Guarda*, a união interamericana surgia como ideologia que sempre existira, isto é, necessitava apenas de estímulo para renascer em toda sua pujança. Segundo a revista:

Esse estímulo veio de duas maneiras. Primeiro, verificou-se um renascimento espontâneo de pan-americanismo, como verdadeiro antídoto contra a loucura nacionalista que se alastrava pela Europa, e também contra a política agressiva do Japão na Ásia. Nas camadas pensantes das Américas, aqueles que procuravam um meio de congraçar os nossos povos, certificaram-se de que era bastante fortalecer o velho e tradicional pan-americanista. Em seguida houve a enunciação da política de Boa Vizinhança pelo Presidente Franklin Roosevelt, logo após a sua posse do cargo, em 1933,- com a afirmação da doutrina pela qual todas as nações são invioláveis, e todos os povos, grande e pequenos têm o direito de se reunirem em conferência como iguais.¹⁸⁰

A análise tinha endereço certo: sob o ponto de vista do mensário, a História era pensada de cima para baixo, uma vez que o pan-americanismo “renasceu” espontaneamente, sem a ação de políticos, artistas, intelectuais e empresários. Outra questão latente, dizia respeito à posição superior ocupada pelos norte-americanos, pois somente após o referendun do Presidente Roosevelt o ideal de cooperação interamericana adquiriu praticidade. Porém, o simples fato de se reunirem não conferia aos países a igualdade proclamada. A teoria do direito a paridade esbarrava no poder econômico e militar que as nações exerciam em seus

¹⁷⁹ Ibidem, p. 15.

¹⁸⁰ Idem, ibidem, p. 15.

territórios – difícil imaginar que os Estados Unidos e o Haiti se reuniram numa conferência com a mesma força política.

O conceito de pan-americanismo reverberado por Em Guarda era guiado por algumas premissas básicas. A primeira delas dizia respeito à defesa da liberdade, incluindo nessa questão o compromisso em manter afastada do continente a doutrina nazista. A segunda, não menos relevante, era a crença de que a cooperação interamericana – especialmente nas áreas de saúde, educação e agricultura – constituir-se-ia na panacéia de todos os déficits acumulados ao longo de séculos de pobreza e opressão na América Latina. Por fim, na liderança incontestada dessa política – portadores da tecnologia e da modernidade – os Estados Unidos e seu povo apareciam não somente como artífices do pan-americanismo, mas primordial no seu planejamento, execução e defesa de seus valores. Nesse processo, cabia aos estadunidenses a ordenação e classificação dos “amigos” e “inimigos” – muitas vezes valendo-se da construção de estereótipos e dados eivados de preconceitos acerca dos elementos culturais dos latino-americanos.

A América Latina era entendida como um grande celeiro, responsável pelos víveres dos povos que lutavam contra a tirania nazista. Contudo, apesar da profusão de produtos primários, a fabricação do continente ficava aquém da real capacidade de produção. Assim, sob o ponto de vista do periódico, faltava a implantação de técnicas modernas que extraíssem todas as riquezas do solo:

Os Estados Unidos firmaram acordo com quatro nações americanas, a República do Salvador, Peru, Nicarágua e Equador, para o estabelecimento de estações de experimentação. A do Peru, que será localizada na zona de Tingo Marin, na falda dos Andes peruanos, irá favorecer ao grande projeto de colonização iniciado pelo governo da república. Os Estados Unidos fornecerão o equipamento necessário, naquilo que o Peru não tiver, juntamente com um grupo de consultores técnicos. O propósito da estação experimental é fomentar o desenvolvimento da boa agricultura em toda a zona peruana do vale do Amazonas. Serão estabelecidas granjas para demonstrações, e seus produtos serão distribuídos gratuitamente para servirem de aplicação em outros centros de fomento agrícola. Atenção especial é dada à indústria extrativa representada pela borracha e óleos. Far-se-à também a

localização de um centro para produção de víveres para casos de emergência e para atender às necessidades de obras de saneamento indispensáveis ao vasto programa.¹⁸¹

O auxílio dos Estados Unidos não se restringia ao fornecimento de máquinas e técnicos especializados. O intercâmbio de estudantes das repúblicas do continente era uma prática incentivada pela revista, que enfatizava a cooperação acadêmica das Américas. Os aspirantes viajam para um período de aprendizagem nas Universidades norte-americanas, onde aprendiam “modernas” técnicas de manejo e a língua inglesa. A rotina dos aprendizes em solo estrangeiro seguia um padrão, exemplificado no trecho a seguir:

Ao chegarem aos Estados Unidos, os estudantes sul-americanos primeiro dirigem-se a Washington, como convidados do Departamento de Agricultura. Entre suas aulas de inglês, familiarizam-se com os últimos trabalhos do Departamento em matéria de criação de galinhas e de gado. No Centro de Pesquisas de Beltsville, mantido pela mesma repartição oficial, no Estado de Maryland, vizinho da capital norte-americana, os estudantes ficam ao par dos métodos mais modernos sobre pecuária, rotação de culturas e fruticultura. Visitam várias fazendas de criação e plantações particulares, assim como as estações experimentais da Universidade do Estado de Maryland. Informam-se então da maneira como são rapidamente disseminados pelo país inteiro, entre todos os interessados, os novos conhecimentos científicos através de um sistema de demonstrações a cargo de funcionários estaduais e municipais. Se algum estudante pretende lecionar agricultura em sua pátria, ou ser agente demonstrador, passa a maior parte do seu curso nos Estados Unidos nos escritórios especiais, estaduais e municipais, que lhe facilitam direto contato com os agricultores e seus problemas locais. Os estudantes freqüentemente acompanham os agentes demonstradores em suas visitas às diversas fazendas e plantações, observando, estudando e discutindo problemas referentes a culturas de frutas, ao mercado de galináceos ou de produtos lácteos (...). Para facilitar ao estudante maior aproveitamento, esse estágio prático é feito de preferência numa zona cujo clima e tipo de lavoura mais se assemelhem ao do seu país.¹⁸²

Era como se um francês fosse aprender sobre vinhos nos Estados Unidos. Para conhecer a si próprio e a História de sua nação, o indivíduo residente na América Latina teria que se deslocar até ao território norte-americano e tomar contato com a produção científica sobre a região. A natureza, tal como uma máquina, deveria ser explorada, catalogada e posta a serviço do homem. Exemplo

¹⁸¹ Em Guarda, Víveres das Américas. Ano 2, nº 01, p. 16.

¹⁸² Em Guarda, Agricultura Científica. Ano 4, nº 05, p. 17.

do autoritarismo revestido de ciência, o discurso construído pelo mensário desconsiderava a plêiade de tradições e culturas presentes ao sul do continente, além de reafirmar a posição incontestada dos norte-americanos no campo científico.

A classificação da natureza em categorias científicas ganhou notoriedade a partir de meados do século XVII. Naturalistas, aventureiros, nobres e endinheirados europeus saíram em expedições pela América e Ásia catalogando espécimes, nomeando plantas e estabelecendo contatos com povos isolados. Os relatos de viagem despertavam a imaginação dos leitores europeus, que imaginavam animais exóticos e tribos de nativos consumidores de carne humana e vivendo em harmonia com a natureza. Para Mary Louise Pratt:

Da mesma forma que o advento da exploração do interior, o mapeamento sistemático da superfície do mundo está correlacionado à crescente busca de recursos comercialmente exploráveis, mercados e terras para colonizar, tanto quanto o mapeamento marítimo está ligado à procura de rotas de comércio. Diferentemente do mapeamento de navegação, todavia, a história natural concebeu o mundo como um caos a partir do qual o cientista produzia uma ordem. Não é, portanto, uma simples questão de representar o mundo tal como ele era.¹⁸³

O papel do cientista – e seu discurso competente – ganhava notoriedade frente ao obscurantismo representado por formas ultrapassadas de convívio: rezas, sacrifícios, mandingas, fases da Lua e do Sol, etc. Como bem frisou Pratt:

Tal perspectiva pode parecer estranha a imaginações ocidentais do final do século XX, treinadas para ver a natureza como ecossistemas auto-reguladores que as intervenções humanas levam ao caos. A história natural exigia a intervenção humana (principalmente intelectual) para que se compusesse a ordem. Os sistemas classificatórios do século XVIII suscitaram a tarefa de localizar todas as espécies do planeta, extraíndo-as de seu nicho arbitrário, particular (o caos) e colocando-as em seu posto apropriado no interior do sistema (a ordem-livro, coleção ou jardim), junto a seu recém-criado nome secular europeu.¹⁸⁴

¹⁸³ PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999, p. 65.

¹⁸⁴ Idem, p. 65-66.



Figura 9: Nas páginas da revista, a agricultura era abordada a partir de parâmetros científicos. Em Guarda, Agricultura científica, Ano 4, nº 05, p. 16.

A lógica da classificação – que beirava ao estereótipo – explicava o lugar que as nações do continente teriam nas páginas da revista Em Guarda. Enquanto o Brasil era abordado sob a ótica da pátria em desenvolvimento, dotado de potencialidades naturais, os países do Caribe – Haiti, Guatemala - apareciam como “extensão” do território norte-americano. Surgiam então, na prática, várias “Américas”, dotadas de particularidades que deveriam “desaparecer” no contexto de guerra e ameaça nazista.

Deve-se ter presente que a despeito da ordenação realizada pelo mensário, havia um roteiro que colocava os latino-americanos em um lugar, no qual

já se sabia de antemão, as características narradas. O padrão incluía temas que versavam sobre a biografia de políticos e cidadãos comuns, arquitetura, História, agricultura e programas nas áreas de saúde e educação.

O pragmatismo era outro ponto que predominava na revista *Em Guarda*. Se em teoria a defesa da liberdade tornava-se consenso, a prática distanciou-se de tal proposição. Inúmeros ditadores apareceram nas páginas do periódico como estadistas capazes de debelar as ameaças externas e garantir a prosperidade de seu povo. Naturalmente, o que definia ser ou não aliado dos Estados Unidos e, portanto, um democrata, passava pelo grau de submissão aos interesses norte-americanos no continente.

Este tipo de constatação, porém, não encerra a questão. Longe de imaginar as relações de poder entre latino-americanos e estadunidenses pela lógica do dominador/dominado, deve-se indagar até que ponto os presidentes apoiados pelos Estados Unidos não se beneficiavam dessa situação. Noutras palavras, sob pretexto de afastar o perigo estrangeiro, chefes de Estados perseguiram inimigos de partidos diferentes, impunha controle de preços e nomeava aliados para cargos relevantes.

Esperava-se obter, com a adoção dessas medidas, a anuência dos Estados Unidos e a inserção no rol dos países livres. O caso da Guatemala era exemplar. Desde 1906, a companhia norte-americana United Fruit Company plantava bananas em extensos hectares de terras na América Central. Qualquer intromissão em seus negócios, essa firma mobilizava um gigantesco lobby junto às autoridades que poderia culminar até em intervenção militar. Os salários baixos pagos aos trabalhadores e os ínfimos investimentos no cultivo bananeira avultavam ainda mais os lucros aferidos pela empresa:

O sistema de exportação, estabelecido pela United, não forneceu nenhum benefício concreto e duradouro às áreas que explorou. Embora a empresa investisse, em um primeiro momento, em uma infra-estrutura para seus trabalhadores (como habitação, educação, saúde e etc.), nada era permanente. Nenhuma parte do capital gerado pela Companhia foi reinvestida nos países em que ela atuou, a não ser na estrutura interna da empresa, o que por sua vez demandava muito pouco investimento, pois ela mesma controlava todas as fases da produção e comercialização.¹⁸⁵

De fato, na mesma época em que havia a ação dessa firma na Costa Rica, os esforços da Guatemala para afastar os elementos do Eixo já eram exaltados pela revista. Retratado como um eminente político, o Presidente Jorge Ubico – ditador que usurpou o poder em 1931 – aparecia como “um soldado-estadista de extraordinária energia, matemático e há anos experimentado nos ardis das intrigas nazistas”.¹⁸⁶

A reportagem seguia o padrão pré-estabelecido pelo periódico: últimas notícias referentes ao combate contra os nazistas, valorização da biografia do presidente, infra-estrutura e programas de incentivo ao progresso e, por fim, as matérias-primas da qual podia dispor os Estados Unidos para a conversão em materiais bélicos. Nesse sentido, vale à pena acompanhar dois trechos da argumentação de Em Guarda que servia invariavelmente de parâmetro para abordar a América Latina:

Logo que romperam as hostilidades, o Presidente Ubico decretou a suspensão das garantias constitucionais aos cidadãos do Eixo, residentes na república e colocou-os sob rigorosa observação das autoridades, sujeitando aqueles que eram proprietários de plantações de café e açúcar, a impostos adicionais sobre toda a produção, impostos destinados a custear as despesas com a defesa nacional. Ao mesmo tempo, eram congelados todos os fundos e créditos de indivíduos ou empresas constantes da lista negra americana. E todas as comunicações pelo rádio, telégrafo ou telefone passaram a ser permitidas unicamente em espanhol e inglês, ficando proibido o uso de códigos. O governo assumiu depois o controle das vendas e trocas de novos automóveis, caminhões e pneus, controle que se estendeu às transações comerciais que envolviam ferro, aço e borracha, decretando ainda a redução no consumo de gasolina.

¹⁸⁵ VERGARA, Armina Maria Figueroa. A trajetória da United Fruit Company na Costa Rica. Revista Eletrônica da Anphlac –nº07.

¹⁸⁶ Em Guarda. Guatemala - Seu símbolo é o Quetzal, a ave de liberdade. Ano 1, nº12, p. 15.

(...) Anos de perfeita tranquilidade e intenso trabalho construtivo habilitaram a vida econômica da república para amortecer o efeito do abalo produzido pela guerra. Não se manifestou no país deslocamento tão grave como o verificado nos países essencialmente industriais. Uma economia agrária, como a da Guatemala, especialmente quando orientada e desenvolvida de acordo com os métodos modernos e científicos como os que formam o programa agrícola do Presidente Ubico, em execução nesta última década, torna-se capaz de manter um padrão de vida perfeitamente aceitável em tempos de grandes dificuldades (...). Na sua exportação para os Estados Unidos predomina o café, banana, chicle, madeiras de lei, óleos vegetais e couros, sendo que café e banana representam 90 por cento do total. Em 1939, os mercados norte-americanos absorveram 71 por cento desses produtos; do restante, a Alemanha e as “nações ocupadas” importaram 21 por cento. Isto quer dizer que, durante a guerra, a quantidade que antes se destinava aos mercados europeus está sendo agora absorvida pelas nações aliadas.¹⁸⁷

¹⁸⁷ Idem, p. 15 e p.16.



Figura 10: Na abordagem dos países do continente, a América Central era constituída a partir de suas riquezas naturais. Fotografias sobre a Guatemala – acima, presidente Jorge Ubico. Em Guarda. Guatemala, Ano 1, nº 12, p. 14.



Um campo de chicle ou campo de cacau, importante produto da economia guatemalteca, que encontra enorme mercado nos Estados Unidos.



Em baixo: Frutos do comércio de exportação de cacau, importante produto da economia guatemalteca, que encontra enorme mercado nos Estados Unidos.



Figura 11: Em Guarda. Guatemala, Ano 1, nº 12, p. 15

Guatemala

SEU SÍMBOLO É O "QUETZAL,"
A AVE DE LIBERDADE

A GUATEMALA está fazendo sua valiosa contribuição para a guerra, sob a liderança do seu presidente, general Jorge Ubico, um cidadão-cadista da extraordinária energia, entusiasmo e há anos experimentando nos arde das lutas nazistas.

As forças militares da república acham-se alerta em pontos de magna significação para o continente americano. A fim de sustar qualquer tentativa de agentes do Eixo para estabelecer contato pelo rádio com submarinos ou navios corsários em suas águas territoriais, o litoral do Pacífico está sendo constantemente patrulhado, assim como as regiões montanhosas e densas florestas, as ricas plantações de banana situadas no vale de Motagua, e a foz do rio Usumacinta, no Mar das Antilhas.

O Presidente Ubico estabeleceu as bases para a defesa de sua estratégia país, muito antes de começar a guerra, mantendo sob estrita vigilância todos os elementos nazistas residentes no país. Ainda em 1938, já se destacava o presidente pela sua enérgica oposição ao militarismo alemão, por pretender levar a efeito uma espécie de "plebiscito" entre a colônia alemã a respeito da anexação nazista da Áustria. Pouco depois, o presidente ordenou o fechamento de clubes e associações germânicas e proibiu as atividades de caráter político de quaisquer estrangeiros na Guatemala, através de um decreto aplicável tanto a singelos indivíduos como a representantes diplomáticos e consulares. No mesmo dia em que os Estados Unidos declararam guerra ao Japão, a Guatemala também fez o mesmo. E quando chegou a vez de os Estados Unidos declararem guerra à Alemanha e à Itália, a república centro-americana, no dia seguinte, tomou a mesma atitude.

Logo que romperam as hostilidades, o Presidente Ubico decretou a suspensão das garantias constitucionais aos cidadãos do Eixo, residentes na república e colocou sob rigorosa observação das autoridades, sujeitando aqueles que eram proprietários de plantações de café e açúcar, e impostos adicionais sobre vida a produção, impostos destinados a custear as despesas com a defesa nacional. Ao mesmo tempo, eram congelados todos os fundos e créditos de indivíduos em empresas constantes de lista negra americana. E todas as comunicações pelo rádio, telegrafo ou telefone passaram a ser permitidas somente em espanhol e inglês, ficando proibido o uso de códigos.

O governo assumiu depois o controle das vendas e trocas de novos automóveis, caminhões e peças, controle que se estendeu às transações comerciais que envolviam ferro, aço e borracha, decretando ainda a redução no consumo de gasolina.

O general Ubico, antes de assumir a presidência em 1931, havia sido governador provincial, deputado federal, chefe do estado-maior do exército e ministro da Guerra. No governo da república, adotou importantes reformas de ordem social, nas mesmas concepções daquelas que adotara quando governador da província. Parte importante desse avançado programa foi a reabilitação dos índios Mayas, que se viam assegurados em seus direitos à subsistência, na terra sua e de seus antepassados, que sempre assecurara dignificá-los perante os séculos anteriores à sua conquista pelos espanhóis.

"Quando eu era governador de Alta Verapaz, pude verificar as privações à que se sujeitavam os índios e resolvi contribuir com o meu esforço para libertá-los de tal situação, declarou o Presidente Ubico. E quanto mais conheço a selvagem, mais me convenceu de que não mereço tão o tratamento que lhe dão, e que é dever de todo guatemalteco ajudá-lo a melhorar as condições de vida daqueles que por natureza são nossos irmãos e legítimos donos da terra de que nos apropriamos." Em virtude disso foram propostos, desenvolvidos e executados entre os selvagens, trabalhos a profissional e agrícola, sendo também adotadas rigorosas medi-



Os cadetes dos colégios militares da Guatemala desfilam marcialmente perante o Tribunal de Guerra durante uma sessão demonstrativa de preparação para o futuro da estratégia república militar.



Tropas das forças de segurança dos Estados Unidos desfilando na capital da república. Esta linha está carregada com o espírito de Guatemala no nome da parte da Guerra Pacífica e de Atitudes.

Figura 12: Em Guarda, Guatemala, Ano 1, nº 12, p. 16.



Figura 13: Em Guarda, Guatemala, Ano 1, nº 12, p. 17.

O afã de união interamericana diferia quando o país abordado exercia maior influência no continente. Note-se o caso do Brasil. Durante o período de publicação da revista *Em Guarda*, a nação foi alvo de 40 reportagens. Os temas versavam sobre a participação das forças da FAB na guerra, a base aérea de Natal, matérias-primas, visitas de políticos e militares ilustres e cidades brasileiras.¹⁸⁸

Se comparada ao discurso empregado na caracterização da Guatemala, o Brasil aparecia num patamar acima, isto é, na concepção do mensário o incipiente parque industrial e as dimensões continentais garantiam certa relevância no xadrez geopolítico da época. O passado era requisitado para testemunhar a exuberância brasileira:

A riqueza de seu solo, a unidade de seu povo e a clarividência de seus estadistas conjugam-se neste momento para transformar as potencialidades do maior país da América em um dos maiores baluartes da defesa do continente. Neste momento histórico para os brasileiros, hão-de ocorrer-lhes interessantes reminiscências dos primeiros tempos de formação de sua pátria, através de fatos que, como agora, se ligavam tão intimamente a acontecimentos que se desenrolavam na Europa, em cujas cortes se demarcava a partilha do mundo. O transcorrer de séculos não veio abater em nada para o Brasil os perigos resultantes da sua privilegiada posição geográfica. Os mesmos riscos de invasão e domínio que agitaram a vida da colônia, por décadas inteiras e que tanto se assinalaram pelas lutas tremendas ao longo da sua costa ao norte, reaparecem atualmente como uma ameaça não somente para a nação, como para o hemisfério.¹⁸⁹

O governo Vargas, tal como Roosevelt nos Estados Unidos, era exaltado como o marco que mudara a economia e colocara o Brasil no rol dos países em constante progresso:

O ritmo de progresso que tem caracterizado a última década brasileira sincroniza-se com a excelente oportunidade que o presente lhe assegura para o futuro. Esse progresso, entanto, é marcadamente a consequência de um esforço para colocar o país e seu povo nos justos níveis das conquistas do trabalho como finalidade de sua própria existência. É esse um diligente esforço que só poderá realizar-se em ambiente de paz e concórdia e de absoluta consagração universal ao respeito devido às obrigações internacionais. Tudo quanto vier perturbar esse princípio, e manifestar-se para a nação mesmo em simples forma de ameaça, há de encontrá-la preparada para determinar o seu curso de ação. Ao preparar-se militarmente, o Brasil, como

¹⁸⁸ Além do Rio de Janeiro, palco de inúmeras reportagens foi retratado as cidades de São Paulo e Belo Horizonte.

¹⁸⁹ *Em Guarda*. Programa de amizade – entre alunos da escola militar de Realengo, Rio de Janeiro e da Academia Militar de West Point, Estados Unidos. Ano 01, nº11, p. 25.

outras nações, procura garantir-se contra qualquer solução de continuidade ao seu progresso, armando-se, portanto, de conformidade com as contingências do presente.¹⁹⁰

Entretanto, o relato acerca do progresso brasileiro não fazia deste uma exceção frente aos demais países abordados no periódico. Persistia o roteiro pragmático de realçar os produtos naturais que o Brasil viria a contribuir no conflito mundial: minérios, cobre, borracha. O pan-americanismo sob os auspícios dos Estados Unidos ordenava as nações do continente, ditando as obrigações que cada um deveria cumprir:

A posição firme do Brasil entre as nações que se consagram aos ideais da Liberdade, destacou-se pela importância da sua estabilidade econômica e progresso industrial no continente sul-americano. Sua rápida transição, de país essencialmente agrícola, para uma potência industrial, constitui uma das extraordinárias revelações da história contemporânea. Produtos de manufatura brasileira, não somente estão suprimindo as necessidades do mercado interno nacional, como também as de outras repúblicas do continente (...). Embora continue a abastecer os Estados Unidos com crescente volume de suas matérias primas e outros produtos que tem encontrado rendoso mercado, tais como café, borracha, açúcar, cacau, ervas medicinais, manganês e bauxita, o Brasil está fornecendo alguns dos elementos básicos dos mais essenciais à produção industrial de guerra norte-americana. Dentre eles, destacam-se a mica, zinco, molibdênio, níquel, mercúrio, gipsium, grafite, piritos e diamantes industriais.¹⁹¹

Aliás, na mesma reportagem, o tom utilizado comparava-se ao folheto turístico voltado a apresentar o Brasil para estrangeiros. Abria a narrativa uma fotografia do Cristo Redentor, tendo ao fundo a predominância da cor azul do céu. Contemplava a cena a figura do turista sob dupla perspectiva de veneração e de pequenez frente à estátua. A mesma lógica de inspiração, que exibia o país no exterior, era mobilizada na direção para afirmar os investimentos na infra-estrutura brasileira. Outros temas cadentes no texto consistiam na análise dos materiais bélicos do exército – destroyers, aviões e marinha mercante -, além da importante questão geopolítica relacionada à cessão de bases militares na região Nordeste:

¹⁹⁰ Idem, p. 25.

¹⁹¹ Em Guarda, Brasil. Ano 1, nº 10, p. 11.

Na área do Atlântico, Natal é o ponto mais próximo entre os hemisférios ocidental e oriental. Por isso mesmo, o Brasil está ativa e eficientemente preparando a defesa desse contorno estratégico vital da costa americana. Numerosas forças militares de todas as armas, dispondo do mais moderno equipamento, montam guarda à integridade territorial da nação e do continente. E a ilha de Fernando de Noronha constitui agora posto avançado, convenientemente fortificado para o mesmo fim.¹⁹²



Figura 14: Em Guarda. Brasil, Ano 1, nº 10, p.10.

¹⁹² Idem, p. 12.

Brasil

LOGO que o Hemisfério Ocidental foi atingido pela guerra, com o ataque japonês a território dos Estados Unidos, em Dezembro último, o Presidente Getúlio Vargas reuniu o ministério, examinou as consequências da situação internacional e proclamou a sua política nacional, em face da conflagração já assumida caráter mundial.

Essa política, conforme a renúncia o Presidente Vargas em mensagem que dirigiu ao Presidente Roosevelt, era uma política de solidariedade com os princípios ditados pelas tradições e desejos do Brasil.

A atitude assumida pelo governo brasileiro revelou-se imediatamente em sua ação. O Presidente Vargas e seu Ministro do Exterior, Oswaldo Aranha, manifestaram vigoroso apoio à causa da solidariedade continental, na Conferência das Nações, que se reuniu no Rio, em Janeiro. Em pouco tempo, o Brasil rompeu suas relações diplomáticas, materiais e financeiras com a Alemanha, Itália e Japão, mesmo antes de haver terminado a conferência.

Com o entusiasmo após da paz, o governo brasileiro começou imediatamente a mobilizar os vastos recursos econômicos da nação e bem dos interesses e segurança continental. O Dr. Artur de Souza Costa, veio aos Estados Unidos, chegando uma missão financeira que negocia vários empréstimos vantajosos, para o desenvolvimento da produção de matérias primas estratégicas brasileiras.

A posição firme do Brasil entre as nações que se comprometem aos ideais da Liberdade, destacou-se pela importância da sua estabilidade econômica e progresso industrial no continente sul-americano. Sua rápida transição, de país essencialmente agrícola, para uma potência industrial, constitui uma das extraordinárias revelações da história contemporânea. Produtos de manufatura brasileira, não somente estão suplantando as necessidades do mercado interno nacional, como também as de outras repúblicas do continente. A exportação brasileira está se destinando até aos mais distantes mercados da África do Sul. Embora continue a abastecer os Estados Unidos com crescente volume de suas matérias primas e outros produtos que têm encontrado vasto mercado.

Rio de Janeiro, a única cidade no mundo onde a beleza natural se harmoniza com o progresso. Conhecida pelos turistas como uma das mais lindas metrópoles, o acervo do Guanabara aqui recebe afluência pela perfil majestosa das montanhas.

tais como café, borracha, açúcar, cacau, lavouras medicinais, mangas e laranjas, o Brasil está aproveitando alguns dos elementos básicos dos seus recursos à produção industrial da guerra norte-americana. Dentre eles, destacam-se a mica, cinza, multibólidos, algodão, mercúrio, gipsos, grafite, petróleo e diamantes industriais.

Há apenas pouco tempo, ao terminar a primeira guerra mundial, nos mesmos se planificavam reuniões suas atitudes do Brasil, haviam sido capazes de antever as surpreendentes mudanças que têm se verificado na produção desse país. Passou a ser uma produção polifônica, de consumo universal, e que agora está sendo empregada em grande quantidade na defesa do continente americano. A presente guerra veio impulsionar o grande objetivo dos brasileiros, de se poderem manter a si mesmos, através da produção de tudo quanto possuem cativaram às necessidades do país, o mais vasto do Hemisfério.

Presidente Getúlio Vargas, figura preponderante no desenvolvimento das povos do Novo Mundo. Sob sua liderança, o Brasil tem alcançado enorme progresso industrial.



Figura 15: Nas páginas da revista, o Brasil era apresentado para o público externo. Em Guarda, Ano 1, nº 10, p. 11.

O passado pacifista brasileiro, abordado nas edições 10 e 11 do primeiro ano, cedia espaço no número 12, para a reportagem que destacava a entrada do Brasil na guerra. Saudando finalmente a declaração do Presidente Vargas, a revista complementava o texto com efusivas imagens do povo nas ruas, além dos exercícios militares do exército e marinha. Na mesma linha dos Estados Unidos – que somente após sofrerem o ataque japonês entraram no conflito- o mensário fazia questão de frisar que não foram diferentes as condições que levaram o Brasil a cortar relações com os países do Eixo:

O Brasil se esforçou sinceramente para manter-se em paz. Suas simpatias e interesses, naturalmente, são afins com os das outras nações americanas, de conformidade com a Declaração de Havana, segundo a qual um ataque feito por uma nação não-americana contra a soberania de qualquer nação americana, constitui um ato de agressão contra todas (...). O Brasil não poderia ter dado maiores provas de sua tolerância e de suas pacíficas intenções, conforme afirmou o seu próprio governo, ao declarar a existência do estado de guerra.¹⁹³

Entretanto, já que estava na guerra, o Brasil deveria fornecer sua contribuição. E mesmo com certa importância conferida por Em Guarda ao país, a abordagem não diferia daquela usada para as nações da América Central e Caribe, ou seja, como um grande celeiro de matérias-primas:

Quanto a matérias-primas, as minas do Brasil fornecerão ainda em maior quantidade, produtos estratégicos vitais, por isso que dispõe o país da quinta parte do manganês existente em todo mundo; possui a metade do berilo, elemento importante para o enrijecimento de todos os metais; é rico em bauxita, usada na fabricação de alumínio para aeroplanos; diamantes industriais, dos quais é a única fonte no continente, e é também o único exportador de titânio, próprio para a fabricação de ferramentas, assim como é o único produtor no mundo, do quartzo de superior qualidade, empregado na fabricação de rádios, de aparelhos reveladores de submarinos e aviões, de alças de mira e periscópios; sircônio, para munições, óleo de mamona, para motores de grande velocidade; cânhamo para cordas; couros, de aplicação em aviões, tanques e navios; paina, para salva-vidas e crescente quantidade de borracha.¹⁹⁴

Além do rol de produtos listados acima, o periódico destacava também o aspecto moral do Brasil, isto é, irmanado pelo espírito de liberdade supostamente

¹⁹³ Em Guarda. O Brasil entra na guerra. Ano 1, nº 12, p. 01.

¹⁹⁴ Idem, p. 04.

disseminado pelo pan-americanismo, somado com a tradição pacifista brasileira a derrota do Eixo era questão de tempo. Esse idealismo do mensário – mais teórico que prático - era delineado por meio da utilização de uma linguagem com tons heróicos e termos grandiloqüentes:

(...) o Brasil trás não menos valiosa contribuição moral, que se fará refletir dentro e fora do hemisfério. A sua entrada na guerra foi a última pá de cal nos esquemas nazistas de conquista e dominação por meio da intimidação sistemática, que sujeita as nações vítimas desses preparativos preliminares da “nova ordem”, à guerra de nervos que lhes enfraquece a fibra e deixa-as inertes em face do perigo (...) A guerra que veio forçar a participação do Brasil, revela-se agora claramente em seus aspectos referentes ao Hemisfério Ocidental. Nem a determinação de alheiar-se uma nação ao conflito, nem os seus esforços para tolerar excessos injustificáveis, podem servir ao plano premeditado das potências da opressão e prepotência, que se enfeixam sob a capa do Eixo. Elas não se satisfazem senão com a aquiescência absoluta, a renúncia completa a qualquer direito de reagir aos seus desígnios de escravização total.¹⁹⁵

Em um dos raros textos assinado, o correspondente do Office Frank V. Norall relatava as suas impressões acerca da preparação da tropa brasileira na Itália. Afinado com a diretriz editorial adotada pela revista, o jornalista ressaltava a capacidade que o soldado brasileiro possuía em apreender rapidamente as lições dos instrutores norte-americanos:

O Primeiro-Tenente Charles Lynch, do Exército americano, ajudava-os a se familiarizar com a arma. Dirigindo-se aos soldados, recomendou: “Estão vendo o tronco daquela árvore, em cima da colina? A sua base será o nosso alvo”. A árvore ficava a centenas de metros de distância. O artilheiro carregou a peça. Ouviu-se um estouro surdo, violento. Segundos depois, o projétil completava a sua rápida trajetória e explodia exatamente no ponto indicado. “Só fizeram três disparos, disse o tenente, e já acertam com toda a acuracidade. Esses homens assimilam a instrução rapidamente. Ainda não tive necessidade de repetir coisa alguma”.¹⁹⁶

¹⁹⁵ Ibidem, p. 04.

¹⁹⁶ NORALL, Frank V. O Brasil na Guerra da libertação. Em Guarda, Ano 3, nº 12, p. 16.



Figura 16: Na estratégia de garantir o apoio do Brasil na Guerra, a revista descrevia Getúlio Vargas como grande estadista. Em Guarda. O Brasil entra na guerra. Ano 1, nº 12, contra capa.

O BRASIL ENTRA NA GUERRA

A GRANDE nação brasileira, respondendo ao desafio dos consecutivos ataques às suas linhas de comunicações dentro de suas próprias águas territoriais, declarou guerra à Alemanha e à Itália. Fê-lo com gesto característico de nação digna; e isso de sua soberania. Sua atitude temo incontestável motivo de defesa da dignidade, da soberania, liberdade e segurança de todas as Américas.

Uma semana após o covarde e repentinamente ilógico de seus navios, com numerosas perdas de vida do seu cidadão, o Brasil declarou a existência de

estado de guerra — travando assim, para a luta partilhada por 20 nações, os inevitáveis recursos naturais, industriais e agrícolas e a contribuição das bem organizadas forças de terra, do mar e do ar, de uma nação de 45.000.000 de habitantes, que se levanta em péso, indignada contra as bárbaras imposições da força bruta.

Torna-se, portanto, o Brasil, a primeira nação sul-americana a ser forçada à guerra pelo molão ataque do Eixo, e reunida às que outras repúblicas uniu — Costa Rica, Cuba, República Dominicana,

Salvador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Panamá e Estados Unidos — ora em armas contra as potências agressoras que estão tentando conquistar o mundo.

O Brasil se esforça sinceramente para manter-se em paz. Seus desejos e interesses, naturalmente, são alios com os das outras nações americanas, de uniformidade com a Declaração de Havana, segundo a qual um ataque feito por uma nação sul-americana contra a soberania de qualquer nação americana, constitui um ato de agressão contra

Como era de esperar, as protestos da povo brasileiro contra as barbaridades alemãs, fazem-se ouvir energicamente na praça pública, clamando pela guerra



EM GUARDA é publicada mensalmente para o BUREAU DO COORDENADOR DE ASSUNTOS INTERAMERICANOS, Commerce Building, Washington, D. C., pela Business Publishers International Corporation, Radiator City 9, 12nd Street, New York, (Editorial: 1001 Chestnut Street, Filadélfia). Contribua para o jornal de segunda classe no Correo de Filadélfia, Filadélfia, Pa. e de Abril de 1941, de acordo com a lei de 3 de Março de 1939, Acto 5, Sec. 11.

Figura 17. Em Guarda. O Brasil na Guerra, Ano 1, nº 12, p.01.



O BRASIL NA GUERRA DA LIBERTAÇÃO

Frank V. Rowell, correspondente da Reuters do Condado de Annapolis Interamericano junto à Força Expedicionária Brasileira na Itália, assim relata as suas impressões da tropa, em alusão à sua preparação para entrar em combate:

VETERANOS combatentes das forças dos Estados Unidos, já experimentados nos campos de batalha da África e da Europa, não hesitam em considerar a Força Expedicionária Brasileira como um conjunto de tropas que os norteamericanos têm que respeitar. Sua preparação técnica no Brasil e aqui tem aprimorado todas as qualidades indispensáveis a uma tropa de primeira ordem. Por isso, os oficiais, interiores e pragas do Exército americano que vieram das frentes de batalha especialmente para ensinar os soldados brasileiros ao par dos últimos detalhes técnicos desta guerra de vigoroso movimento, sentem-se verdadeiramente orgulhosos da honra que lhes foi conferida.

Já tive ocasião de observar de perto o soldado brasileiro durante um exercício com morteiros de 60 mm. Cinco homens compunham a guarnição da peça, para eles ainda pouco conhecida. Só a tinham usado no dia anterior, e já estavam fazendo disparos contra um alvo a considerável distância, com uma pontaria realmente de admirar.

O Primeiro-Tenente Charles Lynch, do Exército americano, ajudava-os a se familiarizar com a arma. Distinguido-se nos estudos, recomendou: "Estão vendo o tremco daquela árvore, no cima da colina? A sua tarefa será o nosso alvo."

A árvore ficou a centenas de metros de distância. O artilheiro carregou a peça. Ouviram um estouro surdo, violento. Segundos depois, o projétil completava a sua rápida trajetória e explodia exatamente no ponto planejado.

"São apenas três disparos, disse o tenente, e já acertam com toda a acuracidade. Essas lunetas assimilar a instrução rapidamente. Ainda não tive necessidade de repetir coisa alguma."

A mesma impressão era exteriorizada pelo tenente americano (Continua)



O General Mark W. Clark, tendo ao seu lado o General Mascarenhas de Moraes, diretor, pela marfama, da Força Expedicionária Brasileira, para dar-lhe as lições nas campanhas de batalha das Nações Unidas, evidenciando a sua valiosa participação na causa da Libertação.

Figura 18: Assegurado o apoio brasileiro, as tropas do país lutaram nas montanhas da Itália. Em Guarda. O Brasil na guerra de libertação. Ano 3, nº 12.

Ao findar da guerra, a revista publicou uma reportagem cujo objetivo era traçar um balanço sobre a cooperação interamericana. Permeada por imagens que faziam referências a produtos provenientes de vários países do continente, o texto se constituía não somente numa celebração aos resultados obtidos, mas também como exaltação do modelo geopolítico a ser seguido na América Latina a partir daquele momento:

A cooperação entre os bons vizinhos das Américas contribuiu para sustar o avanço do Eixo na sua conquista do mundo e, finalmente, para obrigar os agressores a submeterem-se à rendição incondicional. Em 1940, na hora mais negra da liberdade, o mundo maravilhou-se diante da produção de navios, canhões e aviões, que, dos Estados Unidos, ainda em paz, seguiam para a Inglaterra assediada. Contudo, aqueles primeiros impressionantes embarques e as garantias de muito mais que se seguiriam, não poderiam realizar-se sem o apoio econômico, moral e militar dos povos amantes da liberdade, os povos das demais repúblicas americanas (...).¹⁹⁷

E tal leitura, sob o prisma do idealismo político, reforçada pela consolidação da hegemonia norte-americana, representou capítulo importante na História do continente, pois em muitos países da região significou o desembarque do american way of life e o acesso ao sedutor mercado de mercadorias advindas dos Estados Unidos. Afinal, a tecnologia e a modernidade – elementos diferenciais no combate – seduziam os indivíduos, movimentava o mercado publicitário e alimentava especulações acerca do futuro da humanidade.

Por mais originais que fossem suas conclusões, Em Guarda chegou a elas movimentando-se no interior do paradigma do período – Segunda Guerra Mundial -, e sem jamais questionar alguns pressupostos, como por exemplo, o fato de muitos aliados no continente serem governados por ditadores. A partir de um hábil trabalho de reordenamento, o periódico conseguiu imprimir um discurso que insistia na idéia de um continente unido e fortificado. A sua solução, longe de repetir o pan-

¹⁹⁷ Em Guarda. As nações americanas e a vitória. Ano 4, nº 10, p. 12.

americanismo intervencionista das primeiras décadas do século XX, também evidenciava o advento de novos meios para o convencimento dos indivíduos tais como a popularização das revistas, jornais e rádios.

Em síntese, pode-se afirmar que na revista *Em Guarda* as análises que tentavam avaliar os componentes que integravam o pan-americanismo continham uma dose de preconceitos, estereótipos e até mesmo discriminação em relação aos países da América Latina. Essa leitura particular reservava aos Estados Unidos papel primordial na defesa do continente, bem como os elevava ao patamar de “arsenal da democracia” e último bastião da democracia. Cabiam aos estadunidenses - portadores do saber científico – o domínio da natureza por meio da transformação das matérias primas da região em equipamentos bélicos, e nada mais apropriado para tal intento a existência de um moderno parque industrial, além de um povo excepcional. Esses são os elementos que sob a ótica do periódico, fariam a diferença na vitória das nações aliadas e no fim da tirania nazista.

3.2. Arsenal da democracia.

É indubitável os efeitos da guerra na organização política das nações. No decorrer da Segunda Guerra Mundial, a oposição entre ditadura e nazismo provocou um dos maiores movimentos de mobilização e politização vista até então. Nos Estados Unidos, o efeito mais visível foi o ressurgimento do patriotismo e da crença na excepcionalidade do país. Contudo, esse processo de envolvimento norte-americano na guerra não aconteceu de imediato.

A ala isolacionista do Congresso e alguns setores da intelectualidade eram ferrenhos opositores do envolvimento da nação em assuntos alheios aos seus

interesses. A situação de Roosevelt em outubro de 1939 era difícil. Pesquisa do Instituto Gallup da época revelou que 95% dos americanos desejavam ficar de fora do conflito, mas 62% responderam “sim” quando questionados se os Estados Unidos deveriam fazer o possível para auxiliar Inglaterra e França, exceto ir à guerra.¹⁹⁸

Nesse contexto, não era difícil para os articulistas da revista *Em Guarda* postular a urgente preparação do país para uma batalha que se aproximava. O fato de ser editada por um órgão criado pelo governo tornava o periódico porta-voz dos anseios e diretrizes de assessores diretamente relacionados com o poder.

Com o objetivo de angariar o apoio dos latino-americanos – e, em especial dos leitores brasileiros - a publicação trouxe mesmo antes da entrada dos Estados Unidos na guerra, reportagens que relatavam os preparativos para um possível embate. Além de informar, via a ampla utilização de gráficos, mapas e dados estatísticos, tais escritos tinham a evidente tarefa de convencer o seu leitor de que em caso de eventual agressão às Américas, o governo estadunidense e seus aliados estariam preparados para o contra-ataque.

Meses antes da ofensiva japonesa a Pearl Harbour, a revista publicou análises e relatórios sobre os programas de mobilização para a guerra. O número 2, – provavelmente de outubro/novembro de 1941 – foi dedicado aos recursos naturais e combustíveis necessários para o conflito. A estratégia usada pelos editores era comparar as estruturas alemãs e norte-americanas que cada país teria à disposição. O texto de abertura – que se poderia definir como o editorial da revista - O arsenal da democracia: os vastos recursos e o gênio inventivo dos EUA enfrentam a defesa do Hemisfério Ocidental – tratava da questão e realçava as qualidades daquele país.

¹⁹⁸ MEACHAM, Jon. Franklin e Winston: A intimidade de uma amizade histórica. Rio de Janeiro: Record, 2006, p. 80.

O autor, não identificado, iniciava com explanação sobre o gênio inventivo norte-americano, em oposição à barbárie alemã:

A capacidade de uma nação para se defender, no mundo hodierno [dos dias de hoje], não depende só do tamanho do seu exército ou da sua marinha de guerra. Podem alcançar os primeiros sucessos as nações belicosas que depauperam os seus povos para manter enormes exércitos com o fim de rapinar os seus vizinhos indefesos. Mas os primeiros sucessos apenas. Hoje em dia vitória decisiva das armas reside na capacidade produtiva da nação, nos recursos, e na habilidade e intelecto do seu povo. O que importa não é o número mas a qualidade dos aviões.¹⁹⁹

Esta era uma descrição que trazia referências ao contexto da época. O exército nazista havia subjugado boa parte da Europa (Bélgica, Holanda, Dinamarca, Suécia, França) e se preparava para o ataque final contra a Inglaterra. Contudo, o articulista chamava a atenção para o fato de que a guerra moderna não seria feita somente com a aquisição de equipamentos e soldados, mas principalmente com a capacidade produtiva da nação, os recursos mobilizados e o grau de participação da população civil. Em síntese, tratava-se de evidências que ao contrário dos alemães, que se aproveitaram da fragilidade dos vizinhos, os Estados Unidos estariam prontos para dialogar e ser a pedra angular na defesa do continente.

Porém, a ênfase recaía na questão da excepcionalidade norte-americana. Incensado pela suposta superioridade intelectual e boa fé do povo estadunidense, o autor do texto fornecia uma leitura da história que realçava as descobertas tecnológicas, que tornariam o labor cotidiano menos árduo. A massificação da modernidade e o hábito do indivíduo em lidar com a máquina daria aos Estados Unidos a capacidade de rapidamente preparar-se para a guerra do que a Alemanha ou o Japão. Havia, ainda, evidente crítica ao autoritarismo presente nesses países:

Tendo-se os Estados Unidos desmobilizado de boa fé, depois da última guerra, deixaram de ter indústrias de guerra e de manter milhões de homens armados. Mas os EUA aumentaram a sua capacidade industrial, e contam com maiores riquezas e maior número de operários hábeis e eficientes, do que qualquer outra nação do

¹⁹⁹ Em Guarda, Vol.1, nº 02, p. 01.

mundo. Isto se deu porque, durante século e meio, as energias da nação foram dirigidas a tornar o trabalho menos árduo e mais agradável a vida do povo. Eletricidade, rádio, automóveis, cinema, e aparelhos de todo gênero de poupar trabalho foram postos ao alcance das multidões. A nação nunca aplicou métodos autocráticos para embrutecer o povo e obrigá-lo a sacrificar a vida no altar de uma gigantesca máquina militar. Ante a ameaça da guerra está orientação da vida forma precisamente a base do seu ingente poderio.²⁰⁰

Dessa forma, a construção da imagem dos Estados Unidos passava não somente pela divulgação de um país moderno, inventivo, como também a possibilidade de, em futuro próximo, as fábricas venderem suas mercadorias no promissor mercado consumidor brasileiro.

É certo que nesse volume do periódico, a análise que seria praxe nas demais edições acerca dos países invocados a participar da cooperação interamericana, era evidente. A ênfase recaía sobre os recursos naturais disponíveis para a transformação nas indústrias. No processo de convencimento do leitor, a tática mais comum utilizada por *Em Guarda* foi a ampla divulgação de fotografias de minas, florestas e campos. O intuito era demonstrar as riquezas do continente, além de ressaltar quanto de energia e inventividade desempenha-se para a tarefa de fabricar maquinário para a guerra. Ao reforçar a longa duração da tradição industrialista norte-americano, o autor resumiu o que julgava como ideal de um país:

Os EUA possuem riquezas sem par: jazem nas entranhas da terra, nos imensos depósitos de petróleo, carvão, ferro, cobre, enxofre, e de quase todos os minerais; provêm das reservas de energia hidráulica, que se estendem das cataratas do Niágara até o rio Colúmbia no Oeste, das represas colossais que foram construídas no tempo de paz, para suprir energia aos lares e às fábricas que agora produzem aviões, produtos químicos, metais e máquinas- ferramentas; residem estes recursos no ânimo do povo livre que sabe sacrificar o seu bem estar pessoal nas aras do bem comum. E residem, sobretudo, na tremenda capacidade industrial da nação, produto do engenho e da habilidade mecânica de muitas gerações, servida por imensas reservas de matérias primas, obra do esforço e da capacidade de seus cidadãos para organizar e para produzir em grande escala.²⁰¹

²⁰⁰ Idem, p. 01.

²⁰¹ Ibidem, p. 02.

Assim, não era apenas os indivíduos que precisavam de suprimentos, mas também as máquinas ganhavam vida na análise da revista, pois careciam constantemente de matérias prima para sobreviver. Óbvia em tempo de paz, a premissa defendida pelo periódico era primordial no contexto mundial da época, marcada pela escassez e pela disputa acirrada pelas áreas de fornecimento de produtos primários. Apesar de longa, a análise de Hobsbawm auxilia no entendimento do período:

A economia de guerra alemã foi menos sistemática e eficaz na mobilização de todos os recursos para a guerra – claro, até depois que a estratégia de ataques relâmpago falhou, não precisava fazê-lo – e certamente cuidou menos da população civil alemã. Os habitantes de Grã – Bretanha e França que sobreviveram ilesos à Primeira Guerra Mundial provavelmente estavam um pouco mais saudáveis que antes da guerra, mesmo quando eram mais pobres, e o salário real de seus trabalhadores havia subido (...). As comparações são mais difíceis na Segunda Guerra Mundial, quando nada porque a França foi logo eliminada, os EUA eram mais ricos e sob muito menos pressão, a URSS mais pobre e sob muito mais. A economia de guerra alemã tinha praticamente toda a Europa para explorar, mas acabou a guerra com muito maior destruição física que os beligerantes ocidentais. Mesmo assim, no conjunto uma Grã-Bretanha mais pobre, cujo consumo civil caíra em mais de 20% em 1943, encerrou a guerra com uma população ligeiramente mais bem alimentada e saudável, graças a uma planejada economia de guerra sistematicamente voltada para a igualdade e justiça de sacrifício, e justiça social. O sistema alemão era, claro, inequitativo em princípio. A Alemanha explorou os recursos e a mão-de-obra da Europa ocupada, tratou as populações não alemãs como inferiores e, em casos extremos – os poloneses, mas sobretudo os russos e judeus - , praticamente como mão-de-obra escrava descartável, que não precisava nem ser mantida viva. A mão-de-obra estrangeira aumentou cerca de um quinto da força de trabalho na Alemanha em 1944 – 30% nas indústrias de armamentos. Mesmo assim, o máximo que se pode afirmar sobre os próprios trabalhadores alemães é que seus ganhos reais permaneceram os mesmos que em 1938. A mortalidade infantil britânica e as taxas de doença caíram progressivamente durante a guerra. Na ocupada e dominada França, um país proverbialmente rico em alimentos e fora da guerra depois de 1940, declinaram o peso médio e a forma física da população em todas as idades.²⁰²

Os articulistas da revista *Em Guarda* entendiam que somente por meio da cooperação interamericana seria possível afastar o perigo alemão. As Américas integravam-se geograficamente ao que o periódico definia como “Hemisfério Ocidental”. Era evidente que tal estratégia fazia parte da constituição da política

²⁰² HOBBSAWM, Eric. op. cit., p. 54.

externa norte-americana, definida a partir de uma hierarquia de poder que conferia ao resto do continente o papel de “empório” dos países aliados.

A figura 19 estampava um panorama da energia mundial do momento. Nota-se pela representação o fato de os Estados Unidos possuírem três vezes mais capacidade energética do que a Europa unida. No texto explicativo que acompanhava a figura lia-se:

O mundo agita-se, luta, e produz por meio de máquinas. São elas os instrumentos de paz e de guerra. O seu senhor é o homem, mas o que as impulsiona, transformando-as de metal estático em músculos da indústria, é a energia: a energia das usinas hidroelétricas coordenada com a das usinas de vapor por uma rede nacional de fios condutores. Esta energia doa ao Hemisfério Ocidental a força motriz que lhe brinda decidida superioridade industrial em relação ao resto do mundo. A tabela indica a distribuição de energia no mundo.²⁰³

²⁰³ Em Guarda, op. cit. p.01.



Figura 19: Representação gráfica sobre a energia mundial. Em Guarda. Arsenal da Democracia, Ano 1, Volume 2, p. 01.

O contraste entre a América e “toda” a Europa parecia suficiente para explicar as razões do sucesso do primeiro continente. De acordo com o gráfico – que carecia de números exatos, com a união do continente, liderado pelos Estados Unidos, a guerra seria decidida a favor dos Aliados. Já no texto A garantia das Américas, o articulista reafirmava o compromisso norte-americano de liderar a defesa das Américas e enfatizava a importância do investimento em fábricas

modernas: “Para cada soldado de um exército moderno são precisos 7 operários industriais para mantê-lo em pé de guerra”.²⁰⁴

Em outro trecho, o autor dialogava com aqueles que não desejavam a intervenção norte-americana em território europeu: “E o inaudito esforço que há-de manter a defesa das Américas contra todos os riscos de invasão, deixou de ser preocupação de um só país ou região; é antes, a contribuição de todas as nações do continente (...)”.²⁰⁵

O periódico desempenhava papel de porta-voz do Departamento de Estado do governo Roosevelt, ao invocar a idéia do pan-americanismo como a ideologia motriz no combate aos nazistas. A consolidação de tal ideário era explicitada por meio da classificação de importância dos países, isto é, à medida que cada aliado americano era instado a contribuir com a matéria-prima que possuísse em maior abundância:

(...) dos arsenais de América do Norte saem novos exércitos, uma armada sem outra que se lhe compare, uma força aérea já enorme e a crescer continuamente; uma torrente de armas e munições como jamais se viu na história do nosso continente – material bélico do mais moderno e poderoso. Dos campos e jazidas do Novo Mundo – cobre, estanho, chumbo, zinco e tantos outros metais; lã, couros e demais produtos da Argentina e do Uruguai; diamantes e manganês do Brasil; petróleo da Venezuela, Colômbia, México e Peru, e uma aluvião de produtos básicos de todas as Repúblicas Americanas. Seus produtores são os defensores da liberdade tanto como soldados, marinheiros e aviadores.²⁰⁶

Ademais do rol de produtos elencados, o texto projetava a imagem de uma América jovem, rica e livre das velhas tradições que levaram a Europa aos conflitos fratricidas. Frequentemente mobilizava-se a palavra “arsenal” que, segundo o dicionário Aurélio, remete ao significado de armazéns e dependências para fabrico e/ ou guarda de munições e petrechos de guerra.²⁰⁷ A mensagem para os leitores era direta: o continente – sob liderança dos estadunidenses – desempenhava a

²⁰⁴ Em Guarda, Ano 1, nº3, Outubro de 1941, p. 01.

²⁰⁵ Idem, p. 01.

²⁰⁶ Ibidem, p. 02.

²⁰⁷ FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. Minidicionário da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993, p.47.

função de depósito de matérias-primas que derrotaria o autoritarismo e a barbárie advindos com a ascensão de Hitler ao poder. Segundo a diretriz de Em Guarda,

Para ganhar a Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos terão de participar na defesa do Hemisfério Ocidental, e manter constante o fornecimento de material bélico à Gran-Bretanha, Rússia, China, e possessões holandesas. Além disso, as forças americanas terão de fazer a guerra em todos os pontos onde estiver o inimigo (...). O soldado americano enfrenta esta guerra sob prementes condições de ver-se forçado a lutar nos mais longínquos campos de batalha. Mas a certeza da vitória está no fato essencial de poder o seu país equipá-lo para vencer.²⁰⁸

Proclamações enfáticas não bastavam na árdua tarefa de convencimento do leitor. Os gráficos ocupavam espaço privilegiado no mensário, que trazia farto material ilustrativo, principalmente no que concernia aos temas relacionados à eletricidade e produtos primários. Note-se a ausência de informações elementares como a fonte na qual se baseou a imagem, assim como da exatidão estatística e parâmetros técnicos que percutissem a avaliação segura dos dados. No exemplo abaixo, o diagrama era precedido por um breve texto explicativo, aliás, procedimento recorrente na revista:

A economia da guerra depende da capacidade produtiva de matérias primas da nação. O diagrama (abaixo) compara esta capacidade entre o Hemisfério Ocidental e os países sob o domínio alemão, segundo as estatísticas de 1938, antes da guerra ter desorganizado a vida econômica normal. Salta à vista a riqueza do Hemisfério Ocidental cujos excedentes para exportação, em cinco matérias básicas, faz contraste surpreendente com o déficit da Europa Alemã, que tem de as importar em grande escala para satisfazer as suas necessidades de tempo de paz, aliás agravadas em tempo de guerra.

²⁰⁸ Em Guarda, Ano 1, nº. 05, p. 01.

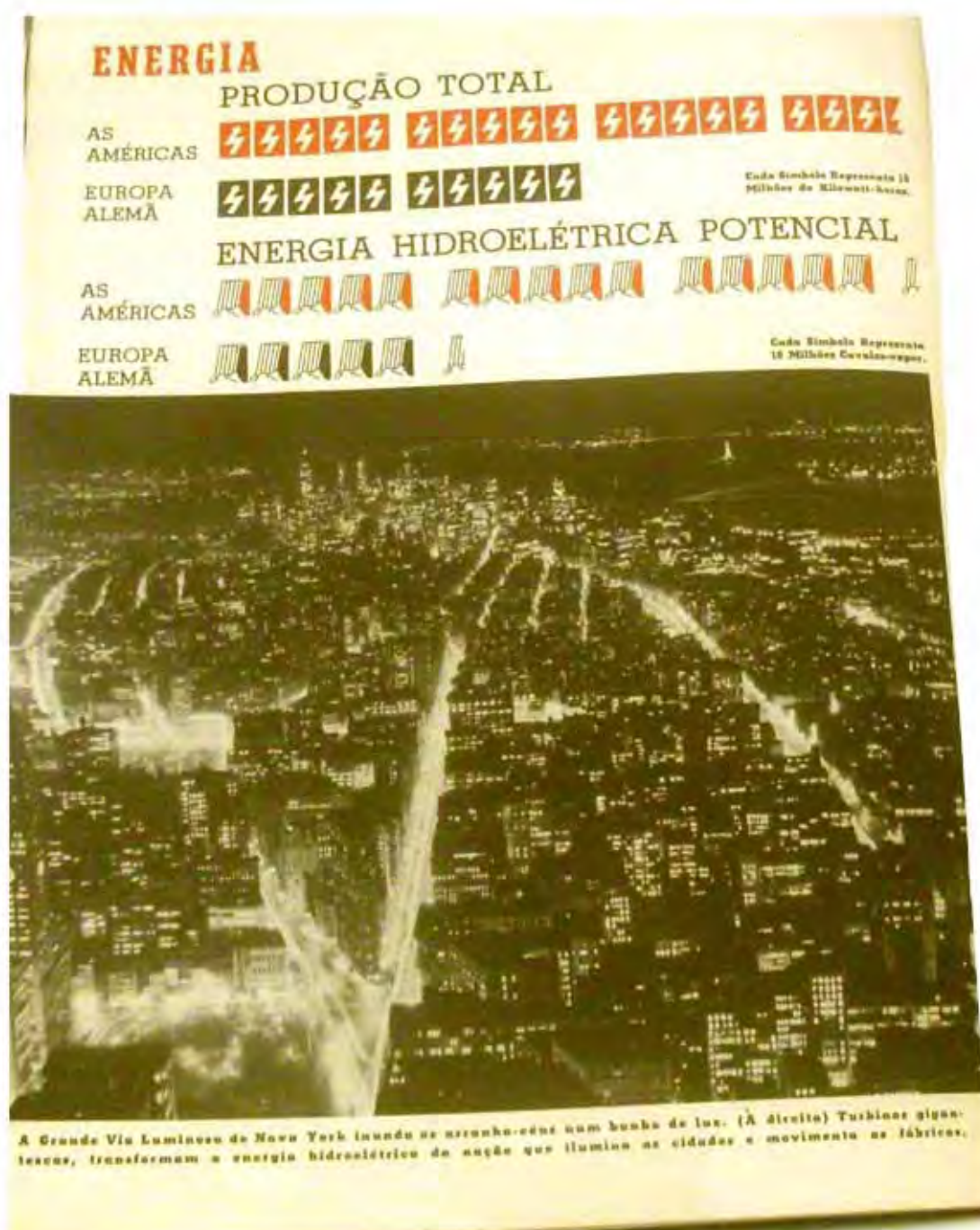


Figura 20: A exatidão dos gráficos não era uma das preocupações prioritárias dos editores da revista. Em Guarda. Comparação de recursos, Ano 1, Volume 2, s/n.

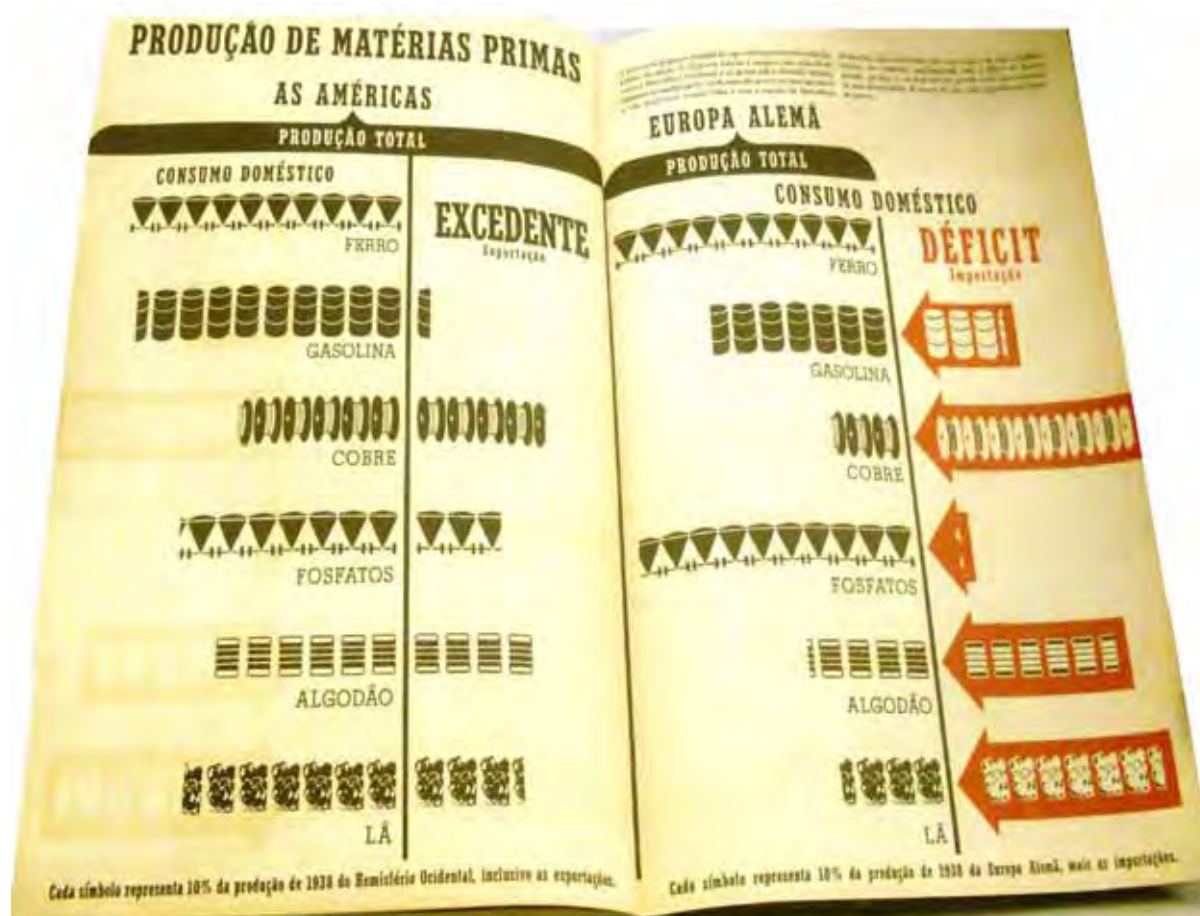


Figura 21: Diagrama com a produção de matérias primas da América e Europa Alemã. Em Guarda, Ano 1, volume 2, s/n.

Fica evidente que a ênfase do mensário recaía nas relações econômicas com o continente. Frente à dificuldade das exportações para a Europa, os articulistas destacavam o quão positivo seria para os latino-americanos voltarem-se para o promissor mercado norte-americano. Sendo inegável que o discurso pela unidade era primordial naquele momento de tensão mundial, os empresários que auxiliavam Nelson Rockefeller no Office enxergavam ótimas oportunidades de negócios.

Porém, a idéia de estabilidade econômica proporcionada pelos Estados Unidos valia além da aquisição dos produtos primários, uma vez que aos países da América Central e do Sul reservava-se o papel de fornecedores da imensa máquina

de guerra estadunidense, que luta em prol da liberdade e democracia. As reportagens repletas de imagens construíam uma narrativa que associava o continente americano com riquezas inesgotáveis. O “Novo Mundo”, que já havia proporcionado séculos antes a espanhóis e portugueses tesouros fabulosos, agora colaborava com a nobre missão de exterminar a barbárie.

Tal leitura, lembrada pela idéia de conquista e ambientada num cenário paradisíaco, podia ser comparada aos escritos dos conquistadores do século XVI. A intenção não é afirmar que o objetivo fosse o mesmo, mas perceber, nas entrelinhas, que a apreensão de ambos os discursos em relação à natureza exuberante era bastante semelhante. Veja-se a descrição de Américo Vespúcio, em carta de 1503:

Daqueles países a terra é muito fértil e amena e de muitas colinas, montes e infinitos vales e grandíssimos rios abundantes e saudáveis fontes irrigadas e de larguíssimas selvas e densa e dificilmente penetráveis, e de toda espécie de feras copiosamente cheia (...). Nenhuma espécie de metal lá se encontra, exceto o ouro, do qual aqueles países abundam, ainda que nada dele conosco tenhamos trazido nesta nossa primeira navegação. E isto conhecido nos fizeram os habitantes, os quais nos afirmaram lá no interior da terra haver grandíssima abundância de ouro, e nada por eles ser estimado ou em preço alto (...). Das quais se a nós as propriedades notas fossem, não duvido que aos humanos corpos saudáveis seriam. E certamente se o paraíso terrestre em alguma parte da terra existir, não longe daquelas regiões estará distando estimo.²⁰⁹

A reportagem Trabalho para Todos. Os Estados Unidos fornecem as máquinas; as Repúblicas Latinas, a matéria prima²¹⁰... explicava o importante papel desempenhado pelas Américas, além de justificar o aumento do comércio entre o continente e os norte-americanos. Celebrava-se o montante de negócios fechados no primeiro ano da guerra, como, se, por uma ironia, a História se repetisse. Note-

²⁰⁹ Apud: INÁCIO, Inês da Conceição & LUCA, Tânia Regina. Documentos do Brasil Colonial. São Paulo: Editora Ática, 1993, p. 24.

²¹⁰ Em Guarda, Trabalho para Todos. Os Estados Unidos fornecem as máquinas; as Repúblicas Latinas, a matéria-prima... Ano 1, nº03, s/nº páginas.

se, ainda a similitude entre o mapa publicado na revista e o Brasil elaborado por Lopo Homem- Reineis em 1519:

Mas, por uma dessas ironias da história, os mesmos acontecimentos que roubaram à América Latina seus mercados europeus provocaram um movimento contrário que conforme se verifica dos gráficos juntos, serviu para recuperar as oportunidades perdidas. Em meados de 1941, os Estados Unidos já haviam compensado a inércia verificada na economia latino-americana; em mais um ano, suas compras serão provavelmente ainda maiores. A estabilidade econômica já é um fato consumado em muitas das republicas americanas. (...) Os Estados Unidos absorveram inevitavelmente os negócios que anteriormente se faziam com a Europa, uma vez que foi tomada a decisão de adaptar o seu parque industrial à fabricação de armamentos, por isso que a América Latina dispõe em abundância de muitas das matérias-primas necessárias à defesa. Sem o manganês do Brasil, a indústria de aço americana estaria hoje funcionando apenas na metade de sua capacidade. O estanho da Bolívia é outra matéria-prima indispensável, vital ao esforço armamentista. Uma dúzia de outros materiais ou originários da América Central e do Sul – tungstênio, diamantes, platina, lã e couros, por exemplo, são também necessários à indústria norte-americana.²¹¹



Figura 22: Mapa do Brasil elaborado por Lopo Homem- Reineis em 1519. Apud: FERREIRA, Manoel Rodrigues. As bandeiras do Paraupava. São Paulo, Prefeitura Municipal, 1977, p. 49.

²¹¹ Idem



Figura 24: Diagrama e tabelas sobre os gastos dos Estados Unidos em armamentos. Em Guarda, Ano 1, volume 3.

As páginas da revista *Em Guarda* atestam a preocupação, mesmo antes da entrada dos Estados Unidos no conflito, de demonstrar a mobilização e transformação da economia para atender as demandas dos Aliados. A publicação de vasto material explicativo acerca do seu poderio deve ser entendida frente às sucessivas vitórias nazistas na Europa, o isolamento da Inglaterra em meados de 1940 e os supostos planos de Hitler de se apoderar das matérias-primas da América. A defesa do Hemisfério exigia não somente vultosas somas de dinheiro, mas também intercâmbio que articulassem os diversos planos de defesa em âmbito nacional.

Na Conferência de Consulta dos Ministros das Relações Exteriores das Repúblicas Americanas, realizada a 15 de janeiro de 1942 no Rio de Janeiro, foi traçado um plano que adequava as economias do continente para os tempos de guerra. De acordo com tal programa, “os Estados Unidos têm facilitado créditos e os serviços de centenas de técnicos especialistas, assim como têm fornecido equipamento e materiais cooperando com as outras Repúblicas Americanas (...)”.²¹²

Dentre as medidas adotadas, destacavam-se:

- 1-) Produção de materiais estratégicos tão rapidamente quanto possível, e sob preceitos econômicos são, para a defesa do hemisfério; 2-) Manutenção da economia interna de cada nação quando perturbada por condições universais; 3-) Mobilização e contribuição de facilidades de transportes de maneira a facilitar o maior movimento possível de materiais entre as nações americanas; 4-) Rompimento de relações comerciais e financeiros com as nações do Eixo e suspensão de qualquer negócio prejudicial ao bem estar e segurança de qualquer negócio prejudicial ao bem estar e segurança das Repúblicas Americanas; 5-) Estabelecimento de uma norma comum aplicável aos recursos financeiros das nações agressoras, e ora disponíveis neste hemisfério; 6-) Fomentar o intercâmbio comercial entre as nações americanas; 7-) Aumentar a comissão Interamericana de Desenvolvimento a fim de incluir um grupo permanente de peritos em recursos naturais do hemisfério; 8-) Aconselhar ação futura em relação a um Banco Interamericano; 9-) Estimular a aplicação de capital pelas Repúblicas Americanas entre si e com garantias mútuas; 10-) Aconselhar a coordenação do trabalho de serviços estatísticos nacionais dos vários governos; 11-) Melhor utilização dos recursos naturais de cada nação, como contribuição para aumentar o padrão de

²¹² *Em Guarda*, A guerra e o comércio entre as Américas. Ano 3, nº07, p. 07.

vida; e 12-) Recomendar a criação de um Fundo de Estabilização Internacional para ajudar a realização dos objetivos econômicos da cooperação interamericana.²¹³

Aliás, a edição no qual se encontravam essas diretrizes trazia uma série de diagramas que ilustravam didaticamente a ampla vantagem dos países Aliados. Na distinção entre o bem e o mal, os editores de *Em Guarda* manejavam habilmente o projeto gráfico de forma a facilitar a comparação entre os beligerantes, além de não esconder qual o lado a ser derrotado (Figuras 25 e 26).



Figura 25: Apresentação dos projetos de novos navios mercantes da marinha norte-americana. *Em Guarda*, Ano 1, nº 06.

²¹³ *Em Guarda*, As Américas ajudam-se mutuamente. Ano 1, nº 06, p. 26.

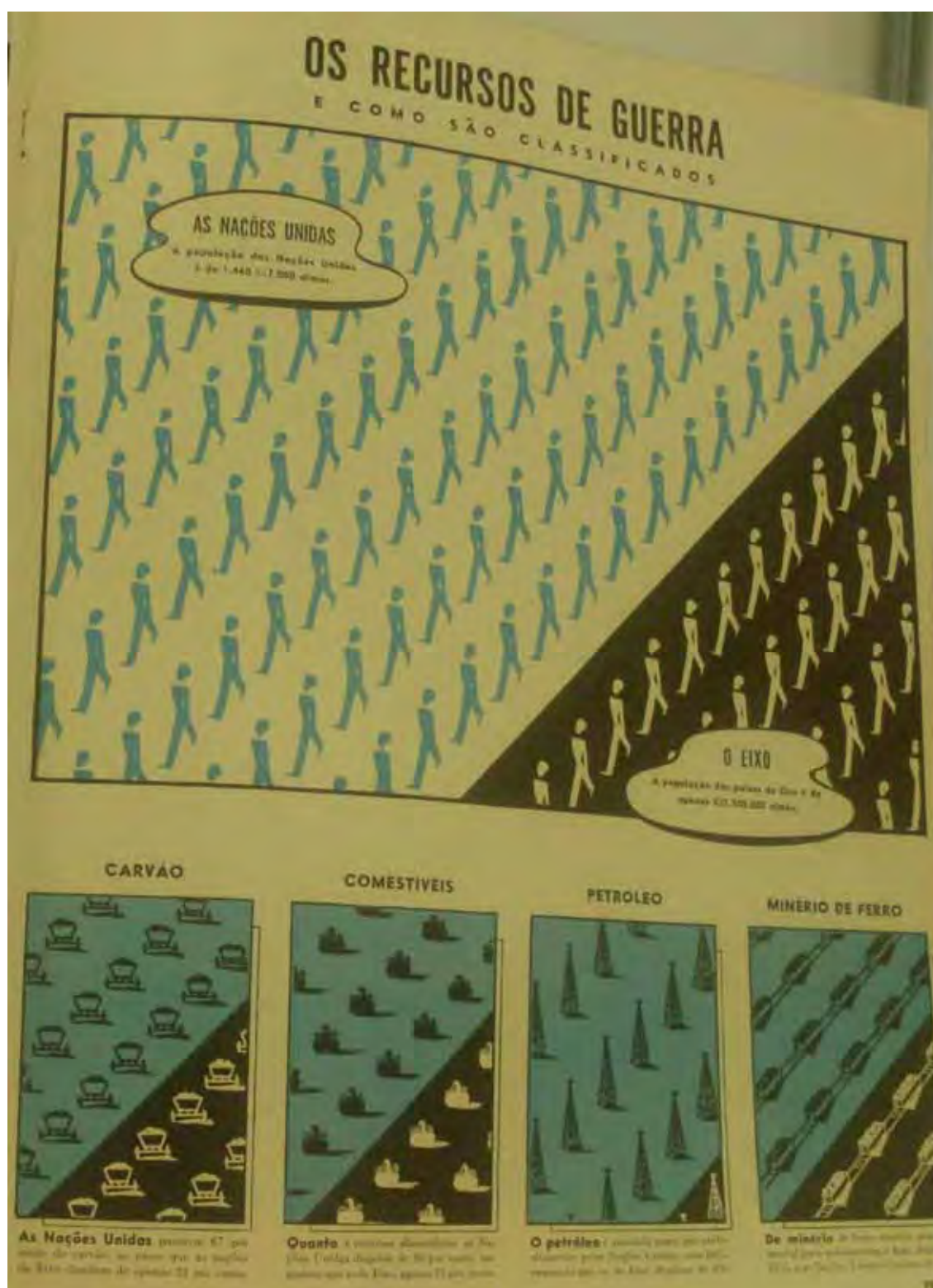


Figura 26: Representação acerca dos recursos de guerra. Note-se o didatismo empregado na confecção dos esquemas gráficos. Em Guarda, Ano 1, nº 06, p. 19.



Figura 27: Na sequência de fotografias, o processo de ajuda as crianças na Inglaterra era minuciosamente explicado ao leitor. Em Guarda. Sustento para a Vitória, Ano 1, nº 07, p.33.



Figura 28. Em Guarda, Sustento para a vitória, Ano 1, nº 07, p.34.



Figura 29: Em Guarda. Sustento para a Vitória, Ano 1, nº 07, p.35.

Entretanto, de nada adiantaria dispor de imensos recursos naturais se não houvesse indivíduos capacitados e habituados a transformá-los em navios, jipes, aviões e uniformes militares. Nesse ponto, o papel dos Estados Unidos era proeminente, pois eram nas escolas do país que, segundo a revista, os jovens das Américas tornavam-se aptos a manejar a moderna tecnologia. No texto *A marcha da Economia*, os articulistas esmiuçavam o programa econômico estabelecido no Rio de Janeiro em 1942. Ao discorrer acerca da urgência na implantação das medidas, afirmava-se que:

Os técnicos constituem elementos avançados de maiores contingentes de administradores e trabalhadores especializados que irão cooperar para fazer com que minas e florestas produzam toda a riqueza necessária à garantia do hemisfério. Esses peritos, preparados em escolas técnicas e adestrados em métodos industriais nos Estados Unidos, estudam problemas de produção, de compra e venda, de financiamento e procura de equipamento. Enorme quantidade de detalhes são envolvidos nesses problemas antes de começarem as minas a produzir cobre ou ferro, ou antes de produzirem as plantações borracha ou quinina na quantidade agora necessária.

Esses escoteiros do progresso industrial encontram-se percorrendo longínquas paragens do vale do Amazonas em busca de mais borracha silvestre. Examinam velhas minas, propriedades já em desenvolvimento a-fim de determinar que é possível fazer para aumentar a produção. Viajam pelos confins de vias comerciais, interessados em encontrar novas fontes de quinina, terras apropriadas para a cultura do cânhamo, novas maneiras de produzir grandes quantidades de óleos que a natureza tem guardado em árvores e raízes no seio das selvas. Arriscando-se a toda sorte de sacrifícios e moléstias em regiões insalubres, esses peritos em valiosos produtos tropicais são elementos de grande importância para o fortalecimento das Américas. Sua missão é abreviar os meios para a obtenção nas ricas e férteis terras do nosso continente, dos recursos naturais que manterão o impulso daqueles que se batem pela liberdade.²¹⁴

Além do discurso épico utilizado na reportagem, destacavam-se as fotografias empregadas, que sintetizavam o texto. No alto da página, a imagem maior de uma fábrica encravada nas montanhas e em pleno funcionamento – evidenciado pela fumaça das chaminés. Abaixo, a folha cindia-se em duas fotografias menores que mostravam in locu o trabalho de “peritos especializados” e as ricas regiões mobilizadas para a guerra. Assim como em outras imagens publicadas pelo periódico, as informações básicas como o local, o ano, a identidade das pessoas ou o fotógrafo eram omitidos. Nessa perspectiva, esse enfoque genérico possuía efeito duplo: a revista não se vinculava diretamente com algum país americano, além de sugerir que a ilustração poderia ser de qualquer local do continente - os Andes, na Amazônia ou nas florestas da América Central (figura 30).

²¹⁴ Em Guarda, A Marcha da Economia, Ano 1, nº07, p. 14.



De numerosas usinas como esta, situadas nas Américas, estão sendo continuamente materiais de urgência para garantir a eficiência da defesa de u



Peritos estão explorando as possibilidades de conseguir novas fontes de abastecimento de minério, cimento e outros produtos essenciais bélicos



Tôdas as regiões das Américas são riquíssimas em recursos indispensáveis à guerra. Movimentando-se agora com precisão e rapidez a exploração desses recursos para a defesa e progresso do Novo Mundo

Figura 30: Em Guarda. A marcha da economia, Ano 1, nº 07,p.15.

O movimento que revalorizava o pan-americanismo também se misturava com os objetivos da Fundação Rockefeller para as Américas, ou seja, a adoção de medidas nas áreas de saúde e saneamento. Como fica evidente no trecho destacado, o pragmatismo em ter operários livres de doenças, era um dos objetivos do reavivamento da cooperação interamericana sob o auspício norte-americano:

O desenvolvimento dos recursos naturais das Américas tem como corolário a cooperação em matéria de saúde e saneamento, ponto realçado proeminentemente na conferência dos chanceleres (...). em colaboração com outras nações da América, fundos e especialistas serão enviados para atender à salubridade e proteção sanitária dos trabalhadores. Estes, expostos aos rigores dos trabalhos em minas e selvas, representam a mobilização dos recursos humanos do continente. Assim, o estatuto do Rio entra em sua forma prática fortalecendo vínculos, incrementando comunicações, consubstanciando interesses vitais e estabelecendo uma era de trabalho fecundo que fará do Hemisfério Ocidental um conjunto exemplar de nações independentes irmanadas em seus valores espirituais e materiais. Será um exemplo para o mundo.²¹⁵

3.3. Preparando para o ataque.

O contexto da guerra acabou por definir a linha editorial da revista no seu primeiro ano. Ganhou força a imagem de que a batalha seria inevitável e era preciso preparar as forças das Américas. Contudo, na documentação analisada destaca-se a edição de número oito, lançada por volta de março de 1942, na qual a tensão do conflito foi retratada nos mais diferentes níveis - militar, civil, político, ideológico, cultural e agrícola.

Havia uma nítida hierarquia no que concernia à apresentação das reportagens. A preocupação primaz dos editores era evidenciar a extraordinária máquina de guerra norte-americana – ou pelo menos transmitir tal imagem aos leitores – e, em seguida, elencar os aliados preferenciais, ou seja, as Américas Unidas em torno do ideário pan-americano, definir os inimigos a combater e, por fim,

²¹⁵ Idem, p. 14.

a edição fechava-se com a descrição das riquezas do continente. Em suma, o volume trazia ao lado desse rol de temas, ilustrações e fotografias coloridas que davam concretude ao projeto pan-americano abraçado por Em Guarda.

A idéia de mobilização constante estava explícita no título da primeira reportagem. Já o editorial, Preparando para o Ataque pode ser entendido como um panfleto político que esmiuçava os detalhes da ofensiva liderada pelos Estados Unidos contra a Alemanha e o Japão. Para combater as “hordas bárbaras” no Pacífico, China, Índia e Oriente Médio, a determinação de um exército que tinha como objetivo manter o Novo Mundo livre da destruição e do autoritarismo. Mesmo diante da imprevisibilidade da guerra, os estadunidenses apresentavam-se para disseminar a liberdade entre as Nações Unidas:

Confraternizam em outras terras com camaradas de outras raças, falando outras línguas, mas reunidos numa luta comum contra forças da conquista e da servidão, numa luta que se ativa para manter o inimigo à distância das plagas do Novo Mundo, como a melhor garantia para a preservação do futuro das Américas.²¹⁶

Dessa forma, a revista tentava articular o passado das nações latino-americanas à História dos Estados Unidos e, ao mesmo tempo, atrelar o futuro do continente ao sucesso das tropas norte-americanas em lugares inóspitos. Seguindo a linguagem usada no texto, tal vitória requeria não simples soldados, mas verdadeiros super-heróis. O tom grandiloquente da narrativa também deve ser entendido como um dos instrumentos utilizados para fins propagandísticos. Era evidente que para um país cuja população até 1941 reluta em envolver-se no conflito, o otimismo da reportagem era muito mais fruto de um desejo do que uma realidade vivenciada. Para o mensário, bastava reunir homens e armamentos em quantidade e qualidade que a guerra estaria ganha. A mensagem era direta:

²¹⁶ Em Guarda, Preparando para o Ataque, Ano 1, nº08, p.01.

proporcionar ao leitor a sensação de que só existia uma nação apta para empreender tal nobre tarefa, os Estados Unidos da América:

Grande também é a movimentação de armas, produtos dos mais modernos do engenho humano, oriundos desse gigantesco arsenal que são os Estados Unidos. Ao aceitar o repto lançado pelos trucidadores das liberdades humanas, a nação que maiores progressos industriais tem feito no mundo, reuniu todos os elementos da sua grandeza, para contribuir com decisivo apoio material aos povos livres da terra em sua tremenda luta contra os agressores. O volume dessa produção bélica assume proporções que já começam a escapar à imaginação humana. E a sua expedição para as frentes de batalha visa não somente suprir as forças americanas como as de todas as Nações Unidas (...). Em três meses, os efeitos já são aparentes nas perdas inimigas. E a proporção que o país atinge o máximo de sua força combativa, em ação conjunta com as demais Nações Unidas, o ataque irá fazendo sentir-se nos centros da resistência inimiga, até consumir-se a destruição do militarismo alemão e japonês. Em cada setor dessa guerra que se alastra pelo mundo inteiro, a ação militar e a estratégica das Nações Unidas assumem rapidamente um aspecto de perfeita unidade. Esta consistência de ação enquadra-se nos princípios básicos estabelecidos para os setores políticos e econômicos.²¹⁷

Tal gênio inventivo foi detalhado na reportagem sobre a conversão das indústrias norte-americanas. De tudo para a guerra²¹⁸ trazia as normas expedidas pela Junta de Produção de Guerra, cuja finalidade era a transformação das fábricas de produtos de bens duráveis como geladeira, rádios, máquinas de lavar e automóveis em fuzis, tanques de guerra e uniformes para os soldados. Informações das cidades envolvidas nesse esforço, assim como opiniões das pessoas atingidas pelas mudanças “desapareciam” do texto. A narrativa caracterizava-se pela informalidade e seqüência harmoniosa dos fatos, numa tentativa de denotar ausência de conflitos. A individualidade do cidadão era, na visão da revista, menos importante do que tornar os Estados Unidos o arsenal de guerra para as Nações Aliadas:

A enorme necessidade de matérias primas para serem transformadas em armamentos tem, naturalmente, restringido a produção de artigos de consumo geral, afetando, portanto, a vida cotidiana da população inteira. Até onde irá o rigor dessa restrição, ainda é cedo para determinar-se, mas sejam quais forem os seus extremos, não resta dúvida que o público já está preparado para enfrentá-los de

²¹⁷ Idem, p.01.

²¹⁸ Em Guarda. De tudo para a guerra. Ano 1, nº08.

boamente. Em cada sacrifício há a certeza de uma contribuição para a causa da vitória. Todos começam a compreender o alcance da mobilização total, objetivo que se traduz em conseguir o máximo de tudo que for indispensável para manter o país em perfeitas condições de sustentar a guerra e todas as conseqüências dela derivadas (...). Até a moda, reduzindo seus estilos, contribue para a valiosa conservação de materiais. A eliminação da “bainha inglesa” em calças de homens é um exemplo: 21 pares de bainhas fornecem fazenda bastante para um uniforme militar. E a simplificação da moda feminina acarretará uma economia mínima de cem milhões de metros de fazenda.²¹⁹

Essa leitura era conduzida por meio de uma série de fotografias – aparentemente posadas para os fotógrafos - e cuja função era auxiliar o leitor na “correta” apreensão da reportagem. Nelas destacavam-se pessoas trabalhando no fabrico de instrumentos bélicos e no esforço de racionamento voltado para a guerra. Além disso, acompanhavam as imagens legendas que reforçavam, sobretudo, a visão de cidadãos comuns, felizes por atuarem nos preparativos para a batalha.



Figura 31: Explicação para o leitor de uma divisão blindada do exército dos EUA. Em Guarda. Ano 1, nº 08, p. 10-11

²¹⁹ Ibidem, p.08.



Das fábricas de Detroit já estão sendo passantes tanques—para a defesa



O último automóvel de uma era. Agora, esta fábrica irá produzir armamentos



Antes, a especialidade desta operária era a montagem de trens de brinquedo

DE TUDO PARA A GUERRA

A conversão de milhares de fábricas nos Estados Unidos, grandes e pequenas, da manufatura de mercadorias de consumo civil, para a produção de materiais de guerra, constitui um verdadeiro problema industrial de algumas décadas proporcões, mas que está sendo resolvido com rapidez que seria impossível há um ano atrás.

A necessidade de toda a capacidade produtiva do país para a defesa de guerra, e a falta de materiais primos para continuar a produção de mercadorias não-essenciais, obriga numerosas fábricas a aplicar todos os recursos de imaginação e inventiva na adaptação de suas máquinas, operários e administração para produzir armamentos.

Animadas pelo entusiasmo alcançado por Jones pioneiros, setores militares de pequenas manufaturas prepararam-se para fazer o mesmo. Máquinas que produzem pequenos objetos de uso corrente anteriormente à guerra, acham-se atualmente fabricando importantes complementos de peças para canhões, artilhas, tanques e motores, além de centenas de outros pequenos artigos essenciais.

A conversão representa enorme adaptação de máquinas ao apressado ritmo da guerra, rápida e eficientemente, sem a necessidade de construir-se novas fábricas. Representa também uma redução cada vez mais acentuada, no consumo civil, de produtos que estão de ser aproveitados para enfrentar-se as exigências da manufatura de guerra. É uma dedicação industrial que ainda naturalmente nos põe em contato com a realidade de detalhes de canhões, mas que está empunhando a situação de prosperidade e adaptando-se, por sua vez, à situação que a emergência vem impor.

Para apressar o processo da conversão, e levar de toda parcimônia na aplicação de materiais primos essenciais à defesa, a Junta de Produção de Guerra, está expedindo uma série de ordens limitando ou suspendendo completamente a manufatura de artigos que até então eram considerados quasi que parte integrante da vida cotidiana.

Dentre as conversões mais importantes, destacamos a da indústria de automóveis, de refrigeradores elétricos, vidros, máquinas de lavar roupa, utensílios de alumínio e de borracha. Mas, evidentemente, muitas fábricas e suas produções estão totalmente afeitas a qualquer aplicação a armamentos, naturalmente à conversão, encontrando-se sempre um aproveitado de suas atividades para aumentar a produção de tudo que se torna necessário às forças combatentes. A 13 de Setembro do ano findo, foi expedida a primeira ordem restringindo a produção de automóveis de passageiros. Outras limitações seguiram-se até que, a 20 de Janeiro deste ano, a sua manufatura foi completamente suspensa, sendo assim à disposição da indústria de guerra milhares de toneladas de materiais estratégicos valiosíssimos para a manufatura de guerra. Foi com uma drástica medida para um país que dispõe de quase trinta milhões de automóveis, e cujo progresso tem de ser de suas grandes facilidades de transporte cada vez mais descomodada pelo seu próprio veículo. A situação, portanto, impõe uma prioridade.

Em rápida sucessão, outras restrições seguem-se. Rádio, fonógrafo, modelo físico de partes, instrumentos musicais, máquinas de escrever e outros equipamentos de escritório, quarteis e artigos nos quais se aplicam a lã, o algodão e o celuloide (para o papel de fumar, etc.) e diversos necessários para explosivos, aparelhos de rádio, equipamentos para lanternas, lâmpadas de chumbo e estanho para equipamentos de produtos químicos e tintas, e dezenas de outros produtos acham-se



Agora, com as mesmas ferramentas, monta bombas luminosas para forças aéreas

Figura 32: As figuras de 32 à 35 demonstram exemplos da participação civil na mobilização interna dos Estados Unidos para a Segunda Guerra Mundial. Em Guarda. De tudo para a guerra. Ano 1, nº 08, p. 06-09.



Figura 33: Em Guarda. De tudo para a guerra. Ano 1, nº 08, p. 07.



Figura 34: Nem mesmo no âmbito doméstico o esforço de guerra era esquecido. Em Guarda. De tudo para a guerra. Ano 1, nº 08, p. 08.



Aspecto de uma fábrica de automóveis há pouco convertida para a produção de guerra: tubos de escape para milhões de bombardieiros são agora os fabricados por milhares de operários em série, em trabalho contínuo, de milhares de tubos por dia.

Ferro velho está sendo usado a despeito da escassez na indústria bélica, conforme se vê nos objetos abaixo. Carruagens de objetos inservíveis transformam-se rapidamente em valioso material estratégico para a fabricação de armas.



Figura 35: O material recolhido era transportado até centros de triagem que se encarregavam do envio para as fábricas de equipamentos bélicos. Em Guarda. De tudo para a guerra. Ano 1, nº 08, p. 09.

PREPARANDO A SUPREMACIA AÉREA

TODAS as respeitáveis autoridades na arte da guerra não mais duvidam que a balança do poder militar no mundo pende para o lado da nação ou grupo de nações que possa constituir e manter a mais poderosa força aérea de combate. Em virtude de ordem expressa do Presidente Franklin D. Roosevelt, sendo em consideração esse fato importante, os Estados Unidos, que são

o país mais industrializado do mundo, acham-se agora produzindo aeroplanos militares em quantidades tais a despeito de falta de ação, paciência e velocidade tão grandes que, nem mesmo a esbirra mais desesperada das potências inimigas será capaz de alcançar qualquer resultado que se queira. Aqui vemos devidamente ilustrados alguns dos tipos desses aeroplanos:



B-17 O primeiro modelo desta famosa espécie, "Fortaleza Voadora" (em alemão) surgiu em 1933. Desde então, tem sido modificada, remodelada e aperfeiçoada, sendo agora reconhecida como superior a qualquer bombardeiro de grande altitude. Tem grande raio de ação e velocidade com várias toneladas de bombas.



B-24 Um dos mais conhecidos e mais eficientes bombardeiros pesados quadrimotoredos do Exército, este aparelho (americano), de grande altura, facilidade de manobra e com estrutura, é fácil de distinguir-se no ar. Sua construção é sumamente leve graças ao corpo de bombas a uma velocidade excepcional.

Figura 36: Apesar de a Marinha ocupar privilegiado espaço nas páginas da revista, as novidades na Aeronáutica eram apresentadas com destaque e didatismo. Em Guarda. Supremacia aérea. Ano 1, nº 08, p. 19.



B-26 Este bombardeiro médio (em cima) tem sido considerado como uma maravilha de aerodinâmica. De linhas limpas e curvas e de extrema prontidão de manobras, carrega os dois levando em sua baixa uma carga de três toneladas de bombas, e desenvolve uma velocidade máxima de qualquer bombardeiro, de mais de 480 quilômetros por hora. Seus hélices de quatro pás são acionados por dois motores de 1.850 CV.

A-20A Construído pela Douglas Aircraft Corporation, este bombardeiro (em baixo) é muito veloz e ágil, qualidades essenciais em sua função principal de apoiar a infantaria em ataques a objetivos em terra. Como o B-26, este avião desenvolve uma velocidade comparável à de muitos aparelhos da época. Além de carregar considerável quantidade de bombas destruidoras, dispõe de várias metralhadoras situadas



Figura 37: Em Guarda. Supremacia Aérea, Ano 1, nº 08, p. 20.



PB2Y-2 Este colossal bombardeiro-patrulha (em cima), denominado "Coronado", é um dos orgulhos da Marinha. Desenhado para fazer vôos de grande percurso sem necessitar da escala de aviação de combate, é uma verdadeira obra de engenharia em termos blindados à prova, na cauda e nos lados. Tem um raio de ação de 8.320 quilômetros, com carga de várias toneladas de bombas. Velocidade: 340 km horários

F4U-1 Esta avião de combate da Marinha, com uma velocidade que excede a 640 quilômetros horários, é o mais veloz dos aparelhos de aviação naval. É compacto, medindo 9 metros de comprimento e 12 de envergadura. Foi desenhado especialmente para operações em porta-aviões. Sua asa leve e flexível dá grande proporcionalidade espaço para uma hélice maior. Tem um potente motor de 2.200 CV



Figura 38: Em Guarda. Supremacia aérea, Ano 1, nº 08, p. 21.

Se a participação da sociedade civil estadunidense era grandiosa e exemplar, ao restante das Américas cabia apenas fornecer produtos primários. Nesse, a integração resumia-se à exportação de matérias-primas para o país que convertia seu parque industrial para atender às demandas da guerra.

O clima de preparação do continente era cercado de grandes expectativas e tensão. O texto *As Américas estão Alertas* (o título estava grafado em vermelho e a existência de um soldado supostamente mexicano tocando uma trombeta conferia dramaticidade ao enunciado), trazia um histórico das medidas tomadas para livrar as repúblicas americanas dos inimigos. Apesar de todo o discurso de cooperação interamericana, a reportagem constituía-se em longa loa aos “incríveis” feitos militares dos Estados Unidos no mundo que, em pouco tempo como país independente alcançou vitórias até Austrália. Contudo, nesse texto ficava explícita a estratégia das forças estadunidenses para a guerra. A concepção dos Estados Unidos poderia ser dividida em duas partes: externamente, na Europa e Ásia, consistia no ataque as posições inimigas; e internamente, nas Américas, de defesa dos países aliados e entendidos como frágeis militarmente, portanto passíveis de proteção. Não era em vão que as fotografias que acompanhavam o texto faziam referências às tropas norte-americanas, alertas em todo o continente:

Mas o indispensável para uma estratégia ofensiva dos Estados Unidos é uma bem sucedida estratégia defensiva visando a proteção do continente americano contra qualquer penetração inimiga. Quando primeiro se iniciou a guerra na Europa, os Estados Unidos, de colaboração com as demais Repúblicas Americanas, levaram a efeito uma série de providências atinentes a fortalecer o continente americano contra qualquer ataque de fora. De acordo com a Grã-Bretanha, os Estados Unidos iniciaram a construção de uma orla de bases navais e aéreas em territórios britânicos que se encontravam em vasto semicírculo desde a Terra Nova, no extremo nordeste do continente norte-americano, até a Guiana Francesa, na costa Setentrional da América do Sul.²²⁰

²²⁰ Em Guarda, *As Américas estão Alertas*, Ano 1, nº08, p.14.

Nesse contexto, compreende-se a atuação diplomática norte-americana, preponderante depois da guerra. O isolacionismo e o papel coadjuvante que os Estados Unidos desempenharam, na primeira metade do século XX cederam espaço para o protagonismo e a liderança militar, acompanhados por uma política externa cada vez mais agressiva. Assim, pode-se afirmar que o grupo político envolvido na elaboração do periódico utilizava o possível entendimento nas Américas como um divisor de águas nas relações com os demais países aliados. A busca desse mundo utópico era definido a partir dos acordos firmados no Rio de Janeiro em 1942, “objetivos esses nunca antes alcançado por qualquer grupo de nações”:

A base dessa valiosa e profunda colaboração de um conjunto de nações que aspiram a realização de seus respectivos ideais nacionais, partilhados por todas, é a constituição de uma sociedade na qual homens livres, em paz recíproca, possam viver e trabalhar e desenvolver suas aptidões naturais da maneira que mais lhe agradar. Este ideal é o alicerce comum que se distende sob as diferenças de idiomas, de tradições e de desenvolvimento político e econômico. No Novo Mundo, esse ideal é uma realidade, vital e tangível. Com as Américas mutuamente interessadas em auxiliarem-se na resistência contra qualquer agressão contra esse patrimônio, o seu ideal democrático resplandesce gloriosamente.²²¹

²²¹ Idem, p. 15.

Exemplo lapidar de constituição do inimigo, o artigo (não assinado) O Mundo Livre ou Escravizado, iniciava-se com a fala do Presidente Roosevelt a respeito dos objetivos almejados pelos Aliados: “A Ordem mundial que buscamos é a cooperação de países livres, trabalhando juntos numa sociedade fraternal e civilizada”. (Presidente Roosevelt, em 06 de Janeiro de 1941).²²²

O autor elegeu o discurso competente do presidente norte-americano para expor, em perspectiva comparativa, a vida na liberdade e na escravidão. Por meio de antíteses, apresentavam-se ao leitor os cenários de um mundo liderado pelos países das “Nações Unidas” e, em contrapartida, aquele dos inimigos “bandidos”, Alemanha e Japão. A parcialidade e o caráter sombrio do texto expressavam-se na forma como o texto foi urdido:

Enquanto que Adolf Hitler e seus bandidos de Tóquio e Roma procuram, com uma crueldade nunca vista antes, alijar o mundo a uma “nova ordem” nazista ou japonesa, as Nações Unidas estão se batendo para proporcionar ao mundo a verdadeira antítese de um destino tão ameaçador. Que é que os Estados Unidos, Grã-Bretanha e as nações aliadas da justiça e liberdade reservam à maneira de esperanças para a humanidade sofredora? Qual seria, pelas próprias condenáveis palavras e ações de Hitler e seus comparsas japoneses, o destino desses milhões de sofredores, si o Eixo vencesse? Quais são os fatos? De um lado aqueles registrados em palavras e ações de homens tementes a Deus, que lutam para preservar a dignidade do homem; de outro, em sangue e terror. As Nações Unidas prometeram não para sua própria ambição, mas para o bem do mundo inteiro, os frutos da sua vitória.²²³

O início da vitória, já estaria em curso segundo o articulista, graças à assinatura da Carta do Atlântico. Redigida em 14 de agosto de 1941 por Roosevelt e Churchill, o documento estabelecia livre comércio, segurança social, não expansão territorial para fins imperialistas, paz e conseqüente destruição da tirania nazista e, ainda, o abandono da força e a adoção da justiça. Tal texto reforçava a idéia de que a guerra se aproximava do continente americano e era preciso garantir, além de matérias primas, apoio massivo dos governos locais. Dessa forma, o artigo imputava

²²² Apud: Em Guarda, O Mundo Livre ou Escravizado, Ano 1, nº 08, p. 23.

²²³ Idem, p. 23.

à III Conferencia do Rio de Janeiro em 1942 a efetivação dos pontos acordados na Carta do Atlântico, promessa de liberdade e de justiça das Nações Unidas.

Por outro lado, o mundo erigido pelos países que compunham o Eixo era ilustrado pela visão da fome, violência e destruição, com exemplos extraídos de *Mein Kampf*, escrito por Hitler e apresentado como verdadeiro manual do *modus operandi* nazista – mais uma vez, vale notar que os trechos selecionados não possuíam qualquer indicação bibliográfica, pinçadas aleatoriamente pela revista:

A idéia de pacifismo e humanidade pode ser muito boa, depois que a raça suprema (a alemã) tiver conquistado e subjugado o mundo (...). Uma raça inferior necessita de menos alimentação e menos cultura do que uma raça superior. E quais são as raças inferiores? Todas, excepto a alemã, naturalmente (...). A América está constantemente à beira de revoluções. Será muito simples para mim (sic) provocar revoltas e desassossego, para que essa gente tenha com que se ocupar (...). Um vitorioso inteligente apresentará, sempre que possível, suas exigências ao vencido, em prestações. Estará assim certo de que uma nação que perdeu o caráter – e tal é o caso de todas que se submetem voluntariamente- não mais encontrará razão alguma, em cada uma das opressões parciais, para pegar em armas outra vez. Quanto mais extorsões forem aceitas de bom grado, mais injustificado parece ao povo começar a defender-se contra alguma nova opressão, aparentemente isolada, mas em realidade constantemente repetida, especialmente si, considerando-se todo conjunto, já suportou silenciosa e tolerantemente maiores infortúnios sem reagir.²²⁴

No discurso da época a contraposição entre o “mundo livre” e o “mundo escravizado”, ora revestido de um simplório maniqueísmo, ora tomada como óbvia, tornou-se uma imagem metáfora freqüente nas páginas da revista. A diferença entre ambas era evidenciada no layout do periódico: o mundo sob a égide dos Estados Unidos continha imagens claras, a começar pelas bordas da folha, e a palavra “liberdade” amplamente disseminada na narrativa discursiva. As fotografias faziam alusão a quatro pilares básicos da sociedade norte-americana – em sentido horário: o lar, a igreja, a política (democracia) e a família. De maneira pedagógica, para os “irmãos” da América Latina, os estadunidenses emergiam como baluarte de uma

²²⁴ Ibidem, p.23.

sociedade harmônica, pautada em princípios cristãos e livres de quaisquer ameaça autoritária.

Entretanto, o mundo sob domínio nazista era escuro, com predominância da cor negra no fundo das imagens. Abria a seqüência de fotografias uma mulher de olhos esbugalhados, aterrorizada pela destruição da guerra. A presença da criança ajudava a tornar a cena mais dramática e comovente, o que possivelmente causava imediata repulsa aos leitores. Seguia-se então a mostra de uma igreja destruída, na qual a única coisa que permanecia intacta era a estátua de uma santa. A forte carga simbólica da fotografia tinha a dupla missão de corroborar o aniquilamento de uma instituição secular- a Igreja-, e, portanto, a incivilidade dos nazistas; e ainda obter o apoio dos leitores nas Américas, na sua maioria de forte tradição cristã. Fechava a comparação, duas imagens de judeus humilhados perante soldados alemães, o que transmitia a idéia de que ali era na Europa, logo poderia ser do outro lado do Atlântico. Susan Sontag analisou o papel das fotografias nas guerras e os seus efeitos nos indivíduos. Ela ponderava que:

Na fotografia de atrocidades, as pessoas querem o peso do testemunho sem a nódoa do talento artístico tido como equivalente à insinceridade ou à mera trapaça (...). A familiaridade de certas fotos constrói nossa idéia do presente e do passado imediato. As fotos traçam rotas de referência e servem como totens de causas: um sentimento tem mais chance de se cristalizar em torno de uma foto do que de um lema verbal (...) fotos que todos reconhecem são, agora, parte constituinte dos temas sobre os quais a sociedade escolhe pensar, ou declara que escolheu pensar (...). Quando há fotos, uma guerra se torna “real”.²²⁵

Certos episódios da história do continente – e, em particular dos Estados Unidos – ganharam relevo. Observa-se um esforço de reordenação que visava proporcionar uma leitura do passado que ressaltava a unidade cultural das Américas e a perseverança de um povo que lutava pelos ideais de liberdade e democracia.

²²⁵ SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p. 26 e p. 73.

Nessa perspectiva merecia destaque as riquezas naturais do continente, “... As terras agrárias de todas as Américas, desde os extensos trigais da Argentina e dos Estados Unidos, até os campos algodoeiros do México e do Peru e os vastos cafezais do Brasil, estão sendo mobilizadas no maior trabalho de cooperação agrícola do mundo, com o fim de tornar possível, através do seu abastecimento de munição de boca, a guerra total contra o Eixo”,²²⁶ a tradição política pan-americana; a busca pela resolução dos problemas por meio de acordos diplomáticos, “... nenhuma das repúblicas americanas deseja a guerra. Mas, tal como os Estados Unidos, que já apropriaram 63 bilhões de dólares para garantirem-se com formidáveis forças de terra e mar, as demais nações do Hemisfério estão dispostas a preparem-se militarmente para a guerra”,²²⁷ e, acima de tudo, o heroísmo do norte-americano, “... sobre milhões de homens e mulheres que laboram dia e noite acionando esse gigantesco arsenal de guerra, pesa a responsabilidade de garantir a complexa e decisiva produção do elemento essencial para a vitória”.²²⁸

²²⁶ Em Guarda. Víveres das Américas. Ano 2, nº01, p. 16.

²²⁷ Em Guarda. Estudantes Militares – Uma Escola Militar do Hemisfério. Ano 1, nº 04, p. 30.

²²⁸ Em Guarda. A mobilização do trabalho. Ano 1, nº 05, p. 36.



Figura 41: Exemplo de construção da imagem dos Estados Unidos como uma nação civilizada e democrática. Em Guarda, ano 1, nº. 8, p.24-25.



Figura 42: Exemplo de construção da imagem dos nazistas como inimigos da democracia. Em Guarda, ano 1, nº. 8, p.24-25.

3.4. Front Interno: a mobilização para a guerra.

As páginas da revista *Em Guarda* atestavam a existência de um grande interesse pela mobilização da sociedade civil norte-americana e por biografias de personalidades políticas, intelectuais e militares.²²⁹ Nesse universo, a vantagem dos Estados Unidos ia além de armas e matérias primas em grande quantidade. O patriotismo da época imputava ao indivíduo comum responsabilidades típicas da guerra: o racionamento, o envio de parentes para os campos de batalha, a produção voltada para consumo externo e a superação de problemas sociais. Em 1942, o periódico assim descreveu o que a nação deveria esperar de seus cidadãos:

Esse soldado preparado dentro dos rigores das necessidades modernas, teve para instruir-se os melhores técnicos e os melhores recursos. Em pouco tempo adquire a convicção dos seus conhecimentos e reconhece, levado pela sua própria capacidade, que dispõe do melhor equipamento que se pode proporcionar a um combatente. Observa a qualidade dos seus uniformes, verifica a razão de ser de tudo quanto neles se contém, examina o seu armamento, admira-se da sua qualidade e eficiência. Reflete mais detalhadamente a respeito de tudo o que o cerca, da significação do seu dever, e orgulha-se de haver nascido um cidadão em condições de poder compreender e satisfazer as exatas qualificações de tal soldado.²³⁰

Por essa via de abordagem, era possível inferir que as necessidades dos indivíduos – tidas pela revista como supérfluas – deveriam ceder espaço para a vontade coletiva, estabelecida por diretrizes traçadas pelo Estado. Esta identificação transferia para o coletivo as decisões comumente tomadas pelo cidadão, o que em certa medida contrariava os ideais de liberdade presentes na Constituição norte-americana. A mitificação do “cidadão-soldado” invocava o sentimento patriota – reavivado pelos governos em tempos de guerra – e era traduzido no periódico por meio de uma determinada leitura do passado capaz de forjar certa unidade “espiritual” com o continente.

²²⁹ No decorrer dos quatro anos de publicação, *Em Guarda* publicou 62 biografias entre militares, políticos e personalidades artísticas e intelectuais. Já as reportagens sobre a mobilização interna nos Estados Unidos totalizaram 101 referências.

²³⁰ *Em Guarda*. Cidadão Soldado de 1942. Ano 1, nº11, p. 28.

Desde o primeiro número de *Em Guarda*, essa transformação acerca do papel dos Estados Unidos no mundo vinha sendo objeto de análise. A apologia da nação era apreciada no texto EUA – 1942, *A vida e o espírito de um povo em guerra*:

Quase que da noite para o dia, milhares de operários passaram dos afazeres de paz para adestrarem-se nas intrincadas operações da manufatura de guerra. Materiais que antes eram abundantes para as necessidades normais civis, estão sendo absorvidos pelas indústrias de guerra – por fábricas e mais fábricas especialmente construídas ou adaptadas para a conversão que a manufatura bélica exige (...). A necessidade de compartilhar produtos e materiais com as demais Repúblicas Americanas ficou também reconhecida. Para garantir adequado fornecimento de matérias primas para usos militares, é preciso reduzir o curso de produtos manufaturados para o consumo civil nas Américas. Um público perfeitamente consciente dessa situação, está reajustando a sua vida, rápida e calmamente; está se conformando com a ausência de muitos artigos e produtos que já haviam constituído parte integral da sua existência nesta moderna era industrial.²³¹

A descrição lembrava ainda os canteiros de obras do início do governo Roosevelt em 1933. Evidentemente, a revista coadunava com o grupo político no poder e, em alguns trechos, a sensação que se tinha era de escancarada propaganda política:

A situação tem sido grandemente aliviada pelos projetos do governo, que tem proporcionado milhares de residências em várias áreas ocupadas com a defesa. Oitenta mil novas casas já foram construídas. Enquanto isso, Washington, a capital do país, apresenta-se com aspectos extraordinários. A extensão das repartições do governo relativas à guerra e a criação de outras novas, trouxe a necessidade de milhares de novos funcionários de ambos os sexos. Demais, a própria guerra tem dado causa a extraordinária concorrência a capital, de pessoas que tem negócios a tratar nas repartições do governo (...). Afastada dos centros de produção e das frentes da batalha, Washington é, contudo, o ponto de centralização do esforço bélico nacional. É aí que se delineiam as diretrizes estratégicas, os contratos, as ordens e a coordenação que faz movimentar e orientar a máquina da produção.²³²

Nada lembrava os horrores de um país em guerra. Choro, casas destruídas e soldados soterrados em trincheiras davam lugar a indivíduos felizes, bem alimentados e com acesso ao que havia de mais moderno na época. A grande quantidade de fotografias (26) para apenas cinco páginas de reportagem parecia

²³¹ *Em Guarda*. EUA – 1942. *A vida e o espírito de um povo em guerra*. Ano 1, nº07, p. 01.

²³² *Idem*, p. 03.

indicar o incremento da tecnologia fotográfica definitivamente na revista. O caráter polissêmico das imagens indicava a mobilização em massa da população civil, ora na intensificação da produção de materiais bélicos, ora na plantação das chamadas “hortas da vitória”, ora substituindo o automóvel pela bicicleta. Note-se que além da harmonia presentes – evidenciados pelo enquadramento e a luz obtida pelos fotógrafos – outro aspecto que sobressaia era o cooperativismo das pessoas, isto é, elas invariavelmente não estavam sozinhas e desempenhavam alguma tarefa com o auxílio de outros indivíduos.

Sob a lógica da revista, a vitória seria fruto do esforço coletivo, independente da coloração ideológica, política ou religiosa dos cidadãos. No texto Economizar para a vitória, o papel da sociedade civil consistia na:

(...) organização de planos para a arrecadação de tudo quanto é material usado tornou-se necessária, a- fim de aumentar os outros suprimentos. É assim mais um passo para assegurar a vitória. Nessa iniciativa, a nação inteira está tomando parte. A população civil está fazendo sacrifícios na certeza de que o aumento da produção significa vitória. Conquanto a produção não seja o único fator para a bem sucedida prossecução da guerra, o formidável efetivo combatente mobilizado pelas Nações Unidas torna-se inútil sem o material bélico indispensável para equipá-lo. A participação civil na guerra assume, pois, a forma de assegurar a manutenção da produção, a despeito de todos os sacrifícios.²³³

²³³ Em Guarda. Economizar para a Vitória. Ano 1, nº 12, p. 11.



Figura 43: Cenas de um país em guerra (bem diferente dos horrores nos campos de batalha na Europa). Em Guarda. EUA – 1942. A vida e o espírito de um povo em guerra. Ano 1, nº 07, p. 02.



Figura 44: A revista preocupava-se em demonstrar que todos os setores da sociedade norte-americana mobilizavam-se para a guerra. Em Guarda. EUA – 1942. A vida e o espírito de um povo em guerra. Ano 1, nº 07, p. 03.

Empunhando a bandeira da defesa do sacrifício pessoal, porém útil a nação, as medidas restritivas de consumo iam se infiltrando no cotidiano das pessoas. O racionamento de produtos era a face mais visível e próxima da guerra que se desenrolava na Europa. Em uma evidente intromissão nas liberdades individuais, os articulistas do periódico listavam as medidas necessárias para o não desperdício de materiais. Além da tradicional restrição no que concernia aos produtos básicos voltados para a sustentação da estrutura bélica, a limitação no consumo atingia a alimentação, a moda, hotéis e restaurantes. Até a singela receita da dona de casa norte-americana sofria as intempéries da guerra – “... para fazer doces, massas e molhos, a Sra. Winnebald não usa mais ovos de primeira qualidade; guarda com cuidado sacos de papel usados; já se verificou que os gêneros alimentícios enlatados são mais baratos e, em muitos casos, tão nutritivos quanto os gêneros de maior preço.”²³⁴

O cotidiano na paisagem das cidades norte-americanas se modificava. Ofícios até então desprezados pela população passaram a ganhar importância vital. Observe o exemplo dos estigmatizados catadores de sucata narrado pelo mensário:

O povo dos Estados Unidos de há muito se havia acostumado a ver o comprador de ferro velho, em seu carro desengonçado, tirado por um cavalo pachorrento, percorrendo as ruas, na compra de objetos inservíveis. Frequentemente, muito pouco conseguia ele conseguir (sic) durante uma semana inteira. Agora é o governo que pede a todos para dar busca rigorosa em todos os recantos domésticos, nos sótãos e porões, e vender ao “ferro velho” tudo que é objeto inservível de metal e de borracha, e até roupas que antes eram atiradas fora. A guerra veio tornar essa arrecadação fator importante em face do esforço de expansão do poder bélico da nação.²³⁵

A idéia de “povo”, atrelada a de nação, deixava evidente a relação que havia entre a guerra e o nacionalismo. Esta associação devia-se, não apenas à produção de equipamentos militares, como também tinha como finalidade reavivar o

²³⁴ Em Guarda. A família e a guerra. Ano 1, nº 09, p. 38.

²³⁵ Em Guarda. Economizar para a Vitória. Ano 1, nº 12, p.11.

sentimento patriótico do cidadão norte-americano. Tal dever cívico, integrado ao sentimento de auxílio as Nações Unidas, seria a melhor alternativa para não somente derrotar alemães e japoneses, mas para a estratégia de poder dos Estados Unidos. Ao realizar um balanço do que se esperava para o ano de 1943, Em Guarda propagava:

Estamos agora resolvidos a providenciar para que os abastecimentos de gêneros e de outros artigos essenciais à população civil sejam distribuídos de modo equitativo, a ricos e pobres, a administradores e a operários, a lavradores e habitantes das cidades. Estamos resolvidos a manter em nível estável o custo da vida. Esse é um dever primacial cuja importância todos compreendemos. É natural que tenhamos sofrido incômodos, perturbações, e mesmo privações (...). Felizmente, são poucos os americanos que cotam mais alto o apetite que o patriotismo. A maioria absoluta está plenamente compenetrada de que são destinados a fins militares essenciais os gêneros que exportamos a outras terras e às forças aliadas, e a preencher certas necessidades nas regiões que ocupamos. Nós, americanos, pretendemos juntos realizar esta magna obra. Nos nossos empreendimentos em comum devemos erigir e fortalecer o fundamento mesmo da unidade nacional: a confiança mútua. Devemos não perder de vista o fato de que as nossas realizações no setor da produção não são relativamente maiores do que as dos russos, ingleses, ou chineses, que, embora assoberbados pelas incriveis dificuldades impostas pela guerra em que se acham envolvidos, assim mesmo conseguiram estabelecer suas indústrias bélicas. Não interromperam o seu afã no meio de bombardeios ou "blackouts". Nós, americanos, temos por companheiros na presente guerra bravos e nobres aliados e, de par com eles, nos desincumbimos briosamente da parte que nos compete neste empreendimento comum.²³⁶

É preciso notar que a postura adotada no texto diferia da linha editorial empregada na maioria dos escritos do periódico. Apesar da tentativa de não melindrar os Aliados, o articulista (não identificado) exaltava as qualidades dos norte-americanos por meio do tempo verbal (primeira pessoa do plural) e do pronome "nós". Tal recurso ajudava a delimitar para o leitor o lado do "bem", isto é, "nós"; e os inimigos a serem combatidos, os "outros"- os que não participavam do rol das "nações unidas". Além disso, destaca-se o caráter incisivo do texto, conclamando a todos os envolvidos a permanente mobilização para a vitória.

²³⁶ Em Guarda. O ano da avançada – "Vamos atacar e o faremos esmagadoramente". Ano 2, nº 05, p. 1-2.

Perpassando todas essas avaliações, havia uma profunda crença de que já em 1943 o mensário pensava não somente no pós-guerra, mas na possibilidade de uma quarta reeleição de Franklin Roosevelt. Nesta tarefa, as imagens das recentes viagens do presidente norte-americano eram amplamente difundidas, assim como pululavam análises políticas sobre o futuro da nação:

Eis o que visam os homens nas nossas forças armadas: paz duradoura e, igualmente, emprego permanente, para si, suas famílias, e seus semelhantes, ao finda a guerra, voltarem à sua vida normal, civil. Estão dispostos a enfrentar os riscos inerentes ao nosso sistema de livre empreendimento. Não querem uma América post-bélica que sofra de falta de nutrição e de habitações decentes, ou que esteja à mercê de subvenções pagas pelo erário público. Não querem uma era de falsa prosperidade em que alguns se enriquecem desmesuradamente, e outros, no fim dessa era, se encontram despejados de suas casas, a exemplo do que aconteceu na derrocada de 1929 (...). O Governo Nacional dispõe de meios para lhes dar essas garantias, e cumpre que o faça. Nesta guerra de sobrevivência, cumpre ter em mente não só os males contra os quais combatemos, como também os benefícios em prol dos quais pugnamos. Lutamos para preservar um grande passado e para conseguir futuro ainda mais glorioso.²³⁷

Nada poderia ser mais edificante – especialmente para o grupo político que estava no poder à época – erigir no pós-guerra uma organização com vários países que dividiriam as responsabilidades em torno dos conflitos mundiais. Afinal, o fracasso da política norte-americana ao final da Primeira Guerra Mundial, com a rejeição dos 14 pontos defendidos pelo presidente Wilson, contribuía para o posterior malogro do Tratado de Versalhes e o fortalecimento das correntes isolacionistas. Segundo Em Guarda, os Estados Unidos não poderiam incorrer novamente no mesmo erro de isolar-se do mundo. O crescimento da economia e a reconversão do parque industrial para a fabricação de geladeiras, televisões e automóveis dependiam do florescimento e prosperidade do restante do planeta. Prevendo um mundo menos hostil, o periódico lembrava que:

(...) periclita a segurança econômica da América no futuro, a menos que seja garantida ao resto do mundo estabilidade econômica mais sólida. A América não se poderá converter em uma ilha, isolada do mundo, nem sob o ponto de vista militar

²³⁷ Idem, p. 05.

nem sob o ponto de vista econômico. O Hitlerismo, como outra qualquer praga ou crime, germina da cizânia do feudalismo econômico e militar. Vitória na guerra atual é o primeiro e grandíssimo dos alvos que nos defrontam. Vitória, na paz que se seguir, é o segundo alvo. Depende este de lutarmos em prol de maior grau de segurança para os homens aqui e em todas as partes do mundo (...).²³⁸

Nos quatro anos de edição da revista, vários foram os exemplos mostrados de cidadãos comuns que, de alguma maneira, se sacrificaram para a vitória norte-americana na guerra. Porta-voz do pan-americanismo, *Em Guarda* constitui-se fonte privilegiada para acompanhar o desenrolar dos conflitos e o papel que as Américas ocupavam no organograma traçado pelo Departamento de Estado estadunidense.

²³⁸ Ibidem, p. 05. Aliás, o princípio a que faz alusão esse trecho seria colocado em prática em 1947, com o plano Marshall na Europa.

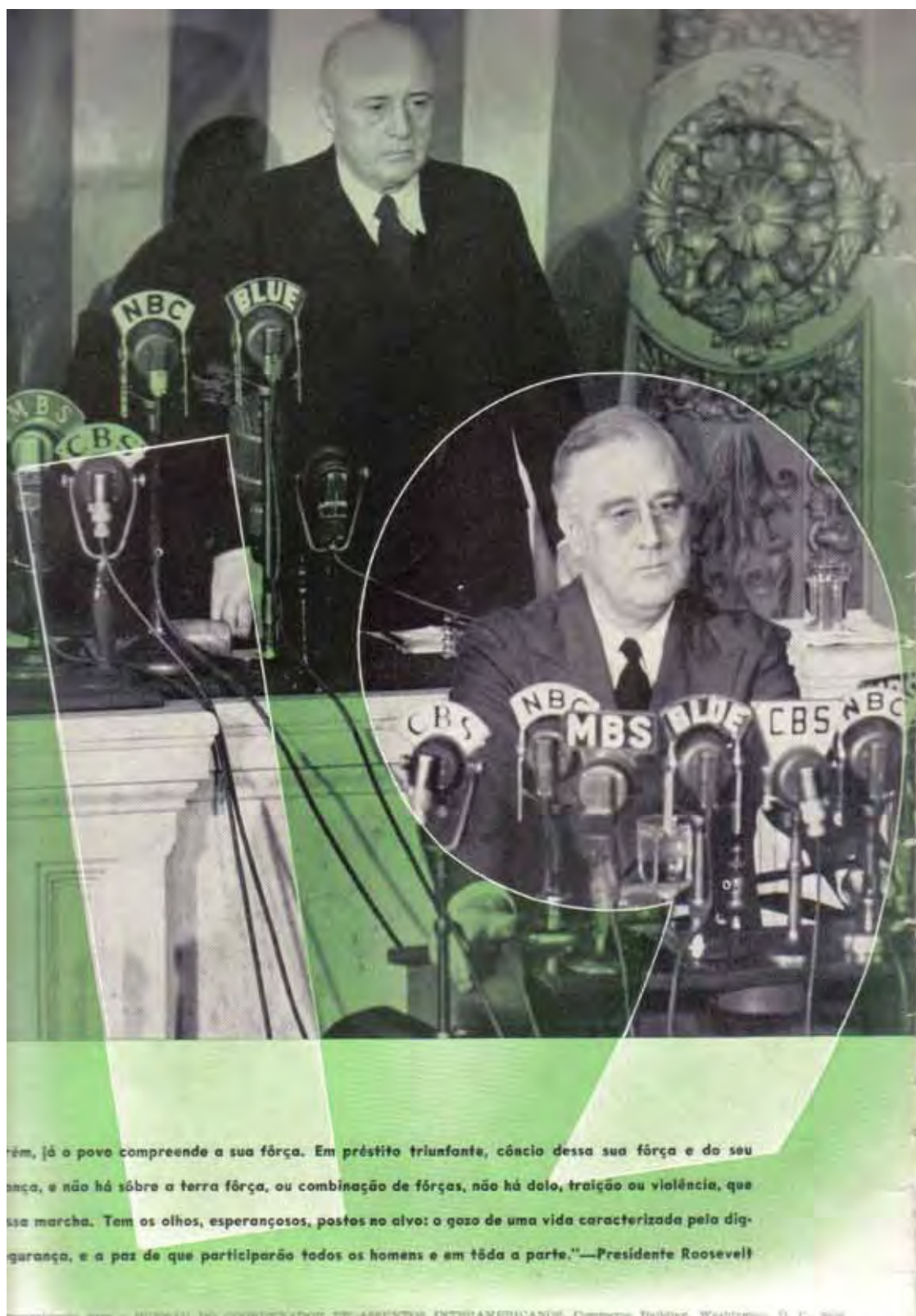


Figura 45: As vésperas das eleições presidenciais e das ações incisivas contra o nazismo na Europa, o presidente Roosevelt aparece como grande líder mundial. Em Guarda. O ano da avançada. Ano 2, nº 05, contra capa.



Figura 46: Presidente Roosevelt visita a base aérea de Natal em companhia com o Presidente Getúlio Vargas. Em Guarda. O ano da avançada. Ano 2, nº 05, p. 02.



Presidente Roosevelt não esconde o seu bom humor, durante uma entrevista que deu, em companhia do Primeiro Ministro Churchill, aos jornalistas.

De um automóvel "jeep", o Presidente Roosevelt passa em revista um regimento de tanques. Na esquadra da foto, de esquerda para a direita, vêem-se os generais E. H. R. e Mark Clark. Correndo ao lado do automóvel, vê-se o cabo Robert Hopkins, filho de Harry Hopkins, presidente da Junta Anglo-Americana de Distribuição de Munições.



Figura 47: Dois momentos de Roosevelt: ao alto, em encontro com o Primeiro Ministro inglês Winston Churchill, e abaixo passando em revista as tropas norte-americanas. Em Guarda. O ano da avançada, Ano 2, nº 05, p.03.



Figura 48: Encontros diplomáticos de Roosevelt, respectivamente, com o presidente brasileiro, Getúlio Vargas e com os líderes da França Livre, Charles de Gaulle e Inglaterra, Churchill. Em Guarda. O ano da avançada. Ano 2, nº 05, p. 04-06.

A população civil dos Estados Unidos não passou incólume à Segunda Guerra Mundial. Em diversas fases, ela foi inquirida a participar por meio do racionamento de alimentos, pagamento de bônus de guerra, campanhas para recolhimento de sucatas ou papéis velhos e plantação de hortas para abastecer os soldados no front. As dificuldades podiam ser aferidas pela descrição das medidas tomadas no início do conflito:

A conversão em massa de indústrias e a transposição de materiais para a produção bélica têm causado a escassez de muitos artigos com os quais se achava o público americano intensamente familiarizado. A sua escassez e, em muitos casos, completa falta, está levando a todos a noção exata dos sacrifícios que se tornam necessários (...). O racionamento de açúcar impôs-se para que possam os manufatureiros dispor de amplas quantidades para a fabricação do álcool industrial, ingrediente necessário à pólvora sem fumaça. Com a distribuição de cartões, todos terão limitado o seu consumo individual de açúcar. Hotéis e restaurantes estão atendendo escrupulosamente às restrições desse consumo, e fábricas de doces, balas e bombons e bebidas gasosas, que empregam açúcar em quantidade, estão sendo forçado a reduzir a produção. Estanho tem se tornado material estratégico; por isso, produtos alimentícios enlatados estão sofrendo a restrição. A Diretoria de Produção de Guerra publicou uma lista dos alimentos que podem ser enlatados. Aumenta o consumo de frascos de vidros como alternativa para o acondicionamento de produtos alimentícios. Cerveja em lata breve desaparecerá do mercado.²³⁹

Por mais pitoresca que possa parecer hoje tais recomendações, centenas de indivíduos e cidades seguiram a risca as diretrizes impostas pela guerra. Campanhas “cívicas” de recolhimento de pneus, alimentos, tubos de creme dental e jornais eram organizadas por associações locais. Não é de surpreender que a revista *Em Guarda* tenha reservado em suas páginas espaço privilegiado para demonstrações individuais de heroísmo e desapego material.

Em uma época impregnada pela guerra e pautada pela destruição e dor, a publicação de relatos pessoais conferia ao conflito um aspecto de proximidade entre os leitores e os soldados no front. Apesar de não se constituir em seção fixa, o gênero biográfico era constante no mensário. Geralmente redigida em duas páginas amplamente ilustradas por fotografias, o texto abria com a descrição da vida

²³⁹ *Em Guarda*. op. cit. Ano 1, nº07, p. 5-6.

cotidiana do biografado – família, trabalho, estudos, diversão. Seguia-se então o momento de ruptura, com a interrupção da tranquilidade relatada e o período de treinamento militar e sucedido pelo envio a batalha. Assim, de uma hora para outra, o camponês, o operário, o motorista ou o atendente de supermercado era instado à linha de frente da infantaria, operando fuzis e obuses que saíam da linha de produção das indústrias bélicas.

Exemplo lapidar de tal recurso estilístico, a rotina de Edward Kiatta - empregado de um armazém de secos e molhado – sintetizava de qual forma deveria se comportar um cidadão de um país em guerra. Em suma, Kiatta tinha trinta e três anos de idade, era casado e pai de duas filhas. Morava em uma pequena casa alugada e trabalhava no mercado havia sete anos. Enfim, um típico integrante do “povo” dos Estados Unidos que recebeu a convocação de alistamento militar:

No dia marcado, ele e mais 120 conscritos nas mesmas condições, foram submetidos à inspeção de saúde. Os médicos especialistas examinaram seus olhos, os ouvidos, o nariz e a garganta, fizeram análises de sangue e urina, fizeram a radiologia do seu peito, assim como um rigoroso exame da sua pressão arterial, do coração e das demais condições físicas. Um psiquiatra, finalmente, examinou-o meticulosamente, para verificar a existência de qualquer anormalidade que pudesse incompatibilizá-lo com o serviço das armas. Kiatta passou em todas essas provas. E por já ter feito seus estudos secundários, e ser, comprovadamente, um cidadão de boa conduta, satisfaz também os requisitos referentes à instrução e à idoneidade (...).²⁴⁰

A primeira etapa havia sido superada. As Forças Armadas norte-americana não poderiam mandar soldados doentes para os combates na Ásia e na Europa. O atestado de idoneidade assegurado pela instrução e comprovada através de sua vida pregressa garantia, de antemão, a diferença entre o “nós” e os “outros”. Contudo, como o objetivo do texto era destacar a superioridade militar e moral dos Estados Unidos, a família de Kiatta não ficaria desamparada, contando com uma apólice de seguro coberta pelo governo.

²⁴⁰ Em Guarda. Os pais também combatem. Ano 3, nº 06, p. 6.

Aliás, a invocação das tradições familiares era empregada no texto para transmitir, além da idéia de estabilidade, a percepção de que o indivíduo estadunidense era dotado de princípios e valores que perpassavam gerações. O caráter cosmopolita da nação era evidenciado pela origem da família de Kiatta que havia deixado a Síria no final do século XIX em busca de oportunidades na América.

O enviado Kiatta tinha no lar uma existência exemplar. Segundo a revista, gostava de rodear-se da família após o jantar e ler seu jornal preferido. No âmbito público, era prestativo e, segundo relatos de clientes, tinha um peculiar bom humor. No dia de sua despedida do armazém, “... não lhe negaram elogios e sinceros votos de felicidade, numa espontânea demonstração de verdadeira amizade.” ²⁴¹

Descrições do gênero eram eivadas por fotografias, que acabavam desempenhando o papel importante de fazer um resumo do que estava escrito para o leitor. Muito além de meramente “ilustrar” a descrição, as imagens constituíam-se em poderoso instrumento no arrebatamento de “corações e mentes”, instruindo o interlocutor a lê-las na “seqüência correta”. No caso específico de Kiatta, a mensagem era objetiva: a guerra seria travada – e ganha – pelos cidadãos comuns, seja dos Estados Unidos ou das nações aliadas.

Outro exemplo relatado pela revista de desapego pessoal e senso do dever cívico, foi do médico Nathaniel P. Brooks. Impossibilitado pela avançada idade, o doutor Brooks utilizava-se dos conhecimentos médicos para servir a população residente nas áreas rurais. Assim como no caso de Kiatta, a reportagem trazia uma fotomontagem com as principais cenas do cotidiano do doutor, desde a privacidade do lar até a destreza no atendimento as pessoas. Note-se que análogo a

²⁴¹ Idem, p. 08.

narrativa anterior, era o periódico que “interpretava” e descrevia o que fazia e pensava o Dr. Brooks:

No seu quarto de dormir há um telefone sempre ao alcance. Frequentemente, é ele chamado a altas horas da noite. Quanto isso se dá, responde imediatamente e prepara-se para a sua missão (...). Cedo, já está de pé, atendendo aos seus afazeres da manhã. Toma café e vai para o consultório onde, frequentemente, já tem clientes à espera. Na grande maioria são velhos conhecidos. Trata a todos familiarmente e todos não escondem a confiança que o velho profissional lhe inspira. Seja um caso de simples resfriado, uma dor de ouvidos, ou qualquer outra doença que requiera a sua atenção, o Dr. Brooks sempre encontra tempo suficiente para fazer um exame metuculoso e dar os conselhos necessários. Além da sua própria clínica, também há o serviço médico-escolar do qual ele se encarrega em determinado dia da semana, na escola pública.²⁴²

Deve-se ter presente que no universo de publicação dos relatos de vida durante a guerra, o objetivo era mostrar um individuo capaz de realizar múltiplas tarefas. Depreende daí o fato da narrativa seguir o mesmo padrão, independente da profissão do biografado. O critério de apresentação seguia a premissa de que a pessoa possuía postura irretocável tanto no âmbito privado quanto público, ou seja, espelho de conduta para os demais cidadãos.

²⁴² Em Guarda. Médico de roça – suas obrigações se multiplicaram com a guerra. Ano 3, nº 02,p. 25.

OS PAIS TAMBÉM COMBATEM



Edward S. Klatka, um dos pais recentemente incorporados às forças armadas dos Estados Unidos, pela necessidade de serem substituídos os efetivos combatentes



Klatka, sua esposa e as filhas do casal. Antes de ter sido conscrita, morava com sua família, em Washington, perto do arsenal de armas e munições onde trabalhava



Depois do jantar, Kiatta costumava brincar com sua filha. Judy, a "coçula", gosta de montar a cavalo. Em baixo: já é hora de dormir, mas "Perky" continua ao seu lado



Depois de passar satisfatoriamente em todos os exames, Edward S. Kiatta presta, finalmente, o juramento de prosseguir a sua formação nos Estados Unidos





Figura 49: Exemplo de civil norte americano que foi recrutado para a guerra. a seqüência de imagens proporcionava ao leitor a humanização do soldado que embarcava para o front. Em Guarda, ano 3, nº 6 p.8.

O didatismo era outra característica da revista *Em Guarda*. Havia uma evidente preocupação de seus editores em ilustrar os textos com fotografias e diagramas que esmiuçassem o assunto debatido para o leitor leigo. Sob essa ótica, as últimas invenções da área militar, o emprego do plástico e da eletrônica na fabricação de máquinas de guerra, as “modernas” técnicas que eram utilizadas na agricultura visando o aumento da produção; enfim, a plêiade da diversidade social era parte primordial na vitória aliada.

Na hierarquia de tarefas traçado pelo mensário, também a dona de casa não era desprezada. Além da importante empreitada de cuidar da família e dos negócios do marido quando este era convocado para a guerra, a ela também cabia encetar formas de auxílio no combate aos nazistas. Uma das mais exóticas consistia no acúmulo de gordura produzida durante o preparo das refeições. O papel da mulher no lar era ressaltado a partir de uma rápida explicação acerca do destino do material armazenado:

Em tempo de paz, toda dona de casa nunca deu maior atenção aos numerosos artigos e objetos de uso comum, de metal, ao tornarem-se inúteis. Mas agora, em tempo de guerra, ela está reconhecendo o seu inestimável valor. E tais coisas, como um par de galochas velhas, um saco de água quente, cuja borracha já está deteriorada, um pacote de cartas antigas, pares de meias furadas e latas vazias, passam a constituir atualmente artigos valiosos. Até mesmo cêbo, gordura e todas as matérias graxas que se acumulam em toda cozinha, estão agora valorizadas. O governo precisa disso para produzir glicerina que, por sua vez, serve para a fabricação de explosivos necessários nas linhas de fogo. De maneira que, a dona de casa guarda as gorduras e depois as entrega ao açougueiro local que, por sua vez, envia para a repartição competente. Mais de um bilhão de quilos de gorduras foram desperdiçados nas cozinhas dos Estados Unidos, em 1940.²⁴³

²⁴³ *Em Guarda*. op. cit., Ano 1, nº12, p. 12.



Figura 51: Dona de casa ensina como guardar o óleo para o reuso na fabricação de materiais bélicos. Em Guarda. Economizar para a vitória. Ano 1, nº 12, p. 12.

Ainda que a imagem da mulher aparecesse com relativo destaque na revista, é preciso assinalar que as expectativas em torno de sua atuação na guerra eram circunstanciadas a determinadas tarefas. A principal delas consistia na substituição dos homens enviados para os conflitos, ou seja, a figura feminina ocuparia um lugar tradicionalmente identificado como de responsabilidade masculina, o interior das fábricas:

O homem tem sempre cabido o dever de empunhar armas na guerra, e é possível que sempre seja assim; mas a guerra moderna oferece novo campo para a atividade da mulher, por trás das zonas de combate. Ela não precisa munir-se de armas ofensivas para prestar relevantes serviços à pátria. Inúmeras tarefas diretamente ligadas ao serviço militar podem ser executadas pelo elemento feminino, que dessarte contribue para o aumento dos efetivos militares combatentes da nação. Si mulheres não tomassem a si tais encargos, seriam necessários homens para fazê-lo,

o que redundaria em desfalcas, das linhas da frente, considerável e valioso número de soldados de todo indispensáveis.²⁴⁴

É sintomático que o trecho acima escrevesse um preâmbulo explicando o papel da mulher na guerra. Até a Segunda Guerra Mundial, a idéia que se tinha de um conflito era de combates corpo a corpo, soldados enlameados em trincheiras e cavalos no lugar dos blindados. Dessa forma, fazia-se necessário explicitar que aquela batalha era diferente, pois comportava em larga escala o uso de tecnologias e equipamentos mais ágeis.

Contudo, não é o caso de aqui pensar-se na emancipação da mulher em decorrência da guerra. Note-se que as funções que o mensário delegava a elas correspondia a ofícios identificados pela sociedade como feminino: dona de casa, enfermeiras, costureiras e professoras. Além disso, a mobilização obtida no contexto da época denotava mais a exceção do que a regra no que concernia a real situação da mulher no mercado de trabalho. Era mister atribuí-lhes as tarefas que deveriam desempenhar em tempos de guerra:

No trabalho industrial e em numerosas outras atividades em que predominava o elemento masculino, a mulher também está contribuindo consideravelmente com toda a habilidade de que é capaz. A sua presença, já não é notada somente em fábricas e laboratórios, mas também em muitas profissões antes exercidas exclusivamente por homens, substituindo os mecânicos, os empregados de garage, os motoneiros de bondes, choférs de táxis, etc. No decurso do último ano o número de trabalhadores a salário nos Estados Unidos passou de 50 milhões a quase 60. Destes, 50 por cento, aproximadamente, dedicam-se ao trabalho de guerra, sendo que 40 por cento são mulheres.²⁴⁵

Na mesma reportagem, a revista enfatizava o papel do Estado na organização e distribuição da produção destinada ao suprimento das tropas em conflito. Ficava evidente o viés intervencionista característico do governo Roosevelt nos primeiros meses de 1933:

²⁴⁴ Em Guarda. Exército Feminino. Ano 1, nº 10, p. 22.

²⁴⁵ Em Guarda. Uma nação em guerra. Ano 2, nº 10, p. 10.

A guerra tem desenvolvido bastante o trabalho doméstico, sobretudo o de costura. Centros organizados para ministrar os conhecimentos de tais trabalhos às donas de casa estão aliviando a dependência da produção industrial para muitos artigos de uso diário. Máquinas de costura são fornecidas naqueles centros para ajudar a todos quantos procuram reajustar a sua situação econômica às necessidades da guerra. O governo está animando a mais rigorosa economia não somente no uso de tecidos como também de vários artigos de uso caseiro.²⁴⁶



Figura 52: A revista reservava as mulheres papéis tradicionais como enfermeiras, donas de casa ou em tarefas de execução manual. Em Guarda. Uma nação em guerra. Ano 2, nº 10, p. 09.

²⁴⁶ Idem, p. 10.



Cada mulher que se alista nas forças armadas dos Estados Unidos substitui um soldado pronto para o combate. Em cima: Mulheres do Corpo de Fuzileiros navais



Da cabine de controle, Louise Pompanin (à esquerda) e Evelyn Field, do Corpo de Montanha Nacional, auxiliam as partidas e as chegadas de aviões transportes



Mulheres assistentes do Exército Italiano a registam a posição de um soldado nacional cujo vôo acaba de ser concluído por três das estações rádio-elétricas militares

Figura 53: Cenas de mulheres servindo nas Forças Armadas. Em Guarda. Mulher nas Forças Armadas. Ano 2, nº 12, p. 10.

Em todos os casos analisados até aqui, a opinião das personagens envolvidas foi interpretada pela revista. Não sabemos se o dedicado Kiatta ficou feliz em abandonar os filhos para lutar nas montanhas asiáticas; se a dona de casa reclamava da gordura armazenada ou ainda de que maneira as mulheres que iam substituir seus maridos nas fábricas lidavam com os afazeres domésticos. Em um dos raros artigos identificados, Oito Filhos na Guerra, o professor A.C Duggins contava reminiscências da juventude e o sentimento de ter oito filhos no front de guerra. Se comparada a outras edições do mensário, esse texto se diferenciava pela singeleza das imagens – apenas o rosto dos soldados enviados para a guerra e a família absorta na leitura de uma carta -, e por apresentar a seguinte explicação:

Já é comum nos lares norte-americanos a pequenina bandeira à janela, com tantas estrelas azues quantos são os membros da família que se acham servindo nas forças armadas das Nações Unidas. Uma destas famílias é a do professor A.C. Duggins, que tem oito filhos na guerra. Aqui damos, relatada pelo próprio professor Duggins, a história desse lar e dos filhos que o deixaram para ir combater nas mais distantes frentes de batalha.²⁴⁷

Eivado por forte sentimento emocional, Duggins relatava a dificuldade em criar oito meninos com os vencimentos de professor. No entanto, como ele e a mulher eram tementes a Deus, acreditava que desde cedo deveria ensinar os filhos a obter seus próprios recursos:

Há alguns anos, um de nossos vizinhos nos disse que nossa família era tão numerosa e meus vencimentos de professor tão modestos que nunca poderíamos dar aos nossos filhos uma educação superior. Mas nós criamos filhos que se encarregariam eles mesmo de obter isso. Som os olhos fitos no futuro, procuravam ganhar dinheiro depois das aulas, vendendo jornais, atendendo a outros trabalhos e prestando pequenos serviços. Todas as tardes, depois das aulas, por exemplo, um deles enchia de jornais o carrinho e, seguido de seu cão de estimação, punha-se a caminho. Custou-lhe muitas tardes de trabalho para conseguir seus vinténs até acumular 20 dólares. Uma noite, resolveu guardar suas economias na fornalha. Como estivéssemos no verão, ele sabia que havia já meses que não se fazia fogo. Mas aconteceu que a temperatura esfriou numa noite e um dos membros mais idosos da família acendeu a fornalha, com desastrosas conseqüências. Nunca me esqueço daquelas mãõsinhas remexendo nervosamente as cinzas para recuperar o dinheiro tão laboriosamente ganho. Conseguiu reunir, tanto quanto possível, todos

²⁴⁷ Em Guarda. Oito filhos na guerra. Ano 4, nº 06, p. 14.

os fragmentos das cédulas queimadas e mandou-os para o Departamento do Tesouro, e, Washington, que substituiu aquelas que puderam ser identificadas. Sem demonstrar o menor desânimo por sua perda, começou a juntar dinheiro novamente.²⁴⁸

A partir desse horizonte, alguns valores que denotavam sacrifício, heroísmo e iniciativa pessoal sobressaíam no depoimento do professor. Obviamente, a conjuntura de guerra realçava os laços afetivos entre familiares que estavam a milhares de quilômetros de distância. Contudo, a idéia de servir a nação era tida na época, como motivo de orgulho e alegria – principalmente para os pais:

Para nós, os pais, isto é uma honra e uma consolação. Sentimo-nos unidos no mesmo espírito de contribuir com o máximo que podemos dar para a vitória da nossa causa, que é causa da liberdade em que se funda a nossa pátria e o denodo de seus filhos. Resta-nos também a esperança de que melhores dias advirão do incomparável esforço que a humanidade está fazendo para tornar-se digna da existência que a civilização pode proporcionar-lhe. Os que voltarem dos campos de batalha, com as reminiscências do que viram e sentiram, melhor poderão avaliar a significação do verdadeiro sacrifício que nos estava reservado. Somos apenas uma dentre milhares de famílias que estão vivendo das emoções do presente, confiando no advento de um melhor futuro.²⁴⁹

²⁴⁸ Idem, p. 14.

²⁴⁹ Ibidem, p. 15.



Figura 54: Nas páginas da revista, inúmeros eram os exemplos de coragem e sacrifícios que ajudavam manter vivo o ânimo para a guerra. Em Guarda. Oito filhos na guerra. Ano 4, nº 06, p. 14-15.

Os exemplos de superação e organização não ficavam restritos somente aos cidadãos. A pequena cidade de Meriden, no Estado de Connecticut, foi eleita pela revista *Em Guarda* de “comunidade ideal”. Mas, o que a diferenciava de outros municípios norte-americanos? Além de ter expandido a produção para fins militares dia e noite, Meriden mobilizou seus habitantes para a coleta de materiais e alistamento nas Forças Armadas, aperfeiçoando os sistemas de ensino e saúde. A apologia dessa comunidade foi sintetizada nas palavras do periódico como:

A cidade há muito tempo que tem se distinguido pelo espírito de economia dos seus habitantes. Mais de oitenta por cento moram em casas próprias. O aumento de salários e de ordenados, por causa do trabalho de guerra, não tem animado despesas puramente suntuárias. Os bancos locais registram maiores economias, liquidações mais freqüentes de velhas dívidas, sobretudo hipotecas, e grande aquisição de bônus de guerra. A vida da pequena e ativa cidade, ora em tanta evidência, desde longa data que tem se baseado em quatro fatores principais: a família, a igreja, a escola e as organizações sociais.²⁵⁰

Todos esses feitos elegiam Meriden o modelo a ser seguido, pelo menos era o arquétipo pensado pelos editores do mensário. A superação de toda ordem de obstáculos provocados pela guerra somente era alcançável por meio da cooperação entre os mais diversos grupos sociais; assim como no patamar externo, a aliança seria sacramentada pelos países que aceitavam a liderança dos Estados Unidos na defesa do hemisfério ocidental.

²⁵⁰ *Em Guarda*. Uma modelar comunidade de guerra. Ano 3, nº 11, p. 38.





Papel também é arma de guerra. Escoteiros e empregados de escritórios se esforçam na coleta de jornais velhos e de caixas de papelão, que os moradores da cidade depositam regularmente às portas de suas respectivas casas, em dias designados



Numerosos centros infantis da cidade se encarregam de atender às criancinhas cujas mães trabalham nas fábricas de armamentos. Sob os cuidados de prestimosas voluntárias nesse serviço, as crianças passam o dia cercadas de todos os carinhos



Figura 55: Em Guarda. Modelo de comunidade de guerra nos EUA, Ano 3, nº 11, p. 38.

As divergências internas em relação a possíveis greves e protestos de operários que tiveram sua jornada de trabalho estendida devido à guerra foram escamoteadas pelo periódico. Evidentemente, não convinha a máquina de propaganda montada pelo Departamento de Estado mostrar qualquer tipo de desunião em um momento tão crítico como o dos anos 1939-1945. No entanto, mesmo com o forte aparato de sigilo das informações, existiam alguns indícios de que a questão era premente em muitas indústrias dos Estados Unidos.

No texto *Frutos da Cooperação*, o leitor era informado acerca da existência de comissões compostas de operários e de patrões, e cuja finalidade era:

(...) reunir, através de seus respectivos representantes, todos os elementos interessados em obter o máximo de produção dentro do mínimo tempo (...). As comissões conseguem também impulsionar o ritmo da produção, através do estudo das causas da ausência de muitos operários e de acidentes que motivam o afastamento dos mesmos durante longos períodos (...). Convencidos de que todo operário bem informado produz melhor, as comissões organizam gráficos e dados estatísticos sobre a produção de guerra no país inteiro (...).²⁵¹

Contudo, apesar dessa decantada união – “fim da luta de classes” – o mensário reconhecia as dificuldades em atender os anseios dos empregados em plena vigência da guerra. Nesses momentos, o governo federal aparecia para arbitrar os conflitos existentes e preservar a “segurança nacional”:

A expansão industrial em grandes proporções motivada pela guerra, criou inegavelmente certas dificuldades de mão de obra. Greves têm havido, mas esse recurso quase que tem desaparecido, procurando-se levar a efeito acordos entre empregados e empregadores, baseados num sistema de negociação e conciliação, já estabelecido pelo governo federal.²⁵²

Das páginas da revista *Em Guarda* sobressai um discurso, alicerçado no pan-americanismo, na crença da cooperação e da superação individual que somados garantia a vitória do país. As explicações e justificativas então produzidas constituíam-se em elementos primordiais para o entendimento acerca das estratégias usadas pelos Estados Unidos para obter o apoio do continente. Essa postura, eivada de polêmicas entre os estudiosos, instaurou profundas raízes no debate sobre a essência da aliança interamericana na década de 1940. Dessa forma, o periódico constitui-se em fonte privilegiada para acompanhar os passos da construção do pan-americanismo sob a perspectiva norte-americana.

²⁵¹ *Em Guarda*. Frutos da Cooperação. Ano 3, nº 09, p. 18.

²⁵² *Em Guarda*. op. cit. Ano 1, nº 07, p. 05. Em reportagem do jornal *Folha da Manhã* de 01 de novembro de 1941, era noticiado que o presidente Roosevelt havia determinado a intervenção do exército na fábrica de aviões “Air Associated Bendix”. O objetivo era acabar com uma greve dos operários que, segundo os círculos militares, colocavam em risco a segurança nacional. Os trabalhadores temiam mudanças nas leis trabalhistas por conta da implantação do Plano de Defesa Federal.

Considerações Finais

Nesses momentos, os Estados Unidos prosseguiram não apenas por causa de nossa habilidade ou pela visão daqueles no alto escalão, mas porque nós, o povo, permanecemos fiéis aos ideais de nossos ancestrais, e fiéis aos nossos documentos de fundação (...). Lembrem-se de que gerações anteriores derrotaram o fascismo e o comunismo não apenas com tanques e mísseis, mas com alianças vigorosas e convicções duradouras. Elas entenderam que nosso poder sozinho não pode nos proteger, nem nos dá direito a fazer o que quisermos. Ao contrário, elas sabiam que nosso poder cresce com o seu uso prudente; nossa segurança emana da justeza de nossa causa, da força de nosso exemplo, das qualidades temperantes da humildade e da contenção.

(Trecho do discurso de posse do Presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, Folha Online, 20/01/2009).

O presente trabalho objetivou mapear o pan-americanismo a partir da leitura sistemática da revista *Em Guarda*. O esforço de inventariar a política traçada para o continente pelo governo Roosevelt desde 1933, esbarrou em algumas limitações decorrentes da própria natureza da fonte - tais como autoria das reportagens, ano de publicação -, quanto à diversidade do corpo documental que incluía além da iconografia, diagramas, desenhos e textos. Apenas se delineou ao longo da pesquisa as possibilidades de investigação na área de gênero, com a inserção das mulheres no mercado de trabalho, a construção do latino-americano a partir das fotografias ou ainda, a evolução da tecnologia bélica ao longo da guerra. Decerto, as indagações supracitadas foram apenas mencionadas, já que um estudo mais aprofundado fugiria dos objetivos da análise, além da exigência de comparação com outras fontes e perspectivas.

Das páginas da revista *Em Guarda* emergiu um conjunto de reportagens sobre os benefícios da união interamericana, vista como panacéia para os problemas advindos com a Segunda Guerra. O esmiuçar cuidadoso de cada texto revelava uma evidente construção ideológica que a despeito do discurso de igualdade apregoado, revelava uma cisão entre os Estados Unidos – modelo de sociedade a ser seguido – e as demais nações das Américas, sempre descritas a

partir de um padrão pré-definido. Foi premissa questionar a representação que um órgão de imprensa ligado ao Departamento de Estado norte-americano difundia acerca dos latino-americanos em oposição aos estadunidenses. Enquanto os primeiros eram classificados como povos que sobreviviam margeados por uma natureza exótica, pela ausência de máquinas e instituições políticas fortes, o segundo grupo era representado nas idéias associadas à liberdade, democracia, racionalidade, otimismo, fé e caráter empreendedor.

Ao longo deste texto, os leitores puderam observar a presença de um discurso que, embora didaticamente buscasse o conagraçamento das Américas, reafirmava na prática o caráter subalterno do continente descrito desde o período de colonização e sintetizado pelo axioma: “sem lei, sem rei e sem fé”. Na descrição feita pela revista acerca dos “amigos” latino-americanos, a imagem era permeada pela existência de uma plêiade de produtos naturais, prontos a serem transformados no moderno parque industrial norte-americano. Além disso, outros temas recorrentes consistiam nos programas direcionados as áreas de saúde e educação, patrocinada em grande parte pela Fundação Rockefeller ligada ao chefe do Office, Nelson Rockefeller.

Sem pretender “desprestigiar” os aliados ao sul da região, os Estados Unidos eram abordados a partir da sua excepcionalidade, talvez a mesma reafirmada em pleno século XXI no discurso de posse de Barack Obama. O triple povo – modernidade – tradição não somente justificava a proeminência norte-americana no continente, como também era a certeza de que o nazismo não adentraria as Américas. No decorrer da pesquisa, foram esboçados indícios que corroboraram tal perspectiva: as campanhas para a arrecadação de materiais e o recolhimento de bônus para a guerra, os relatos de indivíduos ou cidades que se

sacrificavam para manter viva a esperança na vitória, o emprego de fotografias de cenas heróicas e dramáticas que retratavam a sapiência e coragem do estadunidense.

Desse modo, o que Em Guarda delineia em suas páginas é a percepção estabelecida por um norte-americano distante sobre os outros, latino-americanos que acabam se constituindo em um único grupo, homogêneo e eivado pelas mesmas características sociais, econômicas, históricas, lingüísticas e culturais. Para Roger Chartier, a noção de representação, que tece construções históricas e serve para elencar amigos e inimigos, é pontuada como:

As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinados pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza. As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares e políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezadas, a legitimar um projeto reformador ou justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação. As lutas de representações tem tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção de mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações não é, portanto, afastar-se do social (...), muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de afrontamento tanto mais decisivos quanto menos imediatamente matérias.²⁵³

Sob essa perspectiva, entende-se que não é o fato de mudar as estratégias dos Estados Unidos em relação às Américas – da intervenção armada no início do século XX para o enaltecimento da boa vizinhança do governo Roosevelt – que “suavizará” o poder e a hegemonia norte-americana no continente. Por isso, penso haver discordância quando o historiador Antônio Pedro Tota tenta

²⁵³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difusão Editorial, 1998, p. 17.

mudar o foco em relação a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra Mundial e afirma que:

Se havia por parte do Office a preocupação de construir uma imagem modelar dos Estados Unidos, isso não era feito de forma prepotente (...). O Office of the Coordinator of Inter-American Affairs – de Nelson Aldrich Rockefeller – era também um veículo do americanismo, não em sua feição tradicionalista, mas muito mais próximo do enaltecimento dos valores do progresso. Por isso mesmo, não precisava de demonstrações de arrogância.²⁵⁴

Embora existisse o processo de “sedução” norte-americana, com o desembarque de artistas, intelectuais e mercadorias, no decorrer da pesquisa deparei-me com manifestações de arrogância e prepotência quando, por exemplo, a revista impunha sua visão sobre a tecnologia aplicada na agricultura ou ainda sugeria o melhor método de ensino a ser aplicado. Nesse sentido, vale ressaltar uma reflexão de Pierre Bourdieu sobre o poder simbólico:

O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão do mundo e, deste modo, a acção sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário. Isto significa que o poder simbólico não reside nos “sistemas simbólicos” em forma de uma “illocutionary force” mas que se define numa relação determinada – e por meio desta – entre os que exercem o poder e os que lhes estão sujeitos, quer dizer, isto é, na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a crença. O que faz o poder das palavras e das palavras de ordem, poder de manter a ordem ou de a subverter, é a crença na legitimidade das palavras e daquele que as pronuncia, crença cuja produção não é da competência das palavras.²⁵⁵

Em Guarda representou o início da presença norte-americana no Brasil, ao lado de Hollywood, da Coca Cola, das revistas de leitura ligeira. Nas suas páginas, centenas de leitores descobriram as maravilhas da pesquisa científica, tiveram acesso a lugares inóspitos retratados nos combates e descobriram a força das mulheres nas fábricas e fronts de batalha. Mas, o que sobressaía do conjunto de reportagens era a crença de que a despeito de todas as ameaças externas e os

²⁵⁴ TOTA, Antonio Pedro. op. cit., p.180.

²⁵⁵ BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005, p. 14.

desafios impostos pelo contexto da época, os latino-americanos não deviam temer, pois havia uma nação pronta a socorrê-los moralmente, religiosamente e tecnologicamente. Por isso, mesmo após sessenta anos do término de sua publicação, a diretriz defendida pelo mensário permanece atual e usado, às vezes como retórica, pelos políticos norte-americanos.²⁵⁶

Neste trabalho, procurou-se dialogar com tal perspectiva, e perceber os pilares que sustentavam certa interpretação do pan-americanismo. O esforço analítico consistiu em demonstrar como esse projeto ideológico na prática se revelava marcado por fissuras e contradições. A leitura a partir da ótica do fotojornalismo permitiu essa desconstrução, uma nova forma de descortinar o período.

A revista *Em Guarda* constitui-se em rico material nos estudos acerca da presença dos Estados Unidos e seus valores não somente no Brasil, mas também em toda a América Latina. Nas décadas subsequentes, tal influência demarcou a História política de muitas nações da região, além de aumentar a onda de antiamericanismo nas várias esferas da sociedade. Não se deve ignorar outros periódicos contemporâneos a *Em Guarda* que talvez possam preencher as lacunas não abordadas nesse trabalho. Decerto, o atual momento histórico – marcado pela aversão de parte do mundo aos Estados Unidos – requer estudos pautados no que Marc Bloch afirmou em sua obra póstuma:

Uma palavra, para resumir, domina e ilumina nossos estudos: “compreender”. Não digamos que o historiador é alheio às paixões; ao menos, ele tem esta. Palavra, não dissimulemos, carregada de benevolência. Até na ação, julgamos um pouco demais. É cômodo gritar “à força!”. Jamais compreendemos o bastante. Quem difere de nós – estrangeiros, adversário político - passa, quase necessariamente, por mau (...). A história, com a condição de ela própria renunciar a seus falsos ares de

²⁵⁶ O discurso de posse do presidente Barack Obama no início deste texto poderia, sem ressalvas, ter sido escrito para um artigo da revista *Em Guarda*, pois em sua estrutura nota-se o uso de recursos estilísticos comuns a publicação: recorrência ao passado para justificar o presente e o futuro, força do exemplo pessoal e do sacrifício em prol da nação, escrita grandiloquente, estima pela Constituição e pelos “pais fundadores”.

arcanjo, deve nos ajudar a curar esse defeito. Ela é uma vasta experiência de variedades humanas, um longo encontro dos homens. A vida, como ciência, tem tudo a ganhar se esse encontro for fraternal.²⁵⁷

²⁵⁷ BLOCH, Marc. Apologia da história, ou, O Ofício de historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2001, p. 128.

Bibliografia

Livros.

ALVES, Vagner Camilo. Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um desenvolvimento forçado: Rio de Janeiro: Editora PUC- Rio; São Paulo: Loyola, 2002.

ANDRADE, Joaquim Marçal Ferreira de. História da fotorreportagem no Brasil: a fotografia na imprensa do Rio de Janeiro de 1839 a 1900. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

AQUINO, Maria Aparecida. A América vai à guerra. In. COGGIOLA, Osvaldo (org.). Segunda Guerra Mundial: um balanço histórico. São Paulo: Xamã: USP. Departamento de História, 1995.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BAHIA, Juarez. Jornal, História e Técnica. História da imprensa brasileira. São Paulo: Ática, 1972.

BAITZ, Rafael. Um continente em foco: a imagem fotográfica da América Latina nas revistas semanais brasileiras (1954-1964). São Paulo: Humanitas, 2003.

BANDEIRA, Moniz. Presença dos Estados Unidos no Brasil (Dois séculos de história). Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1978.

BARBOSA, Marialva. História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000. Rio de Janeiro: Mauad, 2007.

BARTHES, Roland. O óbvio e o obtuso. Lisboa: Edições 70, coleção signos, nº. 42, 1984.

BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BERTHELL, Leslei, Ian Roxborough (org) A América Latina entre a Segunda Guerra mundial e a Guerra Fria. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1996.

----- História da América Latina após 1930: Economia e Sociedade. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo; Brasília, DF: Fundação Alexandre de Gusmão, 2005.

BLOCH, Marc. Apologia da história ou o ofício do historiador. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.

BONALUME NETO, Ricardo. A nossa Segunda Guerra: os brasileiros em combate, 1942-1945. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1995.

BONANATE, Luigi. A Guerra. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

BOURDIEU, Pierre. O poder simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

BURKE, Peter. A escola dos Annales (1929-1989). São Paulo: Unesp, 1991.

BURNS, E. Bradford. A aliança não-escrita: o Barão do Rio Branco e as relações do Brasil com os Estados Unidos. Rio de Janeiro: EMC Ed., 2003.

CAMARGO, Ana Maria, A imprensa periódica como fonte para a História do Brasil. In: Eurípides Simões de Paula (org), Anais do V Simpósio Nacional dos Professores Universitários de História, São Paulo, Seção Gráfica da FFLCH/USP, 1971.

CAPELATO, Maria Helena & Coelho, Maria Lígia Prado. O Bravo Matutino, Imprensa e ideologia no jornal O Estado de S. Paulo. Editora Alfa Omega, São Paulo: 1980.

CARVALHO, José Murilo de. A formação das almas: o imaginário da República no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CERTEAU, Michel. A Escrita da História. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CERVO, Amado Luiz. Relações Internacionais da América Latina: Velhos e Novos paradigmas. Brasília: IPRI, 2001.

-----& BUENO, Clodoaldo. História da política exterior do Brasil. Brasília: Editora UNB, 2002.

CHARTIER, Roger. A História Cultural: entre práticas e representações. Lisboa: Difusão Editorial, 1998.

CISCATI, Márcia Regina. Walt Disney e a criação do Zé carioca: um olhar americano sobre a malandragem brasileira. Doutorado em História. Assis, FCL/Assis, 2004.

COGGIOLA, Osvaldo (org). Segunda Guerra Mundial. Um Balanço Histórico. São Paulo: Xamã: FFLCH/USP, 1995.

COLBY, Gerard, Seja feita a vossa vontade: a conquista da Amazônia: Nelson Rockefeller e o evangelismo na Idade do Petróleo com Charlotte Denett, Rio de Janeiro: Record, 1998.

CORSI, Francisco Luiz. Estado Novo: Política Externa e Projeto Nacional. São Paulo: Editora Unesp: Fapesp, 2000.

CYTRINOWICZ, Roney. Guerra sem Guerra: a mobilização e o cotidiano em São Paulo durante a Segunda Guerra Mundial. São Paulo: Geração Editorial: Edusp, 2000.

CUNHA, Vasco Tristão Leitão da, 1903-1984. Diplomacia em alto mar: depoimento ao CPDOC; entrevista Aspásia Camargo, Zairo Cheibub, Luciana Nóbrega. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994.

CRUZ, Heloísa de Faria. (org.), São Paulo em revista: catalogo de publicações da imprensa cultural e de variedade paulistana (1870- 1930), São Paulo: Arquivo do Estado, 1997.

DEXTER Perkins. A Época de Roosevelt 1932 – 1945. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1967.

DOMENACH, Jean – Marie. A propaganda política. São Paulo: Difel, 1995.

DUBOIS, Philippe. O ato fotográfico e outros ensaios. Campinas, SP: Papirus, 1994.

EMERY, Edwin. História da imprensa nos Estados Unidos. Rio de Janeiro: Editora Lidador, 1965.

FERES Junior, João. A história do conceito de “latin América” nos Estados Unidos. Bauru, São Paulo: EDUSC, 2005.

FREUND, Gisele. Fotografia e Sociedade. Lisboa: Vega, 1989.

GAMBINI, Roberto, O duplo jogo de Getúlio Vargas: Influência americana e alemã no Estado Novo. São Paulo: Ed. Símbolo, 1977.

GARCIA, Eugênio Vargas. El significado del panamericanismo em la política exterior de Brasil (1889-1961). Colóquio “Las relaciones Interamericanas: pasado, presente y futuro”. Secretaria de Relaciones Exteriores y El Colégio de México. Mesa V – Balances de poder el siglo XX. México, D.F., 19 de noviembre de 2004.

GARCIA, Nelson Jahr. O Estado Novo: Ideologia e Propaganda Política. A Legitimação do Estado Autoritário perante as classes subalternas. São Paulo: Edições Loyola, 1982.

GASPARI, Élio. A ditadura envergonhada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GLINKIN, A. El Latino Americanismo contra el panamericanismo (desde Simón Bolívar hasta nuestros días). Moscou: Editorial progreso, 1984.

GOFF, Jacques Le, "Documento/Monumento", In: ROMANO Roggiero (org), Enciclopédia Einaudi, Porto, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1984, v.1.

GOMES, Ângela de Castro. Capanema: o ministro e seu ministério. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2000.

GOULART, Silvana. Sob a verdade oficial. Ideologia, propaganda e censura no Estado Novo. São Paulo: Marco Zero; Brasília: CNPq, 1990.

GOODWIN, Doris Kearns. Tempos muito estranhos: Franklin e Eleanor Roosevelt: o front da Casa Branca na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GORMAN. A invenção da América. São Paulo: Editora da Unesp, 1992.

GUIMARÃES, Luciano. As cores na mídia: a organização da cor-informação no jornalismo. São Paulo: Anablume, 2003.

HOBSBWAM, Eric A era dos Extremos: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Cia. das Letras, 1995.

----- A Era dos Impérios. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Estados Unidos: a consolidação da nação, São Paulo: Contexto, 2001.

----- Ao Sul do Rio Grande - imaginando a América Latina em Seleções: oeste, wilderness e fronteira (1942-1970). Bragança Paulista: EDUSF, 2000.

KOSSOY, Boris Fotografia e História. São Paulo: Ática, 1989.

----- Realidades e Ficções na Trama Fotográfica. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. Panamericanismos entre Segurança e o Desenvolvimento: a operação panamericana e a aliança para o progresso. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, 2004.

LESSA, Orígenes. O.K América. Cartas de Nova York. Rio de Janeiro: Companhia Editora Leitura.

LEVINE Roberto M. Pai dos Pobres? O Brasil e a Era Vargas. Trad. Penna Olga de Barros Barreto. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

LIMA, Manoel de Oliveira. Pan-americanismo (Monroe, Bolívar, Roosevelt). Brasília, Senado Federal: Rio de Janeiro, Fundação Casa de Rui Barbosa, Senado Federal: Rio de Janeiro, Fundação Rui Barbosa, 1980.

LINHARES, Joaquim Nabuco. Itinerário da imprensa de Belo Horizonte (1854-1954), Belo Horizonte: Fundação João Pinheiro, Centro de Estudos Históricos e Culturais, 1995.

LOBATO, Monteiro. América. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBO, Hélio. O Pan-Americanismo e o Brasil. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1939.

LOPES, Sonia de Castro. Lourival Fontes: As duas Faces do Poder. Rio de Janeiro: Litteris Ed, 1999.

LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: Carla Pinsky (org). Fontes Históricas. São Paulo: Contexto, 2005.

MC CANN, Frank D. Jr. A aliança Brasil – Estados, 1937-1945. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1995.

MEACHAN, Jon. Franklin e Winston. Rio de Janeiro: Record, 2006.

MAGALHÃES, Marionilde Berpohl de. Pangermanismo e nazismo: a trajetória alemã rumo ao Brasil. Campinas, São Paulo: Editora Unicamp:Fapesp, 1998.

MARINHO, Maria Gabriela S.M.C. Norte-Americanos no Brasil: uma história da Fundação Rockefeller na Universidade de São Paulo (1931-1952). Campinas, São Paulo: Autores Associados, São Paulo: USF.

MARTINS, A.L. Da fantasia à História: folheando páginas revisteiras. História. São Paulo, 22: 59-79, 2003; MANGUEL, A. Lendo Imagens. Uma história de amor e ódio. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MAUD, Ana Maria. Através da imagem: fotografia e História – Interfaces. Tempo. Rio de Janeiro, vol.1, nº2, 1996.

----- A América é aqui: um estudo sobre a influência cultural norte-americana no cotidiano brasileiro (1930-1960). IN: TORRES, Sônia (org). Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos. Rio Janeiro: 7 letras, 2001.

MESQUITA, Julio de & MESQUITA, Marina. Cartas do exílio. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2006.

MOURA, Gerson, Estados Unidos e América Latina. São Paulo: Contexto, 1990.

-----, Tio Sam chega ao Brasil. A penetração cultural americana. São Paulo: Brasiliense, 1984.

-----, Sucessos e ilusões: relações internacionais do Brasil durante e após a Segunda Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Ed. Da FGV, 1991.

MORGENTHAU, Hans J. A política entre as nações: a luta pelo poder e pela paz. Brasília: Editora Universidade de Brasília: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto de pesquisa de Relações Internacionais, 2003.

MORSE, Richard. O espelho de Próspero: Cultura e idéias nas Américas. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MOTA, Guilherme Carlos. Cultura e Política da Boa Viziança: dois artistas norte- americanos no Brasil. In: COGGIOLA (org). Segunda Guerra Mundial. Um Balanço Histórico. Xamã: São Paulo, 1995.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. Americanos: representações da identidade nacional no Brasil e nos Estados Unidos. Belo horizonte: Ed. UFMG, 2000.

OLIVEIRA, Orlandina de. & ROBERTS Bryan. O crescimento urbano e a estrutura urbana na América Latina, 1930-1990. IN: BETHELL, Leslie (org.). op. cit. 2005.

PRATT, Mary Louise. Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

PEREGRINO, Nadja. O Cruzeiro: a revolução da fotorreportagem. Rio de Janeiro: Dazibao, 1991.

PRADO, Maria Lígia Coelho. América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, Bauru: Editora da Universidade do Sagrado Coração, 1999.

RAMOS, Graciliano. Infância. Rio de Janeiro: MEDIA fashion, 2008.

REMOND René. História dos Estados Unidos. São Paulo: Difel, 1961.

ROLLAND, Denis. A crise do modelo francês e a Invenção da América Latina. Cultura, política e identidade. Brasília: Editora UNB.

RODRIGUES, José Honório. Uma história diplomática do Brasil, 1931-1945. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1995.

R. Rose, S. Uma das Coisas Esquecidas: Getúlio Vargas e Controle Social no Brasil – 1930/1954. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

SAID, Edward. Falar a verdade ao poder. IN: SAID, Edward. Representações do intelectual: as conferencias Reith de 1993. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

----- Orientalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004; PRATT, Mary Louise. Olhos imperiais. Relatos de viagem e transculturação. Bauru: Edusc, 1999.

SALVATORE, Ricardo D. The Enterprise of Knowledge: Representational Machines of Informal Empire. In: LEGRAND, Catharine C.; SALVATORE, Ricardo D. (orgs). Close Encounters of Empire: Writing the Cultural History of. U.S. – Latin American Relations. Durham: Duke University Press, 1998.

SANTOS, Luís Cláudio Villafañe G. O Brasil entre a América e a Europa: o Império e o interamericanismo (do Congresso do Panamá à Conferência de Washington). São Paulo: Editora Unesp, 2004.

SEINTEFUS, Ricardo. O Brasil vai à guerra: o processo do envolvimento brasileiro na segunda guerra mundial. Barueri, São Paulo: Manole, 2003.

SCHILING, Voltaire. Estados Unidos X América Latina: as etapas da dominação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

SCHOUTZ Lars. Estados Unidos: Poder e submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: Edusc, 2000.

SHERWOOD, Roberto E. Roosevelt e Hopkins: Uma História da II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

SILVA, Carlos Eduardo Lins da. O adiantado da hora: a influência americana sobre o jornalismo brasileiro. São Paulo: Summus, 1991.

SILVEIRA, Joel. A luta dos pracinhas: a Força Expedicionária Brasileira na II Guerra Mundial. Rio de Janeiro: Record, 1993.

SODRÉ, Nelson Werneck História da imprensa no Brasil, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.

SONTAG, Susan. Diante da dor dos outros. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SOUSA, Jorge Pedro. Uma história do fotojornalismo ocidental. Chapecó: Argos: Florianópolis: Letras Contemporâneas, 2004.

SOUZA, José Inácio de Melo. O estado contra os meios de comunicação (1889-1945). São Paulo: Annablume: FAPESP, 2003.

SCHILING, Voltaire, Estados Unidos X América Latina: as etapas da dominação. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1984.

SCHOUTZ Lars. Estados Unidos: Poder e Submissão: uma história da política norte-americana em relação à América Latina. Bauru: EDUSC, 2000.

SIRINELLI, Jean-François. Os intelectuais. IN: REMOND, René. Por uma história política. Rio de Janeiro: UFRJ.

TEBBEL, John. Os meios de Comunicação nos Estados Unidos. Editora Cultrix: São Paulo, 1978.

THOMAS, Victor Bulmer. As economias latino-americanas, 1929-1939. In: História da América Latina: a América Latina após 1930: Economia e Sociedade. Org. Leslie Bethell. São Paulo: EDUSP; Brasília: Fundação Alexandre de Gusmão, 2005.

TOCQUEVILLE, Aléxis, Democracia na América. Cia. Editora Nacional/Edusp: São Paulo, 1969.

TODOROV. Tzvetan. A Conquista da América: a questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

TURNER, Frederick Jackson. Oeste americano – quatro ensaios de história dos Estados Unidos da América. Niterói: EDUFF, 2004.

TOTA, Antonio Pedro, O imperialismo sedutor - a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

----- O Estado Novo. São Paulo: Brasiliense, 1994.

VARGAS, Getúlio. A Nova Política do Brasil. Rio de Janeiro: J.Olympio, [1938-1941] Vol. VII.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: O Brasil republicano – Org. Jorge Ferreira e Lucília de Almeida Neves. Rio de Janeiro: Editora Record, 2004.

VERISSIMO, Érico. Breve História da Literatura Brasileira. São Paulo: Globo, 1995.

----- Gato Preto em Campo de Neve. Porto Alegre: Editora Globo, 1978.

VILCHES, Lorenzo. Teoria de La Imagen Periodística. Barcelona: Ediciones Paidós, 1987.

Teses

BAGGIO, Kátia Gerab. A “Outra” América: a América Latina na visão dos intelectuais brasileiros das primeiras décadas republicanas. Doutorado em História. São Paulo: Departamento de História FFLCH/ USP, 1999.

BAITZ, Rafael. Imagens de América Latina na Revista The National Geographic magazine (1895-1914). Tese de doutorado defendida na Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humanas da USP: São Paulo, 2004.

BONI, Paulo Cesar. O discurso Fotográfico: a intencionalidade de comunicação no fotojornalismo. Tese de doutorado. Escola de comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, 2002.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. O Império das Imagens de Hitler: O Projeto de Expansão Internacional do Modelo de Cinema Nazista na Europa e na América Latina (1933-1955). São Paulo, Doutorado em História, FFLCH/USP, 2008.

PEREIRA, Silvio Luiz Gonçalves. Seleções do Reader’s Digest, 1954-1964. Um Mapa da Intolerância Política. Doutorado em História. São Paulo: FFLCH/USP, 2006.

TACUCHIAN, Maria de Fátima Granja. Panamericanismo, propaganda e música erudita: Estados Unidos e Brasil (1939-1948). Doutorado em História. São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

Dissertações

BASSINI, Leandro. As mudanças de rumo da política externa norte-americana e os grupos nacionais de poder: Da missão Cooke à Comissão Mista (1942-1953). São Paulo, Mestrado em História. São Paulo: FFLCH/USP, 2000.

BEGHETTO, Lorena. O pesadelo comunista ameaça o Ocidente: anti comunismo nas revistas Seleções do Reader's Digest, (1946-1960). Dissertação de mestrado apresentada na UFPR, 2004.

BORGES, Marquilandes. Semear aos quatro ventos: o uso do rádio pela propaganda política dos Estados Unidos durante a Segunda Guerra: os casos do Brasil e do México. São Paulo, Mestrado em História, FFLCH/USP, 2002.

CAMARGO, Hertz Wendel de. Natureza em fotorreportagem na Revista O Cruzeiro. Dissertação de Mestrado apresentada na Unicamp: Campinas, 2006.

COSTA, Helouise. Aprenda a ver as coisas. Fotojornalismo e modernidade na revista O Cruzeiro. Mestrado em Artes. São Paulo: Escola de Comunicação e Artes/ USP, 1992.

DULCI, Tereza Maria Spyer. As Conferências Pan-Americanas: identidades, união aduaneira e arbitragem (1889-1928). São Paulo, Mestrado em História, FFLCH/USP, 2008.

LACERDA, Gustavo Biscaia de. Panamericanismos entre Segurança e o Desenvolvimento: a operação panamericana e a aliança para o progresso. Dissertação de mestrado, Universidade Federal do Paraná, 2004.

LEITE, Sidney Ferreira. O filme que não passou: EUA e Brasil na política da boa vizinhança. A diplomacia através do cinema. Mestrado em História São Paulo: FFLCH/USP, 1998.

LEMONS, Thiago Tremonte de. Cultura e Política: a natureza da guerra moderna no pensamento de Carl Von Clausewitz. Dissertação de mestrado, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

MARTINS, Ana Cecília Impellizieri de Souza. Bem na foto: a invenção do Brasil na fotografia de Jean Mazon. Mestrado em História. Rio de Janeiro: PUC, 2007.

MESQUITA, Silvana de Queiroz Nery. A Política norte-americana no Brasil: o caso do OCIA e o papel das Seleções Reader's Digest 1940-1946. Rio de Janeiro, Mestrado em História, UERJ, 2002.

OLIVEIRA, Marcus Eduardo de. Vargas e Perón: discurso populista em perspectiva e a prática nacional de desenvolvimento. Dissertação de mestrado, apresentada junto ao

Programa de de Pós Graduação em Integração da América Latina- Universidade de São Paulo- 2005.

PEREIRA, Wagner Pinheiro. Guerra das Imagens: Cinema e Política nos governos de Adolf Hitler e Franklin Roosevelt. São Paulo, Mestrado em História. São Paulo: FFLCH/USP, 2003.

PINTO, Tânia Maria de Oliveira Teixeira. A Estética do fotojornalismo contemporâneo: Uma incursão introdutória. Dissertação de Mestrado, Escola de Comunicações e Artes/ Universidade de São Paulo: São Paulo, 2003.

SANTOMAURO, Fernando. As políticas culturais de França e Estados Unidos no Brasil. São Paulo, Mestrado em História, PUC/SP, 2007.

SILVA, Silvana Louzada da. Fotojornalismo em Revista: O Fotojornalismo em O Cruzeiro e Manchete nos governos Juscelino Kubitschek e João Goulart. Mestrado em Comunicação. Niterói: Instituto de Artes e Comunicação/ UFF, 2004.

SOUZA, José Inácio de Mello. Ação e imaginário de uma ditadura; coerção, controle e propaganda política nos meios de comunicação durante o Estado Novo. São Paulo, Mestrado em História, ECA-USP, 1990.

Periódicos.

BERTONHA, João Fábio. Divulgando o Duce e o fascismo em terra brasileira: a propaganda italiana no Brasil, 1922-1943. Revista de História Regional. Santa Catarina, vol. 5, nº 2.

VERGARA, Armina Maria Figueroa. A trajetória da United Fruit Company na Costa Rica. Revista Eletrônica da Anphlac –nº07.

FARIA, L.R. de, A Fundação Rockefeller e os serviços de saúde em São Paulo (1920-1930): perspectivas históricas. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, vol. 9 (3): 561-90 Set-Dez. 2002.

JUNQUEIRA, Mary Anne. Ciência, técnica e as expedições da marinha de guerra norte-americana, U.S NAVY, em direção à América Latina (1838- 1901). IN: Varia História, Belo Horizonte, vol. 23, nº 38.

Mauad, Ana Maria Genevieve Naylor, fotógrafa: Impressões de viagem (Brasil, 1941-1942). Revista Brasileira de História. São Paulo, v.25, nº49.

MENESES, Ulpiano Bezerra. "Fontes Visuais, Cultura Visual, História Visual. Balanço Provisório, Propostas cautelares", in Revista Brasileira de História, nº45, 2003.

OLIVEIRA, Gil Vicente Vaz. Flashes do Passado: fotojornalismo como fonte histórica. Vol. 1 n 2. Revista Eletrônica de História do Brasil: dezembro, 2007.

TORRES, Sônia (org). Raízes e rumos: perspectivas interdisciplinares em estudos americanos. R VERGARA, Armina Maria Figueroa. A trajetória da United Fruit Company na Costa Rica. Revista Eletrônica da Anphlac –nº07.

Periódico Em Guarda Pela Defesa das Américas.

A família e a guerra. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº 09, p. 38.

Agricultura Científica. In: Revista Em Guarda, ano 4, nº 05, p. 17.

A guerra e o comércio entre as Américas. In: Revista Em Guarda, ano 3, nº07, p. 07.

A Marcha da Economia. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº07, p. 14.

A mobilização do trabalho. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº 05, p. 36.

As Américas estão Alertas. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº08, p.14.

As Américas ajudam-se mutuamente. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº 06,p. 26.

As nações americanas e a vitória. In: Revista Em Guarda, ano 4, nº 10, p. 12.

Cidadão Soldado de 1942. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº11, p. 28.

De tudo para a guerra. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº08.

Economizar para a Vitória. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº 12, p.11.

Estudantes Militares – Uma Escola Militar do Hemisfério. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº 04, p. 30.

EUA – 1942. A vida e o espírito de um povo em guerra. In: Revista Em Guarda. ano 1, nº07, p. 01.

Exército Feminino. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº 10, p. 22.

Frutos da Cooperação. In: Revista Em Guarda, ano 3, nº 09, p. 18.

Guatemala - Seu símbolo é o Quetzal, a ave de liberdade. In: Revista Em Guarda. ano 1, nº12, p. 15.

Hitler Odeia Bons Vizinhos. In: Revista Em Guarda, ano 1 ,nº 10, p. 15.

HENRI, Seidel Canby. Os estados da costa atlântica dos Estados Unidos. In: Revista Em Guarda, ano 3. nº10.

Médico de roça – suas obrigações se multiplicaram com a guerra. In: Revista Em Guarda, ano 3, nº 02,p. 25.

NORALL, Frank V. O Brasil na Guerra da libertação. In: Revista Em Guarda, Ano 3, nº 12, p. 16.

O ano da avançada – “Vamos atacar e o faremos esmagadoramente”. In: Revista Em Guarda, ano 2, nº 05, p. 1-2.

O Brasil entra na guerra. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº 12, p. 01.

Programa de amizade – entre alunos da escola militar de Realengo, Rio de Janeiro e da Academia Militar de West Point, Estados Unidos. In: Revista Em Guarda, ano 01, nº11, p. 25.

O Mundo Livre ou Escravizado. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº 08, p. 23.

Oito filhos na guerra. In: Revista Em Guarda, ano 4, nº 06, p. 14.

Os pais também combatem. In: Revista Em Guarda, ano 3, nº 06, p. 6.

Preparando para o Ataque. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº 08, p.01.

RALOPH Howard, correspondente de guerra na NBC, Renascimento de Roma. In: Revista Em Guarda, ano 3, nº11.

Trabalho para Todos. Os Estados Unidos fornecem as máquinas; as Repúblicas Latinas, a matéria-prima. In: Revista Em Guarda, ano 1, nº03, s/nº páginas.

Uma entidade interamericana – simbolizando o papel dos Estados Unidos na obra de cooperação continental. In: Revista Em Guarda. ano 4, nº 05, p. 33.

Uma nação em guerra. In: Revista Em Guarda, ano 2, nº 10, p. 10.

Uma modelar comunidade de guerra. In: Revista Em Guarda, ano 3, nº 11, p. 38.

Víveres das Américas. In: Revista Em Guarda, ano 2, nº01, p. 16.

Sites

Disponível em <www.museuvillalobos.org>. Acesso em nov. de 2008.

Disponível em <www.animatoons.com.br/movies/saludos_amigos/>. Acesso em nov. de 2008.

Disponível em <www.famiglia.barone.nom.br/index.htm>. Acesso em agosto de 2007.

Disponível em <www.mre.gov.br>. Acesso em abril de 2007.

Disponível em <www.rockfound.org>. Acesso em abril de 2007

Disponível em <<http://www.edwardjayepstein.com/rockefellers/chap5.htm>>. Acesso em julho de 2007.

Disponível em <www.comciencia.br/reportagens/memoria/12shtml>. Acesso em agosto de 2007.